RB208175

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/jornaldebellasar02lisb

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. I.

SEGUNDO VOLUME.

LISBOA:
NA IMPRESSÃO REGIA.

1817.

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

MEMORIA.

Falla de S. Excellencia Mr. Canning, no jantar que os Negociantes Inglezes lhe derão na Salla do Theatro de S. Carlos, nas vésperas da sua retirada de Portugal.

SENHORES! Eu sou profundamente sensivel á honra que esta Assemblea me fez; e grandemente me tem lisonjeado os sentimentos com que vos dignastes associar aos vossos o meu nome. O ter sido discipulo de Mr. Pitt, e o ter tido parte naquelles conselhos, em que se traçou a luta para salvar Portugal, são as duas unicas circumstancias da minha vida politica, das quaes me recórdo com satisfação, e orgulho. He para mim de grande glória o ter-me embebido nos principios de Mr. Pitt; he para mím de grande júbilo o ter recebido a vossa aprovação pela adequada, e justa applicação daquelles principios ás medidas, por meio das quaes este Paiz foi salvo; principios cujo caracter distinctivo era amar a ordem, e a industria interna, como verdadeiras fontes da opulencia mercantil, e da força nacional; externamente considerar com madureza a paz, o poder, e a segurança da Grã-Bretanha, como ligada com a segurança, e independencia das outras Nações.

Deste systema de politica interna, e externa, tirou a Grã-Bretanha os meios, e se impôz o dever de sustentar a prolongada contenda com a França, que precedeo a

guerra da Peninsula. Seguindo esta politica, aquelles, que dirigião o Gabinete Britanico, na época em que as garras da Franca hião apoderar-se da Coroa, e liberdade de Portugal, voárão, sem hesitar, em seu soccorro.

O bom senso, os affectuosos sentimentos, e a generosidade da Nação Ingleza seguírão o seu Governo nesta empreza: mas eu mui bem me lembro, que aquelles que se persuadírão, que da luta de Portugal podia resultar a liberdade da Europa, forão tidos por ardentes, e visionarios Enthusiastas: Eu fui hum destes, e sempre assim o confessei. Assim o confessei mesmo nessas épocas, em que a luta era summamente duvidosa, e até para muitos desesperada. He verdade, que algumas vezes appareciáo no horisonte densas nuvens, e negrumes, eu via, ou atrevidamente imaginava ver hum raio de luz, que promettia romper as trévas, e que podia para o futuro illuminar as Nações. — Não he hoje, nem he neste lugar, que eu devo mostrar, que estas esperanças não erão extravagantes.

Ou fosse huma natural, e justa consequencia da perseverança, em sustentar huma boa causa, ou fosse por hum especial favor da Providencia, he huma verdade de facto, *que deste canto da Europa nasceo o impulso, por meio do qual os seus mais poderosos Reinos forão resgatados*: he huma verdade, *que neste terreno esteril, e de poucas esperanças estava depositada a semente, de que brotou a arvore de segurança, cujos ramos abrigão hoje com sua sombra o Genero Humano.* — Destas recordações, e de huma tal associação de idéas, o Paiz em que estamos juntos, tira hum immediato, e animador proveito, ainda aos olhos do observador o mais indefferente. — Quanto a mim, eu não posso ver esta Capital, em que, por tantos mezes de horror, e de anciedade, no meio de huma povoação apinhoada, soffrendo sem murmurar, estiverão

fixas, e tremendo por sua sorte as esperanças da Europa; eu não pude atravessar essas poderosas, e naturaes fortalezas, que deffendem esta Capital, esses baluartes, á quem dos quaes se retirou a mesma victoria, a fim de implumar de novo suas azas, para dar mais alto, e mais seguro vôo; eu não posso contemplar essas santas ruinas, por entre as quaes vaguei, ha pouco, e onde huma terrivel curiosidade fica suspensa para indagar, se os estragos em torno forão causados por antigas revoluções da natureza, ou por ludibrioso sacrilegio, e barbara malignidade do inimigo: eu não posso ver os vestigios de desolação neste Paiz, e dos soffrimentos porque passou este Povo: eu não posso ver tudo isto, *sem render hum justo tributo de admiração, e respeito ao caracter de huma Nação, que por tudo o que tem feito, e mais ainda por tudo o que soffreo, se elevou a hum grão de eminencia moral, muito desproporcionada ao seu territorio, povoação, e poder!* — Eu não posso considerar em tudo isto, sem abençoar a sábia, e benéfica politica, que persuadio a Inglaterra a vir tão opportunamente em soccorro de huma tal Nação, para despertar sua energia, para organizar seus recursos, para sustentar, e vigorar sua inflexivel constancia, e depois de concluida a sua propria restauração, conduzila além das fronteiras em perseguimento do seu opressor.

Ter combatido juntamente em huma tal causa; ter unido as bandeiras, e misturado o sangue em tantas batalhas por taes interesses, e que conduzírão a taes resultados; tudo isto deve indubitavelmente cimentar huma eterna união entre as Nações Britanica, e Portugueza. — Vós observareis, Senhores, que eu desejo anciosamente fixar o principio da nossa união, e de nossas pertenções recíprocas, fugindo de comparações, e recorrendo só aos principios de igualdade: eu o faço assim sinceramente, porque estou persuadido, que este modo de fixar aquelle principio he justo. Eu o faria assim por politica, ainda quando duvidasse

do seu interesse. Portugal não teria podido restaurar-se sem o auxilio da Inglaterra; he isso huma verdade; mas tambem o he que *Portugal foi para a Inglaterra o principal instrumento, que ella empregou, para effeituar a maior empreza em que a Grã-Bretanha jámais se empenhou!*

Nós trouxemos a Portugal conselhos, exército, disciplina, e valor Britanico; mas *nós achámos em Portugal vontade sincera e prompta, braços activos, hum Governo cheio de confiança, hum Povo valoroso, e soffredor, docil em instruir-se, leal em nos seguir, paciente no meio das privações, e a quem a desgraça não foi capaz de abater, e desanimar, nem a prosperidade póde ensoberbecer, e embriagar.*

O braço da Inglaterra foi a Alavanca, que abalou violentamente o poder de Buonaparte; *Portugal foi o ponto de apoio em que aquella Alavanca se moveo.* Inglaterra assoprou, e nutrio o fogo sagrado; mas *Portugal tinha já erigido o Altar, em que esse fogo se accendeo, e cujas lavaredas subirão, e se propagárão a tal ponto, que o seu clarão foi allumiar o Mundo inteiro!*

Eu disse que mesmo por simples motivos de politica quereria fixar com a maior igualdade possivel a balança entre Portugal, e Inglaterra. Ha sempre hum principio de desunião em connexões desiguaes. He mais facil praticar a virtude da Beneficencia, do que ter moderação depois de a ter praticado; ou do que o agradecimento, depois de ter recebido hum beneficio. Eu não sei, na verdade o que he maior, e mais difficil na prática da magnanimidade, se esquecer-se quem beneficia, se lembrar-se constantemente do beneficio quem o recebeo. — Quanto á Grã-Bretanha devemos reflectir, que os sentimentos que nós mesmos procurámos excitar em Portugal, forão os de orgulho, e independencia nacional: se o conseguimos, porque nos maravilhâmos, ou porque razão sentimos, que

esses sentimentos tenhão sobrevivido? *He bem natural o esperar, que tendo completado a derrota dos seus inimigos, o Genio da Nação se tornasse mais atrevido, e mais livre, até para com os seus amigos.*

Nós não temos razão de sentir amargamente hum tal procedimento; nem seria justo, nem decente o fazelo. Nós deveriamos respeitar, até nos seus excéssos, huma independencia que defendemos, que vingámos; e desculpar o máo humor de hum espirito, que nós mesmos exaltámos. — De outra parte pelo que toca a Portugal, eu diria que não ha humilhação em mostrar sentimentos de gratidão nacional: — que hum espirito grato he ao mesmo tempo devedor e desobrigado, e recobra o seu nivel por meio de hum justo reconhecimento: — diria que não ha lugar para ciumes commerciaes, ou politicos entre a Grã-Bretanha e Portugal: — diria que o Mundo he bastantemente grande para o Commercio Portuguez, e Britanico; e que a Grã-Bretanha, que nunca abandonou o seu Alliado em tempos desastrados, nenhum outro prémio quer por todos os seus esforços, e sacrificios, do que mútua confiança, e commum prosperidade.

Eu estou certo que serei bem entendido por todos aquelles em cuja presença estou fallando, não só pelo que toca ás minhas tenções, mas tambem pelo que respeita aos meus motivos.

A delicada, e difficil situação em que se acha o Governo local deste Reino; o pezo da sua responsabilidade, e os cuidados que, segundo eu mesmo tenho presenciado, necessariamente o cercão, são titulos, pelos quaes merece huma particular consideração. Eu não receio que elle jámais contradiga a segurança que vos dou das suas amigaveis disposições para com esta Assembléa: e he por isso que me atrevo a propor-vos, Senhores, (bem certo de que a recebereis cordialmente, e que a vossa sincera ur-

banidade será devidamente avaliada, e retribuida.) — *A' Saude de Suas Excellencias, os Governadores do Reino.*

Não se póde tecer talvez maior elogio ao Espirito da Nação Portugueza, e á Sabedoria do Governo, do que lhe teceo Mr. Canning no discurso, que transcrevemos. Hum Inglez, altivo por educação, consumado Politico, pelas lições, e admissão dos principios do Grande Pitt, Representante do seu Soberano, entre queixumes fazer a apologia da Nação de quem se queixa, e isto á face de huma Assemblea da sua propria Nação, a quem escandelizára qualquer excésso no louvor alheio, e na presença de dois dos Excellentissimos Senhores Governadores do Reino, e dos Excellentissimos Senhores Secretarios do Governo, a quem offendéra qualquer diminuição da verdade, que maior testemunho de que a Nação Portugueza mostrou hoje que era a mesma da época gloriosa das Conquistas em Africa e Azia, e do Descubrimento da America?

Para fazer sentir bem o pêzo de huma tal Authoridade valer-me-hei das proprias frases deste grande Politico, e ellas me servirão de argumento contra certa classe de homens, que negão o merecimento dos esforsos, providencias, e sabedoria do nosso Governo, e a existencia da Independencia da Nação.

Que maior elogio se póde formar em honra dos Excellentissimos Senhores Governadores do que expressar o seguinte? = *Portugal foi para a Inglaterra o principal instrumento, que ella empregou para effeituar a maior empreza em que jámais se empenhou a mesma Inglaterra, e isto porque achou em Portugal hum Governo cheio de confiança, huma vontade sincera, etc. A delicadeza, e difficil situação em que se acha o Governo local deste Reino, o pezo da sua respon-*

sabilidade, e os cuidados, que, segundo eu mesmo tenho presenciado, necessariamente o cercão, são titulos, pelos quaes merece huma particular consideração. = Haverá quem de hoje avante se atreva a boquejar na irreprehensivel conducta, e conhecidos talentos dos Excellentissimos Senhores Governadores, e menos-prezar os distinctos serviços, que tem feito ao Soberano, e á Patria!

Que maior elogio se póde formar em honra do espirito público, da adhesão ao Soberano, da parte importante que tomámos na causa da Independencia da Europa, e gráo eminente em que soubemos collocar a reputação da Nação, do que merecermos-lhe estas frases: = *Deste canto da Europa nasceo o impulso, por meio do qual os seus mais poderosos Reinos forão resgatados; pois he huma verdade, que neste terreno estava depositada a semente, de que brotou a arvore de segurança, cujos ramos abrigão hoje com sua sombra o Genero Humano.... Eu não posso ver os estragos da malignidade do inimigo, nem contemptar essas santas ruinas, e os soffrimentos porque passou este Povo, sem render hum justo tributo de admiração, e respeito ao caracter de huma Nação, que por tudo o que tem feito, e mais ainda por tudo o que soffreo, se elevou a hum gráo de eminencia moral, muito desproporcionada ao seu territorio, povoação, e poder. O braço da Inglaterra foi a Alavanca, que abalou o poder de Buonaparte; Portugal foi o ponto de apoio em que aquella Alavanca se moveo: Inglaterra soprou o fogo sagrado: mas Portugal tinha já erigido o Altar, em que esse fogo se accendeo, e cujas lavaredas subírão, e se propagárão a tal ponto, que o seu clarão foi allumiar o Mundo inteiro.* = Haverá quem de hoje avante se arroje a dizer, que já não somos Nação? Que já não somos Portuguezes?

Que maior elogio se póde formar em honra da In-

dependencia Nacional, e dos briosos estímulos, que produz nos Lusitanos Peitos, do que romper neste queixume: = *Os sentimentos que nós mesmos procurámos excitar em Portugal, forão os de orgulho, e Independencia Nacional: se o conseguimos, porque nos magoâmos, que esses sentimentos tenhão sobrevivido? He bem natural o esperar, que tendo completado a derrota dos seus inimigos, o Genio da Nação se tornasse mais atrevido, e mais livre, até para com os seus amigos.* = Haverá quem de hoje avante atrevida, e falsamente diga, que somos pupilos, e escravos da Inglaterra?

He verdade que entre estas honrosas expressões se encontra huma, ou outra menos coherente com o geral espirito desta Falla; porém deve-se desculpar alguma cousa ao amor proprio exaltado, que geralmente domina os individuos daquella Nação. Quem se recordar, que por meio da Imprensa se publicou em Londres, em hum Jornal acreditado, redigido por hum homem sabio, e circumspecto, que a Batalha do Vimeiro se tornára recommendavel por ser a primeira, em que se achárão as Tropas Inglezas, sem cooperação de Alliado algum, (todo o mundo sabe o contrario, e quando o não saiba, não se lhe deve transmittir falsidades,) não deve estranhar as expressões = Neste terreno esteril, e de poucas esperanças, etc.: Trouxemos a Portugal conselhos, valor Britanico, etc.

Este Documento he, e será na Historia Diplomatica, e nos Annaes da Historia huma irrefragavel próva de quanto a Nação Portugueza se distinguio no principio do seculo decimo nono, debaixo dos auspicios do seu sabio Governo, no feliz Reinado do Senhor D. João VI.

POESIA.

(Artigo communicado.)

Cansoneta Anacreontica.

GEntil Rosalia,
Que prendas enlaças
De aviso, e de graças
Em doce harmonia,

Crueis passadores
Trocárão, sorrindo,
Por teu gesto lindo
Travessos Amores.

Seu ninho assentárão
Em teus olhos bellos;
Dos louros cabellos
Mil redes formárão.

Da boca ardilosos
Guardando o marfim,
Nos labios rubim
Ostentão donosos.

Das faces a alvura,
Que o rosto amenizão,
Co' as rosas matizão,
E meiga ternura.

Airosa , e de neve
Mostrando a garganta ,
Suspendem , se canta
A mesma aura leve.

Cupido zombando
De settas e aljava ,
Ao verte bradava
Ao trêfego bando :

,, Amigos , deixemos
,, Hervados farpões ,
,, Domar corações
,, Melhor poderemos.

,, Feliz , almo dia
,, Foi este p'ra nós !
,, Não vedes vir vós
,, Além Rosalia ?

,, Primeiro o seu rosto
,, Mui bem contemplai , . . .
,, Seus olhos buscai ;
,, He esse o meu posto.

,, Nos olhos entremos ;
,, Dalli nosso Imperio
,, Por largo hemisferio
,, Muito estenderemos.

,, Isento lhe fique
,, O seu coração ;
,, Não tenha affeição
,, A quem lha dedique.

,, Vingar-me assim quero
,, Dos peitos que, duros,
,, Resistem seguros
,, Ao meu arco féro.

,, Voemos. ,, Lá vão ;
E o posto tomando
D'alli dominando
As almas estão.

Não ha resistir
Ao teu meigo olhar ;
Os mais a penar
Estão, tu a rir.

Oh ! quem venturoso
Soubera agradar-te !
Mas não basta amar-te
P'ra ser tão ditoso.

(Artigo communicado.)

A' Senhora D. Francisca de Paula Pessola da Costa, imprimindo hum Volume de Poesias.

SONETO.

QUiz ao Mundo mostrar a Deosa Pallas,
Que em Lysia feminis Genios se crião,
E em ti mostrou, que as Saphos excedião
As, que ostentarem da Poesia as gallas.

Se douta nos encantas, quando fallas,
Ah! quanto esses teus Versos me extasião!
Com mais prazer na Grecia não se ouvião
Mimosos Vates, que sublime iguallas.

Era justo, que Lysia hoje contasse,
Quando de tanta gloria a frente enrama,
Huma Cantora, que as acções lhe honrasse.

E Apollo já mandou á illustre Fama,
Que as Obras de Francilia publicasse,
Pois elle de immortal no Pindo a acclama.

ANECDOTAS.

Gorani, Tom. 2., pag. 272, Cap. sobre a Marinha, diz: = Foi tambem por boas Leis, pela economia, hum governo sabio, e com huma boa Marinha, que o pequeno Reino de Portugal veio a ser tão poderoso, e se fez respeitar dos Mouros da Hespanha nos memoraveis Reinados dos Affonsos, dos Sanchos, de Diniz, e Pedro I. Foi com estes meios, e tambem aproveitando as luzes do Infante D. Henrique que fez época, que D. João II. começou a estender muito longe o seu dominio, e o seu commercio, e que o seu Successor, D. Manoel, levou ao cúmulo do explendor. Em fim, he esta Marinha, que deo á Nação Portugueza aquella energia, que a fez tão superior ás outras Nações em riqueza, em bravura, e em luzes.

O mesmo, pag. 278: = D. Manoel, o Grande, deitava luto, e fazia-o deitar a toda a sua Côrte, pela morte do Piloto mais habil da sua Marinha, e daquelles hõmens que se distinguião em qualquer classe. Hum Cortezão dizendo-lhe, que estas honras não ressuscitavão os mortos, respondeo-lhe: = Compadeço-me de vós, por não conhecerdes, que este he o meio de excitar nos outros o desejo de merecerem a mesma honra, e por consequencia hum meio de multiplicar os Grandes Homens e reparar a perda dos fallecidos.

N. B. No Num. VIII., pag. 123, no Epitafio do Principe de Waldeck, onde se lê = CIↃDCCXXXXVIII., lea-se CIↃDCCLXXXXVIII.

E a pag. 136, onde se lê — Marquez das Minas, lea-se Marquez de Marialva.

Rogo aos Senhores, que reconhecerem os erros, em que eu haja cahido, o obsequio de mos advertirem para os poder emendar. O meu agradecimento será igual ao do homem, que tropéça, ou cahe, e acha mão bemfeitora, que o ergue; hum ósculo na mão, que me indicar o erro.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. II.

POESIA.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

POEMA.

Em quanto no Palacio do Silencio,
Que Espectros, Sonhos, e Visões habitão,
Lassa repousa a innúmera progénie
Da próvida natura, e a velha umbrosa
Com metade do manto os crimes cobre,
E co'a outra metade esconde, ameiga
Mal roubados deleites; desce, oh Clio,
As cordas vibra á Lyra incuriosa,
As frouxas mãos me adéstra, os sons lhe ajusta.

Hoje, que o raio prêzo ás tétras nuvens
Estalando não queima amenos campos,
E a suspirada paz, que foragida
Já indocil batêra as azas de ouro,
De novo occupa o solio magestoso
Como Filha do Ceo, do Ceo mandada;
Hoje, que a lei escrita em ferro, e fogo
Não firma a força do que a força póde,
E os humanos direitos algemados
Valentes rompem vergonhoso jugo,
Com que o vil Despotismo os opprimíra,
He tempo, oh Musa, que fendendo os ares,
Atrevidos teus vôos se remontem
Da Apolinea morada ao pico excelso.

Do Grande Sousa o Nome respeitavel,
Celebrado por ti, levado seja
Té onde nasce, e morre o claro dia.

Huma subtil exalação divina
Na tua alma prendeo, Heroe preclaro;
O veloz Dictador d'A'rdea chamado,
Que aos Galos rompe aurífera balança,
Onde pezava Brenno o vil resgate
A' paz, á vida, ao Tibre, ao Capitolio,
Mais astuto não foi co' a espada em punho,
Que tu da penna manejando os rasgos.
Tu da Italia tambem chamado foste;
Elle o ouro remio, tu o ouro poupas,
Elle Roma salvou, tu Lysia salvas.

Braveje embora o múrmurante orgulho,
Dos que em nome da Patria o zello affectão,
Possa a myrrada, esbaforida Inveja

Ululando vagar nos aureos téctos,
Tão magra, e feia, qual no Orco habita,
E a vil Adulação, que o ouro incensa
Revestido de roupas magestosas,
Ermos seus lares, e seu fausto chore.
Com tôrvos olhos a Ambição contemple
Capricho, Intriga, seus fieis Ministros,
A' divina Razão pedir auxilio,
Pedir de balde o que pedir não devem.
Que sempre hão de assomar seus vivos raios
Sobre trévas, que os Lusos enoitárão.

Inda as Quinas levando a estranhos Mundos
Hão de sempre aclarar seus crassos erros
Do experto SOUSA as sapientes luzes.
Assim ao peito de honra calejado
O ardente Tulio do convulso Tibre
As ondas bonançou, que o sopro infesto
De hum Catilina infame encapelara.

Que o chumbo ferva, que o luzente alfange
Sobre a amavel cerviz do Justo penda,
Menos se acurva ao chão, que o Cedro annoso
Dos sibilantes Euros açoutado.
Polés, Catastas, Cavaletes, Rodas
Sisudo arrosta, sem tremer-lhe a vista,
O que no bem geral a vista encrava.
Rindo o pródigo sangue á Patria offerta;
Da lisonja fallaz hálito impuro,
Que o ar infesta, não lhe embaça o rosto;
E se a calumnia a glória lhe envenena
Sem responder-lhe clama, = oh Povo, vamos
Render aos Deoses as devidas graças
Das victorias, das palmas, dos triunfos,

Com que por mim o Imperio ennobrecêrão. =
Taes viste, oh Roma, os teus Heróes invictos
Correr sem mancha á escabrosa estrada
Da honra, e da virtude, quando austéros
Acatavão em si teu mando, e nome.
Bem como os Scipiões, Régulos, Curios,
E outros, que sobre as azas vão da Fama
De Paiz em Paiz, e de Evo em Evo
Lustrar seus dias por eternos Mundos,
Então as Aguias remontando o vôo
Desde o Trópico ardente aos Cintos frios,
Desde a méta Herculana ao negro Euxino
O Ceo, e o Sol co' as azas assombravão.

Que mais fizerão os que Altar, e Culto
Na Tritónica Athenas merecêrão?
Os Nemeios Leões, Hydras Lerneias,
Extinctos Geriões da Hyberia Plaga,
De hum eripede Cervo as pontas de ouro,
E do Jardim da Hispéria os aureos pomos,
Ou o Cólchico vélo auri-crescente,
Não mostrão quanto póde a industria, e arte
De homens não, Semideoses adorados,
Almas sublimes, Genios creadores,
Que devastando os vicios monstruosos
Co' as virtudes as Terras fertilizão,
Fructuosos Erarios amontoão,
Veridicos Jardins, douradas mésses,
Véllos sempre tonsados, sempre ricos,
Que eternizão a mão de que são obra?
Tal hoje, Sousa, á regia Lysia off'rece
Em tempo, que outro tempo não resgata,
Disvelos uteis por mil bens lucrosos,
Disvelos pingues para o Rei, e o Povo.

Pólos distantes da terrena esféra
Do excelso Athlante, que a sustêm nos hombros
Firmando as bazes e os degráos de hum Throno,
Marchetado de Estrellas populares.

Oh cem vezes ditosa Patria minha!
Nunca mais bella, nunca mais augusta
Como quando hum bom PRINCIPE respeitas!
Dom mimoso do Ceo, do Ceo não dado
Senão se as gentes quer fazer felices,
E salvas do despenho, em que se arrojão!
Na Aurora do seu mando, e de seus dias
Viste a garra da Guerra em ferro armada
De Nações a Nações, de Pólo a Pólo
As Furias semear, o Estrago, a Morte!
Viste em sanha aturdida a Humanidade
A si mesma as entranhas lacerando!
E entre as vagas de horrisonas tormentas
Soberbos Galeões boiar sem susto!
Vomitando por bocas bronzeadas
Sulphureos raios, que os trovões imitão,
Estremecendo a Terra, o Mar, e o Mundo!
Viste a tímida Europa a furto olhando
Gementes restos de troncados corpos,
Que as praias juncão de seu sangue tinctas!
Foge época fatal de luto, e pranto,
Co' a côr perdida, as tranças desgrenhadas
Na fóz do Téjo as Nayades formosas
Inda de horror co' as mãos os olhos tapão;
Inda lhes falta o chão, o alento, a vida
Nas crueis scenas, que lhe pinta a Fama,
Contra os Filhos os Pais, aos Pais os Filhos
Repelindo, prendendo, destroncando
Desvairada a Razão, e a Natureza!

Ah! que Gloria immortal, que Nome eterno
Neste lance ostentou o JOVEN Luso!
Alçou a Mão Real, e a Hydra enorme
Cristada a fronte inclina ao alto aceno,
Silva tres vezes, e outras tantas fere
Co' a viperina cauda a Terra adusta,
Envesga os olhos, cahe, arqueja, e morre.
Assim respeito, ardor, honras, disvellos,
Ternura filial, doce amizade
Das proprias Gentes, das Nações estranhas
Com Arte, Genio, e com Amor grangea.
Docil, e destro as redeas manejando
De hum Governo feliz, suave, e justo.

Assim o Regio Moço o Pai buscando
Ao orbe inteiro documentos dava
Firmando as plantas nos umbraes eternos
Do perduravel Templo da Memoria,
Que ao dedo a Deosa Virgem lhe apontava
Vestindo a Farça de Mentor prudente.

Quem ao Nosso fará tão grato Officio
Se não tu SOUSA, o Orador da Patria,
O Anjo Tutelar do Luso Imperio?
Em cuja mente, como o Sol nas ondas,
As Virtudes reflectem Bragancinas,
Razão, Benificencia, Humanidade.
Tu novo Agrippa de outro novo Augusto,
Sully mais sabio de maior Henrique,
Tu, que ao Sexto JOÃO darás grão Nome,
Qual deo Carvalho ao Grão JOSE' Primeiro:
Tu que distingues o fulgor da Gloria
Da Gloria fulgurante, e incenso impuro
Aos Idolos não dás da aurea grandeza,

Vendo que a mão do Mérito sagrado
Nem sempre influe na roda mal segura,
Que imprevista Fortuna ás cégas volve:
Tu destróes o systema não pensado,
Que o nervo da Nação debelitára
Dos Estados a força, a vida, o sangue,
Que o corpo em gyro corre, e os membros nutre,
Tal hum Menénio á Tyberina Plebe
Mostrou, que os pés, e os braços renitentes,
Quanto davão ao ventre a si só davão.

Oh! Povo Tagitano, o teu Menénio
Os Financeiros cálculos não erra:
O compasso subtil da ethereo Urânia
Tanto lhe occupa a mão como a cabeça:
Olha como o Mondego enchendo as ondas
Inda blazona de lhe ter cingido
Co' a Tritónia Oliveira a egrégia côma,
Que os Atlanticos hombros lhe guarnece!
Olha como inda o Pado se gloría
De ver nos ares seus outro Phaetonte
O carro dirigir de hum Phebo Augusto
Sem temor, sem vangloria, e sem despenho!
Olha os Alpes de gelo cercilhados,
E os Pyrineos beijando os seus dois mares,
Que assombrados a estrada lhe franqueão!
Olha os imbelles Sardos amargosos,
Quanto por seus conselhos se adoçárão,
E de novo, sem elles, se perdêrão!
Olha em fim como á Patria restaurado
Vê a Nação sem força, sem industria,
Da Náo empunha o fluctuante leme,
Vão-se acalmando as ondas, e as tormentas,
E na pôpa, e nas grimpas apparece

Dos Talentos o lume, o Pai das Artes:
Vê o Throno cadente, o Téjo exhausto,
E c' o braço das Leis da Economia
De hum firma o pezo, d' outro os diques sólta
De prata abrindo as fontes estagnadas,
E renovando a urna crystalina,
Que imprudente ufania desecára.

Da vaidade infernal fumantes globos,
Que a esféra cruzão, que o veneno espalhão,
De hum constante Varão a alma não murchão.
Das falanges de vicios arrogantes
Intacto o meu Heróe não bebe a morte,
Sempre viveo no Mundo immortaes Evos
O Amigo do Rei, da Patria Amigo,
O Defensor das Leis, tronco do Estado,
A cuja sombra nasce, cresce, e brilha
Real Merecimento, alta Virtude.
Semelhante ao Loureiro, que frondoso
Grato esquiva o furor do raio ardente.
Corinthios jaspes, pórfidos Armenios
De vulgares Heróes o vulto animão.
Da céga Deosa o carro praguejado
Volvendo as rodas sobre exangues corpos
O vencedor cruel aos Ceos remonta
Por abysmalo hum dia aos cáos do nada.
Não he com sangue que eu rubríco as folhas
Do eterno Livro da immortal Verdade.

Porém que intenso ardor meu Estro inflamma
E no peito, e nos olhos me chammeja!
Que estranhas Regiões, que novos climas
Me figuro trilhar de immensos Orbes
Voando por diafanas campinas,

Em que rólão milhões de ethéreos Mundos !
Aberto vejo o Templo magestoso,
Que o vedado Futuro occulta, e zella,
E o fatal Escrutinio á Diva entregue
Que os labios cerra com tenaz algema.

Se Orpheo ao son da Lyra encantadora
Do Tartaro ver póde a margem fria
D'onde Euridice torna á luz Phebea;
Se da Maga Sybilla industriado
Na dextra tendo aurivirente rama
O piedoso Troyano, o Filho amante
Penetra as sombras, onde a Noite impera,
Té ver Anchises nos Elysios Prados,
A par delles impávido pertendo
Não só descer ás trévas, em que habitão
Sulphureas Serpes, que medonhas fremem
Em torno do Cocyto, e Phlegethonte,
Mas muito além passar do escuro Lethes.

Deosa, da mente coruscante Filha,
Que os Homens amas, que os Heroes premeas,
Mais c' o eterno saber de eternos Vates,
Que com triunfos, marmores, e bronzes,
Que de Saturno hum sôpro desvanece,
Meu peito escuda co' a Gorgónea Egide;
E tu, Cylêneo, o caducêo me empresta,
Que as sombras manda ao Ténaro profundo,
E aos Ceos os Ganimedes arrabata,
Ajudai-me a cantar hum vosso Alumno.

Mas que subtil vapor de luzes cheio
Vislumbra sobre mim ! Que mão amiga
Os laços corta da mortal cadêa !

Quem os passos me solta ? O chão me furta ?
Que subito tremor abala os Eixos !
Que ardentes jógão os brilhantes Globos !
Prenhes Nuvens desfilão d'Austro a Noto !
Fervem as ondas, os cachopos bramão !
Tremem da terra os hombros, e assanhada
Abre-se em bocas, e as entranhas mostra !
Eis a Cecrópia Deosa ! Eis Hermes vejo !
Aos pés me prende, aos hombros, á cabeça
As argentinas azas ! Branca nuvem
Me envolve, e esconde dos Mortaes aos olhos !
Ouço a Ave cantar Núncia do Dia :
Hum esquadrão de sombras me accommette :
Procuro defender-me, invisto algumas ;
Mas c' os braços em vão açouto os ares :
Lá vão desfeitas em subtis vapores
O taciturno abysmo penetrando
Aos raios de Minerva, e do ligeiro
Formoso Filho da florída Maia.
Elle me diz : ,, oh tu mortal, que ousado
Te atreves a pizar Tartáreos Lares
Intentando romper medonhas trévas,
Que toldão firmes o lugar tremendo
Onde as Filhas da Noite espavoridas
Só de sangue, e veneno se alimentão,
Segue meus passos, e ao meu lado unido
Verás do teu Heróe o eterno assento,
Que a par de Jove ha muito está firmado. ,,
Disse, e voou commigo em veloz curso
Por caminhos tégora não trilhados.
Já das margens, que banha o énneo Erebo
Salitroso vapor os ares tolda,
Grasnos, uivos, e pios me exturgião :
Por entre os podres charcos, fundas balsas

Innundavão regatos paludosos ;
Já das pardas areas vem surdindo
O rouco son das vagas solitarias ;
Já d'Acherontea Barca ao longe vejo
O terrivel Arraes, que o férreo leme
Co' a sinistra sustem, co' a dextra empunha
Informe remo, que hum pinheiro imita ;
Limosa grenha os hombros lhe reveste,
Que envolta co' a da barba o peito esconde.
Tremo de o vêr, do Nume o lado tomo,
Entro com elle a Barca, a Barca geme,
O negro Conductor demanda o rumo,
E da Tenária Gruta ás portas chega.
A trifauce garganta tres latidos
Ao mesmo tempo sôlta, o écco brama,
Ressôa o Rio, e as sombras animadas
Pelas grutas se escondem pavorosas ;
Porém do Deos c'os passos defensores
As lethárgicas margens atravesso.

Já da cerulea máquina se avista
A abobada soberba cravejada
De refulgentes prégos de diamante :
Dalli rebenta a luz, da luz recebem
Seu brilho os animaes flammigerantes,
Que desde o baixo Ceo ao baixo Mundo
Reverbérão na terra os doces raios.
De brilhantes crystaes altas columnas
Fórmão em torno o pavilhão celeste.
Alados vultos scintillantes voão
O Pórtico correndo diamantino,
E o pennigero Deos reverenceião,
E logo a mão alçando, a voz, e o rosto
O meu sacro Mentor assim se explica :

,, Passar não pódes, atrevido Humano,
Desta raia aos Mortaes fixa, e vedada;
Onde o Filho da Deosa não chegára,
Quando o caduco Pai vêr se lhe outorga.
Das eternaes columnas de Pyropo,
Em que se firma o coruscante Olympo,
Só grandes Genios, só porções divinas
Podem além subir, plácidos vendo
Do excelso Jove a face radiante.
Nestes mares de luz brilhante, e pura,
Onde immortaes Espiritos fluctuão,
De cuja enchente em torno transbordada
Se formão outros Ceos, outros Planetas,
Só as almas habitão preservadas
Do ser immenso, que de hum sopro póde
Derreter como a cera a Esphera, o Mundo.
Alarga a vista pela Lactea-Via
De innumeras Estrellas marchetada,
Qualquer dellas figura hum claro Esp'rito. ,,
Isto dizendo, ao ar a dextra alçando,
Fere co' a vara a Esphera luminosa;
Eis cada huma toma a Effigie amavel
De hum Semideos na terra produzido.
Por sua ordem vejo rebanhados
Médos, Assyrios, Gregos, e Romanos,
Gallos, Godos, Iberos, Cimbros, Lusos
Nestes me affirmo mais, que Heroes me aponta.
,, Vês, continúa, os teus auricroados
Desde AFFONSO a JOSE', ambos Primeiros,
Aos quaes soube imitar a Mãi dos Lusos,
Que invejárão, seguírão, se vivessem,
Semiramis, Zenobias, Catharinas,
Vês a par dos Heróes, o Heróe sem c'roa,
O Principe gentil, o docil Genio

Por quem ha pouco negras vestes forão
Sinaes da dôr, que ainda o Téjo punge,
E que de todo atras o tornaria,
Se o caro Irmão a quem virtude inspira,
Lhe não regesse a placida torrente,
Que vai por entre as vagas Neptuninas
Em laços de crystal prender dois Mundos
No Indo, Eufrates, Ganges, e Amasonas?
Observa o grande círculo já feito,
Que hum dia ha de illustrar, qual Julia Estrella.
Observa hum Pedestal de ouro a seu lado
Que já gravado tem SOUSA COUTINHO,
Como a par de JOSE', Carvalho e Mello.
Observa os ricos cofres, que rodeão,
E as mendigas Nações, que a mão lhe estendem,
Das quaes compra o poder, o orgulho, a gloria!
Observa em fim os raios brilhadores,
Que aquelle Throno de alabastro cingem
As vistas deslumbrando, que o arrostrão!
São de SOUSA as pacíficas Virtudes,
Zelo, Prudencia, Ardor, Fidelidade,
Sciencia, Exactidão, Economia,
Modestia, Actividade, Vigilancia;
Virtudes sim, que esmaltão, que sustentão
O esplendor, e os degráos do Regio Throno,
Que alli jaz destinado ao Moço Augusto
Para fazer na Lusa immortal Glória
Eterno o Rey, e o seu Tenente eterno.
Mais não podes saber, Mortal ousado,
Genios humanos, vistas deslumbradas
Não podem penetrar o véo espesso,
Que do Destino o Santuario cerra.,,
Dest' arte falla, o Caducêo levanta,
Tres gyros faz, açouta o ar tres vezes,

Bate o pé no ceruleo pavimento,
Do estellígero globo os eixos tremem!
A noite estende o manto tenebroso,
Prenhes nuvens do mar se desenrolão,
Sibilão Notos, roncão tempestades,
Serpenteião relampagos listados
Parecendo accender o Ceo, e o Mundo!
E mais prestes que hum delles sulca, e gyra,
Do meu estro a visão desapparece.

Eis-aqui claro Sousa em alto métro
Quanto vi, quanto a Musa presagia.
Mais vê hum Vate nos vindouros Fastos
Que nos Astros Newtonio Telescopio.
Mil vezes a Prudencia profetiza,
Quando calcula os Tempos, e os Costumes.
Quando por entre as trévas do Futuro
Descobre da Verdade a luz escassa,
Que humas vezes se accende, outras se apaga
Mas sempre guia o ermo caminhante.

Sim, eis immortal Sousa o grande quadro
Da tua, e nossa Glória, que inspirado
Não foi da mercenaria idolatria.
Por minha fraca voz te louva a Patria,
A Patria, que em silencio geme, e chora,
E as lagrimas enxuga, esconde o pranto
Pelos golpes crucis do avaro Egoismo,
Que em segredo as entranhas lhe lacera,
E, tenaz sanguexuga, exangue a deixa
Sem vigor, sem alento, e mais recurso,
Que o teu Patriotismo, o seu Santelmo,
A taboa, a salvação do seu naufragio.
Por isso os votos já fixados pendem

Da Gratidão no Templo, e ante os Altares,
Thuribulo na mão, queimão devotos
Por pio incenso os corações amantes
Os novos Lusos, e os antigos Gallos (1)
A's immortaes Imagens, que erigíra
A Patria aos seus Heroicos Redemptores.
Aos quatro, que da Parca os fusos quebrão,
A Sully, a Colbert, Carvalho, e Sousa.
Contra os quaes não revolve, não levanta
Fortuna a roda, nem Saturno a foice,
Que acclamados serão de idade a idade
Co' a férrea voz da immensa Eternidade.

José Cypriano Ferreira Redmund.

---

(1) Entende os Francezes do tempo dos Reis, e não os degenerados pelas perniciosas maximas da Revolução.

ANECDOTAS.

Gorani Tom. II. pag. 210. ,, Hum Rei de Portugal sendo sollicitado por hum Rei de Aragão para se unirem contra a França: = Não, lhe respondeo o Portuguez, eu não farei tal desproposito; eu conheço melhor os meus interesses: a minha Nação faz actualmente hum commercio vantajoso com a Franceza; a guerra o faria cessar, e me prejudicaria. ,,

Affonso da Silva, Embaixador de Hespanha, insistia pela sexta vez com D. João II. de Portugal, para o determinar a unir-se com o seu Soberano, a fim de arranjar os negocios de Italia. = Eu sou (lhe respondeo El-Rei) tão ambicioso como outro qualquer Principe; porém a minha ambição não he a mesma: para chegar a ser hum grande Rei tomo hum caminho mais curto, mais facil, e mais seguro, que he fazer o meu Povo rico, e feliz: por este motivo he que, quando moço, e vigoroso, jámais quiz entrar em nenhuma liga: estou sempre prompto a exercer as funcções de mediador, para as quaes sou mais proprio que nenhum outro; porque com a idade, e a experiencia uno não estar possuido de interesse pessoal: Levai esta resposta ao vosso Amo, e assegurai-lhe da minha parte, que eu não sou homem, que mude de resolução.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. III.

ARTES, E OFFICIOS.

Da Pintura, sua existencia em Portugal, e seus mais distinctos Artistas.

SE deve assignalar-se como época do principio da Nobre Arte da Pintura em Portugal aquella, em que pelo dito de hum Escriptor nos consta ter havido hum retrato, sem que se saiba o nome de quem o pintou, então começou a Pintura em Portugal no tempo do Senhor Conde D. Henrique; pois Fr. Bernardo de Brito faz menção do Retrato deste Soberano de illuminação antiga na primeira folha de huma Biblia do Cartorio do Mosteiro de Alcobaça.

Se deve assignalar-se pela existencia de hum quadro sem conhecer-se o seu Author, então teve principio no rei-

nado do Senhor D. Diniz, pois que deste tempo existe na Gallería do Excellentissimo Senhor Marquez de Borba hum quadro dos Reis Magos, que tem a singularidade de achar-se na Santa Virgem retratada a Rainha Santa Isabel. De quanto diz nos seus Cuidados Literarios pag. 77 o Excellentissimo D. Fr. Manoel do Cenáculo do bom uso da Pintura no tempo do Senhor D. Affonso III., e o Senhor Wolkman Machado das Pinturas da Capella de S. Vicente na Sé de Lisboa, do Pintor Portuguez Gonçalo Nuno, ou Nuno Gonçalves, como lhe chama o Senhor Taborda (Alvaro de Pedro, o primeiro Pintor Portuguez de que ha noticia, não pintou em Portugal: os seus quadros, segundo Vasari, existião em Volterra, em Piza, e varias outras de Italia), como não existem provas, que o attestem, que são as proprias pinturas, deve considerar-se a primeira Pintura Portugueza o sobredito quadro, que possue o Excellentissimo Senhor Marquez de Borba.

Porém se deve sómente reputar-se principio desta Nobre Arte, quando hum Pintor Portuguez, discipulo de huma Escolla famosa de Pintura, conhecido pela fama distincta que tem entre os mesmos Estrangeiros, e pelos optimos quadros que pintou, e que em grande número entre nós existem, só no meiado do décimo quinto seculo se deve assignalar o principio da Pintura em Portugal, e foi o Grande Vasco, quem nos deo esta honra.

Admittida esta época como a da Origem da Pintura nestes Reinos, grande honra de certo nos cabe, pois só nos perfere em antiguidade Guido, Duccio, e Memmo da Escolla Senense; Cimabue, Giotto, e Massaccio, da Florentina; e João Van-Eyk, de Bruges, (que inventou a Pintura a oleo) da Flamenga. Gentil Bellini, Chefe da Escolla Veneziana, foi contemporaneo de Vasco; e Mantegna Chefe da Escolla Lombarda, Rafael de Urbino da Romana, Primaticio da Franceza, e Caracci da Bolonheza, todos forão posteriores.

Foi Vasco, discipulo, ou condiscipulo de Pedro Perugino, a quem imitou no estillo, e expressão das figuras dos seus quadros. De todos os que existem deste grande Pintor, nenhum excede ao da Paixão de Christo no Horto, na Igreja dos Freires da Ordem de Christo em Thomar. Hum Inglez amador da profissão offereceo seis mil cruzados por elle, e huma cópia para se collocar em seu lugar.

D'entre a numerosa Lista dos Pintores Historicos Portuguezes sobresahem os seguintes:

Manoel Campello, discipulo de Miguel Angelo Buonarotti: o grandioso estillo dos seus quadros do Claustro grande do Real Mosteiro de Bellem, que representão assumptos da Paixão de Christo, lhe ganhão o nome de exactissimo imitador de seu grande Mestre.

Fernão Gomes, discipulo do mesmo Miguel Angelo, pintou os dois quadros do Nascimento de Christo, e a Vesitação de Santa Isabel da Capella collateral da parte do Evangelho daquelle Real Mosteiro, e os da Capella fronteira: Baccarelli indo-as vêr as avaliou em doze mil cruzados, segundo diz o Padre Mestre Doutor Fr. Manoel Baptista de Castro na Chrónica da sua Ordem.

Christovão Lopes, fiel imitador do mesmo Miguel Angelo, de cujo pincel são os paineis da Capella Mór do mesmo Real Mosteiro, teve a honra de ser Pintor da Camara do Senhor Rei D. João III.

Gaspar Dias, aperfeiçoando-se em Roma pelo estudo das Obras de Miguel Angelo, e Rafael de Urbino, veio produzir os dois grandes quadros do Senhor Crucificado, e do Senhor Ressuscitado no claustro do sobredito Mosteiro, que muito o ennobrecem: o da vinda do Espirito Santo na Tribuna da Igreja da Misericordia, restaurado por Guarenti, he igualmente hum dos bellos quadros deste Pintor.

Affonço Sanches Coelho, discipulo de Rafael em Roma, e de Antonio Moro na Hespanha, foi Pintor de Filippe II. de Hespanha, a quem muitas vezes retratou. No Escurial se conservão muitos quadros deste singular Pintor, denominado com justa causa o Ticiano Portuguez. Por seus raros talentos o honrárão os Pontifices Gregorio XIII, e Xisto V., e não menos os Duques de Florença, e de Saboia.

Francisco de Hollanda, além de grande Pintor Histórico foi perfeitissimo Illuminador, e bom Arquitecto. He mui digno de admiração, que ao mesmo tempo que D. Julio Clovio illuminava a pontos em Roma, de que foi alli o inventor neste genero de pintura, Francisco de Hollanda começava a illuminar do mesmo modo em Portugal. Os Livros do Coro do Convento da Ordem de Christo em Thomar tem tarjas, letras capitaes, e Passagens da Escriptura de miniatura deste grande Pintor. He do seu insigne pincel o quadro do Baptismo de Santo Agostinho, que possue o Illustrissimo Senhor João Maria de Saldanha Ribafria, Alcaide Mór de Cintra, e descendente do Grande D. João de Castro, no seu Palacio de Lisboa.

Porém de todos o mais distincto, e famoso Pintor Portuguez, he o grande, o immortal, e o inimitavel Claudio Coelho. O seu quadro da Sacristia do Escurial sobresahe a quantos alli se vem de Rubens, de Jourdão, de Rafael, e outros famosos Pintores das diversas Escollas. A estampa, que Francisco Bartholozzi gravou pelo desenho, que veio de Hespanha deste grande quadro, a solicitações do Excellentissimo Senhor Antonio de Araujo de Azevedo, Protector das Artes, dá huma idéa do abalizado merecimento do seu Author. Este quadro tem trinta palmos de alto, e quinze de largo, proporção bem encómmoda para poder ser desempenhado hum assumpto histórico, sem que nelle respire o constrangimento do Ar-

tista, o que não se observa nesta singular composição, pelo fundo de perspectiva representando a mesma Sacristia, e grandiosa maneira da Gloria na parte superior do quadro. Foi Pintor d'ElRei, e do Cabido da Sé de Toledo, e muitas Igrejas em Hespanha possuem paineis deste immortal Artista.

Bento Coelho da Silveira, imitou o estillo de Rubens, com quem estudou, passando a Hespanha no tempo em que este célebre Pintor Flamengo alli se demorou. Possuem muitos paineis deste Pintor a Igreja da Madre de Deos, a dos Religiosos de Santo Agostinho ao Grilo, a da Freguezia do Soccorro, e outras.

Amaro do Valle, imitador de Miguel Angelo: o seu quadro do Nascimento do Salvador no Refeitorio do Mosteiro de Bellem, e do Senhor Crucificado do Altar da Portaria do Convento de S. Francisco da Cidade, são deste optimo Pintor.

Felix Machado da Silva, Pintor excellente, que pela Restauração de Portugal achando-se em Madrid, sendo illustre de nascimento, por falta de outros meios, viveo de exercitar a sua Arte. Filippe IV. lhe deo o titulo de Marquez de Montebello em Milão; foi Mestre de hum Filho deste Rei, e Embaixador em Roma.

José do Avellar Rebello foi hum Pintor de tanto séquito, e adquirio tanta riqueza pela Arte, que comprando humas casas, e fabricando outras chegou a ter huma rua inteira sua, que tomou delle o nome. O quadro de S. Jeronymo da Livraria do Mosteiro de Bellem, posto seja huma cópia de huma estampa de Durero, he huma obra prima da Pintura.

D. Maria do Guadalupe Lencastre, insigne Pintora, como se vê das que existem no Convento de Nossa Senhora da Luz da Ordem de Christo, e do quadro de Nossa Senhora da Piedade do Convento de Marvilla.

Manoel de Castro, discipulo de Claudio Coelho, e Pintor de Carlos II. Rei de Hespanha, he estimado pelas pinturas, que delle existem em Madrid.

Luiza Maria Rosa, insigne Pintora, de quem são os quadros que se conservão nos claustros do Convento dos Capuchos do Valle da Piedade na Cidade do Porto. Teve Academia pública no campo das Hortas da mesma Cidade.

André Gonçalves mui estimado pela correcção do desenho dos seus quadros; delles os que mais se distinguem são os da vida de S. José na Sacristia do Mosteiro da Madre de Deos, principalmente o da Coroação da Santissima Virgem na empena da Capella Mór, e alguns das Capellas da Igreja do Menino Deos.

Francisco Vieira Lusitano, discipulo de Trivisani, o primeiro Portuguez, que obteve hum dos premios da Academia de S. Lucas em Roma, foi excellente Pintor, mui distincto particularmente pelas bellas allegorias, que inventou. Os dois quadros lateraes da Capella de Santo Antonio na Igreja de S. Roque nesta Cidade são os primeiros da sua maneira, apenas chegou de Roma. O terramoto de 1755 consumio huma grande parte das suas pinturas; entre as que existem, são de grande merecimento a de S. Francisco tomando o habito, no lado do Evangelho da Capella Mór do Menino Deos, e o Santo Agostinho no Altar da Portaria do Convento da Graça.

Joaquim Manoel da Rocha, de quem fiz menção no anno de 1816 no N.° V, pag. 83 deste Jornal.

Pedro Alexandrino de Carvalho, igualmente insigne nesta Arte: poucas Igrejas ha reedificadas das ruinas do terramoto, que não tenhão paineis do seu elegante, e engraçado pincel. Nas Igrejas do Convento de S. Domingos, Freguezia dos Martyres, do Sacramento, e outras, e na Sé de Lisboa, etc., ha muitos quadros do seu pincel.

Francisco Vieira Portuense, discipulo de Domingos Corvi em Roma, imitou o estillo encantador de Albano, e Guido Rheni, foi inimitavel em Paisagens. D'entre os bellos quadros históricos deste distincto Pintor merecem particular menção o de Viriato na Gallería de S. Magestade, o de D. Ignez de Castro no novo Real Palacio d'Ajuda, o de D. Filippa de Vilhena no da Excellentissima Condeça d'Anadia, e a cópia do grande quadro de Corregio da Gallería Pública de Parma, no do Excellentissimo Visconde de Balsemão. Mereceo obter o prémio da Pintura da Academia de Londres, onde o seu nome he respeitado.

Por este resumo se conhece o grande vulto que na Pintura Histórica tem feito os Portuguezes. Agora farei menção dos acreditados talentos, que temos tido nos outros generos de Pintura.

Antonio de Hollanda, bom Retratista, e Miniator, foi o primeiro, que illuminou de preto e branco. Retratou ao Imperador Carlos V., o qual consta dissera = que mejor lo habia sacado al natural Antonio de Hollanda en Toledo de illuminacion, que Ticiano en Bolona. =

Francisco de Hollanda, filho do sobredito, grande Retratista, e Miniator, e bom Arquitecto, de quem fizemos menção.

Estevão Gonçalves Neto, excellente Miniator, como se vê do Missal, que possuem os Religiosos de Nossa Senhora de Jesus, no qual se admira o estillo de Baroccio, e de Zuccaro nas passagens do novo Testamento, que alli se vem primorosamente miniadas.

D. Isabel Maria Rita, insigne Miniatora, que viveo com grande crédito, e estimação dos mais famosos Pintores em Hespanha.

D. Josefa de Ayala, vulgarmente chamada Josefa d'Obidos, excellente em frutos, flores, e cordeirinhos.

José Antonio Benedicto Soares, por antonomasia o Morgado de Setubal, foi inimitavel na representação de fogos, metaes, pennas, e pellos de animaes. Conta-se, que pintando hum gato, não entrára hum só cão na casa, em que estava a pintura, que não se arremessasse a investillo.

Lourenço da Cunha, optimo Pintor de Arquitectura em perspectiva, e o primeiro que trouxe a Portugal o methodo de desmanchar a superficie.

Jeronymo de Andrade Pintor do mesmo genero, e de quem he o tecto da Igreja da Freguezia de S. Paulo.

José Antonio Narciso, do mesmo genero, e que pintou os tectos das Igrejas da Freguezia do Sacramento, e de S. Júlião.

Luiz Baptista, do mesmo genero, e que pintou o tecto da Igreja da Freguezia da Pena.

Gaspar . . . . . insigne Pintor de Theatro.

No genero de ornatos, e arabescos não pude saber o nome de algum Pintor antigo; porém como existem nos Palacios Reaes de Cintra, Almeirim, e Salvaterra algumas Pinturas deste genero, ellas depõem o merecimento dos que as executárão.

Os Pintores Históricos actualmente existentes são os seguintes:

O Senhor Domingos Antonio de Sequeira, Primeiro Pintor da Camara, e Côrte de S. Magestade. Os quadros do seu grandioso pincel, que se admirão no novo Real Palacio d'Ajuda, no de Mafra, no Convento de Laveiras, e em casa de Pessoas Illustres desta Capital, o acreditão hum dos primeiros Pintores da Europa. A honra de haver sido hum dos Directores da Academia de S. Lucas em Roma, ter alli obtido o prémio da primeira classe, vêr o seu nome, e os seus raros talentos celebrados em os

Jornaes das Nações Estranhas me impellem de assim o nomear. (1)

---

(1) Nenhum paiz tem sido sujeito a ser tratado com menos candura por viajantes superficiaes do que Portugal: tenho por muitas vezes ouvido asseverar, que as Artes, as Sciencias, e a Literatura estão alli totalmente extinctas. Não pertendo avançar, que estão em hum estado mui florescente; comtudo a justiça me obriga a asseverar, que alli existem alguns homens, que tributão attenção aos Processos Literarios, e Scientificos, e entre elles hum cujas producções da Arte clamão por sua muito alta distincção. Este he o Senhor Domingos Antonio de Sequeira, Artista de gosto, de genio, e creador. Elle residio dez annos em Italia, e empregou com deligencia o seu tempo em transferir ás suas proprias producções as maiores bellezas, que as obras dos Grandes Mestres da Arte apresentão ao descernimento do Estudante, etc.

Na ante-câmara do Refeitorio do Convento da Cartuxa de Laveiras, ha sinco quadros, que patenteão os seus talentos explendidos.. e reflectem hum lustre sobre o paiz, que lhe deo o ser. Nestes quadros demonstrou hum cabal conhecimento da sua arte, por isso que desenvolve huma variedade consideravel no seu estyllo, e maneira.

O primeiro quadro representa S. Bruno no acto de orar de noite: he huma imitação viva de Gerardo de la Notte.

No segundo se vê S. Bruno em pé, com hum crucifixo na mão. As extremidades desta figura são formadas com os toques de hum Guido.

O assumpto do terceiro he a Conversão de S. Bruno, no momento da re-apparição de hum Defunto, Doutor em París, e no acto de celebrarem-se os Officios Divinos tres dias depois da sua morte. O effeito, que produz esta pintura, he de grande impressão; e o terror, e admiração dos expectadores se desenvolvem alli com expressão mestra. O todo he correcto, e o colorido superiormente judicioso. Os grupos estão muito bem collocados, e cada figura representa huma parte nesta scena interessante. Algumas das mesmas figuras parecem absolutamente que saltão do panno, etc.

O quarto representa Santo Onofre no acto de receber o Viatico da mão de hum Anjo: Está bem executado, e tem a maneira de Dominiquino Zampieri.

O quinto representa Santo Antonio, e São Paulo, o

O Senhor Cyrillo Wolkman Machado, igualmente mui distincto Pintor Histórico pelas suas excellentes Pinturas dos tectos do Real Palacio de Mafra, e do Excellentissimo Senhor Marquez de Loulé, ao largo da Graça; painel de S. Miguel no Altar Mór da Freguezia do Coração de Jesus, e outros muitos.

Os Senhores José da Cunha Taborda, Archangelo Fusquini, Bartholomeu Antonio Calixto, Joaquim Gregorio Rato, nesta Capital, e o Senhor Manoel Dias, na Côrte do Rio de Janeiro, todos Pintores Históricos ao Serviço de S. Magestade, e Pensionistas do Estado, tem todo o merecimento.

Os Senhores Henrique José da Silva, Joaquim José, e João Thomás da Fonceca, aquelles discipulos de Pedro Alexandrino de Carvalho, e este de Joa-quim Manoel da Rocha, são os mais acreditados entre os que existem não empregados no Real Serviço.

Distinguem-se entre os actuaes Miniatores o Senhor Rezende, cujo delicado, e gracioso pincel mal poderá ser excedido, e o Senhor Ignacio Valente. A Senhora D. Leonor P. . . . . he igualmente insigne em miniatura, e em pintura a oleo: a copia do quadro de Rafael na Igreja dos Brancanes em Setubal he hum testemunho do seu incomparavel talento.

Ermitão, que tudo he muito bem transcripto do estillo de Caravagio.

Sendo introduzido em casa do Senhor Sequeira, achei ser hum homem de muitos conhecimentos, e agradavel, etc. . . . e muito o qualifica ter sido Director da Academia de S. Lucas em Roma, e Lente em diversas Escolas de celebridade na Italia.

Este Pintor não merece menos admiração como Retratista, etc.

Gentlemans Magasine de Março de 1814.

Em Paisagens o Senhor Joaquim Marques, discipulo de Pilleman, he singular; e as suas obras são muito estimadas.

Em Arquitectura, e Perspectiva o Senhor Manoel da Costa, actualmente na Côrte do Rio de Janeiro. Este insigne Artista restaurou o técto da Portaria do Mosteiro de S. Vicente de Fóra, que havia sido pintado por Baccarelli.

Os Senhores Joaquim da Costa, Antonio Ignacio, Eugenio Joaquim, tambem devem ser memorados.

Em Caças, Flores, Ornatos, e Arabescos distinguem-se os Senhores José Francisco, André Monteiro, Vicente de Paulo, e outros.

Terei summa satisfação em poder accrescentar esta lista, quando por falta de conhecimento tenha omittido algum nome de Artista benemérito, e quando se me communiquem próvas do seu merecimento; por tanto, se algum Artista se resentir de não ter aqui o seu nome, offereço-lhe este meio para em hum additamento reparar esta falta, e unir então o seu elogio ao dos Pintores insignes de que faço menção.

SCIENCIAS.

(Artigo extraordinario.)

ENtre os Sábios, que honrão a sua Patria pelas suas especulações, e descobrimentos scientificos, a bem da humanidade, e progresso das luzes da Faculdade que exercitão, merece mui distincta, e particular menção o Senhor Doutor Bernardino Antonio Gomes. Hum recente Artigo publicado em Londres no *Medical, and Fysical Journal*, N.° 211, a pag. 253, he hum testemunho público do apreço em que são tidas as suas experiencias, analyses, e os resultados dellas, dos proprios Facultativos dos Reinos Estrangeiros: Eis em extracto o sobredito Artigo.

,, Nas Sessões de 27 de Junho, e 4 de Julho do corrente anno, se lêo na Sociedade Real de Londres hum papel sobre o modo de perfumar cartas infeccionadas, escrito pelo Doutor Bernardino Antonio Gomes, Medico de S. Magestade, ElRei de Portugal.

,, Cartas enviadas de lugares, em que grassa a peste, são, antes que sejão entregues ás pessoas a quem são dirigidas, golpeadas em varias partes, e depois defumadas com vinagre. Duvidou-se em Portugal se este modo de sufumigação, era sufficiente para destruir a materia contagiosa: o Governo de Portugal por conseguinte ordenou, que se substituisse o methodo de perfumar com o gaz *chlo-*

rine, suggerido por Morveau. O Doutor Gomes em razão de duvidar se este methodo seria efficaz, sem préviamente se abrirem as cartas, pedio ao Governo, que lhe permittisse examinar primeiro este objecto experimentalmente; ao que o Governo annuío. Feitas as experiencias, achou que as cartas, ou massas de papel defumados com o vapor de *chlorine*, apezar de estarem bem lacrados, são por este penetrados, e conservão o cheiro por varios dias. O Doutor Gomes passou depois a expôr ao vapor de carne podre, pedaços de estopa, algodão, seda, lã, e pelle, e encerrou cada hum destes pedaços em huma carta, á qual applicou o gaz *chlorine*, por espaço de meia hora A estopa, e algodão perdêrão o cheiro da podridão; a seda reteve delle huma pequena porção; a lã, e a pelle conservárão huma grande parte. O Doutor Gomes proseguio as suas experiencias, comparando as virtudes desinfeccionantes do vinagre, *chlorine*, e fumos de enxofre, e achou, que todas estas substancias destruírão completamente o cheiro da podridão. Com o vinagre foi necessario mergulhar as cartas no líquido, e depois seccalas gradualmente ao fogo: quanto ao *chlorine* vio-se na necessidade de continuar a sua applicação até o sobrescrito ficar algum tanto apagado: porém os fumos do enxofre, misturado com nitro destruírão de todo o cheiro, sem damnificar a escrita em o menor gráo, e mais efficazmente do que os outros dois methodos. O Doutor Gomes por tanto assenta, que o melhor methodo de desinfeccionar cartas, he expôlas aos fumos de enxofre, misturado com salitre, ou nitro. ,,

No Investigador Portuguez acha-se depois deste Extracto, a seguinte Nota, que igualmente honra o mesmo Sabio Facultativo. ,, Quando nos paizes estrangeiros encontramos com alguma cousa, que honre a nossa patria, ou algum dos individuos que lhe pertencem, temos grande satisfação em a publicar, porque nunca nos podemos esque-

cer de que somos Portuguezes. O pequeno Extracto, que acima transcrevemos, nos pareceo pois mui digno de ser noticiado, não só em razão da sua pública utilidade, mas por ter dado occasião a saber-se em terras estranhas, que nem por isso as Sciencias em Portugal são absolutamente desconhecidas, como muita gente pensa. O Senhor Doutor Bernardino Antonio Gomes não precisava já deste facto, para ser conhecido entre os Sabios Inglezes, e bastava-lhe o que a seu respeito já escreveo o Doutor Currie, para ser considerado em Inglaterra como hum dos Sabios Portuguezes. Todavia bom será, que esta nova circumstancia sirva de estímulo a outros Sabios da nossa Nação, para que se fação conhecer, por honra sua, e da sua Patria. Se fizerem o mesmo, que faz o Senhor Doutor Gomes, ganharão igual reputação: e qual he o verdadeiro Sabio, que possa ser insensivel á Gloria? Este premio está ao alcance de todo o merecimento. ,,

POESIA.

(Artigo communicado.)

A hum sugeito que escreveo huns máos versos contra o A., e os deo a huma Senhora para os trasladar.

EPIGRAMMA.

TUDO quanto compões, traslada Estella,
Que misero systema... Ah! que isto expressa
Quanto a candida mão sómente della
Vale mais, do que a tua vã cabeça!

Estella blasonar não pode em tanto
Da virtude de Midas, que algum dia,
Quanto este Rei tocava, com espanto,
Por suas mãos em ouro convertia.

Não podem esperar das mãos de Estella
Os teus ásperos versos tal mudança;
E igualmente o saber profundo della
Nem para os trasladar juizo alcança.

Logo cauto desde hoje por diante
Em seguir outra regra te disvella.
Que regra julgas pois mais importante?...
Tu, tu só trasladar, e compor ella.

Por Madama Hutlons,
E traduzido
Por C. J. do R. G

ANECDOTAS.

Brincavão em hum jardim cinco meninos; hum sujeito vendo-os tão galantes os tomou ao collo, e beijando-os disse: = Parece cada hum de seu Author. = A Mãi, que não estava distante, ouvindo o dito, retorquio-lhe: = Engana-se: o Author he o mesmo; se ha entre elles alguma differença, he porque são diversas as suas edicções. =

Certa Viuva de hum gordo, e farto Cozinheiro passou a segundas nupcias com hum magro, e apoquentado fabricador de palitos. Censurando-se em hum círculo de amigas a má escolha da Viuva, disse huma da companhia: = Eu entendo que Fulana não he digna de censura; porque nada ha mais natural, que depois de comer querer esgravatar os dentes.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. IV.

MEMORIA

Da derrota dos Piratas da China, de que era Chefe o Grande Apó-chá, pelos Portuguezes de Macáo em 1810.

(Artigo communicado.)

COm muita admiração li na Gazeta de Lisboa de 28 de Agosto do anno próximo passado de 1816 o artigo extrahido de huma Gazeta Ingleza, que dizia: *Os Chinezes estão hoje em dia mais favoraveis, que nunca para com os Inglezes, por conhecerem a necessidade que tem do auxilio das Forças Britanicas para protegerem as suas costas contra os Piratas, que tem tido a audacia de atacar Macáo.* Sei em quanta força se considera a Marinha Britânica, e sei que he capaz para grandes coisas; mas a fa-

vor da verdade devo dizer, que nem os Chinas tem necessidade da Marinha Ingleza, nem os Piratas nunca se atrevêrão a atacar Macáo. Eu vou produzir provas, com que, julgo, ficará convencido o Gazeteiro Inglez, de que o seu correspondente da China o enganou sobre este assumpto.

Desde a época feliz em que o nosso immortal Andrade entrou a primeira vez nos mares da China até hoje, sómente se contão duas destruições completas de Piratas Chinezes. A primeira foi obra dos Portuguezes de quinhentos, e a segunda dos do presente século. A Nação Portugueza he sempre a ultima em publicar as acções gloriosas, que lhe dizem respeito, motivo porque huma grande parte da Nação ainda ignora a gloria, que adquirio na China, ao mesmo tempo que na sua Patria destruia o Oppressor da Europa.

Depois que forão extinctos os Piratas a primeira vez, procurárão pouco a pouco formar novo partido, engrossando de tal sorte o seu número, e força, que em 1806 já tinhão huma esquadra de mais de quatrocentas Embarcações com quarenta mil homens. Estavão tão atrevidos, que não só atacavão os Navios Chinezes, mas os da Europa, e até os Macaenses, com quem tiverão renhidos combates. Entre estes foi hum com o Navio commandado por Mancel José Vianna, que até ficar só com tres homens da sua equipagem se bateo de sorte que morreo cançado de matar Chinezes. Neste anno estavão os Piratas tão destemidos, que, em Março e Abril, tempo em que costumão estar fóra de Macáo todos os Navios, se aproximárão muito das Ilhas visinhas daquelle Porto, e sabendo-o o Governo de Macáo, não só comprou o Navio Ulysses para armar em guerra contra os Piratas, mas até mandou fazer hum Brigue a Bengala para com o dito Navio Ulysses favorecer o commercio naquella estação.

Veio este Brigue de Bengala em 1807, e foi dado a commandar ao Senhor Francisco José da Victoria Vasconcellos Pereira Barreto. O seu primeiro cruzeiro durou todo o anno de 1808, e taes forão as suas proezas, que os Chinas lhe puzerão o appellido de *Tigre do mar.*

O Senhor Barreto só com o seu Brigue tinha o valor de atacar huma divisão de setenta Thaós, (Navios de trezentas tonelladas, com vinte peças d'artilharia, e trezentas pessoas de tripulação,) destruir os que lhe ficavão mais perto, e fazer fugir o resto.

Teve hum destes combates em Julho do mesmo anno, em que depois de fugirem todos ficou só com a Capitânia; e conhecendo ser de maior calibre a artilharia do inimigo, resolveo dar-lhe abordagem, (o Brigue em comparação do Thaó podia servir-lhe de lancha,) e a tempo que se lançavão os arpéos, os Piratas de cima da pôpa do seu Navio deitão dentro da prôa do Brigue huma balsa de fogo (que faz peior effeito do que huma bomba de fogo). O Senhor Barreto, que estava na tolda, apenas vio o eminente perigo, em que estava a sua gente, corre á prôa, e lança a balsa ao mar; e cheio de prazer de lhe não rebentar dentro do Brigue, e de raiva e furor contra os Piratas he o primeiro, que trépa pelo Thaó acima; e tão depressa pôde firmar os pés na tolda do Navio inimigo, como no mesmo instante com a espada na mão cantou a victoria (1)! Aqui me lembro eu do nosso Camões, quando diz no seu Poema das Lusiadas, Canto X. Est. 28.

,, Saltando a fará só com lança, e espada
,, De quatrocentos Moiros despejada. ,,

---

(1) O Senhor Barreto he de mediana altura, reforçado, largo de hombros, rosto cheio, olhos amarellos, e não sabe rir.

O Senhor Barreto tinha na mão huma espada columbrina, e a manejava (se he possivel) como eu manejo a penna, pois que dos setenta homens, que tinha o Brigue de tripulação, os que podérão saltar dentro do Thaó, dizem que, quando subírão, estava a tolda coberta de mutilados! Os Piratas, que quizerão escapar aos golpes do Senhor Barreto, morrêrão afogados no mar; assim como o Chefe da Embarcação, que vendo-se perdido pegou pelos cabellos á mulher, e com o alfange lhe cortou a cabeça, com a qual se mergulhou no mar, aonde morreo. Este combate foi dado em frente da Cidade de Macáo, e logo que se acabou, forão a bordo os principaes Negociantes daquella Cidade, com alguns Estrangeiros, dar e parabem ao Senhor Barreto, e vêr o Navio prisioneiro, e vierão para terra horrorizados da carnagem: e para me valer da expressão, que lhes ouvi, direi, que o que tinha menos feridas, tinha a cabeça fóra do corpo! Graças ao Eterno, que ainda hoje mostra, o que forão os Portuguezes! . . . No tempo de Camões hum só era para quatrocentos Moiros! E nos nossos dias ainda só hum he para trezentos! . . .

De tudo isto são testemunhas muitas Nações da Europa, por estarem naquelle tempo em Macáo as Companhias Ingleza, Hespanhola, Sueca, Hollandeza, etc., etc. Estes, e outros iguaes combates tinhão contido os Piratas, de sorte que já não embaraçavão o Commercio dos Macaenses, quando o Senhor Admiral Drury lhe levou o bico d'obra, de que já se publicou parte neste Jornal.

Assim que os Macaenses podérão contar com a segurança do seu Estabelecimento, enviárão o Navio Ulysses, em que foi mandado pelo Senado o Senhor Antonio Joaquim de Oliveira Mattos, a congratular S. Magestade ao Rio de Janeiro, e escolhêrão para commandar este Navio o Senhor Barreto; pois como o Navio hia carregado de

presentes os mais primorosos da China, e Japão para S. Magestade, não era tambem pequeno presente fazer vêr a S. Magestade hum Heróe, que tanto valor mostrou em glorificar a sua Nação. O Senhor Barreto foi recebido na Côrte do Rio de Janeiro por huma tal maneira, que até os Fidalgos da primeira Grandeza o querião ter por parente. S. Magestade além das immensas graças, que costuma fazer a todos os vassallos de mérito, de Primeiro Tenente, que era, o fez Capitão de Fragata da Sua Real Marinha.

Logo que os Piratas souberão, que estava fóra de Macáo o *Tigre do Mar*, entrárão a fazer as suas costumadas visitas pelas Ilhas visinhas. Neste tempo tinha adquirido entre elles grandes créditos o China Apó-chá; e por isso o fizerão Commandante em Chefe de toda a sua esquadra. Foi então que o Governo de Macáo receando alguma empreza deste novo Ladrão, resolveo dar fim aos Piratas; e para concluir este projecto fez huma Sessão, em que entrárão os principaes moradores da Cidade. Em consequencia della fôrão convocados os Negociantes, que tinhão Navios, para os emprestarem, e se armarem em guerra, a fim de destruir os Ladrões. He para admirar, que hum Governo com tão poucos meios se arrojasse a tentar huma tão grande empreza! E faz muita honra aos Macaenses a promptidão, com que cedêrão os seus Navios. Comtudo ainda havia falta de hum objecto de muita consideração, que punha o Governo em muita inquietação, e apuro, e era não ter sufficiente pólvora para fornecer a esquadra, quando o Senhor Joaquim José dos Santos, Boticario em Macáo, sabendo desta falta se foi offerecer ao Governo para fazer quanta pólvora a esquadra podesse gastar; e com effeito não só foi abundante, mas até tão boa como a melhor da Europa (1). Aqui temos já Navios, e

(1) Em 1810 havia difficuldade em fazer pólvora em

e pólvora ; mas gente he , que era pouca , se nos não lembrassemos do que diz Camões no mesmo Canto , Est. 13.

„ . . . . . tornando frio
„ De espanto o ardor immenso do Oriente ,
„ Que verá tanto obrar tão pouca gente. „

Tinha o Governo oito Navios , e não tinha mais de cem Portuguezes para os guarnecer ; por isso não teve remedio se não lançar mão de Cochinchinas , e Manilhas , e metter mil destes homens com os cem Portuguezes , e alguns filhos de Macáo nos ditos Navios , de que formou a esquadra , e deo o commando della ao Senhor José Pinto Alcoforado , levando este debaixo das suas ordens , commandando outro Navio , o Senhor Luiz Carlos de Miranda.

Sahio esta esquadra do porto de Macáo , e em pouco tempo se encontrou com a dos Piratas , á qual entrou logo a bater , e pôr em fugida , vantagem que elles podião ter por serem as suas Embarcações muito veleiras , e demandarem menos agua que os nossos Navios ; mas comtudo forão perseguidos até mesmo entre os pequenos canaes , e Ilhas , aonde em outro tempo se julgavão seguros. Quizerão fugir para o mar largo , porém a nossa esquadra , que os cercava , os não deixou sahir sem entrarem em novo combate.

Foi no anno de 1810 , que os nossos os podérão apa-

Macáo para o fornecimento de huma pequena esquadra , quando em outros tempos não só se fazia pólvora , mas até havia huma optima Fundição , onde se fizerão as peças , com que estão guarnecidas todas as Fortalezas de Macáo , quasi todas de bronze , e muitas dellas do calibre de 24 , e 36. Todas tem o nome de Manoel Bocarro , que foi quem alli as fundio.

nhar unidos em maior força, e em parte de lhes fazer maior damno; e sem dúvida ficarião todos no fundo se, todas as véllas fóra, mesmo por cima de escolhos não fugíssem. Neste dia na maior força do combate encalhou o Navio do Senhor Miranda: o intrépido Guerreiro conhece o perigo, porém despreza-o: manda carregar panno acima, e chama toda a gente da mareação para ajudar as batarias. Os inimigos, que julgavão o seu Navio em desordem, corrêrão com as suas embarcações sobre elle para lhe darem abordagem; mas o Senhor Miranda, considerando-se qual outro D. João Mascarenhas em Dio, preferio morrer sepultado no fundo do mar com o seu Navio, a deixar-se abordar dos Piratas. Fez hum fogo tão activo, tão violento, e tão bem dirigido, que todas as Embarcações, que se lhe aproximárão, ficárão humas razas, outras no fundo.

A este tempo os outros Navios da nossa esquadra perseguião os inimigos de modo tal, que para escaparem se mettêrão dentro da bahia de Lintim, aonde a nossa esquadra lhe formou huma linha pela parte de fóra, deixando assim encurralado o façanhoso Apó-chá com todos os seus companheiros, a quem os nossos intimárão, que se rendessem. Apó-chá vendo-se neste apuro, acceita a proposição; mas lembrando-se do que a fama publicava da honra, integridade, e intelligencia do Illustrissimo Senhor Arriaga, Desembargador, Ouvidor de Macáo, pedio, que só com este queria tratar da sua capitulação.

Logo que o Governo de Macáo recebeo do Senhor Alcoforado este aviso, o communicou ao Illustrissimo Senhor Arriaga, que promptamente se metteo em huma pequena Embarcação, e indo além da boca do Tigre, onde se achavão as esquadras, tomando em sua companhia o dito Senhor Alcoforado, foi tratar com o Grande Apó-chá na sua propria Capitânia.

Para não ser extenso, só direi, que, o resultado da Capitulação foi entregar-se o Apó-chá, com toda a sua esquadra ao nosso Ministro, e este os offereceo ao Imperador da China, de quem alcançou hum perdão geral para todos os Piratas (1), á excepção de quatorze dos mais revolucionarios, e teimosos no crime, que forão decapitados em Macáo, e as cabeças espetadas em páos desde a porta do Cerco até ao Pagode Grande. O Apó-chá foi feito Mandarim por empenho do nosso Ministro. O Imperador da China neste negocio cedeo a tudo quanto quiz fazer o Illustrissimo Senhor Arriaga! Assim foi, que se deo cabo á grande esquadra dos Piratas Chinezes, com a qual tinhão gasto trezentos annos de fadigas. Os Portuguezes não só adquirírão nesta occasião muitas vantagens para o Commercio, mas tambem muita glória, e ficárão o mais bem vistos dos Chinas, por presenciarem o valor Portuguez, que só conhecião por tradicção.

Ora se os Portuguezes em 1810 destruírão huma esquadra, que tinha custado trezentos annos de trabalho, e com muito afan, como he possivel, que no curto espaço de quatro annos os Piratas tenhão formado huma esquadra, que só a Marinha Ingleza seja capaz de conter, ou extinguir? He necessario ter muito pouco conhecimento dos negocios daquella parte do Mundo para dizer tal parvoice. Na China (e mui particularmente os Piratas) não se póde construir, nem esquipar huma esquadra como se poderia construir, e esquipar em Inglaterra, se esta per-

---

(1) Ha huma Lei na China, que ordena, sejão decapitados todos os Piratas, que se apanharem. Esta, assim como as outras Leis dos Chinezes sempre se executão sem bandeira de Misericordia, como todos sabem; mas nesta occasião ella appareceo na China, e nas mãos do Illustrissimo Senhor Arriaga.

desse toda a sua Marinha, como a perdêrão os Piratas. Estes não tem Arsenaes, nem Fundições; e tem pouco dinheiro. A artilharia, que lhe tomárão os Macaenses, he falta que elles não remedeão em hum século. Esta artilharia foi mandada de presente pelo Governo de Macáo a S. Magestade em 1814, e era tanta, que fazia o lastro do Navio Maria I., que a conduzio ao Rio de Janeiro.

A' vista destes factos melhor fôra, que o Gazeteiro Inglez dissesse: ,, Ainda que os Portuguezes forão mais generosos com a roupa dos Francezes, do que algumas Nações da Europa (1), e ainda mesmo com os Piratas da China, entregando toda a esquadra ao Imperador, com tudo da artilharia tomada aos Piratas podem erguer hum monumento no Rio de Janeiro, igual ao que pertende erigir em Petersburgo o Imperador da Russia. ,,

Aconteceo em 1810 huma acção de hum marinheiro Portuguez por alcunha o *Caroxa*, que não deve passar em claro. Foi este homem empregado naquella época no commando de huma lórcha, que levava de tempo em tempo os víveres á esquadra Portugueza. Esta lórcha andava armada com alguns pedreiros, e hum obuz de doze á prôa, e tendo varios combates sempre se sahio bem. Hum dia porém indo o nosso *Caroxa* levar os mantimentos a bordo, achou a passagem tomada pelo inimigo, e em lugar onde a nossa esquadra não lhe podia valer: o intrépido Commandante sabendo que os víveres erão necessarios a bordo da nossa esquadra, tentou abrir caminho; e ainda que a sua equipagem era toda de Chinas, comtudo a exemplo

---

(1) Isto he dito pelos mesmos Francezes, e por consequencia deve-se-lhes dar crédito.

do seu Commandante batêrão bem o inimigo. O mesmo *Caroxa* trabalhava com o obuz, e como erão bem dirigidos os tiros, fazia hum grande estrago ao inimigo; mas sendo muitas as embarcações contrárias, humas refrescavão as outras de sorte, que o nosso *Caroxa* não tinha mãos a medir. Apezar de vêr a seu lado a maior parte dos seus companheiros mortos, a sua tenção era ou morrer, ou desempenhar a sua commissão, quando o resto da sua tripulação (serião sete, ou oito,) vendo o desamor que tinha á vida o seu Commandante, se lançárão de repente sobre elle, e amarrando-o de pés e mãos, mudárão o rumo da lórcha, e entrárão em Macáo aonde o nosso *Caroxa* foi levado em triunfo a Casa do Governador.

Ora quando este homem, com Chinas debaixo das suas ordens, fez tão grande estrago nos Piratas, que faria se todos como elle fossem Portuguezes? Faria o que fizerão os nossos em outro tempo... e que hoje nos custaria acreditar, se não tivessemos nos nossos dias ante os olhos espelhos desta qualidade.

Julgo, pelo que tenho exposto, que ficão os Leitores desta Memoria sabendo, que não he necessaria a Marinha Ingleza para extinguir os Piratas Chinezes, pois que se sabe com toda a evidente veracidade, que só a Marinha dos nossos Macaenses foi sufficiente para se arrostar com huma esquadra de mais de quatrocentas embarcações, com quarenta mil homens dentro, aguerridos, e bem armados, e até com muitos Americanos Inglezes, que lhe ensinavão o exercicio da artilharia, batêlos, e tomálos; e fazer de todos presente ao Imperador da China.

São desta qualidade os serviços, que costuma fazer Portugal á Nação Chineza, e por isso não deve fazer admiração, que os Chinas por estas, e outras muitas circumstancias tratem com amor, e respeito a Nação Portugueza. Temos, e teremos sempre a nosso favor o grande concei-

to, que de nós fazem todos os Povos da India, e China. Ainda hoje se vê Indios lavados em lagrimas pedindo justiça aos manes de Albuquerque... Acabarei com dois versos do nosso Padre Macedo:

,, Levanta immensa torre, e nella arvora
,, As Lusas Quinas, que o Oriente adóra. ,,
Poema, o Oriente. Cant. 12. *Est.* 66.

Depois de haver recebido esta Memoria, a cujo Author bejo agradecido as mãos pela remessa, obtive alguns documentos, que authorizão o facto, e ellucidão a materia. Em hum dos seguintes Números, por não tornar mais extenso este Artigo, os produzirei; e para este additamento peço licença ao Author desta Memoria, pois que não devo accrescentar huma palavra sobre hum objecto, tratado tão dignamente pela sua delicada penna, sem primeiro deste modo requerer-lhe a permissão.

Extracto de huma Carta de Vicente Pires da Gama (1) *dirigida de Londres a Domingos Antonio de Sequeira, 1.° Pintor da Cámara, e Côrte de S. Magestade Fidelisssima.*

A Obra da baixella, e plateau, tem sido admirada por todos os Grandes, assim nacionaes, como estrangeiros, que a vírão; confessando ser unica no seu genero, e mui superior ao conceito, que formavão do estado das Artes em Portugal; sem embargo de estarem antecipadamente prevenidos do seu merecimento, por informação de varias pessoas, que apenas vírão algumas peças em casa de V. . . , e tinhão elogiado em Inglaterra a sua perfeição. A Condeça de Mornington, Mãi do Duque de Wellington expressou a sua satisfação, dizendo-me: *que seu Filho se lisongearia por extremo, de hum presente, que tanto exaltava a gloria de suas emprezas, e ficaria igualmente obrigado á Nação, que lho dedicava.* Mr. Wellesley Pole disse-me publicamente: *seja para honra da Nação Portugueza: ella concluio huma Obra, de que se não vio ainda outra semelhante em Inglaterra.* Não ha hum só dos Artistas da primeira ordem, que tendo-a visto, lhe não fizesse os maiores elogios, podendo mais o seu merecimento do que o amor proprio de cada hum delles.

---

(1) Discipulo de Sequeira, encarregado de entregar a dita baixella.

POESIA.

(Artigo communicado.)

Deitando-se ao mar a Náo D. JOÃO VI., em 24 de Agosto de 1816, tendo estado 10 annos no Estaleiro.

SONETO.

Das húmidas Nereides rodeado,
Nos verdes hombros do ceruleo Téjo,
Novo Lenho veloz nadando eu vejo,
Qu' impávido zombou do Tempo irado;

D' Invictas Lusas Quinas adornado,
A Lisia offrece não vulgar festejo;
Feliz preságio augúra, eu bem prevejo,
O sempre Augusto Nome que te hão dado:

Soltando em breve o níveo panno aos ares,
Ao cálido Brazil vai atrevido,
Sulcando affoito os empolados mares;

Offrece o vasto bôjo ao REI querido;
Se trazes Regia Próle aos Patrios Lares
Serás de novo em Astro convertido.

Por ***

A' expedição que sahio de Lisboa para o Rio de Janeiro em 15 de Fevereiro de 1816.

SONETO.

Porção brilhante de Leaes Vassallos,
Que em dura guerra, em hórridas Batalhas
Sem susto olhais mortíferas metralhas
Das Armas conservando honrosos cállos:

Vencendo affoitos dos soberbos Gallos,
Escudos, Lanças, Capacetes, Malhas,
Depois de cavalgar altas muralhas
Nos proprios Láres conseguir domá-los!

Eia pois, se de tanto sois capazes,
Seguindo o trilho de Mavórte honroso,
Firmai de novo ao Throno eternas bázes;

Ah! seja-vos propicio o Ceo piedoso,
E qual outro Pacheco, e seus sequazes,
N' América hum Padrão deixai famoso.

Por ***

SONETO.

Se estimação merece a sã verdade
Minha Laura gentil; se venturosa
Recompensa alcançar pode vaidosa
Honra, amor, fé, ou pura lealdade;

De tudo me reparte em quantidade
Igual porção: concede-me piedosa
A verdade, amor, fé, e honra ditosa,
Que te consagro desde longa idade.

Mais que a de Orpheo, que a de Cecilia fina,
Em voz dizei-lhe, ó ventos, sem tardança,
Que nunca meu amor, e fé declina!

Que se a idade senil varía e cança;
Que amor, e fé, e honra della digna
Nunca em mim poderão fazer mudança.

Traduzido do Inglez

Por

C. J. do R. G.

ANECDOTAS.

Quando o Senhor Rei D. João IV. mandou a Jeronymo Nunes da Costa, Judeo em Hollanda, o Alvará que o nomeava Fidalgo da Sua Casa, em remuneração dos serviços, que na qualidade de Agente de Portugal lhe tinha feito junto á Côrte de Haya, hum Fidalgo moço, com exercicio no Paço murmurou altamente de conferir ElRei esta graça a hum Judeo. ElRei, que o soube, chamando-o hum dia, lhe disse: = Premiei Jeronymo Nunes da Costa pelos serviços que me tem feito, e desculpo-vos pela recordação dos que me fizerão os vossos antepassados. Vêde qual he mais honroso? Ser Judeo, e obter premio por merecimento proprio, ou ser illustre, e desculpar-vos por merecimento alheio? = O Fidalgo penetrado da reprehenção do Rei, pedio licença para o servir no exército do Alemtéjo, onde taes serviços fez, que veio a ser por elles premiado.

Hum Médico chamando hum Maquinista, encommendou-lhe certa obra. Depois de fallar muito em lados, arestas, angulos, elevações, secções, symetria, etc., disse-lhe: = Não vos admiraes de eu me explicar nos termos téchnicos da Arte? = Muito, Senhor (lhe respondeo o outro). Vós não me entenderieis melhor, se eu comvosco fallasse de medicina.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1817.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. V.

ARTIGO INTERESSANTISSIMO PELO SEU OBJECTO.

Em 1802 distribuio-se gratis nesta Cidade o seguinte impresso :

ANNUNCIOS RURAES

A favor da Agricultura do Reino, e Colonias, por ***

PETIÇÃO.

PEde-se aos Amadores do seu Paiz, que embarcão para as Costas d'Africa Occidental, e Oriental, ou aos que tem nellas connexões, e correspondencias mercantís, queirão por serviço de Deos, de S. Magestade, e bem commum da Nação mostrar-se prestadios, em beneficio da cul-

tura, e da abundancia, trazendo, ou mandando vir, daquellas paragens os grãos, e sementes, que neste folheto se recenseão, de plantas tão interessantes, e até agora tão pouco conhecidas, ou totalmente ignoradas, a serem connaturalizadas, e climatizadas neste Reino, e Colonias, como o tem sido pela deligencia dos Antigos, a maior parte das que fazem o objecto da sua Agricultura, e Horticultura presentemente. Será réo de apathia o que se negar, ou menoscabar, podendo, huma tão justa petição.

§. I. *Ervilhas de Judá.* Refere Marchais, que aqui se colhe huma especie de ervilhas mui singular, cujos grãos trouxera para a Europa. São produzidos por hum pequeno arbusto, que se assemelha ao da Pimenteira vermelha. Não dá flor alguma. Produz os seus grãos, ou ervilhas em hum sacco, ou bolsa, feito de huma membrana tão rija como o pergaminho, e situada por baixo do tallo entre as raizes, que administrão o sustento á planta. O sacco contém de 120 a 150 grãos, tenros, de facil digestão, e tão saborosas, como as da Europa. Principiando as folhas a amarellecer se arranca a planta com as suas raizes, e se rasga o sacco para se tirarem as ervilhas. Semeão-se passado o tempo das chuvas, e estão promptas, para serem colhidas, seis semanas ao depois. O Author julga, que podem haver muitas colheitas no anno, havendo cuidado de as regar, ao depois de semear.

§. II. *Milhos de Africa.* Em Africa, principalmente no Reino de Monomotapa, ha quatro especies de milho. O 1.° he o graúdo, que já veio a Portugal com tão bom successo, que he o ordinario pão na maior parte das Provincias do Reino. Depois que este milho se introduzio, e multiplicou em Portugal, nunca depois se experimentárão as duras fomes de outros tempos. O 2.° a que os Naturaes chamão *Mapéra inhancúro*, e os Chins *Cão-*

liam, do tamanho de munição, he do feitio de hum cajado, porque a sua espiga por grande, e pezada cahe inclinada.

He tão fecundo, que basta huma espiga para encher huma carapuça de grãos: he o mais estimado de todos, por fazer hum pão, não só muito alvo, mas muito gostoso. O 3.° he o chamado *Mapéra inhamuci*: he a sua espiga aberta, o grão do tamanho do inhacúro, e tambem mui rendoso. A folha de hum e outro he da figura do milho grande, mas mais crescida e estreita. O 4.° he o *Michueiro machavére*, cuja espiga he fechada como o painço de Portugal, mas muito maior, e tambem o grão he maior, e por isso muito rendoso. No Pará plantárão alguns Curiosos estas especies de milho, de que tiravão sem trato, ou cultura, segunda e terceira colheita da mesma seára, a que os Naturaes chamão socca, e resocca.

§. III. *Arrozes de Sena, e Quilimane.* São muitas as especies de arroz, que cultivão os Asiaticos, pela razão de ser o seu usual sustento, e pão quotidiano; cinco são as mais principaes. A 1.ª he o arroz fino: a sua cultura he muito custosa, porque onde se semêa hum anno, não se semêa no outro, sobpena de degenerar. A 2.ª casta, posto seja mais inferior, he sem comparação muito melhor que o da Europa: são taes os seus avanços, que apezar de ficar pelos campos, de o comerem os passaros, e outras contrariedades, de tres *panjas* (medida daquellas partes, maior que o nosso alqueire) colhem-se regularmente 550 *panjas*. A 3.ª a que chamão *Munição*, por ser redondo, dá-se bem em toda a terra propria para arroz. A 4.ª chamada *Inacueira*, he maior, e mais crescido que o *Munição*, e arremeda alguma cousa o melhor da Europa. A 5.ª se chama *Inhamarrimba*, e arroz de farta velhacos, assim chamado por ser em quantidade, como por ser mui crescido. Este arroz merece a primeira attenção, porque he o re-

medio dos pobres, facilima a sua cultura, e excessiva a sua producção: o seu grão tem a grandeza de hum pinhão descascado. A 6.ª especie he o *arroz de pragana*: dão-se seáras muito abundantes, e extensas no rio das Amazonas, (tambem no Paranna, e Paraguay) que em muitas paragens nasce por si mesmo, como em outras a herva, e o feno. Faz-se muito depressa, e com a mesma amadurece este arroz, de sorte que apenas espiga, e deita as barbas, em oito dias amadurece: he mais miudo que o de Veneza, e tem praganas, semelhantes ás da sevada: he ordinariamente vermelho na parecença, mas faz-se tão alvo como o da Europa, misturando com elle algumas camizas de milho nos pilões, quando se descasca, e esfregando-o bem quando o quizerem cozer.

N. B. *Merecia ser transferida esta especie para as margens dos rios alagadiços, e paúes de Portugal, e substitui-la a outras plantas inuteis, que nascem por estas paragens.*

§. IV. *Grammas.* A Jamaica abunda de differentes especies de grammas, assim naturaes, como forasteiras, de excellente qualidade: das primeiras se faz, seccando-as, hum feno muito excellente, mas não em grande quantidade, pela razão dos habitantes se terem felizmente acostumado á cultura de duas especies de gramma artificial, ambas summamente estimaveis, que produzem com profusão pasto ao gado. Huma he chamada *Gramma de Escocia* (Scoths Grass), que nasce espontaneamente em muitos alagadiços, e terras enxarcadas das Indias Occidentaes: cresce á altura de cinco para seis pés, com articulações succulentas, e com huma vegetação mui rápida. Hum acre desta planta sustenta todo o anno cinco cavallos, dando-se-lhe de ração diaria cincoenta e seis arrates; segundo *Edward's History of the Wests Indies. Book.* 1. *p.* 197. Esta gramma trouxe este nome de Scotland, districto de Bar-

badas: médra em todos os lugares baixos, e pantanosos, e pelos rios salobres. Planta-se pelas suas articulações, pondo-se em cóvas distantes entre si dois pés e meio. Passados seis mezes da sua plantação, está capaz de ser cortada, e se continúa a cortar todos os mezes seis semanas ao depois, sendo a estação favoravel, e estando a terra limpa de hervas. Hum acre de terreno perto da Cidade rende em annos favoraveis 120 £ (432$000 réis), que excede ao rendimento da canna d'assucar, e de outras producções vegetaes, plantadas em outra tanta terra. (N. B. *Isto he em huma Ilha.*) Huma vez plantada, dura muitos annos, mas deve-se refazer de novas articulações em lugar das antigas, que se desarreigarem, ou enrijarem os seus troncos; segundo *Lelong. Jamaica. Book.* 3. *p.* 761.

A outra especie, chamada *Gramma de Guiné* (Guiney Grass), he contemplada em pontos de importancia á da canna do assucar. A ella deve a abundancia do gado assim o Marchante, como o Lavrador: haverão poucos mercados na Europa, que forneção carne, nem mais barata, nem melhor, que a da Jamaica. A sua introducção deve-se á seguinte casualidade. Sendo trazidas aquellas sementes da Costa de Guiné para alimento de alguns passaros dos viveiros de Mr. Ellis, Governador da Justiça nesta Ilha, morrendo estes passarros sem consumirem todo o seu provimento, sendo lançado por incúria o resmanescente em hum vallado, nasceo, e floresceo. A ância com que o gado a procurava comer, ainda quando não estava bem crescida, fez com que Mr. Ellis fosse sabedor do quanto valia aquella descuberta, e o obrigou a mandar apanhar as sementes, e a propaga-las, de sorte que agora médra, e viceja até pelas partes mais penhascosas da Ilha. *Idem Edward.* Esta gramma he parecida com a da Escocia: planta-se de raiz, estando a terra bem humedecida pela chuva, e depois de plantada, se deve ter cuidado em lhe conser-

var a terra fôfa, e limpa de raizes, até estar bem pegada. Costumão, colhidas as primeiras sementes no tempo da madureza, deitar-lhe o gado a pastar, que, sacudindo as plantas, espalhão as sementes, e a sua vegetação se accelera pelo esterco do mesmo gado. Ficando velhos os tallos, apparece a sua raiz estendida pela superficie da terra em molhos mui grandes, com as folhas curtas, e os tallos duros: tirão-se estes sem prejuizo das raizes, quando se tem indicios de estar próxima a chuva, e dividindo-se aquella em pedaços, subministra outras tantas plantas. Logo que repôntão as primeiras chuvas, recóbrão a sua primeira verdura as antigas raizes, e lânção renovos de pasmosa grandeza, e força. Cultiva-se nas terras baixas, e sêccas com maior proveito por pedaços do mesmo tronco, ou por articulações; mas nos montes, e nas partes interiores médrão muito melhor, e n'algumas paragens se vão em palha. Plantando-se nos intervalios dos quarteirões dos cannaveaes, não occupa terra, que possa converter-se em outro uso, e serve de dar palha, ou herva aos cavallos, e bois. Produz huma preciosa addição ao provimento de estrumes, e he huma salva-guarda das cannas contra a communicação dos fogos accidentaes. O tempo proprio para a plantar ao Sul da Ilha he em Setembro, ou Outubro.

Ninguem ignora quanto deve a Nação ao primeiro Portuguez, que trouxe da China hum garfo de larangeira, e o transplantou em Portugal. A elle devemos a abundancia deste saudavel fructo, e o commercio lucrativo que delle fazemos com as outras Nações da Europa. Igual dívida contrahio a Nação com o que da Persia trouxe o pessegueiro,

Melhor tornado no terreno alheio,

E com o que introduzio a cultura do milho da Africa. Porque não ambicionarão a mesma glória aquelles que estão no alcance de introduzir, e naturalizar os grãos, e as sementes resenceadas neste Artigo? Os Portuguezes antigos não erão mais amigos da sua Patria, não desejavão mais o bem da sua Nação do que os modernos Portuguezes. Hum Benéfico Soberano, que não deixa sem louvor o zelo, do que desbasta os animaes damnosos á agricultura, não deixará sem prémio, o que procurar augmenta-la, introduzindo nova riqueza, e nova abundancia em Portugal. He para despertar aos beneméritos da Nação estes honrosos sentimentos, que neste Jornal se reimprime a rogos de hum verdadeiro Patriota esta Petição, que tanta honra faz ao seu Author.

POESIA.

(Artigo communicado.)

ALCIPPO DURIENSE

A

DORINDO BARCINO. (1)

EPISTOLA.

A TI, que não te offendes, meu Dorindo,
D'excéssos d'amizade, faltas minhas,
Mas faltas que me são, que te são cáras,
E a quantos bem se estimão, que só pézão,
Aos que profanão da amizade o nome,
Ou liga apenas casual commercio;
A ti saudoso amigo, a ti que sempre
Caro á minha alma, quanto eu caro á tua,
Terna candura apreciar soubeste;
A ti saudoso amigo, que me vingas
De profanos a quem amei perdido,
Por quem sincero de prazer banhado
Pylades novo me off'recêra aos golpes
De dûro sacrificio: a ti Dorindo
Eu mando o coração, meus versos mando.

(1) O Senhor Diogo Maria de Gouvêa Pinto, patricio, e particular amigo do Author.

Deidades dos mortaes, dos que sensiveis
A' branda sympathia, ao laço eterno,
Que rege as almas, que a materia rege,
A celeste amizade, o Amor celeste;
Deidades dos mortaes, deidades minhas,
Tinhão-me n'alma diffundido o nectar,
Porque a existencia se nos faz preciosa,
Ou que antes nos demostra que existimos,
Armia, aquella a quem o Doiro ufano
Corre a beijar as melindrosas plantas,
Quando na praia a branca areia piza,
Armia, por quem pulso a argentea Lyra,
He de meus fógos o suave emprego.
Tu és, caro Dorindo, da amizade,
Objecto precioso, desde o berço.
Unidas n'huma só as almas nossas,
Inda talvez seremos apontados,
Fiel modêlo de fiéis amigos.
Mas de Armia gentil, de ti ausente,
Que acharei, que me adoce o fel da vida?
Da amizade corri aos doces braços,
E se ás vezes frustrei minha esperança,
Não baldei sempre meus ardentes votos.
Ferreira (1) deparei, com quem gostoso
Passo junto ao Mondego amenas tardes.
Alli tambem aonde Castro, a bella,
He fama que viveo, onde inda agora
Do pranto della pura fonte corre
De seus amores conservando o nome,
Alli Ozorio (2), caro a Phebo, ás Musas,

---

(1) O Senhor Bacharel Joaquim Ferreira Real, Amigo do Author.

(2) O Senhor Doutor José Maria Ozorio Cabral, Amigo do Author.

Thesoiros me franqueia em sons divinos,
Com versos immortaes ambos m'encantão,
E adoção o pezar da ausencia tua,
E da ausencia d'Armia: ah se o destino
Comtigo aqui viver, viver com ella,
Brando me permittisse, eu não quizera
Da sorte nada mais, fôra ditoso.
A Natureza, que investigo e estudo,
Prazeres não vulgares me franquea;
Em quanto o povo néscio treme absorto
Aos éccos do trovão, que inflamma os ares,
Eu com Francklin audaz os ares subo,
E em vez de vêr alli de Jove as iras,
Que a mesma terra, que creou, ameaça,
Effeitos vejo só, que se succedem
A's leis geraes, que a Natureza regem.
Subo com Herschel inda além d'Arcturo,
Milhões de Sócs encaro, e novos mundos,
Semeados no espaço sem limites.
Mostra-me Newton essas leis eternas,
Que estes mundos governão em seus gyros,
Reconheço meu Ser, creio-me hum Nume. . . .
Mas se do immenso espaço eu volto os olhos
Sobre este Ponto, que habitamos, breve
Em mil objectos, que nos são pequenos,
Da Natureza reconheço a dextra.
Em mil combinações girando sempre
Não caduca materia, aos entes vários
Mil propriedades, e mil fórmas presta.
Tu, pasmoso phenomeno, tu vida,
E's mais brilhante, e mais fugaz que todos!!
Ah que doce não he, Dorindo caro,
Estes objectos prescrutar cuidoso!
Desde o lichen rasteiro, desde o musgo

Até ao homem, que dá Leis á Terra,
Vêr progredir, perfeiçoar-se a vida,
Que gera, que mantem puro oxigenio
Foco de sensação, porção ethérea!
Deixa, deixa Dorindo, ao vulgo rude
Frívolos gostos, insensatas glórias.
Philosopho comtigo entrar eu quero
Das Sciencias o alcaçar magestoso.
Das Musas, de quem pulsas aurea Lyra,
Inda são estas vozes, que te envio.
Amor, de quem a gloria e mimos cantas, (1)
Ha de em meus versos assoprar seu fogo.
Elle he quem une entre a materia toda
Molécula e molécula, he quem rege
Nesses espaços os rolantes globos,
E as lindas flores para as flores vérga,
E chama os animaes ao gosto, á vida.

---

(1) Empedocle disoit que l'Univers avoit été arrangé par deux forces, dont l'une etoit l'Amour φιλότης; l'autre la discorde νεῖκος. (Attracção, Repulsão.)
Lametherie Theor. de la Terr. T. 3. p. 18.

DORINDO BARCINO

A

ALCIPPO DURIENSE. (1)

Resposta.

TRouxerão-me teus versos, caro Alcippo,
Hum não sei que, doçura tão suave,
Que p'ra gozala pressoroso corro
A lêlos muitas vezes. Essa idéa,
Que fórmas grande do teu caro amigo,
Tão vaidoso me faz, tanto me enleva,
Que expressar-to não sei: quizera a Lyra,
Que lá junto ao Mondego altivo pulsas
Para em sons como os teus vangloriar-me
Da pureza, que fazes de meu peito.
Não te enganas, Alcippo, em teus juizos,
Fiel amigo me acharás té á morte,
Qual tenho que heide achar-te. Almas vulgares
Ignorão da amizade o preço augusto.
Desde a infancia ligados nossos peitos
No vínculo mais puro . . . ousado attesto,
Que poucos saberão desta Arte amar-se.
De nossos dias infantís té agora . . .
Que saudade me fazem esses dias!
Tempo, que tudo estragas, não mos roubes

(1) O Senhor José Pinto Rebello de Carvalho.

Da lembrança se quer, já que os não gozo.
Quantas vezes, Alcippo, nessa idade
Corremos ambos do Amial nas margens
A caçar os incautos passarinhos!
Inda a perjura Alcippe, a falsa Anarda
Teu coração não tinhão golpeado!
Inda da tua Armia, que hoje adoras,
O poder ignoravas. Ah! Marilia,
Os teus olhos gentís, os teus sorrisos,
Tambem no peito meu não tinhão feito
O estrago, doce estrago, que tem hoje!
Depois, Alcippo, que Marilia bella
Do nosso claro Têvora nas margens
Minha alma enfeitiçou, não sei que sinto,
Que quanto não he ella me enfastia.
E a desgraça não quer que junto della
Passe meus dias, só assim ditosos;
A Fortuna tambem de ti m'ausenta,
E não me resta mais do que a saudade.
A nossa Villa que foi bella outr'hora,
He hoje quasi solidão, a sorte
Parece conjurar-se em destruíla.
Seus campos, suas arvores, e Nymphas,
Quaes n'outro sitio o Doiro não esmaltão,
Não a defendem d'hum destino acerbo.
Barcos (1), hoje não he quem d'antes fôra...
Mas graças a teus versos, caro Alcippo,
Que elles hão de illustra-la, (e não me engano,)
Como Pindaro audaz illustrou Thebas.
Mas em quanto não vens nestas Ribeiras
Pulsar a grande Lyra, ou doce flauta

---

(1) Barcos, Villa na margem austral do Doiro, sobre o Távora, e Thedo, patria do Author, e do seu Amigo.

Fazer soar entre estes arvoredos ;
Em quanto do Mondego sobre as margens
Outros Amigos te entretem , te escutão ,
E te recrêas estudando arcanos
Da augusta Natureza . . . ah ! não te esqueças
Do teu Dorindo , manda-lhe teus versos ,
Ou d'Amor cantes , ou d'Amor suspires . . .
Da-me em teus quadros , portentosos quadros ,
Altas lições de Fysica sublime ,
Que eu nellas absorvo a essencia minha.
Porém de tudo quanto estudas, nada
Enche meu coração , qual o recrêa
A Sciencia das plantas : quantas tardes
Te via , quando passeámos juntos,
Entreter c'huma flor , delicias tuas !
Não me negues os versos promettidos ,
A ellas consagrados , lendo-os inda
Julgarei que te escuto : nestes prados
Quando flores achar belleza e graças ,
Gozarei de Marilia , Cópia dellas.

Aos Annos da Illustrissima Senhora D. M. J. A. D., no 1.° de Maio de 1815.

SONETO.

,, Alçai, Musas, alçai a voz sonora,
,, Marilia engrandecei: . . .
,, Em cujo repousado casto peito
,, As formosas Virtudes se assentárão,
,, Quando dos Ceos baixárão;
,, Natura por mostrar quanto podia
,, Por nosso espanto a trouxe á luz do dia. ,,

Elp . . . Dor . . .

,, DEPÕE a foice, que fulmina estragos,
,, Que as penhas gasta, que os mortaes enfia,
,, Depõe; assim me apraz (Jove dizia
,, Ao velho Tempo, que suppera os dragos.).

,, Os mesmos Numes dos Estigios Lagos,
,, Ou Furia, ou Parca, ou cruel Arpia,
,, Depondo o seu furor, neste almo Dia
,, Por Marilia exaltar só tem affagos.

,, Tantas Virtudes, tantos Dotes raros
,, Não devem perecer; são mais que humanos,
,, São prendas que Eu lhe dei, são dons preclaros.

,, Por tanto a meus Decretos Soberanos
,, Só cumpre obedecer; sem mais reparos
,, Votemos a Marilia Eternos Annos. ,,

Por Elmano Eliaco.

ANECDOTAS.

As paixões, ainda as mais lícitas, quando são exaltadas, não deixão de produzir desacertos nos mesmos homens circumspectos, e sabios.

No tempo em que, pela exaltação do Senhor Duque de Bragança ao Throno, a Hespanha fazia cruel guerra a Portugal, hum Sacerdote Portuguez dizendo Missa na Igreja de Santo Antonio em Roma, ao começar o Introito, conhecendo pela pronúncia que o homem, que se dispunha a ajudar-lhe, era Hespanhol de Nação, voltou-se para o lado direito, e começou de novo o Introito. Vendo que o Hespanhol teimava em responder-lhe, disse-lhe muito enfadado: = Não fallo comtigo =, e chamando hum Italiano rogou-lhe, que o ajudasse á Missa, pois não queria que as suas fallas se encontrassem com hum inimigo da sua Patria. =

Outro pelo mesmo tempo, ensinando Geografia em Roma, passava em claro o Reino de Hespanha. Sabendo-o o Pai de hum dos discipulos, lhe perguntou a razão; ao que respondeo: = Eu não sou homem, que ensine a meus discipulos huma maldade. =

LISBOA: Na Impressão Regia. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. VI.

DESCRIPÇÃO

Da Igreja da Basilica de Santa Maria.

ESTE grandioso Templo, que foi em outro tempo a Sé de Lisboa, deve a sua fundação ao Senhor Rei D. Affonso Henriques. Author Portuguez teve para si, que fôra mandado edificar pelo Imperador Constantino, ou por sua Mãi Santa Helena, persuadido da antiga construcção do edificio fabricado interiormente com grande número de columnas, e varandas, á maneira do insigne Templo de Santa Sofia em Constantinopla, erecto pelo mesmo Imperador. Outros crêrão, que tinha sido a Mesquita maior dos Mouros, e que o Senhor D. Affonso Henriques, quando ultimamente lhes ganhou Lisboa, a mandára purificar pelo Bispo D. Gilberto. Porém de escripturas authênticas se mos-

tra, que aquelle primeiro Monarca Portuguez mandára fabricar este Templo desde os alicerces, para cabeça, e residencia Metropolitana, dedicando-o ao culto de Maria Santissima, onde logo estabeleceo, e collocou por Bispo a D. Gilberto, e este nomeou Cónegos.

Passados 197 annos, no anno de 1344, hum espantoso terremoto arruinou a Capella-Mór. O Senhor D. Affonso IV., que então reinava, acudio ao seu reparo, mandando-a reedificar com magnificencia, e elegendo-a para depósito do seu Régio Cadáver, e da Rainha D. Brites, sua Mulher.

Esta Capella-Mór ainda foi arruinada pelo terremoto de 24 de Agosto de 1356, e raio, que sobre ella cahio; cuja ruina mandou reparar o Senhor D. João I. com real munificencia.

Ultimamente pelo terremoto do 1.º de Novembro de 1755 padeceo huma quasi total ruina, cahindo-lhe a cúpula do zimborio, a torre do relojo, e parte da abobeda da parte do mar, e alluindo-lhe algumas paredes, e arcos. A suppressão de varias Capellas, cujos rendimentos se applicárão para a reedificação da parte arruinada do Templo, o restaurárão; tornando o seu interior mais bello e magnífico. As columnas toscas, e corcomidas do tempo forão cobertas de estuque, e ennobrecidas com bases, e capiteis doirados da Ordem Corinthia; as abobedas, e arcos com molduras, e ornatos em relevo, e pinturas análogas á Invocação desta Santa Basilica; os Altares, lados do cruzeiro, e sobre porta da escada do Coro com primorosos quadros do mimoso pincel de Pedro Alexandrino de Carvalho: restaurou-se igualmente o adro, e o desenho do frontespicio deste Templo, coevo da Monarquia Portugueza, he o que se vê em frente.

Na entrada principal se acha huma lápida mettida na parede em caracteres góthicos, com huma traducção em

P. A. Cavendaspin. Fran. Tillo sculp.

latim em outra lápida fronteira, pela qual consta, que fôra feita aquella traducção no anno de 1654, e que contém como esta Cidade de Lisboa foi tomada aos Mouros em 1147 em dia de S. Crispim.

A Capella-Mór he grandiosa, e os Officios Divinos, que alli se celebrão, são huma imitação dos que se fazem na Igreja de S. Pedro em Roma, Capital do Mundo Christão. Do lado do Evangelho se vê o túmulo do Senhor Rei D. Affonso IV. lavrado em marmore, com huma figura em cima representando a Fama com a trombeta, que este valoroso Monarca ganhou na batalha do Salado, hum dos mui limitados despojos, que só quiz receber pelo poderoso auxilio, que levava a seu Genro ElRei de Castella: eis a sua inscripção:

Hæc Tuba, quam Mauris Alphonsus nomine quartus
Abstulit, ut fama primus in orbe foret.
Dum resonat Regem, partumque à Rege triumphum,
Alphonsum ad famam surgere, voce jubet.

Do outro lado está outro túmulo, que encerra os despojos vitaes da Senhora Rainha D. Brites, sua Mulher.

Esta Santa Basílica possuio o corpo inteiro do Martyr S. Vicente, Padroeiro de Lisboa; que ainda hoje possue os restos, achados entre as ruinas do terremoto de 1755, e que em hum cofre se expõe á veneração dos Fiéis no seu dia; e Padroeiro do Algarve, onde fôra martyrisado, e achado o seu corpo; cujos restos se conservão na sua Capella no Cruzeiro da Igreja da parte da Epistola. Em memória dos dois corvos, que acompanhárão o corpo deste Santo no Navio, que o conduzio, (facto cuja veracidade se attesta pelas Armas desta Cidade, que representão este Navio com hum corvo á pôpa, e outro á prôa,) em

hum recinto por detrás da Capella Mór se conservão sempre dois corvos.

Na escada do Coro se venera a cruz, que Santo Antonio de Lisboa imprimíra na pedra ao leve toque do seu dedo, quando Menino do Coro desta Sé procurou com aquelle signal afugentar o demonio, que pertendia tenta-lo.

Neste grande Templo sendo constituida a Sede Episcopal de Lisboa desde 1150, passou no reinado do Senhor Rei D. João I. a Archiepiscopal no anno de 1394, e foi seu primeiro Arcebispo D. João Annes: porém pertendendo o Senhor Rei D. João V. dividir a Cidade de Lisboa, e por conseguinte o seu Arcebispado em duas Dioceses, alcançou do Papa Clemente XI. a Bulla Aurea de 7 de Novembro de 1716 pela qual ficou esta Sé com o titulo de Arcebispado Oriental. Depois pela Bulla do Papa Benedicto XIV. de 13 de Dezembro de 1740 se abolio o titulo de Sé, e se condecorou com o nome honorario de Santa Maria; extinguindo-se juntamente não só a Dignidade Archiepiscopal, que se unio ao novo Patriarchado, e Metrópole de Lisboa erecto na antiga Capella Real, mas ficárão supprimidas as Dignidades creadas em virtude da Bulla de 1716. Por outra Bulla do mesmo Pontifice de 14 de Julho de 1741 se erigio neste Templo huma nova Basílica Patriarchal, que teve princípio em 18 de Novembro de 1742.

A's Capellas instituidas pelo Senhor Rei D. Affonso IV. pertencem 24 Merciarias, 12 para homens, e 12 para mulheres, com obrigação de assistirem de manhã e de tarde aos Officios Divinos, rezando pela alma deste Soberano, para os quaes Mercieiros se edificou hum Hospicio contiguo.

Mui devotas Imagens, e Confrarias respeitaveis fazem o singular adorno desta Igreja: a sua enumeração se póde vêr na Corogr. Portug., e no Mapp. de Portug.

He da torre da parte do norte, que foi precipitado o Bispo de Lisboa, D. Martinho, Hespanhol de Nação, por pensar o Povo, que o precipitou, que, o subir á torre, e tocar com o sino a rebate huma tão distincta Dignidade, era em favor do Conde Andeiro, a quem D. João, depois o 1.° do nome, acabava de matar no Paço na Presença da Rainha D. Leonor de quem era privado, com o receio de que huma tal privança fosse funesta á Monarquia, favorecendo o partido de D. Beatriz filha da Rainha, e mulher de D. João, Rei de Castella, pelas pertenções que tinha á Corôa de Portugal.

POESIA.

A' Morte do excellente Poeta Dramático Antonio Xavier Ferreira de Azevedo.

EPICEDIO.

Perdu pour ses Amis, il vit pour l'Univers,
Nous pleurons son absence en repetant ses vers.
Saint-Lambert. Saissons. Cant. IV.

Oh Musa do Drama, caia a florente grinalda,
Que a testa te exorna; lugubre veste te envolva!
He morto Aonio, Diva, não mais sobre a Scena
Tu has de, a seu lado, palmas dos Lusos, e pranto
Obtendo, extorquindo marchar erguida a cabeça!
He morto Aonio! sôa do Téjo nos campos!
He morto Aonio! sôa do Téjo nos montes (1)!

---

(1) Illum etiam lauri illum etiam flevere Myricæ
Pinifer illum etiam, sola sub rupe jacentem
Menalus, et gelidi fleverunt saxa Licæi.
Virg.

He morto Aonio ! sôa nos ermos , nos bosques ,
E em campos , em montes , em ermos , bosques as Ninfas
Com brado universo , he morto Aonio ! sôão.
Em torno das cinzas , que a fria lápida fecha ,
Aljava despejão , quebrão pungentes virotes
Trefegos Amores ! Ceos ! como em mórbida relva ,
Túrbido o semblante , banhados olhos em pranto ,
Sentadas as Graças chórão seu Vate mimoso !
Não ousão a vista fixar na Lyra dourada ,
Que o Genio de Lysia entre festões de amarantho
Deixou pendente ao louro , que sombras inclina
Piedoso ao jazigo ! oh quem mais digno do que elle
De eterna saudade ! Mal lhe raiára na mente
Razão luminosa , por seu contou-o Virtude ,
A pura amizade ! foi , de Minerva no trilho ,
Romper do Estudo as Balsas , abrindo caminho
Aos hortos de Sophia ! ante os altares da Diva
Com ávido ouvido bebeo lições portentosas ;
Palpou meravilhas , altos arcanos devassa ,
Ignotos ao vulgo , só ao Filosofo abertos ;
Das cousas origem , essencia , nexo , mudança ;
Que espirito influa moto na maquina immensa ,
Da luz , da sombra a causa , das Quadras o effeito ,
Porque ardão os raios , porque o tufão se desfrêa ,
E a chuva em torrentes desça dos ares á terra ;
Que mão portentosa , déstro pincel manejando ,
Matiz das flores brote , reveze cambiantes
D'Aurora , que toma do frio Bóreas nome ,
Do mar os productos , entes , que immensos encerra ,
Quadrupedes , Aves , que terra , e ar incolisão ;
E , em si resumindo quantos portentos notára ,
O homem contempla ; como ao ferir dos objectos
Subito lhe surjão na mente innatas idéas ,
Qual brota das cordas encantadora harmonia

Se de Bomtempo os dedos florêão ligeiros (1)
Cimbalicas teclas! qual inda sócio das féras
Nas selvas fôra, como, sahindo das selvas,
Cidades funda, cultos abraça diversos,
Diversas linguas falla, costumes varia,
Tímido, soberbo, benigno, bárbaro, forte,
Entregue ora ás Artes, ora votado a Bellona;
Do pó sahindo Imperios, Républicas, Reinos,
Ilion, Carthago, Roma! por ferro inimigo,
Ou por civil discordia ruindo do cume
Républicas, Reinos, Imperios! tal do lodoso
Paul se levantão exhallações, que, feridas
Dos raios de Phebo, vão pelos ares desfeitas!

Harpago se enfuna, quando nos cofres encerra,
Producto de crimes, ouro que á luz não retorna:
Consola o Guerreiro vêr, da existencia no termo,
Florindo lhe em roda louros, que o sangue regára
Já seu, já dos outros: nem pelos Divas se troca
O Rei que aditára de huma Provincia, de hum Reino
Bárbara conquista! mas que mesquinha do Vate
Tal glória aos olhos! só do Parnaso as veredas,
Castalidas Fontes, Prados, que rega Hypocrene,
Choreas das Ninfas, vêr dos Pastores os jogos, (2)
E ornar a Virtude de magestosa harmonia,
He seu prazer, seu gosto! De Aonio forão
Gostos, e prazeres!. Oh! quantas vezes o vimos,

---

(1) Antonio Domingos Bomtempo, célebre Portuguez conhecido pelo primeiro Tocador de Piano-forte, que tem actualmente a Europa.

(2) Me doctarum hæderæ præmia frontium,
Nympharumque leves, cum satiris, chori
Secernunt populo.

Horat. Od. 1.

Em chammas o Estro, pulsando a Cythara Lusa,
Cantando de Amores, embrandecer os penhascos!
Nunca saudosa trinou tão doces queixumes
Branda Filomela! Tal, Bertinoti, teu canto (1)
Com mago feitiço reina em Ausonia Scena!
Mas Barbiton Theio, solpha do Alceo de Venusa.
De Elpino, e Filinto tanto nos versos subíra,
Que par lhe não sofrem! Rápido o Genio corre
A espaço intentado. Mancha do patrio brilho;
Hum cáhos de absurdos, onde razão naufragava,
Sem arte, ou costumes, eras, oh! Luso Theatro!
Bradava debalde, só de Moniz escoltada,
Melpomene em pranto, em vão clamava Thalia,
Bárbara Ignorancia, torpe Avareza fechando
A's Musas entrada, só franqueavão a Scena
A informes monstros, parto de mentes sem ciso!...
Aonio chega, com elle a Ordem, o Gosto!
Affecto eloquente, pura dicção, culta phraze!...
Urbano gracejo com invenção creadora,
Adejão-lhe em roda, em aureos cofres lhe offertão
Os dons de Thalia, ou de Melpomene os mimos!...
Déspota das almas, o novo Schiller marchando (2),
Já de hum, já de outro os tira, prudente os enlaça,
E solta os Portentos, que o Téjo em extase admira!

Qual mar que irado muge sobre aspera costa,
Qual densa Floresta, se o rijo Boreas rompe
Com sibilo as folhas, amplos Theatros retumbão
De applausos, de vivas, com que apinhado Congresso

---

(1) Thereza Bertinoti, Cantora Piemonteza, e a mais perfeita Artista, que até agora se ouvio no Theatro de Lisboa.

(2) Célebre Poeta Dramático Alemão.

Seu júbilo exprime! Quem ha que ao pranto resista
Se em mísero peito lútão Dever, Natureza? (1)
Victima dos ferros, que, ímpio, lhe aperta o caprixo,
Se a voz de Wilcester emprega Amor, e reclama (2)
Jus, que lhe denegão leis arbitrarias, duras?
Bárbaro Ciume, parto do Phlégeton negro,
De aspides toucado, de ferro, e fogo na dextra,
Quão féro atormentas duas mimosas Beldades! (3)
Thames, que nascendo, Thames, que as viste gemendo,
Por ellas o Téjo em prantear te acompanha!
Inda de Zulmira retumbão echos nos ares, (4)
Inda me parece, de enthusiasmo accendida,
Torres, que a retratas, como em belleza, em affectos!
Gaussin moderna, Torres, que déspota imperas
Com voz, com gesto, com pranto e rizo nas almas! (5)
Tácito decorre frio temor pelas veias,
As faces descórão, quando sensivel humano, (6)
Conscio de antigos erros, a si não perdoa,
E em meio de applausos, com que a Virtude lhe exaltão,
Vê torvo Phantasma, que a delirar o constrange;
Kotsebue, tu mesmo, quadro tão nobre applaudiras! (7)
A vida, e o sangue votar á Patria querem,
Se Palafox ouvem, peitos de brio animados! (8)
Assim de Esparta outr'ora Guerreiros ardêrão

---

(1) Dever e Natureza, Drama de Antonio Xavier.
(2) Sophia e Wilcester, Drama do mesmo.
(3) As Duas Inglezas, Drama do mesmo.
(4) Zulmira, Drama em verso do mesmo.
(5) Seria injustiça tratando dos Dramas de Antonio Xavier não elogiar os talentos da Actriz a Senhora Marianna Torres, que tanto os fez sobresahir.
(6) A Sensibilidade no Crime, Drama do mesmo.
(7) Kotsbue, Poeta Dramatico Alemão.
(8) Palafox, Drama de Antonio Xavier.

Em marcio fogo, quando Tirteo descantava!
Que vívidos rasgos! que negros traços despede
Pincel, que na dextra justa vingança lhe rege!... (1)
Mas se da, que ao erro firme resiste, Virtude (2)
A imagem traçava, que perspectiva brilhante?...
Quão ledas as tintas, e quão suaves os toques!...
Ah! quem as pizadas de Hermenegildo seguindo,
Mundanas vaidades não abandona, e prefere
Dever ao Sceptro, Reino celeste ao terreno!
Bárbara, de quanto, Morte, fraudaste do Téjo
A glória, brilho! Tu que, tyranna, não poupas
Mérito, Sciencia; tu que derrubas de hum golpe
Roble corpulento, flôr purpurina da rosa,
Achiles briosos, ou simulados Ulysses,
Do Vate tornaste a Aurora lúcida em Noite!...
Nos bosques do Pindo soou das Musas o brado
Flebile, saudoso, quando sua alma fulgente
De Empyrea chamma voou ao seio de Jóve!

---

(1) O Máo Amigo, Drama de Antonio Xavier.

(2) Santo Hermenegildo, Drama Sacro. As outras composições Dramaticas deste Poeta são os Dramas — A Preta de talentos — A Escrava de Mariemburgo — Eufemia e Adelaide — O Bom Amigo — As Minas de Polonia — Adeli, Drama Mágico — A Verdade triunfante, Drama Mágico — O Marido Mandrião — A Paz de Pruth — Os Monges de Toledo — Santo Antonio — Amor e Vingança — O Desertor Francez (Novo) — Acmet e Rakima — A Inimiga do seu sexo — O Divórcio por necessidade — Roberto, Chefe de Ladrões — A Mulher zelosa — Ao todo 26 Peças Dramaticas.

Entremezes. — O Eunuco — Manoel Mendes — Parteira Anatómica — A 1.ª, e a 2.ª Parte dos Doudos — O Velho Chorão — O Taful fóra de tempo — A Viuva imaginaria — O Chapéo — O Velho perseguido — Ao todo 10 Entremezes.

Todas estas Obras, que compõem hum bello Theatro Nacional estão chamando pela impressão.

Na marcha observando, por entre Globos sem conto,
A terra onde ainda, do seu cadáver em roda,
Sinceros Amigos vertião pranto amargoso,
Vio indifferente já monumentos, já louros,
Que a Patria mesta sagrava a seu grande Nome,
E invídos seus Zoilos, que de Ignorancia brejos
Com ledas Choreas, com Bacchanaes cantilenas
Delle, por extincto desafrontados corrião!
Do Mundo os applausos, ou injustiças do Mundo,
Que môntão ao Justo, quando, do barro liberto,
Espirito puro, da Eternidade o Alcácar
Entra triunfante, sacia em fonte perenne
Sede de ventura, goza dos Numes a face?

Nos lemes dourados rangem Olympicas Portas,
Abrem-se! ao encontro marchão do Luso Poeta,
Quantos decorrêrão primeiro em margens do Senna,
Em campos Germanos, ou nas Italicas Plagas
Dramática senda: Tu, Beaumarchais engenhoso,
Léssing, Aveloni, Croneghk, Monvel, Frederici!...
Em braços o tomão, cingem de eterno Amarantho
A douta Cabeça, folgão de tê-lo a seu lado!

Nymphas Lusitanas tecei florentes grinaldas,
Ornai-lhe o sepulchro, e ao som da Lyra, que pulso,
Fazei, que seu Nome, que seus louvores se elevem
Nas azas dos Hymnos até aos Ceos, em que habita.

Surgi, Lusos Bardos, surgi do frio lethargo,
Melpomene em prantos, desanimada Thalia,
Convidão, e chamão vossos talentos; levante
Scena Lisbonense a frente aos astros, e mostre
Dramas, que despertem de estranhas gentes inveja;
Com dextra profusa Natura engenho nos presta,

Alta Phantasia, rara Invenção, Sentimento,
Lingua fertil, rica de pictoresca Harmonia:
Tasso lhe invejára sons magestosos, e nella
Doce Metastasio mais doces frases terias!
Camonica Tuba retumba em echos de Maro,
Ouço Anacreonte cantar de Elpino nos Versos,
A par de Flacco marcha Garção; e lhe deve
Racine o cothurno, Goldoni o Cómico sócco!
Cânticos em tanto consagro a Aonio, filhos
De Integra Justiça, de saudosa Amizade.

De José Maria da Costa e Silva.

Satisfação aos Senhores, que se tem dignado remetter Artigos para serem inseridos neste Jornal.

APEZAR de empregar todo o cuidado na impressão dos Artigos communicados, com tudo tem-se encontrado em alguns delles faltas mui essenciaes, que muita mágoa me causão. Ellas me accusão de pouco vigilante na exacção das cópias dos ditos Artigos, ou pouco escrupuloso na revisão das provas da Impressão; mas para minha desculpa peço a quem me julgar omisso, que imprima, ainda que seja com todo o descanço, e não como eu obrigado a duas folhas de impressão por semana, e conhecerá as difficuldades, que tem a supplantar.

Entre as faltas de alguns Números deste Jornal, as que mais me mortificão, são as seguintes, que passo a emendar.

No N.° I. do Segundo Volume, pag. 4, linha 14, depois de *negrumes*, deve ler-se o seguinte: *mas então mesmo.* Estas palavras não só fazem alli falta, mas tornão mais enérgico aquelle discurso, dizendo Mr. Canning: He verdade, que algumas vezes apparecião no horisonte densas nuvens, e negrumes, mas então mesmo eu via, ou atrevidamente imaginava vêr hum raio de luz, que promettia romper as trévas, e que podia para o futuro illuminar as Nações. etc.

No N.° XXIV. do Primeiro Volume, pag. 391, linha 8, foi ommittida huma linha inteira do manuscripto: depois de *teve* deve ler-se o seguinte: o descóm-

modo de executar, e que nestes termos devião ceder em augmento do Estado do *Maranhão*. etc.

No mesmo N.°, pag. 392, linha 20, em lugar de Teixeira deve ler-se *Ferreira:* e a pag. 393, linha 11 em vez de Belga, lea-se *Belgæ;* e a seguinte linha in opinato, *inopinato*.

Agradeço aos Illustrissimos Senhores, que me advertírão destas faltas, e supplico-lhes a continuação das suas benignas advertencias.

ANECDOTAS.

Hum soldado velho, que militára em Africa, apresentou-se em audiencia a ElRei D. João II. a pedir-lhe certa mercê. Pondo-lhe os olhos reparou ElRei n'hum formoso piolho, que o soldado tinha na farda, e querendo moteja-lo lhe disse: = Vós não sois digno de semelhante mercê = E porque, Senhor? lhe tornou o velho. = Porque nem sois brioso, nem polido: trazeis piolhos, e farda rota. = Pois ahi verá V. Alteza, que se no seu serviço sómente se ganhão trapos, e piolhos, na generosidade de V. Alteza está o livrar-me de ambos estes males. = Agradou-se ElRei tanto da promptidão do dito, que logo o despachou.

Hum Bacharel solicitava hum lugar de letras. O Secretario da Repartição vendo-o sempre com çapatos mui agudos (era então moda) não tirava delles os olhos em quanto o pertendente lhe fallava; e como se visse muito importunado lhe disse huma vez: = Estou resolvido a não propôr a S. Magestade para o lugar, que pertendeis, homem algum, que use de semelhantes çapatos. = Ao que replicou o Bacharel: = Como S. Magestade não se serve dos çapatos dos Ministros, porém sim das suas cabeças, podeis sem escrúpulo propôr-me.

LISBOA: Na Impressão Regia. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. VII.

MEMORIA SEGUNDA

Sobre a extincção dos Piratas Chinezes pelos Portnguezes de Macáo em 1810.

A ACÇÃO dos Portuguezes de Macáo pela extincção dos Piratas Chinezes foi hum serviço tão relevante, e de consequencias tão vantajosas para todas as Nações commerciantes nos mares da China, e de tal honra para os Portuguezes, que a mesma Companhia Ingleza estabelecida em Macáo, na parte official, que dirigio ao Lord do Almirantado de Londres, não pôde deixar de o confessar, e de tecer devidos elogios aos que tanta parte tiverão nesta gloriosa expedição.

Apó-chá, declarado Chefe dos Piratas pelos mesmos Piratas, era homem robusto, emprehendedor, astuto, e sabio, qualidades que raras vezes se unem em hum Chi-

na. Sabendo grangear o affecto dos seus, já descrevendo a tyranna oppressão, que supportava o Imperio, consentindo no throno a Dynastia Tartara intrusa, que pertendia depôr para restabelecer a Chineza legitima; já promettendo recompensas aos que se lhe unissem; já trazendo contentes, e fartos os seus soldados, e marinheiros com as imposições de commestiveis, roubos, e saques dos lugares situados na costa maritima; tinha obtido ser considerado pelos rebeldes o unico homem capaz de restaurar a Patria. Soberbo de haver batido a Esquadra Imperial, e de senhorear-se de huma divisão de 28 embarcações de 15 a 20 peças, começou a investir os Navios das outras Nações; chegando a atacar huma Escuna Americana, que tomou, e a perseguir outra da mesma Nação, que igualmente aprisionára, se esta não se refugiasse debaixo da artilharia da Fortaleza de Macáo. (1)

Estas victorias do Apó-chá havião exaltado a tal ponto as cabeças dos Chinas, que se começárão a vêr em Cantão partidos dos descontentes, e a descubrir-se maquinações dos rebeldes. O Vice-Rei da Provincia temendo as tristes consequencias do funesto acontecimento, que ameaçava o Imperio, tratou de fazer huma Convenção com a Cidade de Macáo, a fim de se estabelecer huma Esquadra de cruzeiro, ou Guarda Costa, que foi assignada em Macáo a 23 de Novembro de 1809 pelos Illustrissimos Senhores Miguel de Arriaga Brum da Silveira, e José Joaquim de Barros de huma parte, e da outra por Son-kei-chi, Chu, e Pom, Mandarins de Nam-hay, da Casa-

(1) ,, They had even made themselves masters of a Division of the Imperial Fleet, consisting of 28 Boats carring from 15 of 20 Guns; taken an American schooner, and attacked an other Vessel of the same Nation, which would likewise have been captured, had she not sheltered herself under the Guns of the Fortress of Macáo. ,,
Extinct. of the Chines. Pirat.

branca, e Hiang-san: porêm como as estipulações, e prometimentos dos Chinas não se realizárão, e o Governo de Macáo em vez de limitar-se a hum cruzeiro determinou extinguir de huma vez os Piratas, passou a armar o maior número de navios, que pôde, nomeando Commandante desta esquadra ao Senhor Joze Pinto Alcoforado de Azevedo e Sousa, Capitão de Artilharia. A promptificação desta esquadra em tão limitado tempo, e com tão escassos meios, deve-se particularmente á admiravel actividade, e zelo do dito Illustrissimo Senhor Dezembargador Ouvidor de Macáo, Miguel de Arriaga, tão conhecido na Praça de Macáo, e pelos Chinas por seu patriotismo. Não tendo o Governo Navios proprios, nem estando provido de munições de guerra, marinheiros, e officiaes, elle com tudo em menos de cinco dias apromptou seis Navios pela sua incansavel assiduidade, e applicação a bordo dos Navios de noite, e de dia, desprezando os inconvenientes que encontrava em occupações alheias do seu ministerio (1).

Apenas ergueo ferro a esquadra buscou primeiro o seu Commandante, por meios suaves, e decorosos, reduzir o Apó-chá á obediencia do Imperador, solicitando para este fim a sua vinda a Macáo para com huma convenção amigavel terminar o negocio; declarando-lhe com tu-

---

(1) ,, On this occasion the admirable activity and zeal of the Dezembargador Ouvidor of Macáo Miguel de Arriaga, so well known in this place and by the Chinese for his patriotism were observed by every body. The Government having neither ships of their own, nor been provided with warlike stores, seamen and officers, He however in less than five days got six ships ready through his unremitted assiduity and application on board the ships night and day, disregarding the inconvenience of attending to a vocation quite different from his own. ,,

do, que se elle Apó-chá não assentisse a este convite, então pondo em prática todos os esforços de huma legitima guerra, não descançaria sem exterminar os ladrões do mar, de que elle se tinha inaugurado cabeça.

O prudente, e astuto Apó-chá respondeo a estas participações com cartas mui attenciosas, mostrando que elle não fazia damno aos Navios Portuguezes, e que o seu intento era restituir o Imperio á antiga Dinastia Chineza, e se elle Commandante Portuguez lhe quizesse dar alguns Navios do seu commando para concluir esta empreza promettia de o fazer Mandarim de duas ou tres Provincias da China, quaes escolhesse. Eis algumas das ditas respostas.

Illustrissimo Senhor José Pinto Alcoforado de Azevedo e Sousa.

Tenho visto a Carta, ou Chapa de V. Senhoria, o que nada me assusta. Eu estou prompto a fazer a paz com os Portuguezes, com tanto que elles não entendão comigo, que eu tambem não entenderei com elles; em quanto com os Chinas, isso nunca farei, ainda que V. Senhoria me assegure tudo, e diga o que quizer, que eu não estou para nada do que me manda dizer; só o que tenho relatado acima nisso não terei dúvida alguma, e quando V. Senhoria queira este partido, póde retirarse para Macáo, e mo mandará dizer para eu não entender com os Navios Portuguezes, nem embarcações de qualidade alguma dessa Nação. A 18 de Dezembro de 1809.

Cabeça Apó-chá.

Carta de Cam-Apó-chá, Cabeça dos Piratas dirigida ao Commandante em Chefe da Esquadra de Macáo.

,, Illustrissimo Senhor Commandante.

Vem chegando o fim da estação do anno corrente para se dar principio á estação do anno vindouro, em que tudo ha de ter huma nova fórma, e apparencia. Hontem recebi huma Carta sua muito persuasiva, e por ella mostra o dezejo de ver a minha assistencia em Macáo; fico por isso summamente agradecido á sua Pessoa por tão singular obsequio, e estimação, com que me ama como a seu menor Irmão. Digo-lhe pois que como me acho sobre os mares á maneira de centro de hum Reino, no meio do qual empunho o sceptro do Poder Soberano para governar, e reger a todos os que estão debaixo da minha jurisdição, como tambem para destinar a maneira de Officiaes e Soldados para qualquer parte a que pertendo envialos a meu arbitrio, e com isso me embaraço muito, pois que não he pequeno negocio o Governo de hum Reino, motivo manifesto porque não posso agora fazer completo o dezejo que V. Senhoria tem. Se ao depois houver opportuna occasião certamente hei de aproveitar-me della para restaurar, e possuir as terras deste Orbe, e Imperio, e então completos serão os meus dezejos, e merecimentos, pois lhe digo ingenuamente que isso he o principal entre todas as cousas, que se me offerecem. Actualmente tenho muitas Embarcações, mantimentos, e tudo o mais que he necessario para o ordinario uso, nada me falta, tudo tenho assaz bastante para serventia de muito tempo. Como V. Senhoria, meu Mano, na realidade me ama, mandei por isso escrever esta, a fim de que por meio della possa fazer sciente a

V. Senhoria do ânimo com que estou, e ao mesmo tempo rogo a V. Senhoria me queira dar inteiramente quatro desses Navios armados, que tem debaixo de si, para eu fazer uso delles como designo, e por meio do seu adjutorio poderei restaurar as terras do Imperio. Esteja V. Senhoria na certeza que restauradas, e possuidas que fórem todas essas terras do Imperio debaixo do meu poder, eu darei certamente a V. Senhoria, meu Mano, a escolha de duas, ou tres Provincias deste Imperio, quaesquer que V. Senhoria quizer, segundo o seu arbitrio, pois asseguro a V. Senhoria, que não usarei de dolo no cumprimento da minha promessa, porque sempre hei-de lembrar-me dos favores recebidos: se por acazo não me poder dar agora os Navios, que lhe peço, por se acharem embaraçados, seja então como V. Senhoria, meu Mano, quizer determinar.

No presente tempo ha muitas pessoas que nos exhortão a render vassalagem, mas debalde. He de notar que o Imperio da China não pertence á actual Dynastia para se ostentar como Senhor, e Monarca: não he necessario dizer mais cousa alguma sobre isso; todos o sabem. Tendo eu esta Esquadra com a diviza da Bandeira encarnada me esforçarei sempre em procurar meios, com que possa restaurar, e possuir as terras deste Orbe, e Imperio; de mais posso assegurar que não procuro paz por meio de vassalagem para ter socego, e pôr fim a tudo que se espera de semelhante resultado.

Eu o Grande General tenho determinado se promptifique sem demora a minha esquadra, para que dentro de poucos dias se encaminhe para a boca do Tigre, a fim de bater a esquadra dos Mandarins. Ainda ha outros assumptos de que pertendo dizer a V. Senhoria; porém não lhe mando escrever agora, basta o contheudo desta para vêr o Senhor Commandante em Chefe do Grande

Navio de Duas Batarias, ficando com isso na intelligencia do meu animo declarado. Ki-chû = Anno 14 a 20 da Lua 11.ª (26 de Dezembro de 1809). Lugar do Sello de Cam-Apó-chá. ,,

Desenganado o Commandante da Esquadra Portugueza, que nada obtinha por via de amigavel intervenção, começou a combater os Piratas aonde quer que os encontrava, fosse qual fosse o numero, ou forças dos seus navios. Nestes repetidos encontros nem huma só vez foi auxiliado de huma unica embarcação da Esquadra Imperial (1): tal era o medo que os Chinas tinhão do Apó-chá, que ainda apar dos Portuguezes não se atrevião a combater contra os Piratas.

Apó-chá vendo as grandes perdas, que soffria a sua immensa Esquadra, de tão poucos Navios, e que não havia Pirata, por mais destemido que fosse, que se atrevesse a arrastar hum Portuguez, determinou empenhar hum dos Navios em separado combate a fim de vêr se carregando sobre elle todas as suas forças o tomava, ou o incendiava, unico meio de alentar os seus, e diminuir o poder que o esmagava. Foi então que succedeo o facto relatado na primeira Memória de encalhar o Navio de que era Commandante o Senhor Luiz Carlos de Miranda, que assim mesmo encalhado fez immenso estrago ao inimigo, e sahio triumphante do combate.

Acossados por toda a parte os Piratas se refugiárão na bahia de Lintim, em cuja barra se formou em linha a Esquadra Portugueza. Apó-chá vendo-se sem recursos,

---

(1) ,, The Portuguese ships however fought in various encounters alone by which the enemy suffered so many great and vexing losses, that Apó-chá the most daring of the Chinese saw himself ultimately compelled to surrender. ,,

Idem.

aniquilada a maior parte das suas forças, precária a situação das que lhe restavão por falta de mantimentos, e a sua pessoa em perigo, descançando na confiança sem limites, que o Illustrissimo Senhor Miguel de Arriaga tinha adquirido pela sua constante probidade, honra, e inteireza, entregou-se á poderosa protecção do mesmo Illustrissimo Senhor, o qual pelo seu crédito, e influencia com os primeiros Mandarins, e com o Vice-Rei de Cantão, lhe alcançou do Imperador da China hum misericordioso perdão. Foi aos 12 de Abril, que na Cidade de Hian-san se leo o decreto Imperial aos Cabeças dos Piratas, perdoando a todos á excepção dos quatorze mais rebeldes, que para exemplo forão decapitados em Macáo (1). Nenhuma Nação póde negar a gloria que na extinção dos Piratas Chinezes adquirírão os Portuguezes. As suas Companhias estabelecidas em Macáo a presenciárão, e a participárão ás suas Côrtes; e a mesma Ingleza, que talvez deo motivo de inserir-se na Gazeta *The Courier* = Que os Chinas são hoje mais affectos aos Inglezes, porque conhecem que só a Marinha Britânica he capaz de exterminar os Piratas = foi a que na parte remettida ao Lord do Almirantado se expressou nestas formaes palavras: = *Estas patrioticas deligencias tem adquirido a Macáo muitas vantagens, ao Governo Portuguez gloria, e a todas as Nações commerciantes a liberdade dos mares da China. Os Chinezes se congratulão com a extinção de hum inimigo, que por mais de*

---

(1) ,, Confiding in the unlimited confidence the Minister Miguel d'Ariaga had acquired by his constant probity, honour, and equity, Apó-chá thnew him self or the powerful Protection of that Gentleman, who by his credit and influence with the higher Mandarins and the Vice-Roy obtained a merciful pardon for him. On the 12 of April an Imperial Decree to that purpose was read at Hian-san to the Heads of the Pirates. ,,

vinte annos tem continuado a opprimir os seus co-vassallos, visto que as forças Navaes Imperiaes erão insufficientes para repelir, ou destruir os Piratas (1).

Eis o que occorreo dizer mais sobre esta gloriosa Expedição, a fim de publicar os documentos, que fazem parte deste Artigo; da remessa dos quaes muito agradeço ao benemérito Cavalheiro, que com elles se dignou honrar-me, auxiliando este Periódico.

---

(1) „ From these patriotic exertions Macáo derives many advantages, the Portuguese Government glory, and all commercial Nations the fredom of the China seas. The Chinese do sincerelly congratulate themselves on the extinction of an enemy, who has for more than twenty years continued to oppress his fellow subjects, the Imperial Naval Forces being inadequate to check or destroy him. „

Idem.

N. B. Na participação sobredita da Companhia Ingleza vem mencionados os navios, o numero das peças, e a tripulação de cada hum dos que compunhão a Esquadra Portugueza, da seguinte maneira:

Nomes.	*Peças.*	*Homens.*
Inconquistavel	26	160
. . . . .	18	130
Indiano	24	120
Belisario	18	120
S Miguel	16	100
Brigue Princeza Carlota . .	16	100
6 Navios	118 Peças	730 Homens

(Artigo communicado.)

COTA,

Com que vierão os Jesuitas na causa contra elles intentada no Juizo da Corôa na Casa da Supplicação pelo Conde de Monsanto, sobre humá Quinta Reguenga de Carcavellos.

PELA Ordenação do L.° 4.° Tit.° 2.° está disposto, que em todo o caso no principio da demanda seja citada a propria parte em sua pessoa. Supposta esta Lei, e o Libello ser dado contra o Padre Antonio Freire, como Procurador da Provincia da India, cuja Procuração não lhe dá lugar para ser citado por acção nova, o deve ser em sua pessoa o Padre Provincial do Japão, que reside na Cidade de Nangasaque, que he o dono, e senhor desta Fazenda, a quem o Padre Diogo Brandão a deixou applicada para sustento dos Religiosos, que assistem naquellas partes. Pelo que o Réo nomêa por Author o dito Padre Provincial do Japão, na fórma da Ordenação L.° 3.° Tit.° 45., e pede que elle seja citado em sua pessoa.

Dando-se vista desta Cota ao Procurador da Corôa Thomé Pinheiro da Veiga, veio com a seguinte:

RESPOSTA.

POR honra dos Padres da Companhia mandem V. M.ces riscar a Cota acima; porque em nenhuma terra do Mundo haverá Rei, que tal consinta em seu Reino. Basta para este caso citar a couceira da porta dos Padres da Companhia; porque não se permitte trespassarem-se os Reguengos d'ElRei de Portugal para o dominio do Japão, e para lá ir fazer citações ser necessario a ElRei para pedir as terras de Portugal, com que alguem se levantar, mandar ao Japão, e á Tartaria, e passar Requisitorias para o Cambicio Branco, e Romayos de Nangasaque, e ir a Carta em Lingua de Guzarate, porque a nossa se não entenderá lá bem, e haver Cartas de favor para o Calancinhão mandar fazer a citação, e fazer ressuscitar a Fernam Mendes Pinto, para ir por lingua acabar essa aventura, e a João da Covilhã com os privilegios do Preste João, levando Passaportes de Haia para os encontros dos Hollandezes, com os ventos mettidos nos odres de Ulysses para a Vara de Choromandel, e Estreito de Cines, e mandar crédito aberto para toda a navegação. E se lá não cumprirem o Precatorio, ser necessario a ElRei usar das Escommunhões dos Talagrepos daquelle Barbarismo. = Veiga. =

POESIA.

ODE.

Nihil majus, melius ve terris
Fata donavere, bonique Dii:
Nec dabunt; quamvis redeant in aurum
Tempora priscum.

Horat.

Tem decorrido hum lustro, meu Dorindo,
Depois que vi seu rosto.
Tornado a vê-la já cem vezes tenho
Desde esse fausto instante...
E se o Fado me veda o contempla-la,
Consulto a imagem n'alma
Que nem dormindo se me apaga della.
Pasmo em tanta Belleza
A cada instante da existencia minha,
E visto assás não tenho.
Bem quizera pinta-la, mas Dorindo,
Nem descrevê-la posso.
Onde os pinceis, onde o cizel, as côres
Encontrarei condignas?
Junto da minha Bella empunho a pluma
P'ra descrever-lhe as Graças...
Nellas absorto desfaleço, e cahe-me
Da convulsiva dextra...
Não sei senão amar... em tanto extremo
Reconhecer he facil
O terno coração do terno Alcippo,
D'Annalia a formosura!

O D E.

Curam . . . . rerum juvat
Dulci Lyœo solvere.

Horat.

Ora vou esta vez pela primeira
Tambem aos annos meus fazer huma Ode.
Hão de ser tudo versos d'encommenda
E eu ficar *in albis ?*

Era meio Fev'reiro mesmo em ponto
Nas vésperas do Entrudo, quando as Horas
Ao Mundo, cheias de carniça, e vinho,
Os meus dias chamárão.

Parece que até aqui vai bem Felizio . . .
Porém que direi mais ? metti-me em boa !
Apósto que o *Cabral* (1) em tanto aperto
Elle mesmo encalhava . . .

Porém que disse ? não : dois consoantes
Exturgindo daqui, dalli mais quatro
Depressa o arrancárão dos cachopos,
Onde eu embico agora !

---

(1) Certo Trovista do Doiro.

E que tinha o *Cabral* com o insulso objecto,
Ou c'o a fraze, ou conceito? encruzilhando
Quatro rimas, ou seis tinha cumprido...
Ditoso consoante!

Mas eu em verso *grande*, e verso livre,
Do quadernal *zum zum* das redondilhas
Compôr huma Ode! Só por ter nascido!
Não me saio bem della!

Tudo o que vive, nasce... que mais valle
Fevereiro, ou Dezembro, ou quinze ou vinte!
Não vai, não vai ao Cabo! he triste coisa
Dia d'annos p'ra Odes.

Dá-me o pixel, Felizio, faz hum frio,
Que a metrical corrente me enrege-la:
Pobre de mim se assim ha cinco lustros
O nordeste zunia!

Enche estes cópos, enche mais aquelles
Em honra deste dia, meu Felizio,
Repete, que eu te imito, venha Baccho
Em auxilio da Musa.

Em vez dos Versos, que do assumpto fogem;
Do rubicundo vidro o som se escute...
E o fabuloso assento das regrinhas
Fique para outras Odes.

Quizera o Ceo, que d'hoje a noventa annos
Podéramos beber-lhe com fartura:
Embora as Musas nos negassem Versos
Fallávamos em proza.

Com saude, comtigo, e com Dorindo,
Sem que faltassem sonorosos cobres,
Fôra este dia para mim mais claro,
Do que qualquer de Junho.

N. B. Outras Odes que tem apparecido n'outros fóra este Jornal, com o nome do Author, não são suas, nem elle as reconhece por taes.

J. P. R. de C.

ANECDOTAS.

O Caffé he considerado por grande número de pessoas como hum específico contra a melancolia. Huma Senhora recebendo a noticia, de que seu marido tinha sido morto em huma batalha, exclamou: = Quanto sou desgraçada! Depressa, tragão-me Caffé. =

Recolhendo-se para sua casa depois da meia noite o célebre Advogado Sampaio, foi encontrado dos ladrões, que o despojárão da bolsa, relojo, fivelas, etc., apenas deixando-lhe a bengala, em que vinha encostado. Deixárão-no os ladrões, e hião já em distancia, quando fôrão chamados por Sampaio. Voltárão, e perguntando-lhe o que queria: = Quero, (lhe disse o Letrado,) que V. M.ces levem tambem esta bengala, e por duas razões: a primeira, porque tem castão de oiro, e sempre lhes serve para alguma coisa; e a segunda, para com ella me zurzirem; se me encontrarem a estas horas outra vez só por sitios ermos, e despovoados. =

N. B. No N.° III. deste anno, pag. 38, lin. 10, onde se lê vida de S. José, lea-se *vida de José no Egypto.* O painel da Coroação de N. Senhora da empena da Capella-Mór do Real Mosteiro da Madre de Deos he de Negreiros, excellente Pintor Portuguez, conhecido tambem pelo painel de S. Roque da Capella da Ribeira das Náos, e do Trânsito de Santa Thereza em Carnide. E a pag. 37, linh. 11 onde diz Religiosos, lea-se *Religiosas de S. Agostinho ao Grilo.*

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1817.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. VIII.

DESCRIPÇÃO.

Do Hospital Real da Villa das Caldas da Rainha.

O HOSPITAL Real da Villa das Caldas he hum monumento significativo da Caridade, e Munificencia dos Senhores Reis deste Reino para deixar de fazer delle honrosa menção neste Jornal.

A sua fundação deve-se ao seguinte: Caminhando a Rainha D. Leonor, mulher d'ElRei D. João II., da Villa de Obidos para a Villa da Batalha, vio, aonde hoje he a Cópa, huns pobres enfermos a banharem-se em huns charcos. Mandou-lhes a Rainha perguntar porque se banhavão, e foi-lhe respondido, que aquella agua era muito boa para várias molestias, e feridas. A Rainha que padecia de hum peito mandou buscar huma pouca desta agua, e molhan-

do-o sentio refrigério na sua molestia, do que se seguio por hum creado mandar chamar ElRei, que o encontrou onde se chama Tornada. o qual sabendo da melhora de sua Esposa voltou para trás, e em memoria disto mandou alli erguer hum padrão, que ainda hoje se conserva. Achando-se melhor a Rainha com alguns banhos que tomou, resolveo fazer neste sitio hum Hospital para os pobres, o que verificou depois da morte d'ElRei, vendendo para este fim as suas joias, e empregando as suas tenças, alcançando d'ElRei D. Manoel o fazer alli huma povoação para trinta moradores com o privilegio de não pagarem jugada, portagem, etc., nem os de fóra, que nella comprassem, e vendessem.

Indo o Senhor Rei D. João V. a esta Villa por causa da sua queixa tomar banhos, e vendo este edificio summamente damnificado, levado da sua ardente Caridade, e Real Munificencia mandou que este antigo Hospital se reformasse á custa da sua Real Fazenda; cuja obra se começou em Maio de 1747, levantando-o para buscar maior commodidade, e desafogo na altura, e tomando maior extensão de terreno para a parte do Sul, e Praça velha, do que se seguio ficar sendo hum Hospital verdadeiramente digno da attenção do amigo da humanidade, e do curioso intelligente.

A frontaria principal olha para o Poente, e he composta de dois pavimentos. O superior tem tres janellas de cada lado, e tres no corpo saliente que fórma o centro; o inferior tres de cada lado, e a porta principal com duas janellas no mesmo corpo saliente, em cujo tympano da cimalha se acha collocada huma grande medalha de marmore representando o mysterio d'Annunciação de Nossa Senhora.

Entrando-se por esta porta se vê da parte esquerda a Botica, e da direita a serventia dos dois banhos para ho-

mens, e na frente o corredor, que termina com a Casa da Cópa em cujo centro está o Pocinho, donde se tira a agua thermal para beber, e entre este e a parede fronteira se acha collocada a grande meza em que se repartem as rações dos enfermos. Nesta parede em huma grande lápida coroada do escudo das Armas Reaes Portuguezas se lê a seguinte inscripção:

Joannes Quintus
Lusitaniæ Rex vigesimus quartus
Benevolentia, et Charitate motus,
Hanc Thermarum hospitalissimam domum
Instaurare à fundamentis,
Et decentius augere jussit
Ad maius egrotantium commodum
Anno Redemptionis MDCCXLVII.
Et in triennio absoluta conspicitur:
Leonora Regina
Regis Joannis II. dilectissima Conjux,
Construxerat et ordinaverat,
Solicitè, liberaliter, et religiosè
Anno Domini MCCCCLXXXVIII.
Ambo misericordes
Ambobus Deus retribuet.
Fruere hospes,
Imitareque quantum potueris,
Et non te pœnitebit.

Ao lado direito da inscripção está a porta da Enfermaria dos homens, e do lado esquerdo a das mulheres. Do mesmo lado, fronteiro ao Pocinho, se acha a escada pela qual se desce para os dois banhos das mulheres; e entre esta, e o corredor está a cozinha do Hospital.

Tem cada enfermo que entra no Hospital a seguinte ração: hum pão de trigo de doze onças, e tres quartas

de vaca ao jantar; e á ceia outro pão, e meio arrate de carneiro, ou galinha se a necessita.

Ha neste Hospital seis enfermarias de homens com as seguintes dedicações: S. Francisco, S. Camillo, S. João de Deos, Santo Amaro, N. Senhora do Populo, e Camarotes, cada huma com seu Enfermeiro, e hum Ajudante. As enfermarias das mulheres são duas; Santa Clara, e Santa Isabel, cada huma com duas Enfermeiras, e duas Ajudantes. Tem mais huma Porteira dos banhos, e enfermarias, e hum Porteiro, que tem obrigação de fechar e abrir as portas, e tirar agua do Pocinho, e ministra-la aos doentes. A Casa da Convalescença, que foi começada pelos bens doados por Manoel de Mattos e Sousa, Commendador da Ordem de Christo, e Capitão Tenente da Torre do Outão, no anno de 1706 tem hum Enfermeiro e huma Enfermeira para os convalescentes. Nestas enfermarias entrárão no anno de 1800:

Frades	62
Avulsos	578
Conductas	244
Soldados	271
Creados d'ElRei	87
Que pagárão	4
	1$246
Freiras	6
Avulsas	590
Conductas	212
Que pagou	1
	809

Ao todo 2$055 Pessoas, das quaes morrêrão 10 homens, e 4 mulheres.

Gastou-se com o tratamento dos doentes:

Azeite - - - - - -	1 Pipa,	22 Almudes,	10 Canadas
Vinho - - - - - -	4 ditas,	21 ditos,	1 dita
Vinagre - - - - - -	1 dita,	14 ditos,	3 ditas
Pães de 12 onças - - - - - - - - -			79$420
Vaca - - - - - - - - - -		arrates	19$881
Carneiro - - - - - - - -		ditos	22$476
Cabeças - - - - - - - - - - - - - -			1$149
Arroz - - - - - - -	41 arrobas	21 arrates	
Assucar branco - - -	6 ditas,	5 ditos	
Dito mascavado - - -	1 dita,	23 ditos	
Manteiga - - - - - - - - - -			29½ ditos
Ovos - - - - - - - - - - -			2$048
Galinhas - - - - - - - - - -			215
Frangos - - - - - - - - - - -			59
Trigo - - - - - - - - - -			2$645 alqueires
Pó - - - - - - - - - - -			2$274 ditos
Rolão - - - - - - - - - - -			360 ditos
Sêmias - - - - - - - - - - -			795½ ditos

Abrem-se os banhos deste Hospital a 15 de Maio, e fechão-se no ultimo de Outubro. He prohibido admittir doentes que não tenhão molestias próprias para serem curadas pelo uso destas aguas thermaes; e para o conhecimento da propriedade da applicação he obrigado o Médico assistente a escrever nas linguas Portugueza, e Latina as suas observações em hum Livro, que se lhe entrega, a quem se não paga o salario annual sem mostrar as que tem feito no decurso do anno.

No dia 15 de Maio, dia da abertura do Hospital acceitão-se os doentes avulsos: no dia 10 de Junho os Soldados da Provincia do Alemtéjo; em 2 de Julho os da Côrte, e Provincia da Extremadura; em 24 do mesmo mez a primeira Conducta da Santa Casa da Misericordia de Lisboa; em 17 de Agosto a segunda; e em 10 de Setembro

os Criados da Casa Real. Os enfermos, que se curão por conta do Hospital, tomão os seus banhos primeiro que os de fóra; e por isso ás 7 horas da manhã já devem estar os banhos desempedidos.

O Compromisso da Rainha Fundadora foi-lhe dado em 18 de Março de 1512, e confirmado pelo Senhor D. Manoel por Carta de 22 de Abril do mesmo anno, e entregue o Governo do Hospital aos Conegos Seculares de S. João Evangelista, seguindo-se depois o ficar sugeito ao Tribunal da Meza da Consciencia e Ordens, depois das visitas ordenadas pelo Senhor D. Sebastião em 1572; porém pelo Alvará do Senhor Rei D. José de 20 de Abril de 1775, foi abolida a administração dos ditos Conegos, e reservada ao seu Real Conhecimento pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, tudo a elle concernente; e em quanto ás contas de Receita e Despeza, e mais administração da sua Fazenda, ficou pertencendo ao Inspector Geral do Real Erario pela Contadoria Geral da Côrte e Provincia da Extremadura.

Consistem as Rendas deste Real Hospital nas Jugadas de pão, e Oitavos de vinho da Villa de Obidos, e seu Termo; em todos os Direitos Reaes da Villa d'Alde-Gallega d'apar de Merciana, e seu Termo; nos Quartos dos tres Reguengos, Grande, do Chão da Perada, e de Trás do Outeiro; no rendimento da Cerca e Horta do Hospital; em o Juro de cem mil réis cada anno assentado no Real d'Agua dos vinhos do Senado; e em 314 Fóros de Prazos. O Mappa seguinte mostra o augmento que tiverão pela sábia administração do seu actual Administrador o Senhor Doutor Antonio Gomes da Silva Pinheiro nos annos de 1799 a 1801.

Mappa das Rendas do Hospital Real da Villa das Caldas da Rainha, que se tem arrematado nos annos de 1799, 1800, e 1801; do que rendião até então, e do que actualmente rendem. A saber:

	Preço em que andavão.	*Dito em que andão.*	*Augmento.*
As Jugadas de Pão da Villa d'Obidos arrematadas em 1799 - - - -	2:700$000	3:450$000	750$000
As Cadeirinhas de mãos em 1800	121$000	210$000	89$000
Os Quartos de Trás do Outeiro em dito - - - -	14$000	14$400	$400
As Terças de Ourem em dito - -	1:301$000	2:312$000	1:011$000
Os Quartos do Reguengo da Parada em 1801 - -	86$000	120$000	34$000
Os Oitavos de vinho de Obidos em dito	1:050$000	1:825$000	775$000
As Jugadas, Oitavos, e mais Direitos Reaes de Alde-Galega da Merciana em dito	1:251$000	2:705$000	1:454$000
Os Quartos do Reguengo grande em dito - - - -	300$000	500$000	200$000
Os lugares da Copa, que não se alugavão, e se arrendárão em 1799 -	211$200		
O lugar de Copeiro dá ao Hospital -	200$000		411$200
			4:724$600

Deve-se ao incansavel zelo do mesmo Administrador, e do Senhor Manoel de Andrada e Mendoça, actual Thesoureiro da Fazenda do Hospital, o bello Passeio Público, que fica fronteiro deste Regio edificio, o necessario cemiterio, e util asenha, que depois destes annos se fizerão para commodidade, e recreio dos doentes, utilidade do Hospital, e decente repouso dos córpos dos que morrem no uso destas aguas.

Compõe-se a sua Administração de huma Junta da Fazenda, de que he Presidente o Provedor, hoje o dito Administrador, e dos Deputados seguintes:

O Thesoureiro - - - - - com 280$000 de ordenado.
O Escrivão da Fazenda - - com 250$000 dito.
O Escrivão das Jugadas - - com 60$000 dito.
Hum Escripturario - - - com 48$000 dito.

Por detrás deste Hospital se acha a Igreja Matriz com o titulo de N. Senhora do Populo, cuja se conserva como fôra edificada pela sua Fundadora. Por baixo do mostrador do relogio da Torre estão as Armas desta excelsa Rainha, e no feixo das duas sineiras se vê esculpida em huma a rede, em que lhe trouxerão seu filho morto, em outra o Pelicano ferindo o peito para sustentar do seu sangue os filhos, allusão á caridade desta excelsa Senhora, que vendeo as suas joias a seu Irmão o Senhor D. Manoel para dar sufficientes rendas para sustentação dos pobres neste Hospital.

O seguinte Mappa, resultado dos assiduos trabalhos, e observações do Administrador actual, ministra aos Facultativos hum exacto conhecimento das molestias, para a cura das quaes se devem applicar aquellas aguas, a fim de não mandarem para ellas os doentes daquellas enfermidades que só tem lugar na columna dos *Mesmo*, *Peior*, ou *Morte*.

Mappa dos Doentes que entrárão no Real Hospital da Villa das Caldas em o anno de 1800.

HOMENS.	Num. dos Doentes	Estados				Mortos	De que morrêrão
		Bons	Milhores	O mesmo	Piores		
Nomes das molestias.							
Amaurosis	2	—	—	2	—	—	
Ankyloses { Verdadeira	10	—	—	10	—	—	
Ankyloses { Espuria	16	—	9	7	—	—	
Aphonia por Paralisia verdadeira	6	—	1	5	—	—	
Arthritis geral	51	25	25	1	—	—	
Ascitis	1	—	—	—	1	—	
Ascitico-Obstruidos	2	—	1	1	—	—	
Asma { Humida	1	—	1	—	—	—	
Asma { Secca	1	—	—	1	—	—	
Atheroma	1	—	—	1	—	—	
Atrophia { Venerea	1	—	—	1	—	—	
Atrophia { Por Sciatica	2	—	—	2	—	—	
Cardialgia	6	1	5	—	—	—	
Colicas { Biliosa Chronica	3	2	1	—	—	—	
Colicas { Reumathica Chronica	3	1	2	—	—	—	
Colicas { Pictonum	1	1	—	—	—	—	
Congestões Mesentericas	9	2	7	—	—	—	
Contracções Musculares { Por Suppurações	5	—	2	3	—	—	
Contracções Musculares { Por Ferida de Tendões	8	—	3	5	—	—	
Contracções Musculares { Por Luxiação	5	—	4	1	—	—	
Contracções Musculares { Por Contusão	3	—	3	—	—	—	
Contracções Musculares { Por Fractura	5	—	4	1	—	—	
Debilidade nervosa { Geral	7	2	4	1	—	—	
Debilidade nervosa { Por Queda	1	—	—	1	—	—	
Debilidade nervosa { Por Fractura	2	—	2	—	—	—	

HOMENS.	Num. dos Doentes	Estados					De que morrêrão
		Bons	Milhores	O mesmo	Piores	Mortos	
Nomes das molestias.							
Dôres: Venereas	23	2	11	10	—	—	
Dôres: Consequencia de fractura	4	—	4	—	—	—	
Dôres: De Luxiação	3	2	1	—	—	—	
Dôres: De Contusão	3	2	1	—	—	—	
Dôres: Do Canal alimentar	1	—	1	—	—	—	
Dyspepsias: Com dôr e vomitos accidos	32	14	14	4	—	—	
Dyspepsias: Com obstrucções	7	—	6	1	—	—	
Dyspepsias: Com Colica Chronica	2	—	2	—	—	—	
Dyspepsias: Com Vertigens	1	1	—	—	—	—	
Dyspepsias: Com Asma Secca	1	—	1	—	—	—	
Dyspepsias: Com Hematuria	1	—	1	—	—	—	
Dyspepto Hypocondriacos	9	1	4	3	—	1	De Typho
Dyspepto Reumaticos	13	6	6	1	—	—	
Edema de pernas	2	—	—	2	—	—	
Epilepsias	2	—	—	2	—	—	
Escrofulas: Venereas	3	—	3	—	—	—	
Escrofulas: Proprias	3	—	2	1	—	—	
Espasmos Clonicos: Por frio	3	2	1	—	—	—	
Espasmos Clonicos: Por susto	2	—	1	1	—	—	
Espasmos Clonicos: Por Contusão	1	—	1	—	—	—	
Espasmos Clonicos: Por Paralisia	1	—	—	1	—	—	
Estranguria Hemorroidal	1	—	1	—	—	—	
Exostosis	3	—	—	3	—	—	
Fistulas	2	—	—	2	—	—	
Fome	5	5	—	—	—	—	

HOMENS.	Num. dos Doentes	Estados: Bons	Milhores	O mesmo	Piores	Mortos	De que morrêrão
Nomes das molestias.							
Gibosidade: Dorsal Rachitica	9	—	1	7	1	—	
Gibosidade: Lombar Rachitica	4	—	—	4	—	—	
Gibosidade: Dorsal Reumathica	2	—	—	2	—	—	
Gibosidade: Lombar Reumathica	2	—	—	2	—	—	
Gomas Venereas	4	—	2	2	—	—	
Hemicranea Reumathica	2	—	2	—	—	—	
Hemiplegias: Verdadeiras	32	—	8	21	1	2	De Apoplexia
Hemiplegias: Com Asma Secca	2	—	—	—	2	—	
Hemiplegias: Espurias	89	7	68	14	—	—	
Hemoptise	2	—	—	2	—	—	
Herpes Milliares	3	—	1	2	—	—	
Hydrocele	1	—	—	1	—	—	
Hypochondriasis com obstrucção do baço	5	—	3	2	—	—	
Hyprostoton	1	—	—	—	—	1	De Peripneumonia Notha
Immobilidade por falta de flexibilidade	9	4	2	3	—	—	
Incontinencia de urinas	2	—	1	1	—	—	
Inflamação branca	1	—	1	—	—	—	
Lepra: Morphea	6	—	—	5	1	—	
Lepra: Elephantiase	2	—	—	2	—	—	
Lepra: Crustosa	1	—	—	1	—	—	
Nephralgia Symptomatica de arêas	1	—	1	—	—	—	
Obstrucções: Do estomago	2	—	2	—	—	—	
Obstrucções: Do baço	4	—	4	—	—	—	
Obstrucções: Do figado com Ictericia	7	—	5	1	—	1	De Apoplexia

HOMENS.	Num. dos Doentes	Estados				Mortos	De que morrêrão
		Bons	Milhores	O mesmo	Piores		
Nomes das molestias.							
Paralesia — Verdadeira	11	—	3	8	—	—	
Paralesia — Espuria	43	11	27	4	—	1	De catarro suffucativo
Paralesia — Por contusão da espinal medulla	1	—	—	—	—	1	De Typho
Paraplegia — Verdadeira	2	—	—	2	—	—	
Paraplegia — Por Queda	1	—	1	—	—	—	
Podagra	55	22	31	2	—	—	
Reumatismo — Geral	321	231	78	10	1	1	De Typho
Reumatismo — De Extremidades	100	61	37	1	—	1	De diarrhea colliquativa.
Reumatismo — Lombar	77	43	31	3	—	—	
Reumatismo — Dito com Gibosidade	2	—	—	2	—	—	
Reumatico-Obstruidos	5	—	5	—	—	—	
Reumatico-Hypocondriacos	5	1	3	1	—	—	
Sciatica — Reumatica	102	54	40	7	1	—	
Sciatica — Venerea	5	—	1	3	—	1	De Febre Etica com Atrophia geral
Sciatica — Por contusão	5	2	2	1	—	—	
Surdez	2	—	—	2	—	—	
Tetano	1	—	—	1	—	—	
Tortura de boca por Paralisia	2	—	1	1	—	—	
Torpor Senil	4	—	—	4	—	—	
Tumores lymphaticos	2	—	—	2	—	—	
Tumores Reumatisantes	4	—	3	1	—	—	
Velhice	10	—	—	10	—	—	
Vertigens symptomaticas de Dyspepsia	2	—	—	2	—	—	
Ulceras venereas	2	—	—	2	—	—	
Vomito cruento por obstrucção	2	—	2	—	—	—	
Sem molestia	7	7	—	—	—	—	
Sommas	1246	512	501	215	8	10	

MULHERES.	Num. das Doentes	Estados				Mortas	De que morrêrão
		Boas	Milhores	O mesmo	Piores		
Nomes das molestias.							
Amaurosis	1	—	—	1	—	—	
Amenorrhea	4	1	3	—	—	—	
Amenorrhoico Reumatico-Obstruidas	6	1	5	—	—	—	
Anasarca com Hydrotorax	1	—	—	—	—	1	De Hydrotoras
Ankiloses { Verdadeira	1	—	—	1	—	—	
Ankiloses { Espurias	7	—	1	6	—	—	
Aphonia por Paralisia verdadeira	1	—	—	1	—	—	
Arthritis geral	83	27	48	8	—	—	
Ascitico-Obstruidas	2	—	—	1	1	—	
Asma humida	1	—	—	1	—	—	
Atheromas	3	—	—	3	—	—	
Athrophia { Venerea	2	—	1	1	—	—	
Athrophia { Reumatica	1	—	1	—	—	—	
Cardialgia	7	2	4	1	—	—	
Clorosis Amenorrhoica	6	1	4	1	—	—	
Colica Reumatica	1	—	1	—	—	—	
Contracção muscular { Reumatica	4	—	4	—	—	—	
Contracção muscular { Por abcesso	2	—	2	—	—	—	
Contracção muscular { Por Luxiação	2	—	2	—	—	—	
Debilidade nervosa	2	—	2	—	—	—	
Dôres venereas	6	—	4	2	—	—	
Dôr uterina na occasião dos Periodos	2	—	2	—	—	—	
Dispepsias { Com dôr e vomitos accidos	14	9	4	1	—	—	
Dispepsias { Herpetica	1	—	1	—	—	—	
Dispepsias { Com Estranguria	1	—	1	—	—	—	
Dyspepto-Amenorrhoicas	14	2	11	1	—	—	
Dito-Amenorrhoico-Hystericas	1	—	1	—	—	—	
Dito-Hystericas	2	1	1	—	—	—	

MULHERES.	Num. das Doentes	Estados				Mortas	De que morrêrão
		Boas	Milhores	O mesmo	Piores		
Nomes das molestias.							
Dito-Obstruidas	18	2	15	1	—	—	
Dito-Reumaticas	29	17	12	—	—	—	
Dito-Reumatico-Amenorrhoicas	6	2	4	—	—	—	
Dito-dito-Hystericas	2	1	1	—	—	—	
Dito-dito-Obstruidas	2	—	2	—	—	—	
Edema de extremidades inferiores	1	—	—	1	—	—	
Epilepsias	5	2	3	—	—	—	
Escrobuto	1	—	—	1	—	—	
Espasmos Clonicos	3	—	1	2	—	—	
Espasmo-tonico do Exofago	1	—	1	—	—	—	
Fome	4	4	—	—	—	—	
Gastrodinia	1	—	1	—	—	—	
Gibosidade: Lombar Rachitica	3	—	—	3	—	—	
Gibosidade: Lombar Reumatica	2	—	1	1	—	—	
Gibosidade: Dorsal Rachitica	2	—	—	2	—	—	
Gibosidade: Dorsal Reumatica	1	—	—	1	—	—	
Hematemesis por obstrucção	2	—	2	—	—	—	
Hemicranea Reumatica	1	—	1	—	—	—	
Hemiplegias: Verdadeiras	16	—	3	10	1	2	De Apoplexia
Hemiplegias: Espurias	67	2	56	9	—	—	
Hypocondrias	2	—	—	2	—	—	
Hysterismo	4	—	3	1	—	—	
Hysterico-Dyspepto-Amenorrhoicas	2	—	2	—	—	—	
Hysterico-Dito-Reumaticas	3	—	3	—	—	—	
Hysterico-Reumaticas	5	2	3	—	—	—	
Ictericia	2	—	2	—	—	—	

MULHERES.	Num. das Doentes	Estados				Mortas	
		Boas	Milhores	O mesmo	Piores		
Nomes das molestias.							
Inflamação branca	2	—	2	—	—	—	
Lepra — Morphea	4	—	—	4	—	—	
Lepra — Elephantiase	2	—	—	2	—	—	
Lepra — Crustosa	1	—	—	1	—	—	
Leucorrea com Reumatismo	2	—	2	—	—	—	
Obstrucções — Do estomago	8	—	8	—	—	—	
Obstrucções — Do baço	2	1	1	—	—	—	
Obstrucções — Do figado	7	1	5	1	—	—	
Obstrucções — Do utero	2	—	—	2	—	—	
Ophtalmia venerea	2	—	—	2	—	—	
Paralisia — Verdadeira	12	—	1	11	—	—	
Paralisia — Espuria	31	2	20	9	—	—	
Podagra	15	4	11	—	—	—	
Prolapso do utero	1	—	—	1	—	—	
Reumatismo — Geral	229	162	62	5	—	—	
Reumatismo — Das extremidades	42	26	13	3	—	—	
Reumatismo — Lombar	16	9	5	2	—	—	
Reumatico-Amenorrhoicas	6	3	2	1	—	—	
Reumatico-Obstruidas	10	3	4	2	1	—	
Sciatica — Reumatica	21	6	12	3	—	—	
Sciatica — Por Contusão	3	—	2	1	—	—	
Sciatica — Com Atrophia	2	—	—	2	—	—	
Phthisica no ultimo estado	1	—	—	—	—	1	Com diarrhea colliquativa
Tortura de boca	2	—	1	1	—	—	
Tumor Hemorroidal	1	—	1	—	—	—	
Tumor lymphatico	2	—	—	2	—	—	
Vertigem symptomatica	1	—	1	—	—	—	
Velhice	3	—	—	3	—	—	
Sem molestia	16	16	—	—	—	—	
Sommas	809	309	372	121	3	4	

ANECDOTAS.

O Senhor Rei D. José I. fazia tanto apreço dos Sábios e Artistas, que concedeo, quando fundou o Real Collegio dos Nobres, fossem os seus Professores a bejamão. Achando-se este Grande Monarca em Salvaterra, e indo dois dos Lentes do Real Collegio áquelle sitio por occasião do seu Augusto Anniversario, solicitárão a entrada da Real Casa da Opera, a fim de assistirem á magnífica representação de hum Drama destinado a celebrar tão fausto dia. ElRei para honrar os Lentes determinou se lhes désse bilhetes para a Platea, lugar até então sómente destinado para Pessoas Nobres, e Officiaes Militares da Patente de Capitão para cima. Estas, e outras distincções servírão de estímulo para se distinguirem, e extremarem nas Sciencias, e nas Artes os Homens illustres que florecêrão no seu feliz reinado.

Dizendo-se na presença deste Monarca, que feliz era o Reino em que havia maior número de Sábios; accrescentou: = Mais o he aquelle em que os Sábios vivem felizes. =

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1817.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. IX.

MEMORIA.

(Artigo communicado.)

Proposta que D. Manoel da Cunha, Bispo de Elvas, Capellão-Mór de S. Magestade, do seu Conselho de Estado, nomeado Arcebispo de Lisboa, fez em Côrtes, que se celebrárão em Lisboa em 23 de Outubro de 1653, diante da Magestade de ElRei D. João IV. Nosso Senhor, estando presentes os Tres Estados do Reino.

DIZEM os Politicos, que os Reinos se conservão pelos meios com que forão adquiridos. A experiencia nos ensina esta verdade, porque o Imperio dos Romanos com armas se adquirio; com armas floreceo; e tanto que estas lhe faltárão, acabou. O mesmo aconteceo aos Gregos com as Letras, e aos Persas com as riquezas. Mas deixemos

os estranhos. Portugal com a união, e valor dos seus vassallos, e assistencia de seus Principes naturaes, de pequenos principios se fez Reino, cresceo a Monarquia, conservou-se quatrocentos trinta e tantos annos; no fim delles dividírão-se as vontades dos vassallos, enfraqueceo o valor, o Principe velho, e indeterminado não lhe quiz assistir quanto podia, passou o Reino logo a Reis alheios.

Estivemos sujeitos a Castella sessenta annos; e porque? Tantos fugio de nós a união. Esteve opprimido o valor, e a assistencia do Principe pelas circumstancias do tempo prudentemente retirado; e que esta fôsse a causa, bem se vio; porque em hum dia só que valorosamente vos unisteis, assistidos de S. Magestade, nesse mesmo dia restituistes Rei a Portugal, e Portugal a seu Senhor. Logo assim estareis eternamente, se tendo esta mesma assistencia, com igual valor, e união tratardes de vos conservar, e defender.

Mandou S. Magestade juntar em Côrtes hoje os Tres Estados deste Reino para nellas vos mostrar, que a assistencia da sua parte está segura por obrigação, e por amor, esperando de taes vassallos, que lembrados de quem são, se imitem a si mesmos, no que até agora tem obrado em conservação da proêza que fizerão, e da glória que adquirírão.

Nas Côrtes passadas assentastes que para a defensa do Reino erão necessarios em cada anno dois milhões, e cento e cincoenta mil cruzados. Consignastes estes na décima parte do rendimento que tivesseis, e em outros effeitos differentes, com assento que, se durasse a guerra, prorogarieis esta contribuição em novas Côrtes. Vimos a contribuição, e não vemos a defensa que com ella se pertende, de que todos nos queixâmos.

Queixão-se ás fronteiras, que se vem desamparadas, e com risco; e mais se queixárão, se fallárão os campos

mudos, que nos piza o inimigo. Queixão-se os Soldados, que expondo a sua vida por conservar a nossa a ferro, a fogo, e a pelouros, soffrendo descalços, e despidos as neves, frios, e mais inclemencias do tempo intoleraveis, lhes faltâmos com o mantimento precisamente necessario em cada dia, e o que mais he na doença, e nas feridas com a cura. São estes Soldados vossos naturaes, vossos amigos, vossos irmãos, e vossos filhos. Queixão-se os Póvos disto mesmo, e dizem, que para estas fronteiras, e Soldados offerecêrão a fazenda, e a dão com amor liberalmente, soffrendo por esta causa encommodidades grandes em seu trato, e pessoas, e que he cousa dura o soffrer com pretexto de commum conservação, e que esta cada dia se peore! E attribuem tudo, huns a que a Contribuição se não faz com igualdade, outros a que o dinheiro se diverte, e outros a que se desencaminha em varias mãos.

Nas primeiras duas queixas das fronteiras, e Soldados confesso que os queixosos tem razão. Na terceira dos Póvos páro hum pouco, e digo assim: (sede os Juizes.) Não duvido que a alguma pequena parte destas faltas dê occasião o descuido, ou o defeito, ou o delicto de alguns particulares; mas se a culpa he natural ao homem, porque he concebido em peccado, he cousa muito clara, que em quanto houver homens ha de haver culpas. Cada hum olhe para si em sua propria casa; que será n'huma Republica? A Providencia humana, a Justiça, o Principe poderão castigar culpas, ou em particular previni-las; mas evita-las de todo nunca póde; porque nem póde dar Leis á Natureza, nem usurpar o poder que he só de Deos.

Lêde as Historias antigas, e modernas, as alheias, e as nossas: Inquiri do que vai nas outras partes, e nos visinhos, e achareis, que em guerra tão viva, e dilatada, como a nossa, nunca houve menos oppressão, nem menos culpas; menos queixas póde ser.

Ah! sofframo-nos a nós, porque não venhamos a soffrer hum inimigo. De nós teremos queixas, ou más, ou boas; mas sempre com a esperança de remedio. Do inimigo teremos queixas sempre com razão, nunca com remedio, nem esperança. Digo mais, que na causa principal de tantas faltas, ou ninguem está culpado, ou nós todos temos culpa; porque verdadeiramente nasce de a contribuição não chegar ao que era necessario: Logo se ninguem está culpado, não nos queixemos; e se todos temos a culpa, emendemos todos a culpa.

Manda S. Magestade se vos mostre por menor, o que tinheis promettido, e o que déstes nestes annos, a despeza que se fez, e em que cousas, para que conste a seus Póvos, e Vassallos a justificação, com que se gastou o seu dinheiro, e que a contribuição em cada anno importou só hum milhão, e trezentos vinte mil cruzados, que he menos do que se imaginava ainda mais da terça parte; do que nascem aquellas grandes faltas das fronteiras, e Soldados, de que tanto nos queixâmos. Não podereis mais; mas a culpa não he particular.

Manda mais S. Magestade vos declare, que Castella tem pazes celebradas com Hollanda; não tem gastos já em Alemanha pela paz do Imperio com Suecia. Com França está quasi consertado. Pelo contrário, que Hollanda nos faz guerra declarada, e com Inglaterra não temos ainda pazes concertadas; e que estamos sem esperança dos soccorros, que o Francez nos havia promettido pelas inquietações, que de presente ha naquelle Reino; para que consideradas estas com o zelo, attenção, e cuidado, que a importancia do Negocio está pedindo, ajusteis a contribuição com que vos possais defender do inimigo, hoje livre e poderoso. Com duas advertencias: primeira, que o tempo está entrado, e que he necessario ajustar com brevidade; segunda, que não temos para quem olhar se não fôr para nós mesmos.

Mas já he força dizer isto : (soffrei que me aparte hum pouco do intento. Não será fóra de proposito.) Creio que Christo Deos quer que fiqueis no Theatro da Europa contra o poder todo de Castella, para que toda a glória da empreza seja sua, e seja vossa ; porque nunca consentio que Portugal tivesse em suas necessidades, nem em suas glórias companheiro senão Elle. Lêde as Historias. O Senhor Rei D. Affonso o conquistou, o Senhor Rei D. João o defendeo de Castelhanos, o Senhor Rei D. Manoel o levantou a Monarquia ; e todos como ? E com que ? Com Portuguezes só, e com milagres. E notai que estes tres famosos Reis são todos Avós de S. Magestade, e que o primeiro como tronco lhe deo o ser, o segundo a Casa em que estivesse conservado, o terceiro o Direito da Corôa.

Venhamos á assistencia que S. Magestade fez, e quer fazer a seus Vassallos. Era S. Magestade Rei deste Reino por Direito, e nunca intentou tomar posse da Corôa senão depois que lho pedistes ; e ainda isto não bastou, senão depois que lhe dissestes, que nisso consistia o remedio da Republica. Foi a razão ; porque não queria reinar para commodidade sua ; quiz ser Rei para beneficio vosso. A princípio fez pazes com a Hollanda, porque assim lho aconselhastes ; agora soffre a guerra, porque os Tribunaes, e Conselhos todos lhe disserão, que a condição da paz, que nos propunha, era peior que a peior guerra ; e S. Magestade he hum Principe, que nem amigo, nem inimigo, nem paz, nem guerra quer senão regulada pelo parecer de seus Vassallos. Vende juro de presente com públicos Editaes sobre Sua Real Fazenda, estando tão atenuada, para ajudar vossa defensa : he a causa, porque só para ella, e para vós quer a Fazenda.

Quer que livremente lhe digaes, se alguma parte do que déstes nestes annos para vossa defensão se desencaminhou, ou divertio ; porque vos dá Palavra, e Fé Real,

que constando ser assim mandará, que se vos dê satisfação, e provêr no caso como mais convier ao bem commum, entendendo que este he o maior delicto, que contra Seu Real Serviço se podia commetter.

Mas adverti, que a Justiça no Juizo he obrigada a ajustar-se com as próvas, e não com os rumores, e que as próvas nascem de vós mesmos, e que estas humas vezes faltão, outras se desvião, outras se encobrem, e algumas se perturbão, e a Justiça fica só, e murmurada, como se ella divertira, ou desencaminhara as mesmas próvas. Quer outro sim que com toda a confiança lhe proponhaes o que entenderdes he necessario para vossa defensa, e sôbre o que derdes para ella, estando certos que, se o proposto for conveniente, e possivel, o mandará logo executar, para que vejaes que de vós sómente quer vossa defensa. E do vosso Conselho, esquecido da sua Própria Magestade, e Real Soberania, quer as Leis, com que vos ha de conservar, e defender. E sobre tudo na occasião, vós offerece a Pessoa, o Sangue, a Vida, tendo grande sentimento de ver que não bastão todas estas cousas para vossa defensão, e que são necessarios tambem vossos tributos.

Assiste pois S. Magestade a seus vassallos com a Vontade, com a Fazenda, com a Pessoa, e o que he mais com a Própria Honra, sabeis porque? Porque he vosso Portuguez; porque falla a vossa Lingua; porque he Pai, e vós sois Filhos; porque he vosso de justiça, e vós sois seus; e accrescenta S. Magestade outra razão mui propria sua; porque vós o mereceis. Resta logo a união, e valor da nossa parte. Direis, (e eu o creio,) que huma e outra cousa está segura; mas que o cabedal está mui atenuado. Eu o confesso, nem S. Magestade he Principe que me mande persuadir a seus Póvos, e Vassallos impossiveis, nem os quer; mas digo que olhemos para nós, que he grande o risco.

Digo mais que he obrigação dos grandes homens, obrigação de homens de honra, e obrigação natural de todos, que aquillo que haviamos de dar ao próprio gosto, e ainda á commodidade honesta, que o dêmos ao commum, e ao perigo. A Natureza nos ensina que por conservar o corpo corta o braço. Cortar hum braço não he bom, mas a conservação do todo o justifica. O Navegante na tormenta arroja, alija ao mar huma parte da fazenda por salvar a outra parte que lhe fica. Estamos em huma barca com tormenta. Está nella embarcada toda a fazenda, a propria vida, e o que mais he, a honra toda. Toda digo, porque he a honra da Nação, a honra de vós todos, de vossas mulheres, de vossas filhas, de vossas irmãs, e das esposas consagradas ao próprio Deos. Haverá logo quem duvide dar, não digo dar, se não esperdiçar, arrojar ao mar a fazenda que puder, para salvar huma barca em que estão embarcadas todas as jôias da maior estimação?

Portuguezes! Sois o exemplo de Vassallos excellentes, que ninguem chegou nunca ao que fizestes. Não permitaes, não consintaes, que a acção maior, que vírão as idades, que côntão as Historias, que admira, e venera o Mundo todo, por falta de huma pouca de fazenda se troque, ou se mude na maior affronta, e vituperio, e fiquemos para sempre o escárneo, e oppróbrio das Nações.

He a fazenda cousa baixa, e alheia, porque nasce da fortuna; he a honra cousa grande, e própria vossa, porque nasce do valor. Não troqueis logo o grande, que he vosso, pelo baixo, que he alheio, maiormente que se defenderdes a honra tereis tudo, e se esta se perder com ella perderemos não só a fazenda, que queremos conservar, mas a própria terra, que a produz; e se alguem nella ficar ficará só como estrangeiro.

E reparai, que aquillo que agora daes liberalmente, e por tempo limitado para vossa liberdade, se as cousas se

trocarem o haveis de dar forçados eternamente para vosso cativeiro.

Demos logo tudo o que pudermos á nossa propria honra, e á commum necessidade. Cada hum se ajuste com a obrigação do seu Officio; o Ecclesiastico, o Nobre, os do Povo, e o Soldado, para que fazendo nós da nossa parte o que devemos, e o que podêmos, mereçâmos que aquelle Grande Deos, que tudo póde, e costuma amparar, não o maior poder se não a melhor causa, continue com os milagres, que até agora tem obrado em defensa deste Reino; e acabe de entender Castella de huma vez, e o Mundo todo, que este Reino tem protecção no Ceo, e Vassallos na terra que sabem dar o sangue, e a fazenda por conservar a Corôa de seu Principe, salvar a Patria, e defender a Liberdade; com o que ficará vosso nome eternizado nos bronzes, na memória dos homens, na fama das cousas, e na eternidade dos tempos.

Nenhum documento póde tornar mais recommendavel a memória de hum Soberano, do que o prezente recommenda a do Senhor Rei D. João o IV. A moderação deste excellente Principe foi, e será o assombro dos prudentes, e a confusão dos temerarios. Hum Herdeiro com direitos tão sagrados, e tão immediatos, e que serião poderosamente sustentados pelo seu Povo fiel, como o fôrão apenas se determinou assumir á Magestade, nunca resolver-se a entrar na posse da sua Herança se não depois que o seu Povo lho supplicou, e lhe disse, que nisso consistia a felicidade da Republica, só o Senhor D. João o IV. era capaz de dar hum tal exemplo ao Mundo.

A História das Nações aponta alguns Monarcas, que tendo governado longos annos, se retirárão dos negocios do Estado para disfrutarem em tranquilidade o resto dos seus dias. A adulação memorou estes factos; porém que heroi-

cidade póde haver na renúncia dos prazeres, que a continuação de os desfrutar os tornou tediosos? Mostre-se o Soberano que a seu líbito deixou as rédeas do Governo, se não quando a idade senil o inhabitava para a expedição dos negocios, e para o prazer, e a glória, que de os bem manejar lhe provinha! Que immediato Successor de huma Corôa recusou jámais o offerecimento da grandeza, que a circula, se não este excelso Monarca, que só a aceitou, quando com ella ganhou o coração dos seus Vassallos? Se o Senhor D. João II. mereceo o elogio de todos os Escriptores por espontaneamente despojar-se das insignias da Realeza para que ellas tornassem a adornar seu Augusto Pai, de que elogios se não faz crédor o Senhor D. João IV., que não se despoja do que possuia, e do que hum dia ha de vir a possuir, para que neste intervallo o disfrute quem lhe deo a existencia; mas recusa acceitar o que he seu, e de que está de posse hum estranho intruso, e cede só quando o persuadem, que da sua aceitação provêm a felicidade da Patria! Não quiz reinar para commodidade sua, porque antevio a cruel guerra que lhe moveria a Hespanha; quiz ser Rei para beneficio da Nação, porque conheceo que não se declarando seu Chefe, e não reunindo em si todas as vontades a desgraça da Nação seria eterna.

Que largo campo se me offerecia agora para novas reflexões sobre esta Virtude, se me não chamasse a attenção outras Virtudes deste excellente Principe, e não me suspendesse o discurso o limitado espaço em que me circumscrevi no plano deste Jornal!

A verdade, com que manifesta áquelle mesmo Povo, que o pedio para Rei, a falta de meios para a defensa do Reino; a franqueza com que declara o quanto mais formidavel, e temivel se havia tornado o inimigo não tendo quem lhe divertisse as forças pela paz com Hollanda, e ajustes com a França, e Alemanha, forças que empregaria todas con-

tra Portugal, ficando este pobre Reino só no Theatro da Europa contra o poder todo da Hespanha que lhe talava os campos, e da Hollanda que o combatia nos mares; ao ponto de declarar que não tem esperanças se não no auxilio do Ceo, e no valor dos Portuguezes; a dedicação com que entrega todas as rendas da sua Caza, e offerece a sua Real Pessoa, Sangue, e Vida; finalmente o nunca por outro verificado exemplo de esquecer-se da Sua Real Soberania para pedir ao seu Povo as Leis, com que os havia de conservar, e defender; são tão grandes, e distinctas Virtudes, que parece impossivel haverem cabido em hum só Peito.

Tal foi o primeiro Rei do Tronco Bragantino; taes são as Virtudes do Augusto Soberano, que hoje nos rege para felicidade da Nação Portugueza.

CARTA

Composta de Anexins em louvor do Excellentissimo Duque da Victoria.

A LINGUA Portugueza abunda em Anexins mui significativos, decentes, e joviaes, mais que nenhuma outra Nação. Estes Anexins, ou termos extravagantes tem tal connexão entre si, que delles se podem formar longos discursos, sem que nos mesmos se encontre o menor resaibo da baixeza, que vulgarmente se lhe nota, quando são proferidos, e mal applicados pelo Povo. A escolha, e a judiciosa coordinação que delles fez hum Literato para tecer hum elogio ao Lord Duque da Victoria, figurando huma Carta dos habitantes do Vimeiro, he huma próva desta asserção. Dizem, que S. Excellencia a víra, e a applaudíra muito, e particularmente pela impossibilidade de ser traduzida em outra Lingua. O nosso Francisco Xavier de Oliveira, mais conhecido em Alemanha, e França pelo appellido do Cavalheiro Oliveira, tendo-se-lhe dito que hum Estrangeiro promettia traduzir em Italiano todo e qualquer discurso, que elle compozesse em Portuguez, escreveo em 4 de Março de 1736 huma Carta tambem composta de Anexins, que he igualmente mui curiosa, e que não foi traduzida, como se lhe havia promettido. Os Curiosos podem-na vêr no Tom. I. das suas Cartas Familiares, a pag. 81.

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor.

Depois que V. Excellencia fez ir de escantilhão para França o Fanfarrão Junot, tendo-o posto em papos de

aranha nos campos do Vimeiro: Depois que V. Excellencia fez sahir com vento debaixo ao Ladino Soult, da Cidade do Porto, fazendo víspere, e com as calças na mão para Castella: Depois que V. Excellencia disse ao Zanaga Massena; alto lá Senhor São Macario; e jogando o jogo dos sizudos lhe mostrou as linhas com que se cozia, fazendo-o dar ás trancas, e apanhar pés de burro, por ter dado com as ventas n'hum sedeiro: Depois que V. Excellencia fez ir de catrâmbias a Berrier, da Cidade Rodrigo, e ao Caxolla Philippon limpar a mão á parede em Badajoz, como quem diz, faça que me não vio; e tendo estado tem-te Maria não caias: Depois finalmente que V. Excellencia nos campos dos Arapiles, zás trás nó cégo, desazou o Macambúzio Marmont, e o obrigou a cantar a sua derrota, pá pá Santa Justa, tim tim por tim tim; foi então, Excellentissimo Senhor, que nós os pés de boi, Portuguezes velhos, dissemos, este não he General de cácaracá, tem amóras, não faz cancaburradas, não deixa fazer-lhe o ninho atrás da orelha; e como prudente accommette humas vezes, e outras põe-se na conserva; agora podemos dormir a somno solto; o nosso medo está nas malvas; a vinda do inimigo será dia de São Nunca á tarde: por tanto só resta agradecer a V. Excellencia a visita, que nos faz, que desejâmos não seja de Médico, nem com o pé no estribo; devendo saber V. Excellencia que estes desejos não são embófias, nem parolas que leve o vento; mas sim ingénuos votos de corações agradecidos, e leaes, sobre os quaes tem V. Excellencia erguido com tanta justiça hum Throno de Amor, e Respeito.

De V. Ex.ª
etc.

POESIA.

(Artigo communicado.)

QUADRA.

Dois corações bem unidos,
De que Amor formára hum só,
Ambos se sentem feridos;
De qual se deve ter dó?

GLOSA.

I.

A' LINDA Ignez Pedro amava
Filho de Affonso, que hum dia
Só da Lusa Monarquia
O Sceptro Augusto empunhava.
Ignez a Pedro igualava
Na paixão, em que embebidos
De settas iguaes feridos
Seus corações; bem me fundo,
Que elles só erão no mundo
Dois corações bem unidos.

II.

Deste amor, que não suppunha
O velho Pai surdo, e cégo,
Foi o plácido Mondego
Mais de huma vez testemunha.
O tenro pé Ignez punha
Na verde margem, sem dó,
A formar o Sacro Nó.
Alli Pedro, e Ignez se abração,
E dois corações se enlação,
De que Amor formára hum só.

III.

Mas tanto que o Pai assenta
Quebrar união tão rara,
De Ignez a Pedro separa,
De Ignez contra a vida attenta:
Ignez já se lhe apresenta
Com seus dois Filhos queridos;
Os seus ais, os seus gemidos
Móvem o valle, o penedo;
De dôr elle, ella de medo
Ambos se sentem feridos.

IV.

Pôde mais a tirannia;
E do ferro trespassada
Cáe c'os Filhos abraçada
Morta Ignez na terra fria.
A vingar a aleivosia
Corre Pedro, e louco, e só
Brada, reduz tudo a pó...
Aqui não sei, alma absorta,
Se Pedro vivo, e Ignez morta!...
De qual se deve ter dó.

Por M. P. de A. R.

ANECDOTAS.

Hum Alfaiate fazendo hum vestido para si furtou do panno hum pedaço, que escondeo na caixa. A mulher, que vio isto, lhe perguntou a razão, ao que respondeo: = Temo desacostumar-me de furtar aos Freguezes, e tanto que por não perder este louvavel costume, nem a mim mesmo perdôo. =

Perguntando-se a hum judicioso a razão porque todos se compadecião dos cégos, e aleijados, e não dos Poetas, e Filosofos, respondeo: = Porque todo o homem receia, que possa hum dia ficar cégo, ou aleijado, e não que possa vir a ser Filosofo, nem Poeta. =

Hum Sacerdote tendo obrigação de dizer Missa de madrugada revestio-se, pensando que o Sacristão que devia ajudar-lhe não se demoraria. Já era dia claro, e não apparecendo o Sacristão o mandou chamar a casa. Sentindo-o chegar, ao voltar-se rasgou a alva na ferragem do gavetão, a que estava encostado, e arguindo-o de vir tarde lhe respondeo o esperto Sacristão: = Como póde ser isto tarde, se eu chego ao romper da alva? =

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1817.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES, OU *MNEMÓSINE LUSITANA.*

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. X.

MEMORIA

SOBRE A LITERATURA PORTUGUEZA.

Extrahida do Livro intitulado: Poésie Lyrique Portugaise, ou Choix des Odes de Francisco Manoel, Traduites en Français, avec le Teste en regard. Précédées d'une Notice sur l'Auteur, e d'une Introduction sur la Litterature Portugaise.

AINDA que optimos Escriptores enriqueção com suas obras a Literatura do seu Paiz, nunca esta adquire hum gráo eminente de consideração, senão quando por meio de traducções se espalha pelos outros Paizes, com o nome dos Authores, a glória da Literatura daquella Nação.

Portugal desde o princípio da sua glória literária logo

vio as obras dos seus mais abalizados Escriptores vertidas nas Linguas estranhas, e por meio destas versões grangeou a distincta fama que então teve, e seguidamente soube conservar entre as Nações policiadas do mundo.

Hoje mesmo desfrutâmos esta glória; porque vemos traduzidas em Francez algumas Odes do Padre Francisco Manoel, excellente Poeta Portuguez, e pelo conhecimento que o seu Traductor mostra ter da nossa antiga, e moderna literatura; conhecimento que elle vulgariza, citando com muita particularidade o merecimento de cada hum dos seus generos, a fim de poderem alcançar os seus nacionaes, e os estrangeiros que sabem a Lingua Franceza, huma idéa perfeita dos nossos Authores.

Este testemunho do apreço em que he tida a Literatura Portugueza deve lisonjear os amantes da Nação, a quem não deixará de ser agradavel este Artigo, por ser huma confissão ingénua do merecimento da nossa Lingua, e Literatura, proferida por quem como estrangeiro não póde ser taxado de parcial.

,, Posto que Portugal (diz o Author da Introducção sobre a Literatura Portugueza, que precede a Traducção das referidas Odes) seja huma fracção mui circumscrita da Peninsula, he realmente render hum serviço á Republica das Letras o fazer-lhe conhecer a bella linguagem de Camões, e os numerosos thesouros, que ella possue. A nossa intenção não he entrar em huma discussão extensa, e em hum profundo exame da Historia Literaria desta Nação; mas tão sómente passar em resenha os differentes períodos, pelos quaes tem decorrido a Lingua Portugueza desde a sua origem até aos nossos dias, e dar hum leve esboço dos principaes caracteres da sua Literatura.

,, Quando reflectimos que Portugal fez tremer ainda ha poucos séculos com suas façanhas a Africa, e a Azia; que esta Nação cançou a Hespanha com as suas multipli-

cadas victorias ; que foi o primeiro que abrio o caminho das Indias além do Cabo da Boa-Esperança ; que seus numerosos Navios vogavão em todos os máres do Oriente ; que descubrio o Brazil , esta bella , e vasta Região da America ; que em fim numéra entre os seus Guerreiros , e Navegadores , os Castros , os Gamas , e os Cabraes , não comprehendemos como esta mesma Nação cahio repentinamente em abatimento.

,, Portugal situado em huma das extremidades da Europa não deixa de ser hum Estado distincto , que tem como os outros Governos , costumes próprios , huma linguagem , huma literatura , huma história , e huma fisionomia particularmente sua , e sobre tudo hum Camões , hum dos primeiros Poetas modernos , e o precursor do Tasso. Quantas Potencias da segunda ordem , e ainda da primeira , podem ostentar tão recommendaveis titulos ! Infelizmente esta Nação tão célebre na Historia do 15.° , e 16.° século , que conseguio quebrar o jugo dos Filippes , desappareceo de certo modo da Carta politica , e cahio em hum profundo esquecimento , no momento que assignou o Tratado de Methwen.

,, Portugal livre da sujeição das Corôas de Castella , e de Leão , pelo valor , e politica de seus primeiros Monarcas , não cuidou senão em crear hum idioma de tal sorte nacional , que não podesse reputar-se no futuro como hum dialecto do idioma Castelhano. Antes desta época todos os actos públicos se compilavão , segundo o uso adoptado na Europa , em hum Latim bárbaro : a Lingua popular era huma péssima geringonça (jargon) hespanhola , misturada de termos arabes , que deo principio á Lingua *Romance*. Esta ultima Lingua se enriqueceo depois com huma multidão de vocábulos estrangeiros , que os Cavalleiros das Cruzadas , vindos do Norte , tinhão introduzido em Portugal , aonde ElRei D. Affonso Henriques lhes per-

mittio o poderem fundar Colonias depois da Conquista de Lisboa. De tão disparatados elementos se combinou huma linguagem rude, e informe, mas todavia differente daquella que se fallava antes. He provavel que o feliz uso, que os obrigava a fazer do Latim concorreo muito para formar em breve hum idioma particular derivado em grande parte desta Lingua mãi, que se havia mais ou menos espalhado, e conservado na Lusitania, na época da invasão dos Romanos.

,, Com effeito tinha decorrido século e meio depois da exaltação de D. Affonso Henrique ao Throno, quando já os Póvos do Téjo fallavão, e escrevião huma lingua que lhes era particular. Bastará citar em próva desta asserção huma Carta de D. Affonso III., o Conquistador dos Algarves, escrita em 1278 a Affonso o Sabio, Rei de Castella, e a resposta deste. A comparação destas duas Cartas escritas huma em Portuguez, e outra em Castelhano próva já a differença das duas Linguas. Segundo o testemunho dos Historiadores Nacionaes as Poesias d'ElRei D. Diniz, successor de D. Affonso III., tinhão todas as graças das cóplas dos nossos Trovistas (Troubadours). De todos os Poetas, que florecião em Portugal, em Hespanha, e mesmo em Italia, foi o primeiro que compôz versos á semelhança dos Poetas Provençaes. Aindaque os progressos de huma lingua sejão sempre mui lentos, he para admirar o gráo de perfeição a que tinha chegado a Portugueza nas obras dedácticas do século d'ElRei D. Duarte, que reinou pelos annos de 1433 a 1438. Para convencimento disto consulte-se o manuscripto deste Rei, que se acha na Biblioteca Imperial (hoje Real, de París) com o titulo do *Leal Conselheiro*, obra de filosofia moral, que dedicou á Rainha D. Leonor, sua Esposa. Assim se desolveo pouco a pouco a Lingua Portugueza, que tomou finalmente huma fisionomia tão bem marcada no reinado d'ElRei D. Manoel, como a Italiana

no de Leão X., a Hespanhola no de Carlos V., e a Franceza no de Luiz XIV.

,, Dos Reis de Portugal o primeiro, que se declarou zeloso Protector das Letras, foi ElRei D. Diniz. Fundador da Universidade de Coimbra, que povoou de Sabios Estrangeiros. A Dinastia, que começou na Pessoa de D. João I. no decimo quarto século, abrio huma nova carreira á instrucção. Basta lembrarmo-nos d'ElRei D. Duarte, e dos Infantes D. Henrique, e D. Pedro seus Irmãos. O primeiro nos he já conhecido pelas suas composições. D. Henrique lançou os primeiros fundamentos da illustre Academia de Sagres, donde sahírão todos os Navegadores, que fôrão descubrir as Ilhas do Mar Atlântico, reconhecer as Costas Africanas, preparar a passagem do Cabo da Boa Esperança, e abrir a nova estrada das Indias. Este mesmo Principe, que protegia tão eminentemente o estudo da Astronomia, e a Navegação, que participava com toda a Nobreza da Côrte o enthusiasmo dos descubrimentos, não animava menos os bons estudos da Universidade, que ElRei D. Fernando tinha de Coimbra transferido para Lisboa. O Infante D. Pedro, depois de haver viajado com proveito por diversos Estados do Mundo, trouxe á sua Patria grande somma de conhecimentos uteis, dos quaes fez huma feliz applicação na sua Regencia pela menoridade de seu Sobrinho D. Affonso V.

,, D. Affonso V., que succedeo a D. Duarte em 1438, protegeo sobre tudo as emprezas nauticas do Infante D. Henrique, e accumulou de beneficios os bravos marítimos que tinhão glorificado a sua Patria. Foi o primeiro que estabeleceo huma bibliotheca no seu palacio, uso até então desconhecido nas outras Côrtes. Deo a seus Vassallos hum código de Leis, no qual havião sido empregados habeis Jurisconsultos, instruidos na escolla de Bártolo. A Familia dos Médicis já se tinha declarado a Protectora das Letras,

e os bons estudos começárão de tal sorte a florecer em Hespanha, e em Portugal, que na exaltação ao Throno de D. João II., esta revolução tão favoravel ao progresso das luzes se fazia sentir na Lusitânia. Este Principe, o modelo dos Reis, correspondeo-se com Angelo Policiano, e tomou hum vivo interesse no progresso das Artes, que começavão a renascer em Florença no reinado de Lourenço de Médicis. Com effeito a rógos d'ElRei D. João II. o Grão Duque enviou a Portugal André Contucci, que deixou excellentes monumentos de escultura, e arquitectura. Nesta época as emprezas marítimas longe de esmorecerem tiverão hum progresso mais rápido; porque a expedição do Gama para a passagem do Cabo da Boa-Esperança estava prompta a largar vélla, pouco tempo antes da morte de D. João II. Este promontorio lhe deve a mudança do nome, que foi de muito bom agoiro aos Navegadores Portuguezes sequiosos da glória de se assignalarem na Azia.

„ A Táctica Naval lhe deve tambem o uso da artilharia em os Navios pequenos destinados ao cruzeiro do Estreito de Gibraltar, e das Costas d'Africa. Elle presidio a todas as experiencias deste genero no porto de Setubal, perto do Cabo de Espichel. João Gonçalves Zarco tinha adoptado antes o uso da artilharia nos grandes vasos de guerra, e julgava-se que jámais poderia ser applicada nos pequenos. A Fortificação das Praças não lhe foi estranha, porque Garcia de Rezende, empregado no serviço deste Monarca, e seu Historiador, nos assegura haver desenhado na presença d'ElRei o plano da Fortaleza de Bellem, que D. Manoel fez contruir sobre o mesmo modelo. Indaque D. João II. não foi testemunha do resultado das suas grandes idéas, deixou ao seu Successor todos os elementos da grandeza, e da prosperidade, que se admirão no reinado deste.

„ A D. João II. succedeo o Grande Rei D. Manoel.

Aqui principia o bello século de Portugal. A célebre viagem do Gama ás Indias, o descubrimento do Brazil, o estabelecimento de hum vasto Imperio na Azia, e tantos outros feitos d'armas praticadas no reinado deste venturoso Principe, devião encher de hum nobre enthusiasmo este Povo emprehendedor, e abrir-lhe huma outra carreira não menos gloriosa que a das armas. A Nação estava já muito civilizada para não sentir todo o preço dos seus altos destinos. O maravilhoso, sempre inseparavel das Conquistas feitas em huma tão grande distancia da Metropole; o caracter, e a moleza dos Póvos da India; tudo favoreceo singularmente esta ambição, que os Portuguezes tinhão de se assignalarem na República das Letras.

,, Com tudo ainda não se havião erguido no horisonte literario esses Historiadores, esses Poetas, que se distinguîrão no reinado de D. João III., e de D. Sebastião no décimo sexto século; mas era chegado o momento de os possuir. O luxo, que se introduzio no Reino com as riquezas da India, fazia sentir a necessidade de unir a glória das letras á glória das Armas. As luzes, que resplandecião em Italia no reinado magnifico de Leão X., fizerão nascer o gosto dos bons Estudos: começou-se a folhear os clássicos antigos, que os Sabios da Italia acabavão de publicar, enriquecidos de seus commentarios: sentio-se a necessidade de ir frequentar as Universidades Estrangeiras para alli beber a boa doutrina, e adquirir o gosto do bom; por consequentia París, Salamanca, e Bolonha vírão entrar em seus muros hum enxame de Portuguezes desejosos de instruir-se; deste modo não tardou a crescer este viveiro de Sábios, cujas obras reunem a huma vasta erudição aquella ousadia de pensamentos, e de estillo, caracter particular da Literatura Portugueza nesta época. A lingua tinha-se de tal modo aperfeiçoado, que o próprio Código das Leis, rediggido no reinado de D. Manoel he hoje huma

obra clássica. O erudito Rezende, que escreveo das antiguidades de Portugal na lingua de Cicero, se distingue por huma dicção pura, conhecimentos profundos, e huma crítica luminosa. Achilles Estacio, Cayado, Ignacio de Moraes, e Jorge Coelho compozerão bellos versos latinos. He deste modo que os grandes Escritores do século de Médicis se ensaiárão nas linguas antigas, antes que Dante, Petrarca, Ariosto, e Tasso honrassem a sua pátria com as suas immortaes obras.

,, A Infanta D. Maria, filha do Grande D. Manoel, protegeo, e cultivou as letras. O seu exemplo foi imitado por algumas Damas da sua Côrte, que se ajuntavão no seu palacio para se entreterem de Literatura. Esta Princeza era tão eminente no Latim, que escrevia nesta lingua. Esta especie de Academia vio sahir do seu seio D. Sigéa, Authora do Poema Latino, intitulado *Cintra*.

,, He facil de conceber que achando as Letras hum tão honroso acolhimento junto ao Throno devião florecer em todas as classes da sociedade. Aquelles mesmos que entregues ao exercicio das armas não tinhão descanço para renderem homenagem ás Musas, se communicavão com os que lhe rendião hum assiduo culto, e por meio deste commercio literario se associavão de alguma sorte á sua glória. Demais estes homens achavão-se unidos entre si pelos laços de huma verdadeira amizade; elles tinhão relações íntimas com os Grandes do Reino, que não desdenhavão a Literatura, e por isso o seu número era consideravel: basta lêr as suas obras para nos convencermos desta verdade.

,, Tal era a situação das Letras na morte d'ElRei D. Manoel, quando seu filho D. João III. subio ao Throno em 1521. Este Principe as animou com huma munificencia verdadeiramente real; e o unico mal, talvez involuntário, que se lhe póde arguir he o ter introduzido os Jesuitas em Portugal. Mas quando se vê fazer todos os

esforços ao Bispo Osorio para favorecer a admissão desta nova Sociedade, deve-se desculpar o Monarca, que se deixou seduzir por hum Prelado tão illustrado, e tão amante da glória do Throno, e da Nação. D. João III. era dotado de eminentes qualidades; naturalmente piedoso adoptava com avidez tudo o que tendia á conservação, e propagação do Catholicismo. Temendo que a nova doutrina de Luthero se introduzisse em seus Estados, consentio no estabelecimento de hum Tribunal Supremo para reprimir os desvios da Religião; e como desejava ao mesmo tempo levar a luz da Fé a seus vastos dominios, e mesmo á China, e Japão, julgou achar na Instituição dos Jesuitas o Apostolado necessario para prégar a moral Evangélica aos Povos remotos, e fazer-lhes abraçar o Christianismo. As suas intenções erão puras; devia comtudo oppôr-se ás tentativas combinadas que fizerão estes para destruir o systema dos bons Estudos, que vinhão de estabelecer-se na Universidade de Coimbra; e não deixar encher de amargura os Sábios Nacionaes, e Estrangeiros, que havia chamado dos outros Estados da Europa; porque he a este erro que se deve attribuir a decadencia das Letras em Portugal; decadencia que depois ainda veio a peiorar. As funestas consequencias deste erro se fizerão sentir de hum modo notavel no reinado d'ElRei D. Sebastião, preparando a sua fatal catástrofe em Africa, e a sujeição de Portugal á Hespanha. Comtudo nós devemos referir, que no seu reinado, e no do seu Neto, apparecêrão todos os monumentos Literarios de que se honra Portugal. O Leitor tem visto de que maneira as letras começárão a ser cultivadas neste Reino, e os progressos que successivamente tem feito nos differentes reinados; passemos agora á epoca da sua decadencia.

Continuar-se-ha.

POESIA.

Chegando a Lisboa Lord Welington em 18
de Janeiro de 1813

MOTE.

He mais que conquistar o Mundo inteiro.

GLOSA.

EXULTA ó Lisia, e de virente Loiro,
A fronte invicta de Wellesley adorna,
Que hoje do *Tórmes* victoriozo torna,
Qual foi no *Téjo*, *Guadiana*, e *Doiro*.

Fugitivo Massena infausto agoiro
No infame peito do impio Corso entorna;
O ardor Guerreiro de Marmont se amórna
Nos *Arapiles* com fatal desdoiro.

Teu profundo saber, teu vasto Plano,
Foi Wellington o Escudo que primeiro
Os Golpes repelio do vil tyranno.

Este Feito immortal não tem parceiro;
Excede Fabio, Scipião, Trajano,
He mais que conquistar o Mundo inteiro.

Na primeira quéda de Bonaparte em Maio de 1814.

SONETO.

RESSURGE em fim ó devastada França,
Qual outra Phenix d'entre a cinza fria;
Destérra o susto, novo alento cria,
Que assim d'Henrique a Próle to afiança.

D'ímpia Guerra não mais atróz lembrança
Perturbe a doce Paz, que o Ceo te envia;
E esses restos fataes da tyrannia,
Do turvo Lethes na corrente lança.

Fita os olhos no austéro Moscovíta,
Que em troco de perfidia, estrago e morte,
O estrago, a morte, a escravidão te evita.

Olha o Luso fiel, o Iberio forte,
O constante Bretão; e o exemplo immita,
Talvez que inda te inveje o Mundo a Sorte.

Na occasião de se quebrarem os Escudos em Lisboa, a 20 de Julho de 1816, pelo fallecimento da Senhora D. MARIA I.

A

ELREI NOSSO SENHOR.

SONETO.

Não te offenda, Senhor, fiel Tributo,
Que hoje off'rece a Teus Pés Lisia chorosa,
Sentidos éccos, gratidão saudosa,
Soluços, pranto, denegrido luto:

Se acaso queres ver-lhe o rosto enchuto,
Trocada em Galla a veste luctuosa,
Affoito larga a Região calmosa,
Medonha habitação do Tigre hirsúto.

Vem sentar-te no Throno, cuja Herança
Outra vez os Vassallos Portuguezes
Gostosos dão á Casa de Bragança;

E sem temer da Sórte ímpios revézes,
Bem como o Luso exforço To affiança,
Acclamado serás huma e mil vezes.

Passando pelos campos de Santarem.

SONETO.

Da antiga *Scalabis* no erguido oiteiro
Cujo alto muro apenas se divisa,
O Moiro, que na guerra se abaliza,
Cercado tinha o Lusitano Herdeiro.

O Invicto Affonso, Luso Rei primeiro,
Deixando as margens, que o Mondego piza,
Nestes campos, que o Téjo fertiliza,
Desfez o Moiro Exercito guerreiro;

Em vão *Miramolim* fugir procura;
,, Porque antes de fugir lhe foge a vida ,,
No Rio, que lhe abrio a sepultura:

Foi este o sitio da Mavórcia Lida,
Que a antiga Tradição, que mo assegura,
Inda não foi no Lethes submergida.

(Artigo communicado.)

Epitaphio de Napoleão.

SONETO.

Jaz a hum canto do Elba mudo, e quêdo,
O Tamorlão da Córsega, se hum dia,
Thronos lhe ergueo a mão da tyrannia,
Lhe prestou vassallage horrivel medo.

Rompeo-se da impostura o vão segredo,
Com que a mísera Gallia então prendia,
Graças ao Ceo! Da antiga Dynastia
A luz raiar havia ou tarde, ou cedo.

Raiar rápida a fez do Ceo profundo
Em Toulouse de Arthur a invicta espada,
E sobre o Seine Blucher furibundo;

E aquelle que no mundo a mão alçada
Teve sobre as Nações, hoje no mundo
São seus vassallos pó, seu throno he nada.

Por M. P. de A. R.

TRANSLATION.

Napoleon's Epitaph.

SONNET.

Quiet and mute confin'd to Elba's shore,
Corsican Tamerlane does now remain,
Tho' conquered realms confessed his tyrant reign,
And horrid fear his yoke unwilling bore.

His vain imposture dark has fled aivay
Enslav'd unhappy Gallia's disgrace,
But thanks to Heaven! The ancient royal race
Sooner or later should it's light display.

From high Olympus rapid came this light,
In Toulouse by Great Wellesley's conquering arm,
On Seine by Blucher furious in fight:

And he who into Nations struck alarm,
With hand uprais'd, wishing to rule alone,
His vassals dust, and nothing is his throne.

ANECDOTAS.

Mandando o Senhor Rei D. João IV., que ninguem viesse ao Paço com os seus cabellos, todos se tosquiárão menos o Conde de Villa Flor; e porque alguns o accusárão de desobediencia, respondeo ElRei: = He justo, que o Conde os conserve, pois lhe crescêrão em Flandres, e no Brazil entre a pólvora, e a balla. =

Tendo sido conquistada a Praça de Ormuz pelo Grande Affonso de Albuquerque, o Imperador da Persia, de quem era tributária, lhe mandou hum Embaixador a exigir o costumado tributo. Albuquerque fazendo conduzir ante o Embaixador ballas, grenadas, espingardas, etc., lhe disse, apontando para estas armas, e petrechos de guerra: = Eis-aqui a moeda com que ElRei de Portugal paga os seus tributos. =

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1817.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XI.

MEMORIA.

Continuação da Memoria sobre a Literatura Portugueza; inserta no Num. X. a pag. 145.

„ ESTA decadencia das Letras proveio, como temos dito da introducção dos Jesuitas. O Cardeal Henrique, que subio depois ao Throno, foi o instrumento da dominação suspeitosa, e tyrannica que os Jesuitas estabelecêrão para conter o Povo, e exercer sobre os homens de letras a vigilancia mais rígida, e preparar Portugal para receber o jugo da Côrte de Roma, e da de Filippe II. Os Escriptores que tiverão a coragem de luctar contra os esforços do Despotismo, e da Ignorancia pagárão com a vida sua intrépida dedicação. Não he de admirar que as Letras, e as Sciencias soffressem nesta época hum eclipse total, e que até ao momento da elevação da Real Casa de Bragan-

ça se distinguissem mui poucos Escriptores. Apenas começou a revolução de 1640, o Povo, e os homens de letras se lisonjeárão de vêr florecer huma nova ordem de cousas mais favoraveis. Fizerão-se alguns esforços para que revivesse o gosto das letras; porém forão infructuosos: os Jesuitas achavão-se alli para paralizarem as louvaveis intenções do Governo. Não obstante alguns Escriptores politicos illustrárão o reinado de D. João IV.; taes forão Vieira, e Francisco de Macedo, conhecido pela sua bella Traducção Latina em versos alexandrinos das Lusiadas de Camões.

,, D. João V. fundou a Academia da Historia e Antiguidades Portuguezas. Esta Sociedade publicou Memorias, que não deixão de ter seu merecimento. Foi no reinado do mesmo Principe que Bluteau, posto que de origem Franceza, deo á luz o seu Diccionario Portuguez-latim, aonde se encontra huma grande erudição. Nesta época se distinguírão tambem os dois Irmãos Barbosas, o primeiro Author da Bibliotheca Lusitana, e o segundo das Memórias Históricas; e Rocha Pita, Author de huma História do Brazil.

,, Os reinados do Senhor D. José I., e da Rainha a Senhora D. Maria nos vão apresentar a restauração das letras, e Portugal aproximando-se ás Nações da Europa as mais civilizadas. Esta feliz restauração deve-se ao nobre caracter do Rei, e ao poder illimitado do Marquez de Pombal seu Primeiro Ministro. Este conhecia sobejamente os Jesuitas, e os males com que tinhão opprimido Portugal para não tratar de os despojar da fatal influencia, que exercião sobre o espirito do Povo, pela especie de magisterio, de que se tinhão arrogado na educação pública. Apenas os Jesuitas forão expulsos de Portugal logo se pensou na refórma dos Estudos. Com effeito em 1772 fôrão confirmados os Estatutos da nova Universidade. A Medicina foi estabelecida sobre os principios da observação, e

da experiencia: as Sciencias Naturaes tiverão cadeiras determinadas: as Mathemáticas sublimes, começando pela Geometria, tiverão Professores de Cálculo Integral, e Differencial. José Anastacio da Cunha foi hum profundo Mathemático; depois delle segue-se o Astrónomo José Monteiro da Rocha, cujas Memórias Mathemáticas acabão de ser impressas em París, e que enriquece todos os annos as Ephemerides de Coimbra. Foi elle que compôz o regulamento das Sciencias Naturaes, e Mathemáticas, que traduzio as obras de Bezout, de Boussu, e do Abbade Maria, que elevou o Observatorio á reputação, que disfructa. Mr. Delambre no sabio relatorio que fez ao Imperador, (estava então no throno da França Napoleão Bonaparte,) em nome do Instituto da França, põe Mr. Monteiro na ordem dos Astrónomos mais illustres. Brotero he hum Botânico mui conhecido pelos seus elementos de Botânica, e pela Flora Portugueza, que vem de publicar.

„ A energía que adquirio a Nação no reinado de D. José não afrouxou no de sua Augusta Filha. Esta Soberana protegeo as Sciencias, e as Letras, e deo todo o auspicio ao desenvolvimento desejado do progresso das luzes. A lista de todos os Sábios, e de todos os Literatos seria mui longa a transcrever aqui: bastará citar como hum dos principaes ornamentos da Academia de Lisboa o Abbade Correa da Serra, Membro de várias Academias, correspondente da segunda Classe do Instituto de França, sábio Literato, Botânico da primeira ordem, cujos trabalhos se achão verificados nas Transacções Filosóficas da Sociedade Real de Londres, e nos Annaes do Museo de París.

„ Nesta breve exposição fizemos conhecer ao Leitor o ponto donde Portugal tinha partido para chegar ao seu estado actual de civilização, e as differentes causas, que em varias épocas tem retardado os progressos: passemos agora

ao exame rápido do genio da Lingua, e dos seus principaes monumentos Literarios.

,, Quanto á Lingua Portugueza podia-se bem formar huma idéa della pelo ar de familia que se lhe suppunha com o idiôma hespanhol: bem se sabia que estas duas linguas, (ou antes a hespanhola; porque se considerava a portugueza como hum dialecto desta) derivavão em grande parte do latim; mas estava-se bem longe de conhecer as modificações que as differençavão: era pelas traducções truncadas, e infieis das Lusiadas, que se sabia que existia hum Camões; porém jámais se havião dado a profundar as bellezas do proprio texto. Tinhão-se persuadido que só a este grande Poeta se limitava toda a Literatura Portugueza, e nunca se suspeitou a existencia de outros Poemas Epicos, como a Malaca conquistada de Francisco de Sá e Menezes; a Ullisséa (ou a Fundação de Lisboa) de Pereira de Castro, e varios outros, onde se encontrão bellezas da primeira ordem. Se se tivesse folheado as obras dos grandes Escritores, que tem apparecido em Portugal, na época em que a aurora das Letras apenas começava a raiar no resto da Europa, ter-se-hia visto que a sua Literatura não he para se desdenhar, como se tinha acreditado.

,, No genero Histórico nada tem que invejar ás outras Nações. A História da India composta por João de Barros, Diogo de Couto, Fernão Lopes de Castanheda, e Affonso de Albuquerque, onde a pureza do gosto se acha reunida á elegancia do estillo, fórmão o corpo de História o mais vasto, e interessante, que tem apparecido nos séculos modernos. Como Tito Livio; Barros sabe variar o seu estillo: seja compondo as arengas de seus Heróes; seja pintando as ricas regiões da Azia, e os costumes, e usos de seus Habitantes; seja relatando as batalhas, e os combates navaes, a sua eloquencia encanta, e attrahe pela graça de suas idéas. Diogo de Couto he o continuador

de Barros: Lopes de Castanheda, e Affonso de Albuquerque são de igual pureza de linguagem, mas não tão brilhante. Na falta destes Historiadores nós teriamos feito menção das Chronicas dos antigos Reis de Portugal até D. Affonso V. compostas por Fernão Lopes considerado como o pai da proza Portugueza, das escritas por Francisco de Andrade, Fr. Bernardo de Brito, Fr. Luiz de Souza, Marcos de Lisboa, e de João de Lucena; das Histórias romanescas de cavallaria produzidas pela fecunda penna de Barros, author da História do Imperador Clarimundo; de Bernardim Ribeiro, author da Novella intitulada Menina e Moça; de Francisco de Moraes author dos Cavalleiros da Tábola Redonda; e em fim da interessante História das Viagens de Fernão Mendes Pinto.

,, A eloquencia sagrada conta entre os sens illustres interpretes João de Barros; Antonio de Castilho, author dos Panegyricos d'ElRei D. João III., e da Infanta D. Maria; Diogo de Paiva de Andrade, que publicou a Defeza do Concilio de Trento, e as Questões Orthodoxas contra os hereges; Antonio Feio, e o grande Vieira, que reunírão a huma grande erudição huma vigorosa dialectica.

,, Nas obras escritas no estillo médio são notaveis os Diálogos de Heitor Pinto; de Amador Arraes; e sobre tudo os de Francisco de Moraes, author da primeira parte do Palmeirim de Inglaterra; e de Martim Affonso de Miranda, author do *Tempo d'agora*, escrito no estillo de Montaigne; e a bella e elegante traducção do Cathecismo de Trento.

,, Se a Lingua Portugueza manejada por tão habeis Escriptores fixou o seu caracter de huma maneira tão invariavel no 16.° século, ainda o deve mais ás Musas que inspirárão os seus Poetas. O unico de todos os géneros que não tem sido ainda tratado pelos Portuguezes he a Fa-

bula ; mas em todos os outros elles se tem distinguido mais ou menos.

,, A cultura da Poesia em Portugal teve origem no berço da Monarquia, segundo o attestão muitos Escriptores, e mesmo Estrangeiros, principalmente o Author da Bibliotheca Hespanhola, que se exprime desta sorte: *Lusitani in poetica, ut et in musica regnare, feruntur mira animi propensione, velut enthusiasmo rapti.* Com effeito os Portuguezes forão os primeiros de todos os Póvos da Iberia, que cultivárão a Poesia, como o próvão o Poema de *Cava*, que dizem haver sido composto em Portuguez pouco tempo depois da invasão da Hespanha pelos Mouros; as Rimas de Gonçalo Hermiges, que florecia no século do Conde Henrique; as de Affonso Geraldes, que escreveo em Romance hum Poema consagrado aos altos feitos de seus Compatriotas na batalha do Salado, na qual se achára; as de ElRei D. Diniz; finalmente as do Infante D. Pedro, filho d'ElRei D. João I.

,, A Lingua Portugueza foi de tal sorte considerada como a unica própria para a Poesia, que até ao fim do reinado de Henrique III. de Castella todas as estrofes, que se compunhão no seu tempo forão em grande parte escritas em Portuguez: em próva deste facto citaremos entre outros testemunhos authênticos o do Marquez de Santillana, D. Inigo Lopes de Mendoza, a respeito da Carta que elle escreveo ao Condestavel de Portugal, filho do Infante D. Pedro, morto na batalha da Alfarrobeira.

,, Aindaque Portugal não possa gloriar-se de ter hum Theatro comparavel ao dos Francezes, com tudo o Doutor Antonio Ferreira, author da Tragedia Ignez de Castro, he hum grande Poeta Trágico. Este Escritor superior no seu gênero, como Camões o he na Epoca, contribuio muito ao aperfeiçoamento da lingua pelo estudo assiduo que fez dos Clássicos Gregos, e Latinos. Apezar do tom duro

que se encontra algumas vezes no estillo da sua Ignez, este ligeiro defeito he amplamente compensado pela belleza do seu todo.

,, Gil Vicente occupa o primeiro lugar dos Poetas Cómicos. Os que depois delle seguírão a mesma carreira são, Sá de Miranda, Jorge Ferreira de Vasconcellos, e Simão Machado, que compôz Comédias sobre o Cerco de Dio.

,, A Poesia curta Portugueza não deixa de ter merecimento. Camões, Lourenço de Caceres, e Fernando Cardoso sobrepujárão nas Epistolas, Sátiras, Sonetos, e outras semelhantes Poesias. O Poema Heroi-Cómico do *Hysope*, de Diniz, póde-se pôr quasi ao lado do Lutrin (a Estante do Coro) de Boileau. A Poesia Pastoril conta entre os seus Escritores Diogo Bernardes, o Theócrito Portuguez; Antonio Ferreira, e Francisco Rodrigues Lobo. Os dois primeiros nos transportão ás deliciosas campinas que banha o Lima, ás margens encantadoras do Mondego, e do Téjo, e sobre a Serra d'Arrabida. Lobo compôz romances pastores entrelaçados de Versos. As imagens da vida Campestre, os costumes dos pastores, os desacertos de huma paixão desgraçada, os prazeres d'amor, são traçados com tal graça, que verdadeiramente sua proza he tão florida, quanto em Francez he a de Fenelon.

,, O Parnazo Portuguez se gloría tambem de hum Poeta igual a Sannazaro, e que nasceo em Gôa, capital da India, pelos annos de 1540; he Fernão Alvares do Oriente que concebeo a idéa de imitar a Arcadia do Poeta Italiano compondo a *Lusitania transformada:* este Poema Pastoril não he inferior ao seu modelo; a poesia, e a proza de Alvaro encantão pela delicadeza, e a naturalidade das imagens.

,, Ha ainda outro género de Literatura que, posto que estranho á Lingua Portugueza não he menos digno de fixar a attenção geral: fallâmos da Latinidade moderna. Nes-

ta Lingua os Portuguezes nada deixão a desejar: além do seu *Corpus Poetarum Lusitanorum* muito estimado, são vaidosos de haver entre elles nascido o Bispo Ozorio, que escreveo a *Historia* do *Grande Manoel* em estillo semelhante ao de Tito Livio, e que póde ainda servir de modelo aos Historiadores Estrangeiros, que se proponhão a escrever huma História tão interessante como a do Monarca Portuguez.

,, Tendo descorrido pelos diversos géneros de Literatura fallemos agora da Poesia Lyrica, unico objecto do nosso trabalho. Se se houvesse lido as obras que possuem, conhecer-se-hia que os Lyricos Portuguezes podem rivalizar com os das principaes Nações da Europa, e entre elles se teria visto brilhar Francisco Manoel, Diniz, Garção, e Maximiano Torres. Como o primeiro destes Lyricos se tem dedicado a todos os géneros, humas vezes elevando-se como Pindaro, outras tomando o colórido de Horacio, e he geralmente considerado como occupando hum dos primeiros lugares do Parnaso Luzitano, nos propozemos com preferencia a dar a traducção de algumas das suas melhores Odes: he depois da sua Leitura que se poderá julgar do caracter, e do genio da Lingua Portugueza, pois que Francisco Manoel a maneja mui habilmente, e com grande gosto.

,, Não limitaremos a isto só nossos trabalhos, se o Público se dignar animar-nos. Em huma obra mais extensa, e mais variada exploraremos esta rica mina da Poesia Portugueza, da qual não apresentemos aqui mais do que huma veia.

,, Não se julgue que a Lingua Portugueza seja propriamente restricta ao Povo, que a falla: ella he ainda a Lingua do Commercio Aziatico: acha-se espalhada desde o Cabo de Não até ás Ilhas do Japão, e desde a Ilha da Madeira até ao Brazil. Além disto he huma lingua bella,

sonora, e numerosa; isenta da aspiração gutural, de que arguem a Hespanhola; possue toda a suavidade e brandura da Italiana, e a gravidade e ornato da Latina. He em Camões que se deve meditala, e ver-se-há com assombro com que arte elle a soube moldar ao seu poderoso genio. Huma outra qualidade deste idióma he, que ainda não envelheceo; he sempre o mesmo há tresentos annos. Com tudo no ministerio do Marquez de Pombal se hia introduzindo nos Collegios com as novas doutrinas o falso brilhantismo das Literaturas Estrangeiras, começando a fascinar os olhos da mocidade ardente, alterando insensivelmente a pureza da Lingua, buscando tornar-lhe desconhecida a Latina sua Lingua-mãi; e sem os esforços reunidos de Francisco Manoel, Diniz, e outros muitos distinctos Escritores, que a reconduzírão a seus verdadeiros principios, esta Linguagem tão nobre na sua simplicidade, tão rica de sua própria origem, não tardaria a corromper-se, e a bastardear-se pela liga impura dos idiotismos estrangeiros. Taes como as Sacerdotizas dedicadas ao culto de Vesta, estes Poetas vigilantes tomárão a sua Lingua natal debaixo da sua protecção immediata a fim de defendela de todo o ataque, ou hálito venenoso do néologismo.

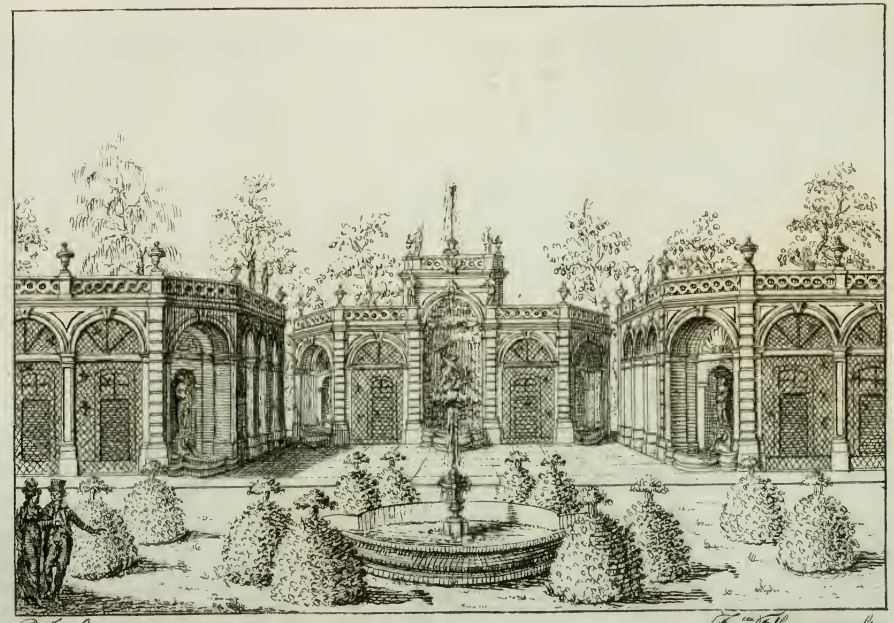
,, Tal he a homenagem, que julgâmos dever render á Lingua, e Literatura Portugueza: Felizes se por este breve ensaio conseguirmos vingar huma e outra do injusto esquecimento com que tem sido ultrajadas. ,,

DESCRIPÇÃO

Da Casa de Campo, e Quinta Real de Bellem.

A situação da Casa Régia de Campo de S. Magestade defronte da espaçosa Praça de Bellem he a mais agradavel, que se póde desejar. A passagem continuada das carruagens, gente de pé, e de cavallo, que se dirigem para Pedrouços, Caxias, Oeiras, Cascaes, etc., ou destes sitios para Lisboa; o formoso Caes de Pedra de cantaria, mandado fazer pelo Senhor Rei D. José no anno de 1753 para maior commodidade do desembarque, aonde a cada momento chegão, e partem escaleres, e botes, conduzindo grande número de pessoas, e effeitos de commercio, e consumo deste grande Bairro; o rio Téjo por onde continuamente de pannos largos navegão todas as embarcações de guerra, e mercantís, que entrão ou sahem deste Porto; a vasta Quinta embellecida de estatuas, repuxos, tanques de fino marmore, ruas de arbustos, e arvores vistosas, e copadas; hum excellente viveiro de passaros; finalmente a vista deliciosa da Cidade de Lisboa, dos montes, e lugares além do Téjo, estendendo-se pela parte do Sul até fóra da barra, terminando no orisonte com o Occeano, torna esta Regia Vivenda huma das mais deleitosas, e encantadoras do Mundo.

A estructura, e extenção do edificio não inculca ser huma Habitação Régia: os Palacios antigos dos Senhores Reis deste Reino se ressentem do systema daquelles tem-



P. L. Carné copiou. Fn.co Filho. exculp.

pos, em que sómente se empregava a magnificencia nos Templos do Eterno, nunca na Habitação da mortalidade, inda que Régia.

No Páteo deste Palacio ainda se conservão algumas Féras da Africa, e por este motivo he vulgarmente chamado o *Páteo dos Bichos*. Huma porta neste Páteo serve de entrada á Quinta Régia, hoje franca a qualquer pessoa decente, que o solicite. Por huma bella escada de pedra se sóbe ao terrasso do jardim, ornado com huma bella, e espaçosa bacia, e vistoso repucho d'agua, com huma varanda de cantaria sobre o Páteo dos Bichos, e na frente desta hum magnífico Viveiro de varios passaros raros, e do paiz, decorado de pilastras, nichos, estatuas, vasos de marmore, etc., devidido em tres corpos em correspondencia hum dos outros formando hum bello passeio no centro, tendo o corpo do meio huma cascata com a figura de Hercules esmagando a Hydria de Lerna. O desenho deste bellissimo Viveiro he o da estampa em frente.

Varias outras estatuas, bustos, e vasos de marmore ornão diversos tanques, e sitios amenos desta Quinta: entre ellas merecem particular attenção os dois excellentes gruppos de mármore de carrára, que em pouca distancia estão por de trás do Viveiro, encaminhando-nos pelo lado direito. Hum representa a Caridade Romana; isto he huma Donzella amamentando seu decrépito Pai prezo, e manietado. No terrasso do gruppo lê-se o nome de quem o esculpio, e o anno em que fôra esculpido no seguinte letreiro: *Bernardino Ludovici Romano* MDCCXXXVII. O habil cisel deste célebre Artista soube expressar no semblante da Donzella a modestia, e o pejo. No pedestal acha-se esta inscripção: *Quo non penetrat aut quid non exeogitat pietas. Val. Max. Liv. V. Cap. IV.* O outro gruppo representa Cleopatra expirando nos braços de sua Aia. He igualmente mui expressiva a afflicção que expri-

me a Aia no semblante, e attitude, e a tranquillidade com que expira Cleopatra. O terrasso tem marcado o seguinte: *Joseph Mazzuoli, Senensi fecit. Roma anno* MDCCXVII. As extremidades destas estátuas estão todas quebradas; e he lástima que se deva este destroço a individuos de huma Nação, que se jacta de apreciar as Bellas Artes. Não sei que motivo obriga a quasi todos os Inglezes, que alli tem entrado a escrever seus nomes nos corpos, e roupagens destas, e outras estátuas? Se he para lembrança de que alli estiverão, quão triste, e desagradavel he esta lembrança recordando que alguns daquelles nomes são os dos individuos que estragárão aquelles preciosos monumentos da Esculptura Romana. De que ignorancia, e barbaridade não fôra notada a Nação Portugueza, se hum Portuguez fizera isto em hum Jardim de Londres?

Nas Sallas desta Régia Casa de Campo se achava huma excellente collecção de Pinturas, que o receio da invazão dos Francezes em 1810 fez que se transportasse para o Rio de Janeiro.

Foi na Praça fronteira, que em 13 de Janeiro de 1759 se ergueo o cadafalso, onde forão rompidos vivos, e exposto sobre rodas, e depois reduzidos a cinzas que se lançárão no mar, os Réos do execrando attentado contra a Real Pessoa do Senhor D. José I., tendo sido antes degradados, e relaxados das honras, titulos, e commendas que tinhão, e a rogos do Juiz do Povo, e Casa dos Vinte e Quatro, pela representação de 16 de Dezembro de 1758, pedindo a exauthoração, e a desnaturalização dos ditos Réos, e que fossem declarados Perigrinos, e Vagabundos, a nenhuma Sociedade Civil pertencentes, privados da naturalidade, e denominação de Portuguezes, pois que não deve assim denominar-se quem não fôr Leal ao seu Rei, e Senhor natural; representação que deve ficar em eterna memória para testemunho da fidelidade do Povo Portuguez.

Entre esta Praça, e o Real Convento dos Jeronymos se vê o marmóreo padrão que se ergueo no sitio em que havia existido o Palacio do principal Chefe da conspiração contra os preciosos dias de tão Augusto Soberano. Na sua baze se lê a seguinte inscripção: *Aqui forão as casas arrazadas, e salgadas de José Mascaranhas, exauthorado das honras de Duque de Aveiro, e outras, e condemnado por sentença proferida na Suprema Junta da Inconfidencia em 12 de Janeiro de 1759, justiçado como hum dos Chefes do bárbaro, e execrando desacato, que na noite de 3 de Setembro de 1758 se havia commullado contra a Real e Sagrada Pessoa d'ElRei Nosso Senhor Dom José Primeiro.*

Neste terreno infame se não poderá edificar em tempo algum.

Porém se neste dia 13 de Janeiro esta Praça foi o objecto de horror, e espanto, no dia 27 de Novembro de 1807 foi o objecto de mágua, e de saudade, quando daqui se embarcou S. Magestade com a Sua Real Familia para a nova Côrte do Rio de Janeiro. Naquelle ouvírão-se os gritos dos malvados, que debaixo do malho soffrião o castigo do seu horroroso attentado: neste ouvírão-se os gemidos do Povo fiel, que pranteava a perseguição do Innocente, e com suas lagrimas augmentava a corrente do Téjo para que fosse a salvo. Naquella época foi a justiça do Rei, que se executou; neste periodo a Divina Providencia que o determinava.... O Povo Portuguez ainda espera por huma terceira época.

Este sitio de horror e sangue em 1759, de saudade e mágoa em 1807 ainda ha de ser de prazer e glória, pela reversão de S. Magestade a este Reino. Praza ao Ceo que breve se verifique esta lisongeira esperança do Fidelissimo Povo Portuguez!

POESIA.

(Artigo communicado.)

QUADRA.

Dois corações bem unidos,
De que Amor formára hum só,
Ambos se sentem feridos;
De qual se deve ter dó?

GLOSA.

I.

ASSUSTADA a ElRei dizia
Ignez c'os dois Filhos seus:
,, Suspende a cólera . . . ó Ceos! . . .
,, Má tenção aqui te guia.
,, Senhor, neste fatal dia
,, Vê a teus Pés submettidos
,, Mulher, e Filhos queridos
,, Daquelle, que he Filho teu,
,, Pois que sómos elle, e eu
,, *Dois corações bem unidos.* ,,

II.

,, Não tenhas de mim piedade;
,, Mova-te só á Clemencia
,, Esta mísera innocencia,
,, Que fica em triste orfandade.
,, Filhos, a Real Bondade
,, Dispertai do Augusto Avô;
,, Dizei-lhe, que tenha dó
,, (Pois que vivem satisfeitos)
,, Destes dois amantes peitos,
,, *De que Amor formára hum só.* ,,

III.

,, Mas, Senhor, por mais pezar,
,, Se hum mudo, e outro callado
,, A favor do Pai amado
,, Inda não sabem fallar;
,, Fallem-vos em seu lugar
,, O meu pranto, os meus gemidos:
,, Se bem que hoje espavoridos
,, Como de funesto sonho,
,, Do espectáculo medonho
,, *Ambos se sentem feridos.* ,,

IV.

,, Vê nos seus alvos semblantes,
,, Retratos do Filho teu,
,, Os mesmos pezares, que eu
,, Supporto em minha alma . . . ou antes
,, Com meus ais agonizantes
,, Não rompas o sacro Nó;
,, Pois se Pedro se acha só
,, Sem sua Ignez, perturbado
,, Fica no mais triste estado,
,, *De qual se deve ter dó.* ,,

Por M. P. de A. R.

ANECDOTAS.

Perguntando-se a razão porque no Inverno se vião as botas dos homens enlameadas até ao canhão, e não se via hum salpico de lama nas meias das mulheres, respondeo hum judicioso: = He porque os homens trazem os cuidados na cabeça, e as mulheres nos pés. =

Hum cégo era favorecido, e tinha entrada em casa de hum seu bemfeitor, que além das sopas diarias, e algum fato, lhe dava todos os mezes hum tostão. Huma vez recebendo hum muito çafado, correndo-lhe os dedos o recusou acceitar; e perguntada a razão disse: = Não mo recebem, porque he cégo (expressão usada quando se quer designar o dinheiro çafado.) = O bemfeitor, reconhecendo então que o mendigo, o que era graça, já a recebia como obrigação, lhe replicou: = Se o tostão por cégo não deve receber-se, tambem o cégo por ambicioso se não deve favorecer. Ide-vos, que a minha porta só está aberta aos que recebem, e não aos que escolhem a caridade. =

LISBOA: Na Impressão Regia. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XII.

ARTES, E OFFICIOS.

Da Musica, seu principio, progressos, e estado actual em Portugal.

GERALMENTE se acredita, que este vocábulo *Música* se deriva de *Musa;* porque se suppõe que as Musas inventárão esta Arte: porém Kircher, seguindo Diodoro, o faz derivar de hum vocábulo egypcio, pertendendo que fôra no Egypto, que se começou a estabelecer a Arte da Música. Tudo nos faz crer, que a Música vocal teve principio antes da instrumental, pela razão de ser mais natural que o homem désse primeiro attenção ás inflexões da sua voz, e ás mudanças, gorgeios, e trinados dos passaros, a quem pertenderia imitar, do que aos diversos sons que o vento produzia nos canaviaes, buscando imitalos com os instrumentos, segundo o mesmo Diodoro, que diz assim começára a Música

Tendo de fallar dos eximios Artistas desta Nobre Profissão devêra fazer entre elles distincção dos que fôrão Compositores, Cantores, ou Instrumentistas; porque a *composição* sendo a arte de pôr em prática os principios da especulativa, isto he, de conduzir, e dispôr os sons em relação ao seguimento, consonancia, e compasso, de modo que o tom agrade ao ouvido, he mui differente da *execução*, que he a parte puramente mecânica, que depende do conhecimento dos caracteres da Música, e da habituação de os exprimir: porém sendo os Portuguezes mui incuriosos em publicar por meio da imprensa os nomes dos seus mais abalizados Artistas em execução, e não tendo outro soccorro mais do que aquelle que me presta a Bibliotheca Lusitana em quanto aos Compositores, não poderei fazer a distinção que desejava.

O primeiro que escreveo sobre a Música foi Laso, no tempo de Dario Hystaspes; porém perdendo-se a sua Obra, como muitos outros Livros dos Gregos, e dos Romanos sobre a mesma materia, o Escriptor mais antigo desta Sciencia que se conhece, de quem existem obras, he Aristoxene, discipulo de Aristoteles.

Guido Aretino, natural de Arezzo, Cidade da Toscana, Monge Benedictino, foi o que inventou em 1024 as sylabas *ut*, *re*, *mi*, *fa*, *sol*, *la*, substituindo-as ás seis letras do Alfabeto Romano, de que se servião no Cantochão Gregoriano. Estas sylabas fôrão achadas no Hymno de S. João, cantando-se desta sorte:

Ut queant laxis
Re-sonare fibris
Mi-ra gestorum
Fa-muli tuorum,
Sol-ve polluti
La-bii reatum, etc.

O uso destas seis sylabas para solfejar espalhou-se logo por toda a Europa. Attribue-se ainda a Guido o additamento da quinta linha ás quatro antigas do Canto-chão, e a invenção dos instrumentos de teclas, que aperfeiçoados vierão a ser a espinheta, e o cravo.

He verosimil que em Portugal seja muito antiga a introducção da Música pelo caracter musical da Lingua; pois se no tempo do Senhor Conde D. Henrique já se poetisava, como podia deixar de se cantar, e acompanhar com instrumento aquelles motetes? O certo he que a Música mereceo tal acolhimento na Côrte, e Palacio do Senhor Rei D. Affonso V., e foi nella tão eminente este Soberano, que disputou preferencia a seu Mestre Tristão da Silva, Professor insigne desta Faculdade.

A Aula de Música da Universidade de Coimbra he tão antiga como a mesma Universidade. O Senhor Rei D. Diniz foi quem estabeleceo o primeiro ordenado de 2$340 réis por anno para o Lente de Música.

Que fomos nella eminentes o provão os que ainda em tempo antigo na mesma Italia merecêrão créditos de excellentes Músicos, e Compositores. Vicente, cujo apellido se ignora, natural de Olivença, Presbytero do Hábito de S. Pedro, ensinou Música com grande applauso do seu nome nas Cidades de Pádua, e Viterbo. Foi de todos mui estimada a obra que compôz de Canto-chão em Veneza no anno de 1561, cujo titulo he o seguinte: Introdutione felicissima, et novissima di Canto fermo, figurato, contraponto simplice, et in concerto, etc.; dedicada ao Duque de Marsi. Tambem em Sevilha mereceo distinctos applausos, e estimação dos Reis Catholicos, de quem era Mestre de Capella, Pedro do Porto, pelo reinado do Senhor D. João III.

Nos tempos modernos tambem Joaquim de Oliveira, Cantor Portuguez, admirou em Italia, quando alli foi no

reinado do Senhor Rei D. José : e sobre tudo a Senhora D. Luiza Toddi, que mereceo se lhe gravasse o seu retrato, e se lhe dedicassem excellentes Poesias, quando patenteou os seus raros talentos no Theatro de Veneza, como se fez menção no N.° XII. pag. 192 do 1.° Volume deste Jornal.

Em quanto porém aos Compositores, e Escriptores desta Nobre Arte, que neste Reino merecêrão distincção, a citada Bibliotheca numéra 137 até ao reinado do Senhor Rei D. João V., sobresahindo entre todos Pedro Talesio, que regeo a Cadeira desta Faculdade na Universidade de Coimbra desde 19 de Janeiro de 1613, o primeiro que ordenou em Portugal Música de Côros, e Canto-chão, e o Author da instituição da Irmandade dos Músicos em obsequio de Santa Cecilia sua Protectora; e o Senhor Rei D. João o IV. insigne tanto em theoria quanto em prática, como se vê dos *Principios da Música*, e varias obras em defeza de algumas Composições desta Faculdade, e dos motetes, e cânticos a 4, e 8 vozes, que compôz. O verso *Adjuva nos*, que se canta na Santa Igreja Patriarcal, he da Composição deste excellente Monarca.

Os Compositores de Música mais insignes que tem havido depois da publicação da Bibliotheca Lusitana, desde o reinado do Senhor Rei D. José são os seguintes:

Pedro Antonio Avondano: Compôz a Música de muitas Burletas, e entre ellas a da intitulada: *O Mundo da Lua*, que se representou no Real Theatro de Salvaterra, em remuneração do que lhe fez mercê o Senhor Rei D. José do Hábito de Christo.

João Cordeiro da Silva: Foi Compositor do Paço, e Organista da Real Capella d'Ajuda.

João de Souza de Carvalho: Foi o primeiro Mestre do Real Seminário de Lisboa, e depois Mestre de S. Magestade, e Compositor da sua Real Câmara.

Francisco Ignacio Solano: Compoz a Nova Instrucção Musical, e o Novo Tratado de Música Métrica, e Rythmica, e o Exame Instructivo sobre a Música Multiforme, Métrica, e Rythmica. Os Escriptos deste Lente merecêrão, e ainda merecem hum geral applauso dos Professores.

Braz Francisco Lima: Mestre do Real Seminário, e Compositor da Santa Igreja Patriarcal.

José Joaquim dos Santos: Igualmente Mestre do mesmo Seminário, e Compositor da mesma Igreja.

Luciano Xavier dos Santos: Organista, e Compositor de Música da Real Capella da Bemposta.

João José Baldi: Organista, e Compositor da mesma Real Capella, e Mestre do Real Seminário.

Actualmente existem:

O Senhor Antonio Leal Moreira, actual Compositor da Câmara de S. Magestade, Primeiro Mestre do Real Seminário, e mui conhecido, e respeitado em Portugal, e nos Reinos Estrangeiros pelas suas excellentes Composições.

O Senhor Jeronymo Francisco Lima: Primeiro Mestre do Real Seminário, e Compositor. Acha-se aposentado.

O Senhor Marcos Antonio Portugal: Mestre do Real Seminário, e Compositor do Paço, com honras de Mestre de Suas Altezas Reaes. As suas excellentes Composições são igualmente admiradas nos Reinos Estrangeiros, principalmente as que fez para o Real Theatro de S. Carlos de Lisboa, com as quaes tanto tem brilhado na Europa a insigne Cantora Angelica Catalani. Acha-se actualmente na Côrte do Rio de Janeiro.

O Senhor Antonio José do Rego, Cantor da Real Capella d'Ajuda, e Criado de S. Magestade. Tem Composto muito para os Theatros Portuguezes, e he sua a Mú-

sica da Opera *Alexandre em Efezo*, que se representou no dito Real Theatro em 1807.

O Senhor José do Espirito Santo, Compositor, e Primeiro Organista de S. Magestade no Palacio de Queluz.

O Senhor João Domingos Bomtempo, Compositor de Música, e o Primeiro Tocador de Forte Piano da Europa. A sua execução he o assombro dos próprios Professores deste Reino, assim como tem sido dos Professores dos Paizes Estrangeiros, aonde tem patenteado os seus raros talentos.

O Senhor Joaquim José Soares: Organista da Real Capella d'Ajuda, Compositor, e Criado de S. Magestade.

O Senhor Antonio da Silva: Organista, e Compositor da mesma Real Capella.

O Reverendo Senhor Fr. José Marques, da Ordem de S. Paulo 1.° Eremita, Organista da Real Capella da Bemposta, e Compositor.

Se me propozesse a fazer menção dos Professores Instrumentistas, larga Lista tivera a fazer dos que existem; porém não sendo tão nobre, nem tão difficil a execução, como a Composição, limito-me á indicação dos Compositores.

Actualmente está tão propagado o gosto da Música em Portugal, principalmente na Cidade de Lisboa, que he rara a familia que se trata com alguma decencia, que não tenha entre os Professores empregados na educação de seus filhos o de Música. O grande número de Pianos fortes, e muitos outros instrumentos, que se tem despachado nas Alfândegas do Reino, comprôvão esta verdade.

(Artigo communicado.)

CARTA

Sobre as Conquistas, Fundações, e Victorias dos Portuguezes na India.

Meu Amigo, não há tempo para responder a todos os artigos da vossa Carta: quanto aos da Navegação, e Conquista Portugueza nas Indias, dir-vos-hei em summa o que nisto fizerão nossos maiores. = No Reinado do Senhor D. Manoel achárão a Navegação da India por D. Vasco da Gama, descubrírão toda a Costa da Ethiopia, Arábia, e Persia com seus máres e Ilhas; toda a Costa da India desde o Indo até ao Ganges, e toda a Mâlaca e China; tomárão Gôa e Mâlaca aos Mouros; edificárão as fortalezas de Ormuz, de Cochim, de Calecut, de Maldiva, de Sacotorá, de Andequiva, de Cananor, de Coulão, de Columbo, de Chaul, de Pacem, de Ternate, de Cranganor, e de Sofala; fundámos Cidades, conquistámos Reinos, fizemos tributários os Reis de Ormuz, de Tidore, de Ceilão, das Maldivas, de Coulão, de Melinde, de Zanzibar, de Quiloa, de Batecalá, e de Pacem; e obrigámos com o temor do nosso nome a que muitos outros pedissem pazes, e communicação comnosco. Então tivemos famosissimas Victorias contra Principes, que nunca tinhão duvidado de us alcançar, ainda dos mais poderosos

Reis e Potestados; não ficou Nação em toda a India, que os Portuguezes não levassem diante.

= Nos tempos do Senhor Rei D. João III. o Imperio Portuguez dentro do espaço de 35 annos cresceo, e dilatou-se por toda a India. Fundámos então muitas Cidades, Villas, e Lugares, que os Reis amigos nos largavão, ou as armas conquistavão. Tivemos na Costa de Coromandel a Cidade de S. Thomé, ou Meliapor, a de Negapatão, a de Jafanapatão, cabeça de seu Reino, que muitos annos possuio o Estado. Na Costa do Norte as Cidades de Baçaim, e Damão, com muitas Villas, e Aldêas por toda a Costa do Reino de Cambaia; levantámos a fortaleza de Dio, a de Chale no Malavar, e a de Macáo na China, as fortalezas de Galle, Negumbo, Baticaloa, e Triquimale, na Ilha de Ceilão.

As Victorias erão quasi tantas, como as batalhas: os nossos inimigos sentírão o rigor de nosso ferro, e o favor da fortuna que nos assistia: Vencemos em terra e mar por vezes o Çamorim, o Rei de Bintão, o Sultão Badur, Rei de Cambaia, e a seu Neto o Sultão Mamude, o Hidalcão, os Reis de Maluco, e do Achem, o de Pam, o de Cunhale Marcar, o Rei de Mangalor, o de Adel, o de Porcá, o de Repelim, o de Mombaça, o de Tidore e Bachão, e outros muitos menos conhecidos. Os Reis que até então punhão toda a sua esperança em nos lançar fóra da India com grandes guerras, fizerão-se tributarios, ou pedírão pazes, como o Hidalcão, o Rei de Cambaia, o de Sael Ujanta, o de Adem, e de Caxem, o de Dofar, o de Sunda, e o Çamorim.

= Nos tempos dos Reis D. Sebastião, D. Henrique, e Filippe I., desde 1561 até 1600 espaço de 39 annos, o Estado attendia mais a se conservar na Inda que a conquistar; então mesmo levantámos a Cidade de Golim em Bengala, fizemos huma fortaleza em Mombaça para senhorear

aquelle Reino: tres no Canará que fôrão Mongalor, Borcelor, e Onor; a de Sirião no Pegú, os Fortes de Sena e Tete nos rios de Cuama; combatemos a hum mesmo tempo quatro grandes, e bellicosos Monarcas, que com poderosissimos exercitos pozerão sitio geral a todo o Estado: o Hidalcão que desceo sobre Gôa: o Izamaluco que veio sobre Chaul: o Çamorim que cahio sobre Chale; e o de Achem que accommetteo Málaca, sem que a divisão de nossas forças diminuisse os brios, ou enfraquecesse o valor de nossa gente: tomámos ao Melique o Morro de Chaul, huma das melhores fortalezas do mundo: vingámos as injúrias que tinhão feito ao Estado os Reis da India, e acceitámos outros por Vassallos desta Corôa, como o de Pate, Pombá, Queteve, e Monopata.

POESIA,

Que a seu Amigo o Illustrissimo Christovão d'Almeida de Sá e Menezes offerece José Pinto Rebello de Carvalho.

Queixumes que espalhava Alcippo amante
Lá junto ao Téja teu, prezado Almeida,
Quaes ao vento soltava te offereço:
Inda nesses rochedos Ecco triste
Repetirá talvez os seus clamores!
E Annarda a desleal, que os motivára,
Zombará delles, zombará d'Alcippo...
Mas em lugar do amor, que ella lhe nega,
Em teu peito acharão branda piedade.

. . . . . *Ibi hæc incondita solus*
Montibus et Silvis studio jactabat inani.
Virg. Ecl. 2.

IDYLIO.

I.

Já' tinha o Sol debaixo do horizonte
Escondido de todo a luz do dia;
Da parte oriental detrás d'hum monte
Da cheia Lua o rosto apparecia:
D'alta opposta montanha a calva fronte
C'o luar prateada se entrevia;
Todo o vivente no seguro abrigo
Buscava a doce paz do Somno amigo.

II.

Só de bastos carvalhos entre a rama
Ao pé do pobre Teja ave agoireira (1)
O silencio rompendo triste clama
Enchendo mais d'horror esta Ribeira;
Quando abrazado em amorosa chamma
Sentado n'huma rocha sobranceira
A' misera corrente Alcippo estava,
Que amargurados ais em vão soltava.

III.

Pastor do Doiro, neste clima estranho,
Era Alcippo o mortal mais triste e amante,
Que abandonando a patria e o rebanho
Annarda só buscava por constante:
Mas ingrata a cruel a amor tamanho
Fazia com que Alcippo delirante
Os desertos e a noite só buscasse,
A quem seus males e seus ais fiasse.

IV.

Alli sentado sobre a pedra dura
Encostado na mão o triste rosto
Vencido de saudade e d'amargura
Desta sorte expressava o seu desgosto.
Eu, a quem igual sorte e desventura
Nas mesmas circumstancias tinha posto,
Sem que me visse, o seu lamento ouvia,
Na memória o tomei, e assim dizia.

---

(1) Teja pequeno rio da Beira, que nasce ao norte de Trancozo e corre para o Doiro.

V.

,, Agora que ninguem meus ais escuta
Mais do que estes carvalhos buliçosos,
E as broncas pedras desta serra bruta,
Ou féras destes bosques pavorosos;
Agora que daquella cava gruta
Escuto, ó mocho, os pios teus queixosos,
Quero ás rochas, ás féras, quero ao vento
A causa publicar do meu tormento.

VI.

Annarda, que me arranca este queixume,
Hé mais rocha que vós, inda hé mais féra,
Ella no coração estygio lume
M'accende pelas mãos da atroz Megéra:
D'impia Saudade, de infernal Ciume
Os negros males no meu peito géra,
E sem que o pranto meu movêla possa,
Mais dura condição tem do que a vossa.

VII.

Já vós outr'hora a miseros humanos
Affaveis escutastes com piedade,
Ouvindo-lhes d'Amor cruentos damnos,
Como estes de que soffro a crueldade;
E a Ingrata, que com pérfidos enganos
Me sepulta na dôr e na anciedade,
Não se move se quer a meu lamento,
Mas voluntaria causa este tormento.

VIII.

Ah perjura! que breve te esqueceste
Do protestado affecto d'algum dia,
Quando constante fé me prometeste,
Se já teu coração me não mentia!
Mas tu provas d'amor então me déste
Com que sinceros teus affectos cria, . .
Então, Cruel, teu innocente peito
Inda não era ao fingimento affeito?

IX.

A primeira paixão que sempre dura
Eu te sube inspirar nos frescos annos,
Em que tua celeste formosura
Menos interessára outros humanos:
Porém eu te adorei com tal candura,
Que a meus suspiros e amorosos damnos
(Nem perciso o que sabes affirmar-te)
Outro prémio não quiz mais do que amar-te,

X.

Mas tu de tanto Amor já não lembrada
Alcippo desprezaste por Josino,
Que terá, póde ser, maior manada,
Mas que não te consagra Amor tão fino:
Prezo na tua face alvi-rozada
O póde ter o alígero Menino:
Porém eu te asseguro, Annarda dura,
Que não hasde encontrar tanta candura,

XI.

Dos homens bem conheço o genio instavel
(Meu genio excepto por meu mal constante)
Nem só vós tendes condição mudavel,
Gosta de variar qualquer amante:
Mas dize-me, Cruel! hé mais amavel
O Vil por quem me deixas? Não te espante
Ouvires-me gabar, pois bem conheço
Inda té onde teu amor mereço.

XII.

Josino ao som da Lyra não descanta
As Graças que te adornão, e a Belleza,
Que para meu pezar tanto me encanta,
Quando te soffro tão cruel vileza:
E que arbusto aqui cresce, ou flor, ou planta
Nos valles, ou das serras na aspereza,
Cujo nome eu não saiba, ou as virtudes
De nossos gados contra os males rudes.

XIII.

Alpino me ensinou mestre affamado
Nas amenas ribeiras do Mondego,
Onde pastoreando manso gado
Me instruí com proveito neste emprego:
Conheço em qualquer rêz o *mal do olhado*,
E próprias hervas com saber emprégo;
Outras doenças mil distingo e curo
No rafeiro fiel, no toiro duro.

XIV.

Sei qual planta mais próspera aproveite
Na terra alagadiça, ou na collina;
Qual ás vacas e ovelhas dá mais leite,
E a cultura que torna a lã mais fina:
Sei onde se produz melhor o azeite,
E qual terra ás videiras se destina;
Até das flores, cujo mimo igualas
Natureza aprendi: sei cultiva-las.

XV.

Mas que fallo? que digo? oh desventura!
Julguei que a deshumana aqui me ouvia!
Quando me escutão só nesta espessura
Troncos annosos, erma penedia! . . .
Mesmo agora . . . talvez . . . que essa perjura . . .
Em quanto eu choro a sua aleivozia
Nos braços do traidor . . . n'almo . . . transporte . . .
Ceos! Soccorrei-me . . . ó Ceos! hum raio . . . a morte . . . „

XVI.

Assim chorava o triste Alcippo, quando
Pela viva paixão desacordado,
Sobre a rocha, em que estava suspirando,
Sem sentidos ficou mudo e prostrado:
Eu que estava seus brados escutando,
Do meu, de seu tormento traspassado,
Tambem gemendo o fui tomar nos braços,
E á Choça o conduzí com froxos passos.

ANECDOTAS.

Hum Cavalheiro encontrando huma Senhora, por gracejar lhe disse: = Muito formosa sois minha Senhora. = Muito tolo vos mostraes meu Cavalheiro = lhe disse a Dama com enfado; ao que replicou logo o primeiro: = Perdoe, que ambos nos enganámos. =

Hum homem tinha a mania de comprar muitos relogios para observar as differenças que entre elles havia na regulação das horas. Desgostoso de vêr que nunca lhe fôra possivel fazer regular dois relogios exactamente dois dias successivos, os abandonava muitas vezes deixando-os sobre a aba da meza para onde os tirava para os examinar. Hum dia andando o moço varrendo a casa não se lembrando que os relogios estavão em cima, ao baixar a aba da meza cahírão todos no chão. Acode á bulha o Amo, e cuidando o moço que se enfadaria, qual foi a sua admiração, quando lhe ouvio proferir estas palavras: = Ora graças a Deos que obtive huma vez darem todos os relogios huma pancada certa! =

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1817.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XIII.

BENEFICENCIA.

Novo estabelecimento de Beneficencia Pública debaixo da direcção da Congregação da Santa Via-Sacra de S. Rafael.

TENDO feito menção no N.° VI. do 1.° Volume, pag. 104, dos Jantares públicos de Caridade das Confrarias, ou Associações de Homens Caritativos desta Capital, mui de proposito particularizei os da veneravel Congregação da Santa Via-Sacra de S. Rafael, que em hum dia de cada mez distribuem ás familias recolhidas, pobres, e enfermas huma ração de meia libra de pão, meia de arroz em crú, e meia libra de carne a cada pessoa das di-

tas famílias, sejão de que idade forem, e huma quarta de toucinho para cada casa, sendo estes dois artigos pagos em dinheiro; pois que tendo principiado em 3 de Abril de 1815 por 81 pessoas, em Maio de 1816 chegava a somma das pessoas soccorridas a 716. Porém hoje de que distinctos elogios, de que bençãos do Ceo se fazem crédores o que promoveo, e os que põem em prática o plano de satisfazer por inteiro os Bilhetes, que o Arsenal Real do Exército passa ás mulheres pelos feitios das obras que fazem para o mesmo Régio Arsenal! Esta Caridade, este Amor do Próximo he de tal amplitude que abrange em si tambem o Amor do Soberano, e o crédito da Nação. A mulher pobre não perde aquella parte que ficava na mão do Usurario Rebatedor; e o crédito daquella Repartição Real augmenta-se, achando quem não desconfia do pagamento, pois que da demora delle se não exige prémio algum. Homens sensiveis, Amigos, e Protectores da Humanidade concorrei para tão util fim, assignai nos Livros desta Virtuosa Congregação aquella quantia, que mensalmente puderdes dispensar, que em nenhum outro acto não a podereis empregar mais conforme á Doutrina do Nosso Salvador. Vêde os seguintes Mappas, e conhecereis como se emprega a esmolla que ides dar. Talvez no número das Pessoas nelles mencionadas haja alguma a quem vós por obrigação deveis soccorrer, e por o ignorardes o não façaes. Quem poderá dizer: *Alli não tenho hum irmão, hum bemfeitor, hum amigo?* E quando nada disso tenhaes, tendes hum semelhante, e o semelhante desgraçado tem direito á compaixão, e ao auxilio. Assignai, inda que seja tenue a quantia. O pouco bem distribuido chega a muitos: esta verdade se vê verificada na distribuição desta Virtuosa Congregação. Os seus Directores não se poupão a encómmodos, e fadigas; e se souberdes de alguma desgraçada que rebata o triste resultado do seu suor em-

pregado nas obras, que fizera para o Real Arsenal do Exército, instrui-a; evitai que se engrossem sedentas sanguexugas com o sangue dos desgraçados; indicai-lhe a quina da Rua do Oiro, N.° 263, a Loja de Retroz do Senhor João Ferreira Estrella, hum dos Encarregados do pagamento dos ditos Bilhetes.

MAPPA

Das Pessoas soccorridas desde a creação desta Congregação em 3 de Abril de 1815 até 16 de Fevereiro de 1817.

Em Abril de 1815	81
Maio	104
Junho	281
Julho	290
Agosto	301
Setembro	326
Outubro	490
Novembro	524
Dezembro	514
Janeiro de 1816	384
Fevereiro	383
Março	390
Abril	252
Maio	716
Junho	620
Julho	730
Agosto	832
Setembro	850

Outubro	865
Novembro	877
Dezembro	891
Janeiro de 1817	799 } (1)
Fevereiro	741 }
	12$241

Mappa Demonstrativo das Casas, e Pessoas que fôrão soccorridas pela Congregação da Santa Via-Sacra de S. Rafael, ao presente erecta na Parroquial Igreja de Santa Maria Magdalena, em o Domingo 16 de Fevereiro de 1817.

Nomes das Freguezias.	*Casas.*	*Pessoas.*
S. João Baptista do Lumiar	1	2
N. Senhora d'Ajudá	2	6
Santos	4	11
N. Senhora da Lapa	1	3
Santa Isabel	5	14
S. Mamede	1	3
S. Paulo	2	7
Santa Catharina	3	10
N. Senhora das Mercês	8	25
N. Senhora da Encarnação	7	24
N. Senhora dos Martyres	1	2
SS. Sacramento	4	9
S. Sebastião da Pedreira	4	11
SS. Coração de Jesus	3	5

(1) Se o número das pessoas soccorridas nestes dois mezes he menor ao dos ultimos mezes do anno anterior, não procede de haverem afrouxado as esmollas, mas do augmento do preço dos géneros.

Nomes das Freguezias.	*Casas.*	*Pessoas.*
S. José	15	51
Anjos	17	54
Pena	10	35
Soccorro	19	55
Santa Justa	7	26
S. Christovão e S. Nicoláo	4	8
S. Julião	7	27
Santa Maria Magdalena	3	11
S. Bartholomeu	1	4
Santa Engracia	15	41
Santo Estevão	26	73
S. Vicente	14	35
Santa Marinha	3	12
Salvador	5	15
Santo André	2	2
S. Thomé	6	9
Sant-Iago	13	32
Santa Cruz	6	20
S. Martinho	2	4
Sé	2	5
S. João da Praça	11	22
S. Miguel	36	68
	270	741

CURIOSIDADES.

AINDA que na conquista da Cidade de Lisboa fomos auxiliados da armada, e gente, que de Alemanha, França, Inglaterra, e Flandes passava á conquista da Terra Santa, de que era General Guilherme de Longa Espada, Conde de Lincol, irmão de Guilherme, Duque de Normandia, e Rei de Inglaterra, e muitos destes illustres Guerreiros praticassem acções de estranho valor, de nenhuma dellas existe hum padrão público, pelo qual os séculos conheção o que se ha devido ao Heróe, que a praticára: porém do valor Portuguez verificado nesta mesma conquista de Lisboa, da heroica acção de D. Martin Moniz, que para facilitar aos nossos a entrada, e impedir aos Mouros fecharem as portas do Castello se atravessou na mesma porta, de que se seguio a tomada da Cidade, (todos os Escriptores concordão, que foi por esta porta que teve principio a victoria,) existe hum monumento público, hum testemunho authêntico não só na denominação desta Porta, que de então por diante se ficou chamando do Moniz, como tambem na cabeça, esculpida em fino jaspe, que se acha por cima della, com a inscripção seguinte:

ElRei D. Affonso Henriques mandou aqui collocar esta cabeça em memoria da gloriosa morte que D. Martinho Moniz, progenitor da Familia dos Vasconcellos, recebeo nesta porta, quando atravessando-se nella franqueou aos seus a entrada com que se ganhou aos Mouros esta Cidade no anno de 1147. *João Rodrigues de Vasconcellos e Sousa, Conde de Castello-melhor, seu decimo quarto neto por varonia fez aqui pôr esta inscripção no anno de* 1656.

A bella escultura desta cabeça mostra não ser do tempo do Senhor D. Affonso Henriques, como diz esta inscripção; porque no tempo deste Grande Monarca não estava a estatuaria, e a escultura na perfeição que demonstra a mesma cabeça, só se em tempos mais modernos se retocou, e aperfeiçoou a antiga que alli havia.

Esta antiguidade, que devia ser pública, e de facil ingresso, para se patentear que desde o principio da Monarquia logo o valor Lusitano se fez distincto entre os Guerreiros das outras Nações, acha-se hoje encerrada no recinto de huma horta, que tem serventia para o largo, que fica ao lado do Nascente da Igreja de Santa Cruz do Castello, aonde ha toda a difficuldade, e antojo de penetrar, por se achar quasi sempre fechada a dita horta, e por estar próximo deste monumento hum escuadoiro de immundices.

(Traducção do Artigo de huma Gazeta dos Estados-Unidos, intitulada: O Argos da Virginia.*)*

,, TEMOS muita satisfação em saber que o Abbade *Correa da Serra* se propõe a explicar hum curso de lições de Botânica Elementar, e de Filosofia. Sem dúvida Mr. *da Serra* he hum dos maiores Botânicos do Mundo, e seria ventura para a nossa Patria o possuir em seu seio muitos indivíduos de tão distincto merecimento como o delle. A sua instrucção he immensa, a sua memória admiravel, e a sua jovialidade e simplicidade de costumes são de cativar: nos encantos de huma conversação instructiva e elegante ninguem excede a este *illustre Portuguez*. Cada hum fica por horas esquecido pendente da sua boca sem fatigar a attenção, ou saciar a curiosidade. Mr. *da Serra*, durante muitos annos, occupou huma elevada situação diplomática junto da Côrte de S. James, porém avançando em annos desejou gozar no resto da sua vida do bem ganhado = *otium cum dignitate.* = O seu Governo prescindio com pezar dos serviços delle, e lhe conferio testemunho de gratidão, e estima pouco ordinarios. O Abbade teve desejos de dedicar o ultimo quartel da vida ao seu estudo valido da *Botânica*, e foi para París com esse destino. ,, Eu venho morrer entre as vossas flores ,, disse elle ao célebre *Jussieu* seu amigo. Comtudo os seus planos de socego e felicidade fôrão logo interrompidos. Na época da invasão da Hespanha e de Portugal, Bonaparte estava ancioso porque o Povo destes dois paizes se reconciliasse com a nova dominação; e fez insinuar a Mr. *da Serra* que lhe seria agradavel huma obra da sua penna, destinada a produzir este ef-

feito. O Abbade, cheio de honra e patriotismo regeitou com indignação esta proposta. Já elle tinha espalhado luzes sobre a história da sua Patria, sobre a agricultura dos Arabes, e sobre outros muitos objectos interessantes, mas não queria manchar as paginas da sua bem merecida fama politica, e literaria tornando-se o instrumento da subjugação dos seus Patriotas. Foi o resultado desta nobre firmeza o fazer-se-lhe huma intimação para sahir de França. Veio então para os Estados-Unidos, aonde nos causa muito gosto vêr, que finalmente os seus extensos conhecimentos vão no curso das suas lições propagar-se entre as classes da Sociedade liberal, e apurada. ,,

(Gazeta do Rio de Janeiro ,, 26 de Outubro de 1816.)

Este Artigo transcrito do *Investigador Portuguez* do mez de Dezembro de 1816 he muito honroso á Nação Portugueza para deixar de ter lugar neste Jornal, como o tem tido outros muitos trasladados do mesmo, e outros Periódicos. Nelle se manifesta o apreço que nos Estados-Unidos se faz da Pessoa, e talentos do Senhor *José Correa da Serra*, que une ás suas qualidades estimaveis, vasta erudicção, e distinctos serviços a glória de ser, além de Sócio effectivo na Classe das Sciencias Naturaes da Academia Real de Lisboa, Sócio da Real Sociedade de Londres; das Academias de Turim, Florença, Bordeaux, Lion, Marselha, Liege, Sena, Mántua, e Cortona; das Sociedades Reaes de Agricultura do Piemonte, e Toscana; da Sociedade Linneana de Inglaterra; Antiquários de Londres; da Sociedade Real Económica do Reino de Valença; próva de quanto he conhecido, e respeitado o seu nome em França, Inglaterra, Italia, Hespanha, e Estados-Unidos; aonde ou com a pessoa, ou com a correspondencia concorre para o progresso das luzes, e estabelece o crédito da Nação a que pertence.

POESIA.

Descripção da Ilha de Venus, Episodio do Canto IX. da Lusiada de Luiz de Camões, traduzido em Francez por Mr. Cournand, Professor de Literatura Franceza, no Collegio de França.

LIV.

CETTE Isle réunit l'ensemble précieux
Des beautés dont les champs éblouissent nos yeux.
Du flot qui vient mourir sur les plages voisines,
Avec grace et fierté s'élévent trois collines.
Des fontaines d'eau-vive arrosant leurs contours,
Ornent des verds gazons cette Isle des Amours;
Et l'onde, sans effort, suivant sa douce pente,
A travers les cailloux fuit, murmure, et serpente.

LV.

Au milieu du vallon, qui coupe ces hauteurs,
Les eaux, de toutes parts, roulant parmi les fleurs,
S'unissent pour former une nappe étendue;
Mais un objet plus doux y vient frapper la vue,
C'est un bosquet charmant suspendu sur ses bords,
Qui semble avec amour y mirer ses trésors;
Ainsi dans son printems, au tendre objet qui s'aime
Sourit au crystal pur qui le montre à lui même.

LVI.

Mille arbres odorans vers le ciel élancés
Se couvrent de beaux fruits l'un sur l'autre pressés ;
Là l'orange arrondie, en sa forme charmante,
Des tresses de Daphné prend la couleur brillante.
Dorés des feux du jour les superbes cédras
Sous leur riche fardeau sentent ployer leurs bras ;
Les limons parfumés dans leur figure ovale
Imitent d'un beau sein la grace virginale.

LVII.

Au sommet des côteaux d'autres arbres plantés
Etalent noblement leurs agrestes beautés ;
Phébus y trouverait le laurier qu' il adore,
Hercule ces rameaux dont sa tête s'honore ;
Cybèle y voit ses pins par l'amour obtenus ;
Les myrte des amans y fleurit pour Venus ;
Et le triste cyprès se cachant dans la nüe
Vers le séjour des Dieux tourne sa pointe aigüe.

LVIII.

Les présens de Pomone et leur douces saveurs
Sont de ce ciel heureux les constantes faveurs.
Ce qu' ailleurs le travail arrache à la nature,
Ici bien plus exquis se donne sans culture ;
La cerise vermeille embellit ce séjour ;
La mure y garde encor son nom cher à l'Amour ;
Et ce fruit des Persans qui la pourpre colore,
En changeant de climat, devient meilleur encore.

LIX.

La grenade entr'ouvrant ses modestes habits
Laisse voir sur son sein l'éclat de ses rubis.
Sous le pampre riant, la vigne offre avec grace
Ses fruits murs, ses fruits verds à l'ormeau qu'elle embrasse,
Et vous fruit délicat dans Athenes vanté,
Vous du bec des oiseaux si souvent insulté,
Plus le soleil mûrit votre chair douce et tendre,
Et plus à leurs assauts vous devez vous attendre.

LX.

Le feuillage des bois, les prés et leur émail
De la pompe des Cours effaçent le travail;
Et les Persans vaincus dans leurs arts magnifiques,
Enviraient du vallon les tentures rustiques.
Là le Narcise au bord d'un limpide bassin,
Semble encor pour s'y voir, s'incliner sur son sein;
Et la fleur consacrée à l'enfant de Cynire
Y recueille les pleurs de Venus qui soupire.

LXI.

Et la terre et le ciel peint des mêmes couleurs
Confondent les esprits et ravissent les coeurs;
On ne sait si les fleurs sont belles par l'Aurore,
Où si sa beauté vient des fleurs qu'on voit éclore;
La violette chere aux tendres sentimens
S'y peint de la pâleur ordinaire aux amans;
Mais Flore orne le lys et la rose nouvelle
De l'éclat qui nous plait sur le front d'une belle.

LXII.

Humbles trésors des champs, la lavande, et le thym
S'exhalent en parfums, aux larmes du matin.
L'œil suit sur les contours de la pâle hyacinthe
Ces traits qui de Phébus éternisent la plainte.
Un doux lien rassemble et Pomone et Cloris;
Ce Temple du bonheur est le sejour des ris;
Si l'oiseau dans les airs chante avec allégresse,
Les animaux des champs partagent son ivresse.

LXIII.

Philomène répond du sein des verds rameaux
Au Cygne qu' elle entend chanter le long des eaux.
Actéon se voyant dans l'onde transparente
A l'aspect de son bois ne prend plus l'épouvante;
La timide Gazelle, et le Lievre peureux
Sentent que ces forêts sont tranquilles pour eux,
Et le bec de l'oiseau que ce séjour rassure
Sans crainte à ses petits va porter la pâture.

Julgando ser agradavel aos Literatos, que tem conhecimento da Lingua Franceza, verem a traducção mais fiel, e poética, que se tem feito deste Episódio do Poema Epico do nosso immortal Camões naquella Lingua, a inseri neste Jornal. Quem sabe a grande differença, que intervem entre os genios das duas Linguas, he, que está ao alcance de conhecer o merecimento desta Versão. Não puz ao lado o texto Portuguez por andar nas mãos de todos este Poema, e por não occupar mais paginas deste Número com o que de quasi todos he sabido.

ADDITAMENTO

Ao Artigo Curiosidades do N.° V., pag. 80, do 1.° Volume.

NO Concurso do anno de 1816 da Aula do Desenho Histórico obtiverão os respectivos prémios os seguintes Alumnos deste tão util, e honroso Estabelecimento:

Em Desenho Histórico

1.° Prémio — O Senhor João Correa Botelho — Copiou a Estampa de S. Jeronymo, de Domin. Zampieri, gravada por Jacob. Frey.

2.° Prémio — O Senhor Francisco Firmino Soeiro — Copiou a Estampa de Pyrro protegendo o Menino Glaucias, de Benj. West, gravada por John Hall.

3.° Prémio — O Senhor Nicoláo José Possollo — Copiou a Estampa de Pyramo e Thysbe, de Guido Rheno, gravada por Vangelisty.

Em Desenho de Arquitectura Civil

1.° Prémio — O Senhor Antonio Galdino da Costa — Copiou hum Templo de Paladio.

2.° Prémio — O Senhor Joaquim José de Santa Anna — Copiou hum Palacio de Paladio.

3.° Prémio — O Senhor Antonio José Ferreira de Araujo — Copiou hum Palacio de Rubens.

Os tres premiados do Desenho Histórico, e os dois primeiros do Desenho de Arquitectura Civil forão os mesmos do anno antecedente, com a differença que igualando o Senhor Correa Botelho ao Senhor Firmino Soeiro, a inteireza dos Sábios Lentes fez com que levasse aquelle o primeiro prémio, por ter tido maior assiduidade no estudo annual, e no Concurso. O Senhor Galdino da Costa, que obteve o segundo prémio da Arquitectura em 1816, passou a merecer o primeiro, e o Senhor Santa Anna, de terceiro alcançou o segundo; próva do adiantamento progressivo dos Alumnos destas Aulas, e da pericia dos seus Lentes.

ANECDOTAS.

D. Gonçalo Pereira, Bispo de Lisboa, Pessoa de grandes letras e virtudes, foi encarregado pelo Senhor Rei D. Affonso IV. de varias negociações na Curia Pontificia, então residente em Avinhão, todas coroadas de felizes resultados. Acompanhando o seu Soberano na batalha do Salado, em que com o seu valor, e exemplo concorreo muito para esta assignalada victoria, constou-lhe haver sido motejado por empunhar a espada sendo Ministro da Igreja; ao que respondeo: = Sou tão obrigado a defender com a penna a Igreja de quem sou Ministro, como com a espada a Pessoa do Rei, de quem sou vassallo; e se alguem o duvida, saiba que nem he bom Christão, nem bom Portuguez. =

O Senhor Infante D. Affonso, Filho do Senhor Rei

D. Manoel, Arcebispo de Lisboa, e Cardeal, foi o primeiro Prelado, que ordenou, que todas as Freguezias tivessem Livros para se escrever nelles os nomes das pessoas baptizadas, e os dos padrinhos, cousa não praticada antes. O Sagrado Concilio Tridentino mandou, que se estabelecesse esta prática em toda a Igreja Catholica. Hum Padre do Concilio disse: = Quando Portugal não fosse conhecido pelos illustres Varões que tem produzido, bastava ter dado á Igreja hum tão util exemplo para merecer nos annaes da História huma perduravel fama. = Foi este Arcebispo o que ordenou se não rezasse pelo Breviario de Salisbury (em Inglaterra), que havia introduzido o Bispo D. Gilberto, mas sim pelo Romano, de que usâmos.

N. B. Os Senhores, que se dignarem continuar na Subscripção deste Jornal por outros tres mezes, o podem fazer nas Lojas já annunciadas da Gazeta, João Henriques, e Francisco Xavier de Carvalho, pelo mesmo preço de 1440 réis, entrando 1200 em moeda papel.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XIV.

DISCURSO

Sobre a Arte Declamatória.

(Artigo communicado.)

PERGUNTA-SE qual seja a genuina significação do termo = Declamação = ? Se haja synonímia, ou differença entre Arte Declamatória e Arte Oratória? Se finalmente será em desabono, ou deslisamento da Patria, ou das Authoridades Constituidas a Proposição, em que se diga = Que neste Paiz não he attendida a Arte Declamatória?

Tres são os pontos da Proposta acima: eu de boamente seguiria a ordem, que nella se prescreve, se para

dar a genuina significação á palavra = Declamação =, que he o primeiro, me não fosse necessario desenvolver logo o segundo, que pende sobre a identidade, ou differença que ha, e tem havido na significação, uso, e origem da dita palavra.

He certo que esta debaixo de qualquer signal, ou som material teve a sua origem, entre os homens, do dom natural de fallar, o qual sendo ao principio algum tanto informe, e grosseiro, se foi com effeito pelo decurso do tempo pouco a pouco aperfeiçoando; e depois de estabelecidos, e formados no Mundo os primeiros Estados Politicos, chegou todavia a merecer a attenção dos mais Sábios, e Prudentes, e a ter desde então mais ou menos certa influencia, e entrada em alguns Governos. Sendo pois provavel, que já no tempo de Homero tinha a eloquencia chegado á mais alta perfeição, como se vê claramente da sua Illiada, e Odisséa, e que já esta influia no Governo Económico, e Político da Grecia, he tambem certo que attentando os Gregos exercitar o dom natural da Palavra, estabelecêrão então a Arte da Declamação, a qual não era outra cousa que a Arte de fallar sem differença sobre todo o genero de assumptos. Esta foi a que mais facilitou aquelle dom nas pessoas que alli se propunhão a deliberar sobre os Negocios Políticos; e deste modo se podia então confundir a Declamação com a verdadeira Eloquencia, pois com pouca differença parecia ser quasi o mesmo. Porém pouco tempo se passou que nestes exercicios não começassem a querer sustentar igualmente o *pro*, e *contra*, fazendo deste modo, que algumas vezes o Justo parecesse Injusto, e destruindo, e combatendo as mais sólidas razões. Daqui he que resultou a célebre Arte dos Sophistas, que Sócrates desacreditára, e que tanta estimação, e crédito lhe deo depois Demétrio Phalareu. Desde então he que na Grecia se pôde distinguir a Declamação da verdadeira Elo-

quencia, e o Phylosopho do Sophista. E com effeito este péssimo exercicio veio assim a falsificar muito o espirito do homem, e a corromper o bom gosto; pois se dirigia a cultivar mais a imaginação do que a apurar o juizo, e a buscar antes cousas verosimeis para enganar os ouvintes, que sólidas, e verdadeiras razões para os convencer.

Muito deve só pelo que vale a força, e significação da referida palavra aos Gregos; mas eu me atrevo a dizer (se não me engano) que deve muito mais aos Romanos; pois além da significação, e força que tem, lhe deve de mais o mechanismo physico do som; pois introduzindo-se em Roma pouco tempo antes de Cicero aquelles mesmos exercicios pela palavra = Declamações =, os Romanos accommodárão esta palavra em som, e valor aquelles discursos fingidos a quem davão a fórma de razões, que fazião nas causas públicas, e particulares, e a cujos exercicios se applicavão todos os que aspiravão á gloria da Eloquencia, já para as Deliberações, já para as Causas Forenses, e já (mas raras vezes) para o Genero Demonstrativo. Em quanto pois estas Declamações se conservárão nos seus justos limites, e imitavão perfeitamente a fórma e estillo dos verdadeiros discursos, não só fòrão de grande utilidade para a Eloquencia; mas podia-se dizer que a palavra = Declamação = pouco ou nada se differençava da palavra = Eloquencia =, e que a Arte Declamatória, pouco ou nada se distinguia da Arte Oratória. Mas este bello exercicio bem depressa mudou e degenerou pela ignorancia, e máo gosto dos Mestres. A má escolha que estes depois fizerão de assumptos fabulosos e extraordinarios, de pensamentos brilhantes, de expressões affectadas, de anthítesis, vã inchação, e outros ornatos puerís, que já Petronio reprehendia nas Escólas públicas, e quaes se vê nas Declamações, que Séneca recolheo, concorreo muito para que não só as Declamações fossem huma das causas prin-

cipaes da corrupção da Eloquencia; mas que a palavra Declamação dos Rhétoricos se tomasse sempre em máo sentido; pois ainda agora quando se diz de alguma obra de espirito, que cheira a Declamação, he o mesmo que dizer, que abunda de expressões pomposas, estudadas, affectadas, sem significação, nem sentido. Assim em quanto as Declamações servião de preparar o espirito dos Oradores, tão longe esteve Quintiliano de as reprovar, que antes nenhuma differença punha entre a Declamação, e a verdadeira Eloquencia; pois (diz elle) que era ignorar qual he o fim da Declamação o imaginar, que de diverso modo se devião tratar as cousas no Foro. Quando porém as Declamações não preparavão os Oradores por huma perfeita imitação, então diz que não era a Declamação mais que hum montão de palavras superfluas, que enfadavão, e aborrecião, e erão sempre indignas do verdadeiro Orador. Daqui assás se collige agora a diversa significação, que já desde então havia entre a Eloquencia, e a Declamação.

Porém como os sobreditos ensaios, ou exercicios da Eloquencia não respeitavão só a expressão do espirito, mas tambem a expressão vocal, e do gésto, igualmente a palavra = Declamação = veio logo a significar a Eloquencia do corpo, do tom, e da pronunciação, e a ter a Arte Declamatória tanto a sua entrada no Foro, como no Theatro. E supposto que os Declamadores tambem em certo modo corrompêrão esta parte da Declamação, pois buscando com o modo da pronunciação a fama de dizer com vehemencia em toda a parte clamavão, e bradavão, arquejando, e fazendo géstos com a cabeça e corpo, como se fossem furiosos, comtudo a palavra Declamação ficou mais tempo subsistindo na significação da Eloquencia do gésto, e da pronúncia.

Daqui se manifesta, que entre os Gregos, e os Ro-

manos chegou não só a Declamação a ser quasi a mesma cousa que a Eloquencia, mas tambem a diversa ou contrária, até que a mesma palavra acabou com toda a Eloquencia Grega, e Romana, jazendo sepultada tantos annos quantos fôrão os séculos da Ignorancia; se bem que depois a Poesia, e Eloquencia fôrão pouco a pouco renascendo, comtudo sempre custou muito á dita palavra o outra vez ressuscitar. Seria talvez pelo horror que sempre se concebeo por hum termo, que ainda depois de muitos séculos só veio a significar o abuso, que da bella Eloquencia fizerão os Declamadores nos penultimos momentos do referido Império.

Não quero dizer por isso que a Eloquencia em Portugal não deve algum beneficio á sobredita Arte; pois sem esta nunca poderia aquella vigorar, e fazer os progressos, que fez, nos tempos de sua melhor Literatura; mas estes ensaios se não explicárão muito tempo entre nós pela palavra = Declamação = como a exprimírão os Romanos; mas só pela de = Exercicios Escolásticos = e isto ainda no tempo em que apparecêrão em Portugal as Declamações de Séneca o Orador, que falsamente se attribuírão ao Philosopho seu filho, e as que (talvez que falsamente) tambem se attribuem a Quintiliano. Mas igualmente assim que em Portugal se foi corrompendo a bella Eloquencia, he que então ressuscitou a palavra = Declamação = pois não se encontrando facilmente nos Authores Clássicos Mestres da Lingua do século de quinhentos, só em Vieira se nota a palavra = Declamar = quando falla da doctrina, que devia ser declamada nos púlpitos: e ainda que Vieira a quiz alli tomar em melhor sentido, e pelo que tambem respeita a Eloquencia do gésto, do tom, e da pronunciação, comtudo sempre a dita palavra = Declamação = se tem conservado entre nós na mais obvia significação pela de hum discurso vão, e inchado, e mais cheio de pala-

vras, que de pensamentos. Estas são as diversas significações que teve, e hoje tem a palavra = Declamação =; e ainda hoje a Arte Declamatória tem suas regras, e preceitos, que mais se aprendem pela Prática, que pela Theórica, naquella parte que pertence á Eloquencia do gésto, e da pronúncia.

Ainda que ignoro a que fim se possa dirigir a proposta deste papel, comtudo não deixo de admirar a novidade do ultimo ponto, que he: Se o dizer-se que neste Paiz não he attendida a Arte Declamatória, he dito que desabone a Patria, ou as suas Authoridades Constituidas. Porém respondendo, como puder a este assumpto, como a Arte Declamatória fez differentes progressos no Mundo, e estes bons e máos, vamos por partes resolvendo esta última proposição para vêr se por si, ou relativamente desabona ou não, em toda, ou em parte a Constituição do Paiz.

Primeiramente eu creio que ninguem se persuadirá, que em Portugal he inteiramente desattendida a Arte Declamatória, pelo que respeita á expressão do gésto, do tom, e da pronunciação; pois ainda que esta deixou de ter lugar em o nosso Foro, sempre todavia se ficou observando no Púlpito, e no Theatro. Porém tomando ainda a palavra = Declamação = pelo do estudo, e exercicio, que mais podem habilitar os Estudantes para o Púlpito, e para a Advocacia, tanto não he desattendida neste Paiz, que antes he expressamente recommendada nas Instrucções que o Senhor Rei D. José de Gloriosa Memoria fez promulgar para o uso das Escólas da Eloquencia neste Reino, e seus Dominios, em o §. 8. do Cap. dos Profes. de Rhet. Assim talvez que neste sentido não tomasse a dita Arte o Author da Proposição; pois esta sempre se deve entender favoravélmente em quanto não consta formalmente do contrário; e do contrário, como a dita palavra tem diversas

significações, ninguem póde ser Juiz, senão unicamente o seu Author; pois este he quem póde verdadeiramente explicar o sentido em que a tomou.

Se alguem a quizer porém tomar pela Arte Oratória, e deduzir desta accepsão, que não he attendida neste Paiz por dever os seus progressos ao Governo de alguns Estados Livres, tambem se engana. Tantos progressos tem feito a Declamação, e Eloquencia nos Estados Livres, como nos Estados Monarchicos. A differença está sómente no Estado Monarchico, não ter o Orador tantas occasiões de fallar em público, como no Livre; nem poder manifestar tanto a sua Eloquencia. Porém o haver Oradores, e homens Eloquentes em todos os Estados, em todos os Governos, e em todos os tempos (exceptuando sempre os dos séculos da total ignorancia) he crivel que mais ou menos sempre os houvesse. Se a Grecia (*verbi gratia*) contou com Oradores famosos no tempo do seu Governo popular, tambem no tempo dos seus Reis, e Monarchas não deixárão de haver Oradores atilados, como se mostra das Obras do Poeta Homero. E se ella chegou a ter então o talento, e dom especial da Eloquencia, a quem o deve realmente, foi a Corex vassallo, e privado d'ElRei Hieron em Saragossa. Se nos tempos da Républica Romana houverão igualmente alguns Oradores célebres, como se mostra da sua Historia, e da de Cícero; tambem no tempo dos Imperadores, em que a Soberania estava em poder de hum só homem, houverão Oradores não menos consumados, e eloquentes, como foi entre muitos Afro Domicio, que defendeo Cloantilla do crime de enterrar o Marido depois de justiçado, como Réo de Leza Magestade. E isto não succedeo sómente nas Républicas, e Monarchias antigas, mas tambem nas modernas, e que ainda presentemente florecem. Que famosos Oradores (a quem dava o nome de Advogados) não tinha a França na idade mais bel-

la da sua Monarchia ? Por ventura não existem ainda hoje os excellentes discursos , que proferírão no Parlamento Errard , Gillet , Normant, e Cochim ? Não são eloquentissimos os dois discursos do Advogado Barbier de Aucour , e hum que Mr. Servant proferio tambem sobre a Administração da Justiça Criminal ? Quem he hoje o que póde dizer que nas Monarchias não he tão attendida a verdeira Eloquencia , como o era em alguns Estados Livres ? Por ventura nas Monarchias não ha tambem Senados, Conselhos de Estado , Ajuntamentos de Côrtes , e Parlamentos , aonde os Conselheiros , e Deputados fazem hoje de voz , ou por escripto o mesmo que então fazião esses chamados Oradores ?

Ora já a Eloquencia que nos grandes Tribunaes da Franca Monárchica admirava tanto , era pois como ordinária em Inglaterra. E porque ? Porque segundo a fórma do seu Governo , quasi todos os dias levantão a voz Oradores habeis para deliberarem no Parlamento , ou na Camara dos Communs ; de maneira que a differença , que nos Estados diversos do Mundo póde ter a Eloquencia , he o ser em huns mais effectiva , e em outros mais rara. Mas isso não tira que em todos elles sempre seja attendida , estimada , e cultivada a verdadeira Eloquencia. E quem ha que possa dizer que em Portugal não foi sempre attendida a Arte Oratoria ? Não contâmos tambem nós com muitos Oradores distinctos , e de notavel merecimento ? O nosso João de las Reglas ; o Bispo D. Antonio Pinheiro , Ayres Barbosa , e outros muitos não assombrárão com seus Discursos Politicos a Naturaes , e Estrangeiros , quando , ou em Côrtes , á face do seu Soberano , ou nos Paizes estranhos á sua ordem , deliberárão sobre os interesses do Estado , e bem da Patria ?

Logo daqui se conclue que não he nesta accepsão o que o Author da Proposição quiz sem dúvida entender pela

palavra = Declamação. = E se quiz que se tomasse a Arte Declamatória em a sua significação ordinária, e mais corrente nas Linguas da Europa, como he mais acertado o presumir, como esta he a que só ensina a formar hum Discurso vão, e inchado, e mais sophistico, que eloquente, tão longe está a dita Proposição de offender as Authoridades Constituidas, e a Patria, que antes pelo contrário a parece engrandecer, e elogiar, assim como igualmente o seu Governo; pois mostra que este não attende aquella Arte cavilosa, de que usárão os Sophistas na Grecia, e os Declamadores em Roma, aquella Arte, que sendo boa no seu principio veio depois a corromper a Philosophia, e a Eloquencia. E se em nenhum tempo desde que foi creada esta feliz Monarchia poderia a dita Proposição desabonar a Patria, e a Authoridade pública, muito menos o póde presentemente, em que hum sábio Ministério nos governa debaixo da Regencia Pacífica, e Ditosa de hum Principe Justo, Pio, Affavel, Generoso, e Compassivo, cuja vida o Ceo prospere, e conserve por muitos annos para nossa felicidade, e socego. Estes são os sentimentos sobre a referida Proposta (salvos sempre os de melhor juizo) de

M. P. de A. R.

POESIA.

Querendo hum Amante saber se a Senhora, que amava, lhe queria bem, perguntou-lho na seguinte

Decima.

Diz Fabio, que ha mez cabal
Que ama, e sabido não tem
Se lhe querem mal, ou bem,
Para bem, nem para mal:
Em huma confusão tal
Irresoluto se vê,
E por tanto: Pede que
Digão se he merecedor
De alcançar algum favor
E. R. M.ce

A Dama, que tinha fumos de formosa, e não menos ostentação de discreta, lhe respondeo nesta

Decima.

Senhor Fabio, a quinta essencia
Da amatória polulância
He ostentar suffragância
Calculada a ingriminencia:
Eis a minha deligencia.
Deos guarde a sua Pessoa
Como desejo. Lisboa
Aos tantos do mez que he.
Serva de V. M.ce
Amarilis de Gamboa.

Como ficasse em jejum com esta resposta, pedio declaração na seguinte

DECIMA.

AMARILIS, eu desejo
Que o que sentes, me relates,
E peço-te, que me trates
Pão por pão, quejo por quejo.
Se faz escuro não vejo,
E a luz a vêr me convida:
A clareza, minha vida,
He a cousa mais selecta;
Porque he máo dar em discreta
Para não ser entendida.

Tão justa queixa não podia deixar de commover a Dama, que na seguinte acclarou muito bem acclarada, a difficuldade da primeira, ficando o Amante sciente do que desejava.

DECIMA.

QUEM a flâmmeos accidentes
Remonta eflúvios volantes,
Aos párpados polulantes
Acredita de indulgentes:
Bem que se exalem vehementes,
Fabio, os aéreos Ethontes
Sempre he razão te remontes
Para que feliz te pintes;
Que os accidálios requintes
Rimbombão nos Flagetontes.

A hum Corcovado, que desafiando hum Anão, dando-lhe este huma cabeçada na corcova lha desfez.

QUADRAS.

Não sabe o que vai Visinha
Entre o Carcunda, e o Anão!
Hum tamanho como o chão,
Outro chão, que nem foi vinha.

Vigiava a este, aquelle
De huma porta recatado:
Presentio-o o Corcovado,
E virou-se contra elle.

,, Qual Deos me fez, sou. Que espreitas?
Disse o Carcunda ao Anão,
E este disse: ,, O' toleirão,
,, Deos não faz cousas mal feitas.

,, Pão, que o Diabo amassou
,, Deves ser entre a mais gente;
,, Massa fria, que sómente
,, Pelas costas levedou.

,, A natureza esse empello
,, Fez, com que asneira te próva,
,, Pois te faltava a corcova
,, Para em tudo ser camello. ,,

„ E tu (disse este ao Anão)
„ Que ou és virgula vivente,
„ Ou dos olhos, e da gente
„ E's ponto, e admiração.

„ Tens boca para fallar?
„ Se te vejo hum tudo nada,
„ Em porção tão limitada
„ Nem a boca tem lugar.

„ Tu! voz sem corpo; pois és
„ Cousa tão indivisivel,
„ Que para ser invisivel
„ Tens por ti hum és, não és.

„ Espirro' da natureza,
„ Nó nada em abbreviatura,
„ Antípoda da estatura,
„ Só da pequenez grandeza.

„ Anão por huma arte nova:
„ Que déras tu, mofininho,
„ Se nesse corpo mesquinho
„ Te coubesse huma corcova? „

„ Que déra? (disse o Anão)
„ Eu to digo. „ E avançou
Ao Carcunda, e lhe pregou
Hum tremendo pescoção.

O Carcunda que o sentia,
Quiz dar-lhe huma bofetada;
Mas nas mãos não achou nada,
Que entre as mãos se lhe sumia.

Queria dar-lhe huma sóva:
Té que o Anão por bom meio
D'huma cabeçada veio
A esborrachar-lhe a corcova.

Sentio o Carcunda a dôr,
Queixou-se; mas com effeito
Apalpou, vio-se direito,
E disse: ,, Ai, eu estou melhor!

,, Vêr-me assim mui bem me sôa,
,, Pregaste-me boa peça;
,, Mal cuidei, que essa cabeça
,, Fizesse cousa tão boa. ,,

Não vi mais, que minha Avó
Me chamou: tenho-a em memória,
Visinha, mas esta historia
Fique aqui para nós só.

ADDITAMENTO

Ao Artigo Curiosidades do N.° IX., pag. 148, do 1.° Volume.

A distribuição em que actualmente se acha a Real Bibliotheca Pública, deve-se ao Illustrissimo Senhor Desembargador Antonio Ribeiro dos Santos, então seu Bibliothecário Maior. Este sabio Escriptor fez doação a este Regio Estabellecimento, reservando para si o uso fructo durante a sua vida, de todos os manuscritos da sua composição sobre differentes ramos de erudição, e muitos outros alheios. Os Livros, e Folhetos, que entregou de sua composição excede o número de oitocentos. Tendo pedido a sua demissão pela sua avançada idade, Houve por bem S. Magestade nomear para Bibliothecário Maior desta Real Bibliotheca Pública ao Illustrissimo Senhor Joaquim José Ferreira Gordo, Monsenhor da Santa Igreja Patriarcal, cujas letras o fazem crédor não só do distincto Emprego, mas do respeito de todos os sabios da Nação.

ANECDOTAS.

Em certa Companhia hum Fallador insupportavel discorria tão continuadamente, que não dava lugar a que ninguem mais podesse fallar. Hum Literato achava-se a hum canto da salla sem dizer palavra. Certo amigo do dono da Casa lhe perguntou, porque razão Fabricio, que era sábio não dizia palavra, e Fábio, que era hum ignorante não cessava de fallar? Ao que respondeo o dono da Casa: = Pela mesma razão que as vazilhas vazias sôão mais do que as cheias. =

A huma Senhora modesta, e judiciosa perguntando huma sua amiga, porque motivo tendo seu marido casado com ella por amores, pouco depois de a lograr se desgostára della a ponto de a desprezar, e motejar de feia, respondeo: = Esperada nenhuma cousa he defeituosa; possuida nenhuma he perfeita. =

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1817.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XV.

CARTA

Que os Excellentissimos Senhores Governadores do Reino de Portugal dirigírão ao Excellentissimo Duque da Victoria pela occasião de lhe offerecerem por Ordem de Sua Magestade a Baixella de Prata, e a Resposta do Excellentissimo Duque (1).

Para o Duque da Victoria.

ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR. = Temos a honra de offerecer a V. Ex.ª por Ordem e em Nome

(1) Tendo publicado no Supplemento ao N.° XXIV do 1.° Volume deste Periódico a Descripção desta magnífica Baixella, e obtendo agora as Cópias da Carta, que os Excellentissimos Senhores Governadores do Reino dirigírão ao Excellentissimo Duque da Victoria, quando pela Fragata *Perola* a remettêrão para Inglaterra, e da Resposta que o Excellentissimo Duque dirigio a Suas Excellencias, tenho a honra de as publicar igualmente neste Jornal. Os Amantes da Nação apreciarão, como devem, estes dois interessantes documentos.

de Sua Magestade ElRei Nosso Senhor huma Baixella de prata, cujo Plató sendo destinado a trazer á lembrança a série de Victorias que assignalárão os passos dos Exércitos, que tiverão a fortuna de ser commandados por V. Ex.ª, e que V. Ex.ª tão gloriosamente conduzio desde as ultimas extremidades Occidentaes da Peninsula até ás Cidades de Bordeaux e Toulouse, patenteará em toda a occasião, não só os justos sentimentos de gratidão com que será sempre recordado entre nós o nome de V. Ex.ª, mas a que lhe deve toda a Europa, para cuja liberdade estes memoraveis successos concorrêrão tão poderosa e efficazmente.

Persuada-se V. Ex.ª do muito que nos serão sempre agradaveis todas as occasiões em que houvermos de renovar a V. Ex.ª a expressão dos sentimentos com que temos a honra de nos assignar. = De V. Ex.ª = Os mais attentos e fiéis Veneradores. = Marquez de Borba. = Principal Sousa. = D. Miguel Pereira Forjaz. = Alexandre José Ferreira Castello.

Lisboa a 3 de Setembro de 1816.

Cambray 19 de Outubro de 1816.

Illustrissimos e Excellentissimos Senhores.

Tive a honra de receber a Carta de Vossas Excellencias de 3 de Setembro, que Vossas Excellencias me dirigírão quando remettêrão para Inglaterra a Baixella de prata, com que Sua Magestade foi servido presentear-me; e rogo a Vossas Excellencias queirão acceitar os meus mais re-

conhecidos agradecimentos pela honra que nesta occasião me conferírão.

Não tenho palavras com que possa expressar a minha gratidão para com Sua Magestade por este novo testemunho da sua Benignidade, e generoso Favor. A Vossas Excellencias devo os meios que se me franqueárão para servir a Sua Magestade; huma confiança illimitada, e amplissimo apoio durante a invasão dos Dominios de Sua Magestade, e a guerra da Peninsula; e (o que prézo mais que tudo) a favoravel exposição e recommendação dos meus serviços á attenção de Sua Magestade.

Espero que Vossas Excellencias estarão persuadidos de que não era necessario este magnífico presente de Sua Magestade para me trazer á memoria o muito que fui obrigado ao valoroso exército Portuguez, a toda a Nação, e a vossas Excellencias, no tempo da referida crise.

Rogo pois a Vossas Excellencias me fação a mercê de pôr na Presença de Sua Magestade o meu mais grato reconhecimento, e ardentes desejos de fazer a Sua Magestade todos os serviços, que couberem na minha possibilidade em qualquer occasião, que possa offerecer-se.

Tenho a honra de ser com a mais alta consideração e respeito = Illustrissimos e Excellentissimos Senhores Governadores do Reino de Portugal = De Vossas Excellencias. O mais obediente, fiel e humilde servo = Wellington Duque da Victoria.

DESCRIPÇÃO

Da Illuminação, que os Regimentos de Infanteria N.° 1, 4, 13, e 16 fizerão na frente dos seus Quarteis por occasião de celebrar-se na Cidade de Lisboa no dia 6 de Abril de 1817 a exaltação ao Throno de S. Magestade Fidelissima ElRei Nosso Senhor.

CONSTANDO aos beneméritos Commandantes, e mais Officialidade dos Regimentos de Infanteria de Linha N.° 1, 4, 13, e 16, estacionados em Lisboa, e suburbios desta Cidade, que no Sabbado de Alleluia 5 de Abril de 1817 havia de sahir o Bando do Senado da Câmara de Lisboa, determinando huma illuminação geral no dia seguinte, em consequencia de ser este o dia destinado por S. Magestade Fidelissima o Senhor D. JOÃO VI., que Deos Guarde, para receber o juramento de preito e homenagem na Côrte do Rio de Janeiro pela sua exaltação ao Throno, com toda a profusão e disvello se preparárão para darem hum público testemunho do seu amor e respeito ao Augusto Soberano por meio de bellos prospectos, e bem imaginadas allegorias nos frontespicios dos seus Quarteis, vistosas girândolas de fogo, e excellentes concertos de música, além do grande número de lumes com que abrilhantárão os ditos prospectos, o que executárão de huma maneira a mais análoga aos briosos estímulos que lhes havião dispertado esta idéa.

Depois de marcharem estes Regimentos, assim como todos os outros, no mais luzido aceio na tarde do De-

mingo de Pascoa da Ressurreição 6 de Abril, postárão-se na Praça do Rocio, cuja linha se continuava nas ruas adjacentes, e Praça do Terreiro do Paço com o Regimento da Real Guarda da Policia, com o do Commercio, Milicias de Lisboa, Batalhões de Atiradores, e Artilheiros Nacionaes, Cavallaria, e tres parques de Artilharia montada. Dadas as quatro horas no acto de sahirem os Excellentissimos Senhores Governadores do Reino, e Excellentissimos Senhores Secretarios do Governo, do Palacio da Regencia para a Basilica de Santa Maria, a fim de assistirem ao Solemne *Te Deum*, apresentárão as armas e abatêrão as bandeiras, o que repetírão na volta dos mesmos Excellentissimos Senhores, depois do que dérão os tres vivas a S. Magestade conforme o estillo, e marchando por baixo das janellas do Palacio da Regencia, tendo á sua frente o Excellentissimo Senhor Marechal General, todo o seu Estado Maior, e mais Officiaes Generaes do Exercito, se retirárão aos seus respectivos Quarteis, onde tinhão disposto as suas illuminações da maneira seguinte:

Quartel do Regimento N.° 1. — Calçada d'Ajuda.

Hum elegante Pórtico da Ordem Dórica ornado de duas collumnas com sua correspondente cornija, e empena ornava a Porta deste Quartel. Sobre a Porta se vião pintados em transparente os Retratos de Suas Magestades pondo as mãos sobre huma coroa. Ao lado direito lia-se a seguinte Quadra:

Cesar dirá: Sou digno de memória
Vencendo vários Póvos esforçados;
Mas J o ã o haverá em longa História
Mais honra de seus Feitos sublimados.

Do lado esquerdo :

Ditoso Povo , que d'hum Rei o estudo
He só tornar feliz , fazer contente ;
Que inda mais do que Rei he Pai , he tudo :
Ditosa condição , ditosa Gente !

Estes dois letreiros erão tambem transparentes , e ornados de troféos militares , que mais os fazião sobresahir. No tympano da empena dois Anjos seguravão as Armas Reaes , que punhão remate a este prospecto , ao qual a boa distribuição de lumes accrescentava o realce.

Quartel do Regimento N.° 4. — Campo d'Ourique.

A porta deste Quartel , que deita para a Rua do dito Campo figurava hum Pórtico com duas collumnas antigas ao lado , e no tympano da cornija em huma tabella transparente se lião os seguintes Versos :

O solio de João ladêe a Gloria ;
A Justiça o ladêe ; admire-o tudo :
Baze de corações lhe escóre o Throno ,
Só deixe de inveja-lo apenas Jove.

A entrada principal do Quartel representava hum mais vistoso , e magnífico Pórtico de quatro collumnas da Ordem Dórica , sobre os seus pedestaes , em cujos entre-colúmnios avultavão as Figuras da Fé , e da Fortaleza. Huma cornija corria o comprimento de toda a fachada com huma empena ao centro , sobre a qual hum gruppo de nuvens , em que se via hum Genio com huma coroa nas mãos , outro com hum Sceptro ,

e a Fama em acção de soltar o vôo para annunciar ao Mundo a Coroação de S. Magestade, se divisava o Retrato do mesmo Augusto Senhor em transparente primorosamente pintado. Aos lados da empena no prumo das Figuras da Fé, e da Fortaleza estavão dois Escudos, hum com Armas Reaes de Portugal, outro com a Esphera Armilar representando as Armas do Reino do Brazil, e ambos cercados de armas, e petrechos de guerra, formando dois grandes troféos militares. No espaço por baixo do escudo das Armas Reaes Portuguezas em huma elypse transparente estava escrita a Quadra seguinte:

Eis o sacro Brazão mysterioso
Concedido de Lysia ao Rei Primeiro:
Não duvidão com Elle os bravos Lusos
A conquista fazer do Mundo inteiro.

No espaço por baixo das Armas do Brazil:

Quem te faz, ó Brazil, o teu esmalte,
Não são as, que produzes, veias de ouro;
He dos Reis o melhor, o mais amavel,
De Virtude, e de Amor amplo Thesouro.

Grande cópia de lumes tornava mais vistosa a bella pintura desta fachada, a qual se lograva optimamente pelo espaçoso terreno que lhe fica em frente.

Quartel do Regimento N.° 13. — Castello de S. Jorge.

Não offerecendo o Quartel deste Regimento huma frente, e hum local idóneo para o intento, elegêrão a Praça do Castello em frente da Cidade alta para erguerem o pros-

pecto das suas luminarias. Representava este hum grandioso Arco triunfal, cuja idéa honra sobremaneira o seu inventor. Hum arco ao centro com duas passagens lateraes, ornado com quatro peças de artilharia servindo de columnas, em cujos munhões prendião correntes de ferro, nos extremos das quaes se vião ballas de todo o Calibre sobre os competentes pedestaes, sustentavão a cornija, os troféos, as cúpolas, e remate deste sumptuoso monumento. Sobre o arco do centro se patenteava o Busto de S. Magestade ElRei Nosso Senhor em transparente figurando ser de fino mármore, que Lysia, e Hercules, este representando a Virtude e a Força, aquella o Amor da Patria, coroavão. Huma tabella tambem em transparente por baixo desta allegoría, a cujos lados se vião duas outras coroas sobre suas almofadas, que com a primeira alludião aos tres Reinos de Portugal, Brazil, e Algarves, apresentava estes Versos:

Eis de dois Mundos o Monarca Invicto,
Que o Sceptro de Bragança empunha inteiro;
E nos Climas Austraes em Throno avicto
A diversas Nações deo Leis primeiro.

No fecho do arco estavão as Armas Reaes de Portugal, e no espaço delle a Fama voando embocava o clarim, precedida de hum Genio espalhando flores.

Sobre a passagem da direita se elevava huma cúpola, em cujo remate se via a Figura da Gloria com os seus symbolos attributos; e n'huma tabella transparente por baixo da cornija no prumo desta Figura se lia o seguinte:

Pelos trilhos da Honra o Luso Peito
Subio da Gloria ao Pórtico Sagrado;
E o caminho, que aos mais foi sempre estreito,
Hoje risonho nos franquêa o Fado.

Sobre a passagem da esquerda se elevava outra igual cúpola, em cujo remate se via a Figura da Paz com os seus symbolos e attributos; e n'outra tabella em transparente por baixo da cornija no prumo desta Figura se lia o seguinte:

No regaço da Paz á Patria, ao Throno
De novo a vida férvidos votâmos;
E por vosso Explendor devido abono
Promptos o sangue, que nos resta, dâmos.

Grinaldas de frutos, representativos da Abundancia, pendião dos frisos da cornija, e sobre estas grandes troféos, e varios outros emblemas militares, tudo obra de excellente pincel, concorrião para formar hum todo mui singular pela sua judiciosa invenção, e optima execução; o que junto á multidão dos lumes que guarnecião este frontespicio, e ao local em que se elevava, por gozar-se da maior parte da Cidade a sua illuminação e perspectiva, a tornárão muito digna de distincta contemplação.

A porta do Castello tambem foi illuminada. Figurava hum Pórtico, cuja cimalha se achava cuberta de nuvens, que sustentavão huma Figura representando Lysia, e outra o Brazil, segurando ambas huma elypse que servia de moldura ao Retrato de S. Magestade, por baixo do qual em huma tabella se vião estes Versos:

O Reino do Brazil, de Lysia o Reino
He para Ti, ó João, Quarto Emisfério;
Se contas os Vassallos, que governas,
Em cada coração tens novo Imperio.

Quartel do Regimento N.° 16. — Val-de-Pereiro.

Hum frontespicio figurando huma latada, por entre a qual se divisava o bucho, e o loiro verdes, de que se achavão revestidas as paredes dos lados da porta deste Quartel, formava o corpo central desta illuminação. Na parte superior huma balustrada corria toda a extenção deste frontespicio; sobre esta se levantavão dois troféos militares, cuja peça principal era hum escudo, em hum dos quaes se achavão escritas estas palavras = Amor =, e no outro = Gratidão. = Cuberto por hum gruppo de nuvens, que depois de acceza a illuminação, e subirem duas girândolas de fogo de artificio, se abria, estava em transparente o Retrato do nosso Augusto Soberano, que neste acto se tornava patente. Huma tabella entre os ditos dois troféos, e por baixo do Retrato de S. Magestade tinha esta inscripção:

Immune Portugal hum Deos promette,
Campo d'Ourique ouvio seu Santo Brado;
As promessas de hum Deos mudar não podem
O Tempo, a Morte, nem Desgraça, ou Fado.

Entre os quatro pilares da latada, que sustião esta balustrada, de hum lado e outro da porta estavão huns apanhados com as seguintes Quadras:

A Patria de seus Filhos Amor pede,
Dos Vassallos o Rei Fidelidade:
Jurâmos defender em todo o tempo
A Fé, a Patria, as Leis, a Magestade.

Sois Monarca, Senhor, dos fiéis Lusos,
Que não sabem curvar-se a estranho Dono;
E quando por Sob'rano vos acclamão
Em cada coração vos dão hum Throno.

No principio da rampa pela qual se sóbe para entrar no Quartel se vião de hum e outro lado dois arcos formados de bucho, em cujo remate estava hum Leão suspendendo huma fita com o letreiro, que tem as Bandeiras deste Regimento = Perseverando. Lisboa. Regimento. N.° 16. =

O muro, que sustenta esta rampa, achava-se todo coberto de loiro para a frente da rua. Em huma extremidade deste muro junta a hum dos arcos estava huma figura fingindo de mármore com cinto, e cocar de plumas segurando hum escudo, em que se lia este Terceto:

Do insigne Regimento, audaz, temido,
As Batalhas tu vês, nas quaes, ó Lusos,
Vencedor sempre foi, nunca vencido.

Da outra extremidade se via outra igual Figura com o seguinte:

A's Lusas Legiões soube dar Glória
Beresford immortal, e em sua frente
As conduzio ao Templo da Memória.

Todas as acções, em que havia entrado este Regimento na ultima guerra, se achavão escritas em medalhas collocadas em toda a extenção do parapeito deste muro revestido de loiro, significativo do triunfo, tendo no seu centro no parapeito da meia laranja, que fica fronteira á por-

ta do Quartel, as Armas Reaes de Portugal, por baixo das quaes se lia em transparente esta Quadra:

Do Téjo ao Ganges sem temor levadas
Dando Fama aos Annaes da Antiguidade,
Desde o Téjo ao Garonna as conduzimos
Fazendo temer Gallia em nossa idade.

Eis as inscripções das ditas medalhas, e a ordem em que estavão collocadas.

Combate.

Tomada do Porto, 12 de Maio de 1809.

Sitio.

Castello de S. Sebastião, 31 de Agosto até 8 de Setembro de 1813.

Combate.

Caniçal, 18 até 20 de Julho de 1812.

Combate.

Aldea Lengoa, 9 até 14 de Novembro de 1812.

Combate.

Ponte da Morcella, 18 de Março de 1811.

Combate.

Segura e Alegria, 24 e 25 de Junho de 1812.

Batalha.

Bussaco, 27 de Setembro de 1810.

Combate.

Alemquer, 10 de Outubro de 1810.

Combate.
Albergaria, 10 de Maio de 1809.

Combate.
Redinha, 12 de Março de 1811.

Bloqueio.
Badajoz, 6 de Abril de 1812.

Combate.
Alfaiates, 26 de Setembro de 1811.

Batalha.
Nive, 9 até 13 de Dezembro de 1813.

Sitio.
Bayonna, 27 de Fevereiro até 28 de Abril de 1814.

Com esta medalha se completava a série das Acções do lado direito das Armas Reaes, e continuava do lado esquerdo, com as seguintes:

Batalha.
Nivelle, 10 de Novembro de 1813.

Combate.
Bidassoa, 7 de Outubro de 1813.

Assalto.
Cidade Rodrigo, 19 de Janeiro de 1812.

Combate.
Bidarte, 18 de Novembro de 1813.

Batalha.

Victoria, 21 de Junho de 1813.

Combate.

Grijó, 18 de Maio de 1809.

Bloqueio.

Almeida, 16 de Abril até 11 de Maio de 1811.

Combate.

Carrion, 25 de Outubro de 1812.

Sitio.

Burgos, 19 de Setembro até 21 de Outubro de 1812.

Combate.

Santa Combadão, 19 de Setembro de 1810.

Sitio.

Cidade Rodrigo, 7 até 19 de Janeiro do 1812.

Batalha.

Salamanca, 22 de Julho de 1812.

Assalto.

Hornaveque, 19 de Setembro de 1812.

Combate.

Martins del Rio, 17 de Nevembro de 1812.

Sitio.

S. Sebastião, 9 de Julho até 31 de Agosto de 1813.

Combate.

Calhariz, 22 de Novembro de 1810.

Hum grande número de lumes abrilhantava este marcial prospecto, de cuja idéa se deve honrar o seu Author pelos applausos que grangeou a sua novidade.

He deste modo que estes illustres Defensores de Portugal festejárão a Exaltação ao Throno do Augusto Soberano, por quem derramárão o sangue em tantos, e tão renhidos, porém gloriosos, combates, e por quem estão promptos a esgotar o sangue das veias; mostrando neste plausivel Dia a sua Dedicação, e Amor para com sua Real Magestade pela franqueza com que se prestárão para estas dispendiosas illuminações.

ANECDOTAS.

Solicitando em Roma Pantaleão Rodrigues Pacheco, Agente dos Negocios de Portugal, a confirmação dos Bispos nomeados pelo Senhor D. João IV., lhe disse o Cardeal Francisco Nepote, empenhado pela Côrte de Castella para que Sua Santidade não reconhecesse ao dito Senhor por legitimo Rei de Portugal: *Que desejava vêr qual era o Direito, com que ElRei de Portugal se introduzíra na Coroa.* Ao que respondeo Pantaleão Rodrigues: *ElRei meu Amo não mandou huma Embaixada a Roma mais do que a dar a devida obediencia a Sua Santidade, Cabeça visivel da Igreja; porque o Reino de que he Senhor no temporal, he isento de todo o juizo humano.*

Fr. Gaspar da Cruz tendo passado á India em 1548 com doze Companheiros a missionar, e havendo edificado hum Convento em Goa, e outro em Malaca, transportou-se para a China onde foi o primeiro que alli missionou. Voltando a Portugal empregou-se em servir aos inficionados da peste, que então graçava neste Reino: e notando-lhe hum amigo que elle se expunha a ser ferido do mesmo mal naquelle serviço, do qual podia fallecer, como de facto falleceo, respondeo: *Se eu fui á India para dar a minha vida pelos Gentios, como posso eu negar-me a dala pelos Christãos, e meus naturaes?* Este Religioso Dominico recusou o Bispado de Malaca, para o qual o havia nomeado o Senhor D. Sebastião.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XVI.

MEMORIA

Sobre o motivo que tem induzido os Authores Francezes nos Bolletins, e História das Guerras recem-terminadas a attribuirem a successos imprevistos as perdas dos combates, particularmente nos de Foz de Arouce, e Fuentes de Honor.

Não deve estranhar-se no General que soffre huma derrota o pertender impôr ao inimigo, buscando fazer crêr que de huma casualidade, circunstancia, ou successo imprevisto, e não da sua incapacidade, ou fraqueza de suas tropas, proveio a perda da acção que commandára. He costume antigo, e por muitos praticado; comtudo este estratagema fôra desculpavel se elle não transmittisse á Pos-

teridade factos mentirosos em prejuizo da verdade Histórica. Porém em tempo algum nenhum General se valeo de tão ridiculas imposturas, como os da escolla Buonapartense depois que a Fortuna lhe voltou as costas. Não foi á íntima união dos Soberanos do Norte da Europa, á pericia de seus habeis Generaes, ao valor das suas tropas que se deveo a derrota dos Francezes em Leipsic. Quem erão elles, os Soberanos, os Generaes, e Soldados Alemães, Russianos, Prussianos, etc., para vencerem o Exército Francez? Quem tal diria! O que não podérão fazer tantas forças tão habilmente commandadas, concluio-o hum só homem, hum Cabo de esquadra! Circumstancia desgraçada! Casualidade terrivel! Não foi á constante firmeza do Exército Inglez, e á poderosa cooperação da Cavallaria Prussiana que se deveo a derrota dos Francezes em Waterlóo. A estabilidade das tropas que não arredárão hum pé quando forão atacadas, a perseguição de hum grande Corpo de Cavallaria que não deixava reunir huma brigada inimiga, a fim de acabar por huma vez com o Exército Francez commandado em pessoa por Napoleão, que era para alcançar hum triunfo dos Francezes? Quem tal pensará! O que não pôde isto, pôde huma voz vaga, hum = *Fuja quem poder* = ! Casualidade terrivel! Circumstancia desgraçada! Não foi o valor das tropas Anglo-Lusas que no combate da Foz do Arouce, e na batalha de Fuentes de Honor triunfou do Exército de Massena, foi o movimento intempestivo do General Lamotte, o temor da Divisão do General Mermet suppondo-se cortada no primeiro, e o engano de obliquar á direita, quando o devêra fazer á esquerda no segundo, que nos dérão aquellas victórias. Desgraçada circumstancia! Terrivel casualidade! Que bem applicado he aqui o nosso adagio: *Cá, e lá más fadas ha!* Mas em fim, estas cousas estão ditas, achão-se impressas, transmittem-se aos vindouros, e he do dever

de hum Portuguez o pugnar pelo crédito da Tropa, que fazia parte do exército victorioso, não consentindo que se attribua a hum acaso, o que foi consequencia do ardimento da mesma Tropa, e do bem combinado plano do seu Chefe; mostrando no Author, que mais largamente refere os acontecimentos da guerra da Invasão de Portugal em 1810, e 1811, que o fim da publicação de taes imposturas he baralhar a verdade histórica, para que se julgue que só o Militar Francez alcançou nos próximos passados acontecimentos a verdadeira Fama, pois que sem commetter hum erro, sem cahir em huma fraqueza, sahio glorioso da luta, apezar dos funestos, e imprevistos acasos, que lhes roubou muitas vezes das mãos a victoria. Destruir este orgulho, e desmentir a falsidade dos Authores, que lhe fazem a apologia, he o objecto desta Memória.

He singular a relação que do combate da Foz do Arouce se lê no Livro intitulado = *Campagne de l'Armée Française en Portugal dans les années* 1810 *et* 1811, *par Mr. A. D. L. G.***** pag. 185. = ,, A importante posição das collinas da margem esquerda do Arouce foi confiada ao General Ferret. Os flancos forão defendidos por dois regimentos de outra divisão, e pela brigada da cavallaria ligeira do General Lamotte, encarregada de defender a estrada de Miranda. O resto do exército tomou posição na margem direita do Ceira, prolongando-se sobre as alturas da margem deste rio; o 8.° corpo á direita, o 6.° no centro, o 2.° á esquerda, e a cavallaria na retaguarda sobre a estrada da Ponte da Murcella. ,,

,, O inimigo appareceo ás 3 horas marchando em varias columnas. Parte dellas por evitar o desfiladeiro de Miranda do Corvo tinha tomado á esquerda, e tinha vindo por Aranja. A hum tempo apparecêrão á esquerda, á direita, e em frente da posição occupada pelo General Fer-

ret. Como todas as alturas á esquerda do rio se vírão coroadas n'hum momento das suas tropas, suppõe-se que o seu intento era atravessa-lo em varios pontos; porém limitou-se a estabelecer grandes postos em frente dos nossos. Pouco tempo depois descubrio varias batarias, e atacou vigorosamente o posto avançado do General Ferret, e as tropas que defendião a estrada de Miranda. O combate encarniçou-se. *Por desgraça neste momento o General Lamotte mudou intempestivamente de posição.* Este movimento inconsiderado deixou livre huma abertura de que o inimigo se aproveitou para atacar o flanco do regimento 69.°, que se batia na frente da ponte. O General Lamotte tentou em vão reoccupar o terreno donde havia sahido; não o pôde conseguir; pelo contrário vio-se entalado entre o inimigo, e o rio. Este successo occasionou alguma desordem no 69.° regimento, que imaginou hia perder a sua communicação com a ponte se não se apressasse a aproximar-se della, e marchou com alguma confusão por hum caminho estreito, e difficil. O Marechal Ney á vista deste movimento retrogrado veio pessoalmente para o suspender, e deo ordem ao General Mermet, que estava do outro lado da ponte sobre a margem direita, de avançar com o resto das suas tropas, e repelir o inimigo. Isto deo occasião a hum grande tumulto. A ponte achou-se n'hum momento obstruida pelas tropas que avançavão, e pelas que se apressavão a torna-la a passar no sentido contrário. Os soldados que estavão mais na retaguarda, e os perseguidos de perto, vendo que tudo se amontoava na margem do rio, julgárão que a ponte se achava cortada, ou que o inimigo estava senhor della. A escuridade da noite, que principiava, levou ao seu cúmulo o erro, e a confusão. Muitos se precipitárão no rio, e morrêrão víctimas de hum tumulto, que na guerra algumas vezes produz a mais leve circumstancia. Huma das nossas batarias da margem direi-

ta percebendo que o inimigo se aventurava a perseguir as nossas tropas até á margem do rio atirou alguns tiros de metralha. Este encheo-se de susto igualmente, persuadindo-se que esta retirada havia sido fingida para o attrahir debaixo do fogo das nossas batarias, e poz-se em fugida na maior desordem. „

„ Em quanto isto se passava junto da ponte, o General Ferret se sustentava nas eminencias dalém do rio, e continuava a resistir ao inimigo com a maior firmeza. Sem o desconcertar vêr em hum momento toda a sua esquerda descuberta, e interceptada a sua communicação com o exército, conservou valorosamente a sua posição contra os esforços reiterados do inimigo. O 35.º regimento achava-se á sua direita. Ao favor da escuridão, e de hum profundo barranco alguns atiradores Inglezes, e Portuguezes tinhão avançado entre este regimento e a divisão Ferret no mais profundo silencio. O Coronel do regimento impaciente de não ter ordem, e além disto inquieto de vêr que se combatia á roda delle sem que elle soubesse o resultado, correo a cavallo para conferir com o General que não estava cem toezas distante. Apenas deo alguns passos cahio nas mãos destes atiradores, bem alheio de os suppôr tão perto, ficando ferido, e prisioneiro. Estas tropas satisfeitas com a prêza se retirárão sem ousarem emprehender nada mais. A espessa noite pôz fim a esta viva escaramuça, da qual toda a honra sem dúvida pertence ao exército Francez; pois só huma divisão entrou em combate contra quasi todo o exército inimigo pelo espaço de mais de quatro horas, conservando comtudo as suas primeiras posições. Os Francezes perdêrão huma aguia em consequencia do tumulto da ponte. O Official Inferior encarregado de a levar se afogou ao querer passar o rio a nado, e jámais pôde ser achada. O inimigo instruido desta circumstancia passou ordem aos habitantes do paiz para a procurarem. Consta que

a pescárão, quando abaixárão as aguas, e os Inglezes fizerão della hum troféo. ,,

Veja-se agora como se explica sobre a batalha de Fuentes de Honor. Depois de mencionar o projecto que tinha concebido o General Massena de introduzir hum comboi de víveres na Praça de Almeida diz o seguinte:

,, Este soccorro devia dar occasião a huma grande batalha; e o exército Francez, obrigado a deixar nos seus acantonamentos muitos soldados por incapazes de marchar, se engrossou com duas divisões do 9.° corpo, de alguma cavallaria de refresco, de hum bello corpo de artilharia, e da cavallaria da Guarda. Todas estas tropas reunidas debaixo dos muros de Cidade de Rodrigo formavão hum total de 35$000 homens de infanteria, e 5$000 de cavallaria. ,,

,, O inimigo instruido da nossa reunião, e do nosso movimento em frente, tinha igualmente reunido todas as suas forças nas visinhanças de Almeida. A sua esquerda encostava-se ao Agueda, a sua direita ao Coa, com huma forte guarda avançada sobre o Azava. Calculava-se a sua força em 45$000 homens, a maior parte tropas Inglezas, sem comprehender huma multidão de Milicias, e Guerrilhas Hespanholas. Lord Welington, que tinha ido animar com a sua presença as operações do Guadiana, voltou a toda a pressa para pôr-se á testa do seu exército. Chegou no dia 1.° de Maio. No dia 2 o exército Francez passou o Agueda pela ponte de Cidade de Rodrigo, e se dirigio em varias columnas por Marialva, Carpio, e Espeja. O inimigo disputou frouxamente as alturas que occupava por de trás do Azava, e foi expellido pelo 2.° corpo além da Alameda, hum quarto de legua em distancia do Forte da Conceição. ,,

,, O inimigo por este movimento tendo reunido toda a sua esquerda formou huma linha de batalha por de trás

desta ribeira sobre huma collina de difficil accésso, que se prolongava desde Fuentes de Honor, até ao Forte da Conceição; a sua direita estendia-se a Nava de Avel, e estava especialmente coberta pela sua cavallaria. ,,

,, Do mais difficil accésso que fosse a frente do inimigo, comtudo achava-se em huma posição perigosa, tendo na rectaguarda huma Praça forte, e o Coa, rio cujo leito offerece quasi por toda a parte hum precipício. O Principe de Esling depois de ter reconhecido a posição do inimigo, julgou que o poria necessariamente em grande confusão se alcançasse poder forçar a sua linha. Deo ordem ao General Ferret de atacar o Lugar de Fuentes de Honor, e apoderar-se delle a todo o custo. Esta divisão, desde o princípio empregada sómente neste ataque, portou-se com tal valor que desalojou o inimigo, apezar da mais obstinada resistencia. Este porém conhecendo a importancia deste posto, cuja perda compromettia toda a sua linha de batalha, fez avançar novas tropas, e o retomou. O General Ferret sustentado pela divisão do General Marchand conseguio novamente apoderar-se de huma parte da Villa; mas apezar dos maiores esforços os nossos jámais podérão estabelecer-se na parte superior encostada aos rochedos, no meio dos quaes o inimigo emboscado com grande vantagem crivava impunemente quantos se apresentavão. Neste momento o 2.°, e o 8.° corpo entretinhão toda a linha inimiga com falsos ataques. ,,

,, Isto se passava no dia 3 de Maio. Na manhã seguinte fez o inimigo vigorosas tentativas para retomar a parte de Fuentes de Honor de que estavamos senhores; mas os seus ataques não tiverão nenhum resultado. Então applicou-se a entrincheirar-se mais fortemente sobre as alturas que dominavão o lugar, guarnece-las de artilharia, e de novas tropas, de sorte que o seu accésso fosse quasi impraticavel. ,,

,, O Principe conhecendo que lhe custaria muita gente fazer abandonar ao inimigo esta posição de viva força, fez reconhecer se não seria possivel flanquea-la. Descubrio-se com effeito que penetrando entre Nave d'Aver, e Poza Velho se podia chegar á extremidade da sua direita por hum terreno facil. As ordens forão passadas para no seguinte dia ao romper da manhã achar-se o exército prompto a atacar. Todos os movimentos necessarios se executárão durante a noite, e no dia 5 ao amanhecer se achou o exército Francez postado da maneira seguinte: duas divisões do 6.° corpo, com huma do 8.° em reserva na frente de Poza Velho; e a cavallaria toda, excepto 1$000 cavallos da Guarda em reserva, á esquerda desta infantaria; a terceira divisão do 6.° corpo debaixo de Fuentes de Honor, sustentada por duas divisões do 9.° corpo; e no intervallo de Fuentes de Honor e Alameda duas outras divisões do 2.° corpo, encarregadas de entreter toda esta parte da linha ingleza por falsos ataques. O comboi de víveres destinado para entrar em Almeida estava intrincheirado em Gallegos, prompto a marchar apenas se abrisse caminho. ,,

Continuar-se-ha.

DESCRIPÇÃO
DA
IGREJA PAROQUIAL
DE
N. SENHORA DOS MARTYRES.

A PRIMEIRA fundação desta Igreja se deve aos Cavalleiros Estrangeiros que ajudárão ao Senhor D. Affonso Henriques, Primeiro Rei de Portugal, na expugnação de Lisboa em 1147. Havia o dito Monarca mandado benzer este sitio pelo Arcebispo de Braga D. João Peculiar, que o acompanhou nesta guerra, para servir de cemitério aos que morrião na conquista desta Cidade, e logo aquelles Cavalleiros fizerão erigir nelle huma Ermida, onde collocárão a Imagem de Nossa Senhora, que havião trazido na Armada; e porque se reputavão por Martyres os que acabavão a vida derramando o seu sangue nesta empreza, se chamou delles a Senhora, e ao Templo, ao qual depois de conquistada a Cidade ampliou mais o mesmo Rei, começando a obra em 21 de Novembro do mesmo anno de 1147.

Por esta indubitavel origem sem contradicção alguma goza esta Igreja da primazia entre as mais de Lisboa, por ser alli baptizado o primeiro Christão desta Cidade, e por estar de posse de tempo immemorial de fazer com solemne Procissão a Festa do SANTISSIMO SACRAMENTO na véspera do Corpo de Deos, primeiro que nenhuma outra Freguezia da Cidade.

Esta Igreja tem sido tres vezes reformada, e huma reedificada. A primeira em 1598, a segunda em 1710, e a terceira em 1750. Na primeira vez foi enriquecida por 72 paineis de 11 palmos de comprido, e 8 de largo, pintados pelo excellente Pintor Portuguez José do Avellar Rebello, e na terceira pelo grande quadro do tecto do nosso grande Pintor Francisco Vieira Lusitano. O terramoto do 1.° de Novembro de 1755 reduzio este magnífico Templo, e seus preciosos ornamentos e alfaias a hum montão de ruinas, e cinzas; porém o zelo, e a Religião de alguns dos Irmãos do SANTISSIMO, entre os quaes se distinguio o Conselheiro José Ferreira, a fizerão reedificar, melhorando-a não só em situação, como em fórma, e matéria. O seu bello frontespicio he composto da ordem jónica, sobre a dórica, com pilastras, que dividem as tres portas da frontaria da Igreja, e as tres janellas do Coro, com sua competente empena sobre a cimalha real, ladeada por grandes vasos de mármore de excellente lavor. O adro he talvez o melhor das Igrejas Paroquiaes desta Cidade. As paredes interiores do Templo estão revestidas de finos mármores de diversas côres, formando apainelados entre as pilastras que dividem os altares. Todos os seus paineis, assim como o grande quadro do técto são do delicado pincel de Pedro Alexandrino de Carvalho, cujo colorido he inimitavel. O cancello da Capella do SANTISSIMO SACRAMENTO he huma das melhores obras que se tem feito neste genero em Lisboa.

Dispende esta Irmandade do SANTISSIMO hum grande cabedal todos os annos em obras pias, e esmollas a freguezes necessitados: a maior parte destas forão deixadas pelo benemérito Irmão Gonçalo Pacheco Pereira.

Entre o grande número de Varões distinctos que tem sido Priores desta Igreja conta-se Pedro Julião, que foi Summo Pontifice com o nome de João XXI., ou XXII.; e entre muitas preheminencias goza a de hir unida a sua Irmandade do SANTISSIMO á da Paroquia da Freguezia de Santa Maria Magdalena, e á sua direita, no ultimo lugar da Procissão do Corpo de Deos da Cidade; porque se a Irmandade do SANTISSIMO de Santa Maria Magdalena foi a primeira que houve nesta Capital com capas vermelhas, a de Nossa Senhora dos Martyres he a Irmandade do SANTISSIMO da primeira Freguezia de Lisboa.

POESIA.

A hum Amante fallando para huma janella onde estav hum macaco, que suppoz ser a sua Dama.

QUADRAS.

OLHEM vossês o que havia
Vêr-se nesta occasião,
Enganar a hum tamanhão;
E isto quem? Huma Bugia.

Quiz elle mui rebuçado
Dizer-lhe quatro meiguices,
Ella fez taes macaquices,
Que o homem ficou pasmado.

Dizendo-lhe em taes porfias:
,, Não dês ao corpo esses geitos,
,, Que não me agradão tregeitos,
,, Nem gósto de monarias.

,, Esses meneios aplaca,
,, Com os quaes nada me obrigas,
,, Pois podes em taes fadigas
,, Morrer de morte macaca.

,, Já me vou enfurecendo:
,, Céssa: ha rigor mais impío!
,, Vê que o sangue de Bugio
,, Com isso me estás fazendo.

,, Para isto perdi o somno ?
,, Metti-me em célebre empreza :
,, Isto he fazer-me fineza ,
,, Dize ! Ou he pregar-me o mono ?

,, Estás muito folgazona ,
,, Bem que muda. O' Rapariga
,, Falla : valha-te huma figa.
,, Olhe o diabo da mona !

,, Já isto he contra o meu brio.
,, Não me ouves ? E estou gritando !
,, Nem que estivera eu fallando
,, Para a Torre do Bugio !

Haver no caso tabaco
O pobre Amante entendendo ,
Voltou-lhe as costas dizendo :
,, Fóra daqui meu macaco !

Em fim livrou-se de bôa
Fugindo de tal porfia ,
Pois só escapar podia
Assim de tal macacôa.

Que hum só bem veio a tirar
Do caso , chego a advertir ,
E he saber já onde ha de ir
Se o mandarem bugiar.

(Artigo communicado.)

Ao fallecimento de hum menino de pouco mais de 7 mezes, neto do A., o qual fallesceo de convulsões, procedidas de lhe não sahirem as prezas.

SONETO.

ONDE estão, Francisquinho, as graças tuas?
Os vivos olhos teus, ledos, e ufanos?
Onde os rizos? Os lúbricos enganos
Daquellas tenras mãos, alvas, e nuas?..

Sem culpa a terra nas entranhas suas
Cobre já tudo; e quando vís Tyranos
Cem círculos de Sol contão por annos,
Contaste pouco mais, que sete Luas.

Martyr das Prêzas, toda a furia ardente
Do mal, que eu por peccados merecia,
Por mim soffrestes só, sendo innocente.

Apenas te mostraste á luz do dia;
Fostes, qual flor do campo, que recente,
Se aquece de manhã, de tarde esfria.

M. P. A. R.

Ao Amor Materno.

SONETO.

JAZ abraçado em fim c'o a Mãi Primeira
Aquelle, que outra Mãi fiel gerára,
E tão fiel, que delle atrás tornára
Ser-lhe na terra Mãi e Companheira.

Morreo Francisco, e a Mãi de tal maneira
Não crê, que o filho a morte lhe roubára,
Que inda, quando dos peitos lh'o separa,
Lhe guarda a vital fonte verdadeira.

Mesmo quando o vê já em neve fria,
Roxos os pés, as faces côr de cera,
Julga ainda que a morte lhe mentia;

Mas quando vê, que a terra lh'o escondêra,
Junto c'o filho só morrer queria,
E vivendo elle só viver quizera.

M. P. A. R.

ANECDOTAS.

Huma Senhora, que tinha os olhos muito formosos, costumava ir ouvir Missa a certa Igreja. Em hum dia, certo N. lhe gabou os olhos, dizendo-lhe: = Formosos olhos tem a Senhora. = A que ella lhe respondeo logo. = Inda que são bens de capella, não estão sugeitos á Corôa. =

Fallando-se da sordidez, e avareza dos mariolas, disse hum Judicioso: = Hum Gallego mandando hum filho de poucos annos para Lisboa, entre outras cousas que lhe recommendou, a principal foi, que nada fizesse sem primeiro ajustar. = Vinha o pobre rapaz pela estrada tão moido, e fatigado do caminho, que hum almocreve condoido delle lhe disse: = Como eu vou para a mesma parte, e levo alli huma besta que não tras grande pezo, sóbe-te acima para te não cançares mais, coitado! = Ao que lhe retrucou o mariolinha: = E quanto me ha de vossa mercê pagar? = Com estes principios como não querem que elles sejão sórdidos, e avarentos?

LISBOA: Na Impressão Regia. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XVII.

MEMORIA.

Continuação da Memoria inserta no N.° XVI. a pag. 241.

,, As TROPAS marchárão muito cedo, e executárão seus diversos movimentos com huma exactidão, e de huma maneira de impôr. O General Monbrun debutou felizmente chegando com incomparavel audácia á cavallaria inimiga que formava varias linhas á direita de Poza Velho. Empenhárão-se varios ataques com felizes resultados. O General Monbrun começou então a extender-se pela sua esquerda, a fim de desordenar toda a direita do inimigo; e estas manobras executadas á vista de todo o exército com tal união, apezar de hum terreno tão penhascoso, presagiárão o mais feliz resultado. A infantaria animada de in-

tenso ardor esperava impaciente o signal de avançar. Huma divisão marchou contra o Lugar de Poza Velho, donde desalojou o inimigo, assim como do bosque visinho, depois de hum vivissimo fogo. Alguns prisioneiros cahírão em nosso poder. O fogo começou em toda a extensão da linha inimiga, o seu centro achava-se vigorosamente atacado pelo corpo do General Drouet nas alturas de Fuentes de Honor, que na véspera já havia sido o Theatro de huma sanguinosa disputa. Os dois exércitos tinhão alternativamente obtido vantagens. Os Inglezes redobravão os seus esforços para se manterem nesta posição importante, e nós para lha arrebatarmos. ,,

,, Comtudo o resto da linha inimiga achava-se abalada, e ameaçada de huma terrivel catástrofe. O General Inglez não podia desguarnecer a sua esquerda contida pelo General Reynier: o centro tão fortemente apertado em Fuentes de Honor ficaria inteiramente descuberto, apenas a sua direita tivesse sido obrigada a recuar até Castelbon, onde se encostava. Elle devia prever com extrema inquietação, que a sua retirada para a outra margem do Coa de hum para outro momento se achava compromettida; ou, que seria talvez obrigado a effeitua-la precipitadamente debaixo do fogo de todo o exército Francez, e da Praça de Almeida. Logo que elle visse a sua primeira linha na frente de Poza Velho pósta em desordem, e os Francezes marcharem denodadamente sobre a sua direita, o campo de batalha, que havia escolhido, devia fazer-lhe nascer tristes reflexões. Já tinha dado ordem ás equipagens, e aos parques de retirarem-se a S. Pedro, e pôrem-se em segurança além do rio. Pessoas que vírão o exército Inglez neste momento asseverárão, que começava a manifestar-se nelle confusão, e que não faltava se não hum ligeiro acontecimento para a levar ao seu cúmulo. A cavallaria Franceza não cessava de ganhar terreno, e estava a ponto de apo-

derar-se de Castelbon. Das tres fortes divisões de infantaria, que tinhão avançado por Poza Velho, duas não havião entrado em acção, e a outra pouco tinha soffrido. A bella cavallaria da Guarda, que as seguia em pequena distancia, podia formar-se facilmente, e mostrar o seu valor nas alturas de Castelbon, e Fuentes de Honor. No princípio do dia o ardor das tropas, a posição incómmoda do inimigo, tudo promettia huma assignalada victoria. Julgou-se pelas onze horas da manhã, attendendo ás circumstancias da batalha, e aos movimentos do exército Inglez, que se em lugar de fazermos exforços no centro cahissemos vigorosamente sobre a sua direita, não se sabe o que teria acontecido. Em quanto Fuentes de Honor tão opiniativamente era defendida, devião 15$000 Francezes occupar Castelbon, e desde este momento se terião fechado por assim dizer todos os meios de retirar-se o inimigo sobre o Coa. *Mas todo o exército Francez em vez de obliquar á esquerda obliquou á direita*; e por consequencia toda a infantaria veio insensivelmente gruppar-se sobre Fuentes de Honor, cuja occupação foi considerada como huma contenda decidida. O inimigo então livre do receio que lhe causava a sua direita, pôde dispôr das suas reservas para reforçar o centro que attrahia a nossa attenção, e mallograr todos os exforços que faziamos desde a madrugada para o forçar. Renunciámos finalmente a este projecto, e pelas duas horas da tarde cessou o fogo de huma e outra parte. Tal foi o resultado deste dia, do qual a glória sem dúvida foi nossa, pois que ficámos senhores de huma grande parte do campo da batalha. ,,

Para se conhecer que todo o intento deste Author he baralhar a verdade para impôr aos presentes, e aos vindouros, basta lêr os Officios de Lord Wellington de 16 de Março de Lousã, e 8 de Maio de Villar Formoso, dirigidos ao Excellentissimo Senhor D. Miguel Pereira Forjaz.

No primeiro conclue dizendo: *Tiverão estes movimentos o effeito de forçarem o inimigo a abandonar a sua forte posição deste lado do Ceira, soffrendo huma perda mui considerável, ficando prisioneiro o Coronel do Regimento Núm. 39. . . . Tomárão as nossas tropas muitas bagagens, e alguns carros de munições em Foz de Arouce.* E no segundo: *Em consequencia pois da grande superioridade de força, a que nos havemos nesta occasião opposto, V. Excellencia poderá julgar qual tem sido a conducta dos Officiaes, e tropas: os combates fôrão parciaes, porém mui renhidos, e severamente disputados; e a nossa perda ha sido grande; a do inimigo he mais avantajada, pois que só no lugar de Fuentes deixárão mortos 400, além de muitos prisioneiros que lhe fizemos.* Daqui se vê que o exército Alliado era inferior em força ao Francez; que estes não ficárão senhores do campo nem conservárão as suas primeiras posições, porque no Arouce perdêrão a posição daquem do rio, e em Fuentes retirárão-se batidos, sem poderem introduzir o soccorro em Almeida, logo como se arrógão a glória daquelles dias?

Mas para que me canço em descubrir os intentos do Author pelo contexto do seu Discurso, se elle mesmo o manifesta na Introducção da mesma obra!

,, O Author (diz elle na pagina 1 da Introducção,) não teve outro intento publicando estas Memórias, que fornecer alguns materiaes para a História de huma parte da guerra, que vem de terminar. Entre os estrangeiros, bem como entre nós, he geral opinião, que *em nenhuma época alcançou a França tanta glória militar*: e ainda que de grandes vantagens se tenhão seguido grandes revézes, quanto he grato podermos ainda proclamar, que *no seio da adversidade, a honra das nossas armas não experimentou o mais pequeno dezar.* ,, Esta expressão proferida pelo bom Rei Luiz XVIII. na sua entrada em París, dirigida ás

Tropas que o recebêrão, e de que se valle o Author para authorizar a sua asserção, teve mui diverso sentido para se applicar á História da Guerra da Peninsula. O Rei quiz dizer-lhe, que as Tropas Francezas alheias a todo o espirito de facção, sempre fizerão a honra, e a glória nacional, soffrendo os revézes da fortuna; porque como estes revézes procedião da ambição de hum intruso, a glória dos verdadeiros guerreiros Francezes, isto he, dos amigos da Nação, e não do intruso, não tinha recebido o menor dezar. (Au sein meme de l'adversité, la gloire de nos armes (nossas armas, na expressão de Luiz XVIII. quer dizer, as armas delle Rei, e da Nação, e não as que a ambição de Bonaparte pôz nas mãos dos seus soldados) n'a éprouvé aucune atteinte.) Mas isto publicado por hum Official Superior empregado no Estado Maior do Exército de Massena na Invasão de Portugal, hum dos instrumentos da ambição de Bonaparte, e applicado aos desastres que os Francezes soffrêrão em Portugal, quer dizer, que o Exército de Junot apossando-se aleivosamente deste Reino, e perdendo-o em consequencia das derrotas de Roliça, e Vimeiro; o Exército de Soult assenhoreando-se do Porto, e fugindo precipitadamente por não ficar elle, e seu exército completamente derrotado e prisioneiro; o Exército de Massena vindo até ás Linhas de Lisboa, retirando-se sem tentar cousa alguma contra esta Cidade, perdendo no seu trânsito metade da força numérica pelas batalhas do Bussaco e outras, e pelas privações e molestias em frente das Linhas; nada disto detriora a honra das Armas Francezas, e por conseguinte nada disto serve de glória ás Armas Lusitanas, e Britânicas. Vierão a Portugal para conquistar, e não conquistárão: trouxerão mais de duzentos mil homens, e retirárão-se com metade: entrárão orgulhosos, e sahírão vencidos: não lhes resta hum só fructo das tres não vingadas expedições: de tantas fadi-

gas, e empenho o que lucrárão fôrão derrotas, expulsões, perdas de munições, e gente: se isto não he sómente desar, mas vergonha, e vitupério, então ignoro o que seja desar, e vitupério.

Prosegue a pag. 11, e diz: ,, Não estamos em hum século onde se imponha longo tempo por facticias reputações, ou relações mentirosas. A verdade recobra promptamente os seus direitos, confunde a má fé, e a impostura, e faz emudecer os clamores da inveja, e do odio: a sua voz penetra até por entre os prejuizos, e orgulho das Nações: desde a margem do Volga ás margens do Téjo não existe hum Povo aonde se não encontre propagada esta opinião: *que as Falanges Francezas, que por muitas vezes vírão entre si victoriosas, podérão ser destruidas ou dispersas, mas que jámais fôrão vencidas.* ,, O que será na opinião deste Escriptor ser vencido? Perde hum Exército o campo da batalha; este corpo fica inteiramente anniquilado; aquelle foje disperso; outro retira-se sempre inquietado, e perseguido; o terreno fica juncado de feridos, e petrechos de guerra do inimigo; e este mesmo inimigo não foi vencido! Acaso venceo, ou ficou indecisa a victoria? Se não venceo, nem ficou indeciso o resultado da batalha, o que ficou senão vencido. Eis-aqui de que maneira se pertende impôr á Posteridade; eis como se afadigão para desmerecerem os triunfos que as Nações alcançárão dos Francezes; eis como nos querem privar da glória de os havermos batido, e expulsado deste Reino; mas em vão trabalhão, porque os poderosos exércitos, que collocárão nos Thronos da Hollanda, de Westfalia, de Napoles, e Hespanha membros da Familia de Bonaparte, não podérão sentar no Throno de Portugal ao mesmo Bonaparte, e porque? Os presentes nos fazem justiça, e os vindouros nola continuarão a fazer; porque a Nação tinha, e tem mais amor a seus Reis, e mais valor para oppôr-

se aos intentos da Intrusão. Qual das indicadas Nações só no curto espaço de sete mezes ouvio como Imperante o nome = Bonaparte ? = Qual tão cedo sacudio o jugo ? E se os exércitos Francezes , porque subjugárão os Povos a quem dérão Reis , e impozerão tributos , fôrão vencedores ; porque na mesma opinião não se devem considerar vencidos , quando são expulsos estes Reis , levantados estes tributos , e derrotados estes exércitos ? Se pelas derrotas que soffrêrão os Francezes não fôrão vencidos , tambem pelas derrotas que fizerão soffrer não fôrão vencedores ; logo como em nenhuma época alcançou a França tanta gloria militar , e tanta illustração ?

Não he menos singular o que se lê a pag. xxii. ,, *A honra da campanha de* 1810 , *e* 1811 *pertence inteiramente ao exército Francez , e a seus Generaes , porque a honra consiste não no exito , mas no talento , e no valor de romper , e vencer huma immensidade de obstáculos , e de perigos com forças tão desproporcionadas , e n'huma situação tão crítica.* ,, Eis-aqui a honra de hum exército , e dos seus Generaes consistindo sómente em metter-se desacisadamente em hum apuro , sahindo delle sem completar o fim porque veio. Triunfos já não dão glória ; derrotar o inimigo , assenhorear-se do campo dos combates , fazer-lhe prisioneiros já não he honra : honra , glória , illustração , renome he penetrar com hum grande exército , chegar defronte de humas linhas , ficar parado , perder immensa gente de cansaço , privações , e molestias , e retirar-se por entre despenhadeiros , perdendo huma aguia , alguma artilharia , e muitos prisioneiros.

Não , os sectários da impostura não levarão á Posteridade as suas relações mentirosas , sem que estas sejão destruidas , ou contrariadas pela exposição da verdade dos factos. Esta encontra-se nos Officios do General em Chêfe do Exército Alliado. O que vos derrotou em Waterlóo ,

he o mesmo que vos anniquilou na Peninsula, isto basta para fazer sentida a causa porque tanto exageraes a vossa constancia nos revézes da fortuna, e tanto deprimís nos vossos vencedores os triunfos, attribuindo-os ao acaso, e imprevistas circumstancias! Porque vituperaes nos Portuguezes o abandonarem posições inexpugnaveis na invasão de Junot, e não haveis de ser vituperados de abandonareis estas mesmas posições inexpugnaveis na aproximação do exército das Provincias do Norte de Portugal, e dos Inglezes pouco antes desembarcados na Figueira? Porque tanto louvais a pericia de Soult no vencimento das linhas da Cidade do Porto, e não o censuraes na maneira com que não se valeo das mesmas linhas para não ser expulso do Porto? Porque tanto exaltais a intelligencia de Massena, e o valor das suas tropas, penetrando até perto da Capital, e retirando-se por entre despenhadeiros, e precipicios perseguido pelo exército Anglo-Luso, e não exaltais a intelligencia do General Inglez, e o valor das Tropas do seu commando, retirando-se ás linhas na presença do inimigo por entre iguaes despenhadeiros, e precipícios, e depois seguindo-o, e batendo-o na sua retirada? Só porque a Filaucia o diz, ha de a Posteridade acreditar que os Francezes até nos revézes patenteárão heroismo, e as outras Nações nos próprios triunfos mostrárão insufficiencia! Como se atreve este Escriptor a dizer, que o Exército de Massena combatêra com forças tão desproporcionadas, quando o mesmo Massena na Proclamação que fizera na entrada de Portugal disse *que elle trazia hum exército de* 110$000 *combatentes não para fazer guerra aos habitantes deste Reino mas para lançar fóra delle, e obrigar os Inglezes a embarcarem-se.* ,, Quando teve o Exército Alliado huma igual força a oppôr-lhe! Mas não me servirei de argumentos, indicarei só o que diz o Escriptor: ,, L'armée française, prête à marcher sur le Portugal était composée de sept divi-

sions d'infanterie, et de deux divisions de cavallerie, ce qui, en y joignant l'artilherie, ne formait pas plus de 40$000 homens d'infanterie, et 6$000 de cavallerie. ,, O Exército Francez prompto a entrar em Portugal era composto de sete divisões de infantaria, e de duas de cavallaria, ao que juntando-se a artilharia não formava hum corpo de mais de 40$000 homens de infantaria, e 6$000 de cavallaria. Quem fallará verdade, este Escriptor, ou o General da expedição? E quer ser acreditado! E intenta transmittir aos vindoiros as suas falsas, e mentirosas relações? Não, não o conseguirá. E para concluir servir-me-hei de huma fraze do mesmo Author. Não estamos em hum século onde se imponha por longo tempo com as pavonadas do orgulho, e com a falsidade das attribuições. A verdade recobra promptamente os seus direitos e confunde a má fé, e a impostura, e faz emudecer os clamores do odio, e da inveja; a sua voz penetra por entre os prejuizos, e aterra a soberba dos individuos de huma Nação vaidosa, que pertendem vãgloríar-se de suas proprias derrotas, e indica-lhes que, não só desde o Volga ao Téjo não existe hum Povo, aonde não se ache espalhada a opinião, que do exemplo dos Portuguezes aprendêrão as Nações a sacudir o jugo, e do plano da nossa campanha tirárão o plano das suas campanhas; mas até que as derrotas, que soffrêrão em Portugal, não forão resultados de successos imprevistos, sim do valor dos Portuguezes e seus Alliados, da pericia, e prudencia de seus illustres Generaes, e constante cooperação da Sabedoria do nosso Governo.

POESIA.

(Artigo communicado.)

A Sua Magestade, ElRei Nosso Senhor confirmando a Ordenação de 3 de Setembro de 1759.

SONETO.

No profundo do Inferno onde ululava
Do feroz Malagrida a sombra impía
Com bárbaro prazer, com alegria
A negra vista a Portugal voltava:

Que a roupeta nefanda campeava
Em Lysia novamente o monstro cria....
Que o crime e o fanatismo tornaria
A' Terra, que a Razão abrilhantava:

Até creo, que a ignorância tenebrosa
A seus delictos sagragria hum Busto...
Mas na dor outra vez brama raivosa:

João, Glória da Patria, Sábio, e Justo
Vinga a Memória de José gloriosa....
Nunca foste maior, Principe Augusto!

Por José Pinto Rebello de Carvalho.

CANÇONETA

Aos Annos da Excellentissima Senhora D. Maria do Carmo Alcoforado e Napoles.

Riedi a noi cinta di fiori,
O ridente Primavera,
O nutrice degli Amori,
O di Vener messagiera.
Casti. La Primav. Tom. 2. pag. 112.

RENASCE hum novo Dia
De não vulgar belleza,
De nova formosura
Se veste a Natureza.

Doces Favonios sóprão,
As Graças, e os Amores
Mais risonhos que nunca
Brincão sobre estas Flores:

Que objecto Divinal
Commove prazer tanto?
Que nova graça inspira
De Filomella o canto!

Ou nasceo hoje
Marilia bella,
Ou nova estrella
Brilha no Ceo:

Nasceo Marilia
Cuja Belleza
A Natureza
De Gosto encheo:

O mesmo Jove
Quiz exalta-la
E p'ra forma-la
Té se excedeo.

Dai-me a Lyra ó Musas bellas
A' Virtude consagrada,
Cante as Graças de Marilia,
Com tal Canto seja honrada.

Honre-se a Lyra minha
Co' illustre nome della,
Como se honra Natura
Com Producção tão Bella.

Nunca o formoso Abril
Tal Dia vio raiar,
Como este em que Marilia
Vem o Mundo aditar.

D'Heroes illustre Prole
E d'Heroes esperança
Por Hymineo ligada
Na mais fausta Alliança.

Ah veja correr sempre
Seu Natalicio Dia
De rosas coroado
Pelas mãos da Alegria.

Cubrindo d'aureas Flores
Os ramos dos Carvalhos
As veja rociadas
Com celestes orvalhos.

Nunca os Invernos crestem
Desta Planta a verdura,
E mil Estíos goze
A' sua sombra pura.

Vinde Sacras doces Musas
Coroadas d'Hera e Loiro,
Cantar vinde o melhor Dia
Dos que tem luzido ao Doiro.

Nasceo Marilia
Cuja Belleza
A Natureza
De Gosto encheo.

O mesmo Jove
Quiz exalta-la,
E p'ra forma-la
Té se excedeo.

Cantai-a vós ó Musas,
Que eu mal me atrevo a tanto,
E só dos Annos della
Condigno o vosso Canto.

Se as forças não condizem
Ao que a vontade aspira,
Não profane hum Dom vosso,
Tomai Musas a Lyra.

Não vá meu pobre Barco
Desafiar o Vento,
Nem ao desprêzo expôr-se
Do túmido Elemento.

Tão claro Dia
Outros Cantores
D'eternas Flores
Hão de c'roar.

E se eu não posso
O assumpto illustre
Com digno lustre
Desempenhar,

Silencio, filho
D'alto respeito,
Manda no peito
A voz callar.

Por José Pinto Rebello de Carvalho.

ANECDOTA.

Andando hum Rei á caça ergueo-se repentinamente huma tempestade, e o cavallo em que hia montado ElRei, atemorizado dos relâmpagos e trovões, tomando o freio nos dentes partio por entre hum vizinho bosque, onde depois de embrenhado parou junto de hum Carvoeiro, que alli se achava empregado em fazer huma Carvoaria. Em quanto o Rei descançava, esperando pela sua comitiva começou a conversar com elle, e informando-se de que tinha mulher, tres filhos, além de seus Pais, em cuja companhia vivia, lhe perguntou quanto ganhava; e dizendo-lhe o Carvoeiro que quatro soldos, exclamou ElRei: = Como he possivel que com tão pouco se possa sustentar huma familia! = Ao que replicou o Carvoeiro: = Não só com quatro soldos sustento a minha familia, mas tambem delles pago dívidas, e dou dinheiro a juros. = Não he possivel, lhe tornou o Rei. = Pois dai-me alguma cousa, que vos decifrarei o enigma, lhe disse o Carvoeiro. = ElRei então puchou da bolsa, e lhe deo humas moedas de oiro, e o Carvoeiro continuou: = Com quatro soldos além de sustentar a minha familia, pago dívidas porque sustento meu Pais, que já me sustentárão; e dou dinheiros a juros, porque alimento meus filhos para quando eu for decrépito me fazerem o mesmo. = O Monarca satisfeito da resposta lhe disse: = Eu sou ElRei, e prohibo-te com pena de morte que expliques a ninguem este enigma sem que me tornes a vêr. = Neste tempo chegou a comitiva, e ElRei partio para a Côrte.

No dia seguinte achando-se em Palacio hum grande número de Cortezãos propoz ElRei o seguinte: = Como póde hum homem com quatro soldos sustentar huma familia de sete pessoas, pagar dividas, e dar dinheiros a juros? A

quem advinhar este enigma darei hum Condado por prémio. = Sismárão muitos, porém nenhum acertou com o que era. Hum Cortezão mais astuto lembrou-se de ter visto ElRei a conversar com o Carvoeiro no bosque, e que certamente deste tinha aprendido o enigma, e sem dizer cousa alguma a ninguem partio para o sitio onde encontrou o mesmo Carvoeiro, e informado de que ElRei tinha conversado com elle lhe offereceo que prémio queria para lhe descubrir o que tinha proposto o Rei. = Quero, lhe disse o Cárvoeiro, que me deis mil moedas, todas com a effigie do actual Soberano. = Satisfeito o ajuste, e sabedor da solução do enigma voltou o Cortezão a Palacio, e resolveo a dúvida. ElRei cumprio a promessa fazendo-o Conde; porém enfadado de que não cumprisse o seu Régio Mandado o Carvoeiro, pois suppoz que este fôra quem rompêra o segredo, o mandou chamar á sua presença, e apenas o vio lhe disse: = Desgraçado! Como te atreveste a explicar o enigma antes de me tornares a vêr? Não te recordas que te impuz pena de morte? = Senhor, lhe respondeo o Carvoeiro, eu não vos desobedeci, cumpri a vossa Régia Ordem, não mereço a morte. = Porque, lhe tornou ElRei encolerizado, tu tornastes-me a vêr? = Sim Senhor, lhe replicou o Carvoeiro, não só huma vez, porém mil vezes; = e puchando do dinheiro que lhe tinha dado o Cortezão, e indicando nelle o rosto do proprio Soberano, continuou: = que tantas fôrão as que vos vi, quantas contei o dinheiro; fóra as mais em que me comprazi de olhar para hum Monarca, que fez a minha felicidade. = ElRei satisfeito da resposta não só lhe perdoou, porém até lhe fez mercê.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1817.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XVIII.

DESCRIPÇÃO

Do Hospital Real de S. José.

O ANTIGO Hospital Real de Lisboa denominado de Todos os Santos, erecto aonde hoje he a Praça da Figueira, foi fundado pelo Senhor Rei D. João II., que lançou a primeira pedra do edificio a 15 de Maio de 1492. O Senhor Rei D. Manoel o acabou, e alcançou do Papa Alexandre VI. em 1501 o Breve para encorporar nelle todos os mais Hospitaes, que se achavão dispersos. O grandioso edificio da Igreja padeceo hum fatal incendio em 27 de Outubro de 1601, e em 10 de Agosto de 1750 lhe succedeo outro que o reduzio totalmente a cinzas. Pelo es-

pantoso terramoto do 1.° de Novembro de 1755, e incendio que se lhe seguio, experimentou este Hospital extrema destruição. Expulsos de Portugal os Jesuitas, e confiscados os seus bens, a vastidão do magnífico edificio do Collégio de Santo Antão fez lembrar destina-lo para nelle se estabelecer o Real Hospital de Lisboa, para onde forão mudados os Doentes no dia 3 de Abril de 1775, e nos dois seguintes dias, e este Hospital em memória do Monarca, que lhe destinou tão amplo, e grandioso edificio, se condecorou com o Nome do mesmo Rei, denominando-se *Hospital Real de S. José*. Para se dar idéa da sua magnificencia basta dizer-se, que foi a Casa principal dos Jesuitas.

Huma espaçosa entrada, com bella escadaria de pedra, dá serventia á Casa da Fazenda deste Real Hospital, e ás suas dependencias. Nestes pavimentos estão Enfermarias de Medecina, Enfermaria de Doidas e Tinhosas, Cozinha, e Botica: no segundo pavimento se encôntrão Enfermarias de Medecina, Cirurgia, Convalescença, Quartos particulares, Casa de Máquinas, Livraria, e Enfermaria de Parturientes: o terceiro pertence todo a Enfermarias de mulheres: e no pavimento inferior, rente do chão estão Enfermarias pertencentes a Cirurgia, Enfermaria dos Doidos e Tinhosos com seu Quintal, e Casa de Banho; assim como as Aulas de Cirurgia, Casa de Instrumentos Cirúrgicos, e das Preparações Anathómicas.

O Excellentissimo Senhor D. Francisco de Almeida, sendo Enfermeiro Mór deste Régio Hospital, pertendendo ennobrecello no seu exterior mandou collocar, encostadas á parede, de hum e outro lado da Portaria, e sobre pedestaes de pedra, as Estatuas de mármore dos Apóstolos, que estavão no interior da Igreja deste Collégio dos Jesuitas: e apeando-se huma das Torres, que ameaçava ruina, servio-se de parte das columnas, e de alguma cantaria lavrada, e della formou hum pórtico, sobre o qual mandou

collocar as Armas Reaes de Portugal, sustentadas por dois Genios, e no prumo das columnas duas Figuras de mármore, huma dellas segurando hum escudo com a seguinte inscripção:

> Monumentum hoc ad perpetuam Memoriam, restaurationis Portugaliæ in hac die comemoratæ, erectum fuit anno Domini die decima quinta Septembris MDCCCXI.

Todo o terreno deste pórtico, e pela extensão de toda a frontaria do Real Hospital foi então murado, e plantado de arvores; e neste recinto he que nos dias de S. José, de S. João, e nos dois seguintes a estes, se faz todos os annos huma feira, cuja renda do terreno reverte a favor do mesmo Hospital. No dia de S. José se franquea a entrada deste grandioso estabelecimento de Caridade a todas as pessoas, sem distincção de jerarquia, sexo, ou idade.

Dentro deste mesmo recinto mandou o mesmo Fidalgo construir hum Chafariz, para serviço do público, com duas bicas fechadas com torneiras de bronze: nellas he prohibido encherem os aguadeiros os seus barriz.

Neste Real Hospital existem regularmente de 800 a 900 doentes; muitas vezes tem subido o número a 1$200; e na occasião da invasão de Massena, em que os Póvos das Provincias se accumulárão na Capital, subio o número a 1$500. São quatro as Enfermarias de febres para Homens, quatro as de Feridos, duas as de enfermidades venéreas, huma de Doidos e Tinhosos, huma de Operados, e outra de Convalescentes: são bem arranjados os quartos particulares para as pessoas que se querem tratar no Hospital, e pagão 1$200 réis por dia, recebendo todo o soccorro necessario: ha outra Enfermaria para molestias incuraveis; e o número dos Doidos he regularmente de 60 a 70. Para

Mulheres ha duas Enfermarias para febres, huma para Feridas, huma para venéreo, huma para Doidas e Tinhosas, huma para Entrevadas, huma para Convalescentes, e huma para Parturientes.

O número, e a denominação destas Enfermarias são os seguintes:

Enfermarias de Homens.

Num. 1 — S. José — Febres.
Num. 2 — S. Sebastião — Febres.
Num. 3 — S. Lazaro — Camarentos.
Num. 4 — S. Pedro — Febres.
Num. 5 — S. Roque — Febres.
Num. 6 — Santo Antonio — Feridos.
Num. 7 — S. Domingos — Convalescentes.
Num. 8 — Quartos particulares.
Num. 9 — S. João de Deos. — Feridos.
Num. 10 — Santo Onofre — Venéreo.
Num. 11 — Santo Amaro — Molestias de ossos.
Num. 12 — S. Francisco — Feridos.
Num. 13 — S. Theotonio — Doidos.
Num. 23 — S. Joaquim — Operados.
Num. 24 — S. Carlos — Venéreo.

Enfermarias de Mulheres.

Num. 14 — Santa Quiteria — Convalescentes.
Num. 15 — Santa Margarida — Feridas.
Num. 16 — Santa Victorina — Febres.
Num. 17 — Nossa Senhora do Carmo — Febres.
Num. 18 — Santa Barbara — Paridas.
Num. 19 — Santa Eufemia — Doidas.
Num. 20 — Quartos particulares.

Num. 21 — Camarentas.
Num. 22 — Santa Maria Magdalena — Venéreo.

Ha seis Medicos, e seis Cirurgiões, além do Cirurgião do Banco, que com os seus Ajudantes, fazem o curativo nas Enfermarias de Medicina, curão os Enfermos que vem de fóra, e estão promptos a curar os feridos a qualquer hora que entrem. Os seus nomes, e as Enfermarias que lhe são destinadas se expõem no seguinte:

Medicos.

Os Senhores José Joaquim dos Reis — S. José, e S. Lazaro.
Romão José Nunes — S. Sebastião, e Quartos particulares.
Lourenço Luiz de Sousa da Silveira — S. Roque, e S. Domingos.
Antonio Mendes Franco — Nossa Senhora do Carmo, Santa Victorina, Santa Barbara, Santa Quiteria, Quartos particulares, e Santa Eufemia.
José Borges de Leão — S. Pedro, e S. Theotonio.
Gregorio Mendes Ribeiro — Medico para as tardes.

Cirurgiões.

Os Senhores Antonio de Almeida — S. Francisco, do lado esquerdo.
Manoel José Teixeira — S. Francisco, da parte direita.
Antonio Joaquim Farto — Santo Amaro, Santo Antonio, e Quartos particulares.

Os Senhores Jacinto José Vieira — S. João de Deos, Tinhosos e Tinhosas.

José Cordeiro — Santo Onofre, S. Carlos, e Santa Maria Magdalena.

Francisco Luiz d'Assiz Leite — Santa Margarida.

Francisco Cardoso Gomes — Cirurgião do Banco.

Ha Padres de S. Camillo, ordem destinada a confessar, e assistir aos moribundos, dos quaes todas as Semanas entrão seis ou oito, e são rendidos por outros tantos no fim da Semana.

O Hospital tem hoje de rendas próprias, do que se lhe tem dado, tanto pelos Senhores Reis, como pelos particulares, mais de duzentos mil cruzados, além do que continuamente recebe da Caridade dos particulares.

O Balanço de 1816 mostra haver sommado o dinheiro recebido 89:735$614 réis, e os pagamentos correntes 84:458$515; e que ficára no cofre a quantia de 12:543$272, além de 32:672$000 réis em Apolices, e 14 Acções de 400$000 réis cada huma da Companhia do Pará e Maranhão. As dívidas activas cobraveis sommão 224:751$501, e as incobraveis 107:043$345 réis.

Tem hum Enfermeiro Mór, Fiscal da Fazenda, que he sempre Fidalgo, pertencente á Meza da Misericordia, e hum Escrivão mecânico da mesma Irmandade. O actual Enfermeiro Mór he o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Antonio Armando Saldanha da Câmara, Principal da Santa Igreja Patriarcal.

Entrão annualmente no Hospital de 10 a 11 mil enfermos; a mortandade usual he de 7 a 1. Pelo dito Balanço se mostra que no ultimo de Dezembro de 1815 existião 915 enfermos; que em todo o anno de 1816 en-

trárão 8$003; que sahírão curados 6$517; que falecérão (incluidos 168 nas primeiras quarenta e oito horas da sua entrada, e 99 Camarentos) 1$483; e que se ficárão curando 918.

A Escola de Cirurgia he quasi gratuita, porque os Estudantes não gastão em quatro annos mais de cinco a seis moedas, e mesmo nada págão pelos cadáveres.

O actual Excellentissimo e Reverendissimo Enfermeiro Mór não só tem tratado os enfermos bem, e augmentado a roupa; mas tem feito obras muito necessarias, como Casas para Aulas, Enfermaria para os Operados, Casa para banhos quentes e frios; Casa em que ha huma Máquina Eléctrica, e outra Galvânica, etc.; e obteve do Governo licença para gastar todos os annos 600$000 réis para huma Livraria a fim de que os Estudantes tenhão opportunidade de lêr Livros, que não poderião comprar por falta de meios, cujo dinheiro ha tres annos que se tem empregado, e já os Estudantes fazem uso dos Livros. Neste Real Hospital não se falta aos enfermos com o que os Facultativos lhes prescrevem, e tem hum número mais que sufficiente de Enfermeiros. Mr. Link na sua Viagem de Portugal tratando deste Régio Estabelecimento diz o seguinte: O Hospital Real de S. José acha-se em bom estado; os doentes são bem tratados, e bem pensados. Este Hospital goza de huma reputação decidida, mesmo entre os Estrangeiros, os quaes comtudo se comprazem a vituperar tudo o que diz respeito a Portugal.

A Cerca deste Hospital he mui grande: confina com o Campo de Santa-Anna; e a parte della que se arrenda produz 400$000 réis. Nella se acha a Casa da Dispensa, o edificio começado para servir de Convalescença aos Enfermos, o Hospital das Entrevadas, e o Hospital dos Religiosos Arrábidos mandado edificar pela Augustissima Senhora Rainha D. Maria I.

(Artigo communicado.)

Cálculo demonstrativo da área da Praça do Commercio de Lisboa, e do número de Pessoas que póde conter.

A PLANTA da Praça do Commércio da Cidade de Lisboa fórma hum parallelogramo, hum lado do qual tomado do Septentrião ao Meio-dia tem 830 palmos Portuguezes, e o outro lado do Oriente a Occidente tem 870 palmos, multiplicados estes dois números hum pelo outro vem a ser a área do dito parallelogramo 722$100 palmos quadrados; no meio do lado, que está para a parte do Meio-dia, avança sobre o Rio Téjo huma porção de terreno de figura irregular, o qual tem de área 14$808 palmos quadrados; a área da Arcada da parte do Septentrião tem 20$416 palmos quadrados; a área da Arcada da parte do Oriente tem 14$300 palmos quadrados; a área da parte do Occidente tem 14$300 palmos quadrados; a área do vão de cada arco tem 90 palmos quadrados, o que dá para a área dos 86 arcos, de que compõe a Praça (excepto o arco grande) 7$740 palmos quadrados. He pois a área total da Praça e Arcada 793$664 palmos quadrados.

A planta do Monumento que está no meio da Praça he de figura Elyptica, a qual tem de área 4$116 palmos quadrados: nos extremos das duas alas, huma da parte do Oriente e outra do Occidente, ha dois Torreões, os quaes avanção sobre a Praça; a planta desta porção que se mette na Praça he hum parallelogramo que tem de área 4$440 palmos quadrados, e o outro correspondente tem de área

4$140 palmos quadrados, que vem a ser a área total da planta do Monumento, e das porções dos Torreões 12$996 palmos quadrados, a qual devendo-se diminuir da área total da Praça, fica para área livre em que póde estar o Povo 780$668 palmos quadrados.

Dando de terreno a cada homem 9 palmos quadrados Portuguezes, cabem na área da Praça e das Arcadas 86$740 Pessoas.

Ainda que pareça muito 9 palmos quadrados para hum homem advirta-se, que não se lhe dão senão 3 palmos de frente e 3 de fundo, e multiplicadas as duas linhas 3, 3 dá 9 palmos quadrados. Tres palmos Portuguezes fazem com pouquissima differença 2 pés de Rei de París.

J. C. Silva.

POESIA.

Lyra (1).

Aquelle que sobre as ondas
Soffre Neptuno inimigo,
Vem gosar no pátrio abrigo
Frutos de amargo suor.
Tudo ó Ceos muda de face,
Só não muda a minha dôr.

Dentro de funda masmorra
O triste escuta a sentença;
Mas exulta na presença
Do amigo libertador.
Tudo etc.

(1) Havendo sido cortados em flôr os bellos dias de Antonio Xavier Ferreira de Azevedo, excellente Poeta Dramático, que enriqueceo a Scena Portugueza com hum grande número de Comedias, e Entremezes, todas acolhidas com geral applauso; e lastimando que não apparecessem deste Génio outras composições, além de algumas Poesias fugitivas, fui brindado com huma colleção de Lyras, Epistolas, Sonetos, etc., onde bem se patentêa que o seu talento não só trilhára dignamente a carreira Dramática, mas tambem se fizera distincto na Poesia Lyrica. Nos Números deste Jornal se irão inserindo algumas destas Poesias; de cuja remessa agradeço a benévola franqueza de quem me confiou tão precioso depósito, e me alcançou licença de as poder publicar.

Á purpúrea, fresca Aurora
Quando apparece risonha,
Da noute escura, e medonha
Foje o mal, foje o pavor.
Tudo etc.

Por entre a mimosa relva
Jáz a planta amortecida,
Porém vem tornar-lhe a vida
Orvalho consolador.
Tudo etc.

No feio Inverno a campina
De luto se vê cuberta,
Mas outra Estação lhe offerta
Novo esmalte, nova côr.
Tudo etc.

O mortal mais desditoso
Chega a vencer a desgraça,
E a beber por aurea taça
O doce nectar de Amor.
Tudo etc.

Se a meus rogos hum momento
Vejo o Fado compassivo,
Foje o breve lenitivo,
Torna-se o Fado peior.
Tudo etc.

Oxalá que á Morte horrivel
Minha vida inveja faça ! . . .
Mas thé por minha desgraça
Tenho a Morte a meu favor.
Tudo etc.

Olho aos Ceos, e os Ceos se escondem;
Volto á Terra, em vão lhe brado;
Chamo Elisa . . . . e neste estado
Ninguem ouve o meu clamor.
Tudo etc.

Infernaes medonhas Furias
Acolhei-me por clemencia,
Só em vós minha existencia
Hum dia achará favor.
E já que tudo se muda,
Veja meu Fado inimigo,
Que juntamente commigo
Tambem muda a minha dôr.

De Antonio Xavier Ferreira de Azevedo.

PUBLICA-SE POR MEIO DE SUBSCRIPÇÃO

A

ENCYCLOPEDIA PORTUGUEZA.

Esta interessantissima Obra comprehende os seguintes

ARTIGOS.

I. Farmacia.
II. Anatomia, e Cirurgia.
III. Medicina, e Alveitaria.
IV. Historia natural, dividida em partes: I. *Animaes*, II. *Insectos*, III. *Aves*, IV. *Peixes*; V. *Pedras*, e *Conchas*.
V. Chimica.
VI. Botanica, dividida em partes: I. *Arvores*, II. *Plantas*.
VII. Nautica.
VIIIs Architectura, dividida em partes: I. *Civil*, II. *Militar*, III. *Naval*.
IX. Desenho, Pintura, e Escultura.
X. Theologia, Expositiva, Dogmatica, Scholastica, e Moral.
XI. Historia Sagrada, Ecclesiastica, e Profana.
XII. Geographia antiga, e moderna.
XIII. Direito Patrio, Canonico, e Civil.
XIV. Commercio.
XV. Philosophia.
XVI. Mathematica, e comprehende a Astronomia, Astrologia, Horolographia, Arithmetica, Algebra, Trigonometria, Perspectiva, Optica, Ca-

toptrica, Dioptrica, Musica, Geometria, Chronologia, Mecanica, e Statica.

XVII. Poesia, Sagrada, e Profana: Mytologia.

XVIII. Fazenda Real: Educação.

XIX. Agricultura: Artes, e Officios; Fabricas: Instrumentos, e Máquinas.

XX. *Variedades*, Cavallaria, Jogos Academicos, Esgrima, Dança, Arte de Cozinha, Heraldica, Gimnastica, etc.

A tarefa, que emprehendeo o seu Author, he muito honrosa á Nação Portugueza, para que os Literatos desta excellente Nação deixem de apressar-se a subscreverem, para animar esta ardua empreza, e mais promptamente poder sahir á luz pública. Esta Encyclopedia deverá ser a mais completa de todas quantas até hoje se tem publicado. Para se formar huma idéa da vastidão desta Obra bastará dizer-se, que a simples letra *A* comprehende 170 Artigos, quando na Encyclopedia Franceza apenas desta letra se contão 30. Não deve admirar a grande cópia de Artigos novos de que esta Encyclopedia se acha enriquecida; porque he fundada sobre 90 Diccionarios de todas as Linguas, Artes, e Sciencias: mais de 50 Bibliothecas: Lexicons, Vocabulários, e Encyclopedias particulares mais de 80: e sobre 2$000 volumes de differentes obras, que não tiverão presentes os Authores da Encyclopedia Franceza. O apreço que as Pessoas intelligentes da materia tem feito desta Obra, he ainda outro abono do seu grande merecimento.

Se subscreve na Loja de Francisco José de Carvalho, ao Pote das Almas N.° 67, a 900 rs. pelo 1.° Tomo, e a Obra comprehenderá 8 volumes, que se achão já completos.

ANECDOTAS.

Hum Cavalleiro satisfeito do serviço de hum Criado, para o obrigar a que continuasse a servi-lo, no acto em que este se despedio não lhe queria pagar os mezes da soldada vencida. O Criado vendo que de hum modo amigavel não podia embolsar-se, queixou-se ao Corregedor do Bairro, o qual mandou vir á sua presença o Cavalleiro, e informado da verdade do facto mandou ao devedor que pagasse; o que satisfez alli mesmo: porém para mostrar que o fazia pelo respeito devido á decisão do Magistrado, e não porque assim o pedisse a justiça, disse ao entregar o dinheiro ao Criado: *Toma, que este dinheiro he dado pelo Amor de Deos.* Dito isto retirava-se o Cavalleiro, quando o recto Juiz o suspendeo, mandando-lhe que pagasse ao Criado como tinha ordenado. *Pois eu não lhe paguei já?* disse o Cavalleiro: *Não*, lhe tornou o Corregedor; *vós dissesteis que lhe daveis aquelle pelo Amor de Deos, e não que lhe pagaveis, e assim falta ainda satisfazer o pagamento.* O Cavalleiro que por esta decisão vio a resolução do Magistrado, tirou d'outra igual quantia, e a deo ao Criado por pagamento. Por este modo castigou este sábio Juiz o imprudente orgulho deste Cavalleiro.

Origem da Cantiga — Amaro da Lage, etc.

Amaro da Lage foi hum grande Caloteiro no reinado do Senhor Rei D. João V., e tão conhecido por tal que ninguem já delle se fiava. Hum dia embarcando de Cassi-

lhas para Lisboa, dizendo que não tinha dinheiro para pagar a passagem, propôz que cantaria varias cantigas, e no caso de nenhuma dellas agradar aos Barqueiros então pagaria. Os Barqueiros certos de que na sua mão estava o dizerem-lhe que nenhuma lhes agradára, consentírão no ajuste. Largárão vélla, e por mais que Amaro da Lage se empenhasse em cantar bem, e boas letras nenhuma agradou. Vinha já o Barco perto de Lisboa, e mui contentes o Arraes e a Companha com a certeza de que desta vez os não lográra o finissimo Amaro, quando cantou esta letra:

Amaro da Lage
Não sejaes marralheiro,
Puxai pela bolsa,
E pagai ao Barqueiro.

Acabada a cantiga voltou-se para os Barqueiros, e lhes perguntou: *Então agrada-lhe esta?* O Arraes e a Companha, que ouvírão a confissão do que pertendião, disserão-lhe que sim. *Pois então estou absolvido de pagar a passagem*, lhes disse o Caloteiro; *pois que o ajuste foi de eu não pagar, se gostassem de huma cantiga minha, e vocês confessárão que gostárão da que acabei de cantar.*

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES, OU MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XIX.

INSTRUCÇÃO

Sobre hum novo méthodo de preservar os Navios de naufragio, por causa de agua aberta, por Joaquim Carneiro da Silva, Professor de Desenho de Historia, e de Arquitectura Civil, do Real Collegio dos Nobres (1).

A CONSERVAÇÃO da vida dos homens nos perigos eminentes, a que estão sujeitos, tem sido objecto, em

(1) Esta instrucção tendo sido publicada em Lisboa no anno de 1805 foi tal a avidez com que todos procurárão possuir hum exemplar, que em mui pouco tempo se gastou a impressão. O seu Author não possuia hum, e o Redactor deste Jornal julgando que na publicação, e propagação deste méthodo para preservar os Navios de naufraga-

que muitos se tem occupado, até chegarem a restitui-los á vida nas asfixias, ou morte apparente dos Afogados; hum dos maiores desastres, a que está exposta a natureza humana, he quando em alto mar se acha hum Navio com agua aberta, sem que o contínuo, e cansavel trabalho de bombas possa vencer a quantidade de agua, que pelas fendas, e buracos lhe entra; por cuja causa se submerge o Navio, e perece a miseranda gente. Para evitar pois (nos casos possiveis) semelhantes desgraças, propõe o Author deste arbitrio aos seus Nacionaes o presente méthodo parecendo-lhe, que seguindo-o, se poderão evitar perdas de tão graves consequencias.

Todos sabem que a agua, que entra pelas fendas de hum Navio, vai subindo, e enchendo o vácuo delle, e expellindo o ar, que elle contém, até que a agua interior chegue a nivelar-se com a agua exterior; então sendo o pezo do Navio, por causa da sua carga, mais grave do que o da agua, necessariamente se ha de elle submergir.

A base, sobre que se constitue o presente systema, he evitar, e embaraçar, que o ar, que a agua ao entrar expulsa do vácuo do Navio, não possa sahir delle; e por consequencia não possa ella entrar, o que se conseguirá do modo seguinte:

---

rem por causa de agua aberta fazia hum serviço ao Público, obteve delle licença de o reimprimir. Não he este o unico invento com que este distincto Portuguez tem honrado o seu nome, e servido a sua Patria; muitos outros igualmente uteis, e que não admittem dúvida pelo effeito que produzem os modelos, o constituem, e o acreditão perfeito Maquinista. Possão elles hum dia vulgarizarem-se, como todos os Amigos da Patria anhelão, e lhe supplicão.

Axioma.

Dous elementos não podem existir no mesmo lugar ao mesmo tempo; por exemplo, o ar, e a agua.

Proposição.

Se hum tubo, tapado em huma das suas extremidades, e a outra aberta (de metal, ou vidro) se puzer perpendicularmente sobre a agua, o tubo não se poderá submergir.

Demonstração.

Hum tubo sempre está cheio de ar; (pois que não ha vácuo na natureza senão artificial) este posto verticalmente sobre a agua, ella mesma impedirá que o ar não possa sahir, e por consequencia não possa ella entrar: a agua comprimirá o ar, este pela sua elasticidade impellirá o tubo para cima; logo não se poderá submergir, o que he muito trivial.

Applicação.

Deve-se tapar a escotilha (ou escotilhas) do convés do Navio com huma tampa: a dita escotilha terá á roda dos seus quatro lados (que devem ser todos rectos, e não dois delles convexos, como se costuma) huma calhe, ou ranhura, a qual se encherá de breu e cera derretidos: a dita tampa para cobrir a escotilha será huma chapa de cobre com os lados della dobrados em ângulo recto, em fórma de taboleiro: estes lados assim voltados ficarão para bai-

xo, de sorte que a parte convexa fique para cima, e a parte côncava para baixo: a dita tampa se deve pôr sobre a ranhura, ou calhe da escotilha, e applicar sobre ella brazas de carvão, (que bastará sómente perto dos lados) para derreter o betume, e com o seu pezo se entranhar por elle, e tapar a circumferencia hermeticamente.

As aberturas por onde passão os mastros, e outras mais, por varios modos se podem tapar, o que não he preciso indicar, mas sómente advertir, que estejão de antemão tapadas. Como a parte principal deste méthodo consiste em que esteja a coberta exactamente tapada, e que a mínima quantidade de ar, que possa sahir, frustrará toda a operação, se deve ter todo o maior cuidado em examinar por onde sahe algum; e para se vir no conhecimento disto, se irá com hum rolo accezo, e a luz quasi rente do pavimento esquadrinhando attentamente, por todas as partes; e onde a luz tremer mais do ordinario, mostrará que por alli sahe ar, e se tapará com betume.

Porém como o ar pela sua elasticidade he susceptivel de compressão, e póde ser comprimido, e condensado pela agua, estando elle recluso, he de necessidade absoluta que haja modo de se introduzir mais ar no ventre do Navio, para cujo fim haverá no tombadilho delle huma maquineta, mediante a qual se possa metter mais ar, e por este modo supprir a falta de ar, que poderá sahir por alguma abertura, que estiver mal tapada.

Haverá pois hum folle a duplo vento, do qual sahirá hum tubo, que communique com o ventre do Navio: o dito tubo sahirá do folle horisontalmente cousa de hum palmo, e o resto delle será vertical: na parte horisontal do tubo haverá perpendicularmente hum diaphragma, ou repartimento, e pela parte interior delle huma válvula, que dará passagem ao vento, e impedirá que elle não possa sahir, sendo isto circumstancia essencial.

O movimento se dará ao dito folle com o vento, por meio de humas vélas em fórma de cruz de Malta, como se usa nos moinhos de trigo, porém muito mais pequenas: o eixo, que sustem as vélas, terá no meio do seu comprimento hum cotovelo, e neste girará huma manivella, que dará movimento ao folle, como se pratica nos orgãos realexos: este eixo com as suas vélas será montado sobre huma plataforma, de sorte que se possa pôr ao vento, que na occasião correr.

Outro modo ha, já praticado, para introduzir ar puro no ventre do Navio: consiste este em huma manga de figura cónica, ou funilada, que pondo-se a base della verticalmente ao vento, este se communica ao Navio por hum tubo, que sahe do ápice do cône; porém este modo, apezar da sua simplicidade, tem o inconveniente de não poder servir na occasião do perigo, quando não houver vento, o que muitas vezes succede, principalmente perto do Equador; e o modo do folle sempre póde servir faltando o vento, fazendo-se este mover á mão com huma manivella posta no topo do eixo das vélas, e adverte-se que o dito folle ha de trabalhar continuadamente, ou o que a experiencia, e a prudencia dictarem.

Este he o méthodo de que parece se poderá usar com proveito, em occasião de tanto perigo e afflição, pois além da veracidade de ser efficaz, não exige trabalho pessoal, e requer pouca despeza, comparativa com a utilidade.

Deve-se porém advertir, que quando as fendas, ou buracos, por onde entrar a agua, forem mais distantes da quilha do Navio, mais perigo haverá, porque o méthodo aqui exposto não póde impedir que a agua exterior não entre no Navio até á mais alta fenda delle, mas sim que ella dalli não possa subir mais, e não chegue a nivelar-se com o mar, pela opposição do ar, que no ventre do Navio fica recluso, porque a agua ao entrar, por causa do

seu pezo sempre descerá, e impellirá o ar para cima, e ella subirá até á ultima fenda superior, e não mais; que he o essencial para o Navio não se subverter: pelo que quanto mais a entrada da agua for perto da quilha, menos perigo haverá, e não deve fazer dúvida contra este méthodo o estar o Navio carregado com fazendas, porque sempre entre ellas, e nellas haverá ar por todos os intervallos, e intersticios para se oppôr á agua, pois na natureza não póde haver vácuo senão artificialmente.

No caso porém que a agua entre até encher todo o ventre do Navio, por causa das fendas serem muito perto da superficie do mar, (o que raras vezes succederá) sempre fica a esperança de evitar o naufragio, alliviando o Navio, lançando ao mar as cousas mais pezadas, como artilharia, etc. pois nesse caso extremo tudo se deve tentar.

Outra cousa se deve prevenir logo que se sentir agua aberta, que he passar promptamente para cima da coberta os mantimentos sólidos, como biscouto, legumes, etc. e os líquidos podem ficar nos lugares onde se costumão collocar; porém com a differença de se pôrem em rampa com communicação por hum tubo de humas pipas para outras, do mesmo líquido: de cada huma das pipas dos líquidos, que estiver mais baixa, como agua, azeite, etc. deve subir hum cano até á cuberta, e por humas bombas se poderão extrahir os líquidos necessarios, o que anteriormente se terá prevenido.

Não affirmâmos que o méthodo aqui exposto seja novo, mas sim que não temos conhecimento delle; e he verosimil que ainda o não haja, porque se o houvera, não deixaria de ser praticado pelas Nações Estrangeiras, e não se estarião vendo actualmente nas Folhas dellas tantas noticias de Navios naufragados por causa de agua aberta.

Nem tambem nos lisongeâmos que o presente métho-

do seja com a perfeição, a que elle póde chegar; (1) porém ao menos excitará a outras Pessoas para o aperfeiçoarem, addicionando-lhe o que as suas idéas lhes suggerirem; ou inventando outros méthodos mais efficazes; mas sempre teremos a satisfação de lhes servirmos de estímulo, e de concorrermos para a conservação da Humanidade, não sómente para a dos nossos Compatriotas, mas tambem para a de outras Nações.

---

(1) O mesmo Author deste méthodo tem de lhe ajuntar varias observações para a sua perfeição, por meio de huma bomba comprimente.

DESCRIPÇÃO

Do Terreiro Público de Lisboa.

O local deste edificio he mui próprio á commodidade pública. Situado na margem do Téjo, acima das Alfândegas, Cáes do embarque, e desembarque das mercadorias, longe do ancoradouro dos Navios mercantes, e do barulho das immensas embarcações, que continuamente cruzão o rio na frente das mesmas Alfândegas, tendo sobre o rio hum cómmodo, amplo, e excellente Cáes; e da parte da terra huma espaçosa rua, separada por columnetas do tráfego dos carretos dos trigos, e farinhas, a fim de não obstruir o trânsito das carruagens; e isto quasi no meio da extensão da Cidade, que melhor situação para hum Celleiro Público?

Este vasto edificio compõe-se de tres andares de desoito janellas de frente, não incluidas as tres janellas do corpo do centro. Da parte da terra, ou do Norte, hum corpo central formado de duas pilastras, com sua empena, em cujo tympano estão esculpidas as Armas Reaes, ennobrece esta frontaria. Sobre a porta em huma lápida se lê esta inscripção:

P. L. Carroc copiou. Fran.ca Filho sculp.

JOSEPH I.
Augusto, Invicto, Pio
Rei e Pai Clementissimo
Dos seus Vassallos,
Para segurar a abundancia de Pão
Aos Moradores da sua Nobre e Leal Cidade de Lisboa,
E desterrar della a impiedade dos Monopolios
Debaixo da Inspecção do Senado da Câmara
Sendo Presidente delle Paulo de Carvalho de Mendonça
Mandou edificar desde os fundamentos este Celleiro Público.
Anno MDCCLXVI.

Nas duas quinas dos pilares que fórmão os angulos desta frente se achão esculpidas as Armas do Senado da Câmara de Lisboa: e sobre estes pilares, e os do corpo central estão collocados vasos de bella cantaria.

A frente da parte do Téjo he como se apresenta na estampa. As duas portas, ou entradas do Nascente, e Poente são espaçosas, proporcionadas á concurrencia de hum Mercado deste género em huma Cidade tão populosa, e a sua arquitectura, assim como o de todo o edificio, conforme o preceito da Ordem Toscana.

O seu interior he composto da Thesouraria, Contadoria, e mais Officinas, as quaes occupão o espaço do corpo central; e o resto da extensão do edificio comprehende os 40 Números, ou Casas de Vendagem, em cujas frentes estão os mostradores das differentes especies de grão. O espaço do meio entre as duas arcadas, que sustentão os pavimentos superiores de hum lado e outro, he descuberto para entrar a claridade, e o ar.

O Regimento deste Terreiro Público foi dado pelo Senhor Rei D. José aos 24 de Janeiro de 1777; pelo qual foi abolido o antigo, que tinha mais de dois séculos; e ficou encarregado o Senado da Câmara, tanto do seu Governo Económico, e Jurisdiccional, como do Provimento dos Officios que nelle se exercem, excepto o de Administrador Geral; porém em 12 de Junho de 1779 a Senhora Rainha D. Maria I. lhe deo novo Regimento, pelo qual actualmente se regula.

Para o dito Governo e Administração foi creado hum Inspector Geral; hum Administrador com seu Ajudante; hum Juiz com seu Escrivão; hum Thesoureiro com seu Escrivão; Escripturarios; Praticantes; quarenta Vendedores com seus Fiéis para dentro do Terreiro, e dois para o Celleiro das Farinhas, etc.: e estabelecerão-se mais quatro Celleiros Públicos nos Lugares de Sacavem, Loures, Paço d'Arcos, e Porcalhota, todos sujeitos á mesma Administração. A vendagem de cada alqueire he 20 réis, e de cada barrica de farinha 1$200 réis.

Neste Terreiro se faz hum Balanço mensal para se saber a existencia dos géneros, e por este Balanço se calcular o estado de abundancia ou escacêz, para se permittir ou negar a exportação dos mesmos géneros.

Ha outro Balanço semestre, e outro annual, no fim do qual se faz hum resumo de todas as quantidades de cada género que tem entrado, e tem sahido, e os que ficão existindo para a vendagem do anno seguinte. Os Vendedores dos Números do Terreiro, assim como os de fóra, são providos em Homens aposentados dos Officios Fabriz, que tenhão servido na Casa dos Vinte e Quatro. Cada hum delles tem hum Fiel á sua elleição, e quando acontece fallir qualquer destes Vendedores, os outros são obrigados a inteirar a conta que ficou devendo o Companheiro fallido. Estes Vendedores tem de ordenado 72$000 réis,

e o seu Fiel 60$000 réis, e mais 100 réis por cada moio de trigo, ou outro género que vendem.

Os seguintes Mappas são mui curiosos, e dão huma idéa da importancia deste estabelecimento, para deixarem de ter lugar nesta folha.

Mappa das Quantidades de Trigos, e Farinhas, que existírão em ser no Terreiro, e seus Depósitos no fim do mez de Dezembro de cada hum dos annos abaixo declarados, e dos seus correntes preços médios, deduzidos do valor particular de cada huma das suas differentes qualidades.

	Trigo do Reino		Trigo Estrangeiro		Farinha Estrangeira	
Annos	*Moios.*	*Preço médio do alqueire.*	*Moios.*	*Preço médio do alqueire.*	*Moios.*	*Preço médio do alqueire.*
1808	857	Rs. 928	2:896	Rs. 926¾	176	Rs. 1:000
1809	1:924	744	11:912	720	7:210	688⅓
1810	156	1:200	176	1:200	3:832	1:270
1811	82	1:213⅓	12:896	1:088⅓	28:242	1:206
1812	788	1:272½	15:640	1:214½	78.290	1:353⅓
1813	3:466	1:110	13:501	896	40:861	1:040

Mappa do producto líquido das Farinhas, e Trigos Estrangeiros, e dos Trigos do Reino, vendidos no Terreiro, e do valor das quantidades que se concedêrão livres de commissão de venda por via de attestações passadas pelos seus respectivos Proprietarios, e Compradores.

Annos.	Producto dos Trigos do Reino.	Producto das Farinhas e Trigos Estrangeiros.
1808	Rs. - - 1:776:827$216	Rs. - - 1:133:012$402
1809	- - - - 1:097:087$962	- - - - 1:999:070$474
1810	- - - - 1:351:489$907	- - - - 4:539:075$574
1811	- - - - 305:694$840	- - - - 9:269:803$221
1812	- - - - 585:145$740	- - - - 15:683:035$541
1813	- - - - 763:362$292	- - - - 10:081:156$394

POESIA.

(Artigo communicado.)

Descripção de huma figura hedionda.

ROMPENDO a taipa da ramella immunda
Abrio Javardo esgaziados olhos,
E vio raiar a luz; deixa assustado
A pocilga hedionda, a manta, as pulgas;
Encortiçados pés pôz no sobrado;
Hum resto de camiza ao couro ajusta;
Atamancando nos quadris as calças,
Enfia as vezes mil tombadas botas;
Nos hombros com sentido, e mais nos braços
Encaixa pouco a pouco a porca, e triste,
Já sem friza, subtil sobrecasaca,
Ao penetrante frio escudo imbelle;
Mas inda assim na espinha inda mostrava
Vivos signaes de antiga caldeirada,
De chocas conservando a barra eterna.
Da primeira pitada a caixa em lastro
Deixou logo ficar, sorvêo de hum jacto;
Em grossos borbotões já corre o pingo;
Eis lhe acode co' a mão, suspendo o fluxo,
Outra vez o re-sorve: assim do Téjo
Na praia os marulhões tornão, retornão
C' o contínuo vaivem das crespas ondas.
Reforçado bambú na dextra empunha:
Quando a dextra lhe cança, elle o sobraça
No fétido sovaco, onde em cardume
Nunca os pernudos hospedes falhárão:

De fórma bacial pôz na cabeça
Chapeo de felpa pobre, e rico em sebo.
De huma pernada só se pôz na rua,
Sem soffrer dois jejuns miòlo, e tripa
No conhecido Botequim se enfia;
C' o corpo emporcalhou marmórea meza
Toda nella encostando a tromba immunda,
E vindo astuto moço, mestre em contas,
A's ventas lhe arrumou torrada, e copo;
Foi depois trabalhar c' o giz na porta,
Sem unico *p g*, de riscos cheia.
Subitamente no porão da pança
O almoço inteiro o Jacaréo sepulta,
Sem que movesse a transversal queixada,
De cujo moto treme o farto Isidro,
Se alguma vez do jogo a sucia o leva
A encher de mofo o bucho anacoreta,
Onde nunca o fastio achou guarida.
Pilhou de hum lado casual pitada,
Erma deixando a caixa ao dono absorto,
Na venta cavallar toda a sepulta,
Sorve os resquicios nos immundos dedos:
A perna esqueletal cruzou na perna,
Inclinando o toitiço a barba encosta
No arcaboiço do peito; os beiços quatro
Dos rizes sôltos badanando ondeão.

ANECDOTAS.

(Artigo communicado.)

Regnier foi hum Poeta Satyrico da França, e sobrinho de Desportes. Elle sobrepujou a todos os Poetas que antes delle tinhão escrito Satyras; viveo como hum libertino, e fez para si o seguinte Epitaphio. Elle morreo no anno de 1613.

J'ai vecu sans nul pensement,
Me laissant aller doucement
A la bonne loi naturelle;
Et si m'etonne fort pourquoi
La mort osa songer a moi,
Qui ne songeai jamais â elle.

TRADUCÇÃO.

Vivi sem haver pensado,
Deixando-me ir brandamente
Só pela Lei natural;
E muito admiro o cuidado
Que de mim a morte sente;
Pois nunca cuidei em tal.

Mr. Boudon, Cirurgião de grande fama, foi hum dia chamado pelo Cardeal Dubois, primeiro Ministro da França, para lhe fazer huma delicada operação. O Cardeal vendo-o entrar, lhe disse. = Espero que me não trateis, como os pobres, e miseraveis do vosso Hospital. = Boudon lhe respondeo: = Senhor, quando eu assisto no Hospital a algum daquelles, a quem chamais miseravel, eu o trato igualmente, como se fosse hum primeiro Ministro de Estado. =

ERRATAS.

No Num. XI. pag. 166, linha 32, onde se lê — como Camões o he na Epoca — lêa-se: como Camões o he na Epopea.

Na pag. 167, linha 19, onde se lê — Romances pastores — lêa-se: Romances pastoris.

Idem, linha 30, — Alvaro — lêa-se: Alvares.

Na pag. 168, linha 28, onde se lê — Da qual não apresentemos — lêa-se: Da qual não apresentâmos.

No Num. XIII., pag. 206, linha 12, onde se lê — Pyrro protegendo o menino Menino Glaucias — lêa-se: Glaucias protegendo o Menino Pyrro.

No Num. XIV., pag. 215, linha 23, onde se lê — Saragossa — lêa-se: Syracusa.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XX.

(Artigo communicado.)

NOTA

Sobre alguns vestigios de Antiguidades, que se encontrão no Lugar da Junqueira, na Provincia de Tras-os-Montes.

POR

MANOEL FERREIRA DE SEABRA.

A JUNQUEIRA he huma pequena povoação de vinte e quatro vizinhos, do Termo da Villa de Alfandega da Fé, Commarca de Torre de Moncorvo, situada na célebre Villariça, bem conhecida pela sua fertilidade, e principalmen-

te por ser a *patria dos melões* (1). Fica na margem esquerda da Ribeira, que banha este delicioso campo, a duas leguas e meia de distancia do lugar em que ella se perde no Sabor, e depois com elle entra no Douro.

---

(1) A Villariça he sem dúvida o campo mais fértil da Provincia de Tras-os-Montes. Alguns de nossos Escriptores della tem feito menção, e sempre ellogiando-a. Nem tambem tem sido esquecida pelos Estrangeiros. Don Juan Alvarez de Colmenar a omittio nas *Delices de l'Espagne & du Portugal;* mas veio depois Mr. Link, que della largamente se occupou no T. 3.° da sua *Voyage en Portugal.* Julgo a propósito transcrever o que diz este célebre Viajante, até mesmo para notar alguma particularidade, apezar da sua escrupulosa observação. — pag. 20. —

> Au delà de Villaflor, vers Torre de Moncorvo, on descend par une pente douce et à travers de beaux pâturages, dans la riche et fertile vallée nommée *Campo de Villariça.* Ce plateau est renomé par la douceur du climat, et par la bonté de son terroir; il ressemble à celui de Chaves, mais il est plus long, plus étroit et moins froid.

He com effeito verdadeiro quanto diz Mr. Link neste lugar. O Campo de Villariça he sem dúvida mais fértil do que a Veiga de Chaves: he igualmente muito mais comprido, e mais estreito. Póde-se fazer começar o Campo da Villariça na Burga, do Termo de Bragança, donde se contão cinco leguas e meia até ao Douro, e em parte alguma excederá a sua largura a hum quarto de legua. Pelo contrário a Veiga de Chaves, fazendo-a começar em Villa Verde da raia, que fica na margem esquerda do Tamega, e terminar em Outeiro Jozão meia legua abaixo de Chaves, e tambem na margem esquerda, terá apenas duas leguas de extenção: e terá na sua maior largura, que he desde o Lugar das Eiras até Santa Cruz, junto de Chaves, tres quartos de legua; de resto quasi sempre tem meia legua. Isto pelo que pertence ao que he Veiga Portugueza; se se contasse a parte que entra por Galliza, e que por ser districto de Monte-Rei se chama o Valle de Mon-

Affirma-se que esta Aldêa fôra em outro tempo maior, e mais populosa : desgraçadamente se lhe vai conhecendo de dia em dia huma sensivel decadencia ; e eu mesmo

---

te-Rei, teria esta Veiga o melhor de seis leguas de extenção.

Il est borné au levant, par la *Serra de Estevaes*, et arrosé par le *Sabor*, qui, en hiver, est sujet à de fréquens débordemens qui inondent une partie de la plaine. Un ruisseau nommé *Ribeiro de Villariça*, le traverse. Le sol est argilleux, et entremêlé de chaux et de sable. Les terres ne sont point fumées, quoiqu'on soit dans l'usage de le faire aux environs.

As terras da Villariça são todas adubadas, á excepção da pequena parte que he inundada pelo Sabor, e a que os naturaes chamão o = Boedo. =

Les champs sont labourés d'abord au mois de novembre, ensuite vers le mois de mai, ce qu'on nomme dans cette province, *entravessar*. On sème le froment depuis la fin de septembre jusqu'au commencement de novembre, et on récolte au mois de mai; le bled est battu ou bien foulé par des bœufs. Outre le bled dont on recueille annuellement 30$000 *alqueires* (environ 8$000 muids), on cultive du chanvre dans les endroits inondés par le Sabor; on compte que cette plaine produit annuellement 220 à 264 milliers de chanvre. La terre propre à recevoir le chanvre, est d'abord labourée au printemps, et ensuite hersée; quinze jours après on répète la même opération, et on sème aussitot le chanvre. Il reste ordinairement cent jours sous terre; ensuite on le coupe, et on l'amoncèle dans de grands tas (*molhos*), pendant huit jours, dans un lieu destiné à cet usage (*tendal*); ensuite on en forme de petites gerbes (*estrigas*), pour le faire tremper dans l'eau (*cortir*), etc. On récolte ici, chaque année, environ 12 a 15$000 *alqueires* de maïs, et on compte qu'un *alqueire* de semence produit 300 alqueires de grain. On le cultive comme dans les autres provinces du royaume. Outre 5 à 6$000 alqueires de fèves,

observei que entre os habitantes se não encontrava hum só que excedesse 60 annos de idade, e que o número das viuvas excedia o dos viuvos. Esta pouca duração he devida provavelmente aos grandes calores que alli dominão

---

et d'haricots, on recueille d'excellens melons, et des melons d'eau qui passent pour les meilleurs du royaume. On laboure trois fois la terre, et ensuite on sème. On arrache les herbes parasites, et aussitôt que la tige a 4 ou 6 feuilles, la terre est remuée avec la herse (*sachar*), ce qui est rèpété quelque temps après. Cette plaine est, ainsi que toute la contrée, exposée à de frequens orages qui causent des ravages d'autant plus grands, qu'ils sont accompagnés de grêle et d'ouragans qui déracinent les arbres et renversent les maisons. En général, les orages dans les contrées elevées, entre le 45.e au 40.e degré de latitude nord, sont d'une violence extrême, sour-tout en été. Dans les plaines ils sont plus rares, et ne deviennent impétueux qu' à lépoque des équinoxes. En été, il tombe pendant la nuit un brouillard tres-froid qui, joint à la grande chaleur du jour, occasionne beaucoup de meladies, sur-tout des fiévres qui paraissent endémiques à ce pays.

Le Campo de Villariça est partagé entre plusieurs proprietaires qui afferment leurs terres par portions nommées *courellas*, et à un prix exorbitant. Les inondations d'une rivière aussi rapide que le Sabor en hiver, empêchent toute demarcation de possessions, et sont la source de procès interminables. Il ne reste d'autre moyen que de désigner les possessions de chacun, dans un registre déposé à la justice. Le premier de ces registres fut ouvert sous le roi *Philippe* III., en 1629; ainsi que tous les actes déposés aux archives, il porte le nom de *tombo*. Mais par la suite ce registre devint insuffisant; plusieurs portions de terre furent réunies par des heritages, d'autres furent pertagées, et les plaintes augmentèrent chaque jour. Des personnes mal intentionées profitant de ce désordre cherchèrent à empiéter sur leurs voisins. En conséquence on éta-

durante duas estações do anno ; já porque elles desenvolvão muitos miasmas de algumas aguas estagnadas e corruptas, que ficão no leito daquella ribeira, cuja corrente se extingue todos os annos, já porque obrigando os habitantes a dormir ao sereno da noite junto das suas hortas e searas, o orvalho da noite lhe origina muitas molestias, que são como endémicas.

Não tenho encontrado em nossos Historiadores cousa notavel a respeito do Lugar da Junqueira : affirmárão-me, comtudo, alguns de seus habitantes, que alli se divisavão vestigios de antiguidade, que mostravão de alguma sorte que a Junqueira existíra no tempo dos Romanos, e que fôra grande povoação : isto me obrigou a investigar o que havia, e se reduz ao seguinte.

Em hum campo baldio, que dista do Lugar hum tiro de bala para a parte do norte, e mui próximo á Ribeira, ha huma Capella, chamada de S. Martinho, de que apenas existem as paredes, e já em ruina. Alguns dos moradores me affirmárão que esta Capella tinha mais de 200 annos. Sobre o altar, e em hum dos lados se encontrão duas grandes pedras de mármore branco ; tanto em huma como em outra estão insculpidos como brazões de armas,

---

blit en 1775, un noveau *tombo* qui est encore aujour d'hui en usage; mais il passe pour être très-défectueux. Ainsi le campo de Villariça est toujours la matiére de procès et de chicanes.

Este lugar de Mr. Link he hum pouco exagerado. He certo que as inundações do Sabor muitas vezes tem confundido as differentes propriedades ; porem são mui raras as que causão taes effeitos, e por consequencia igualmente raras as questões.

e por baixo inscripções, parte das quaes se não póde já ler. Na que está sobre o altar se lê apenas:

D. M.

Julio Hispano.

Na outra que está ao lado:

Aelius

Albinus

. . . . . .

H. S. Situs est.

T. L.

Dentro da mesma Capella se achão mais duas grandes pedras do mesmo mármore: e tanto estas, como as primeiras, parecem ter servido de cobrir sepulturas. Tambem conservão esculturas, e restos de inscripções, mas que absolutamente se não podem ler.

Perto daqui se encontrão várias sepulturas feitas de pedra; e mais ao largo, rodeando a Capella, e descrevendo huma figura oval, se notão os alicerses de hum grande Edificio, e dentro deste espaço parte de huma columna de granito, de seis palmos de comprimento, e hum pé de diametro.

Por occasião de se fazer neste lugar huma pequena escavação se achou hum capitel de columna bem lavrado, tambem de granito, e huma moeda de bronze, com o diametro de doze vintens de prata, da nossa moeda, e em que mal se destingue huma cabeça de meio perfil. Isto pelo que pertence ao que se encontra no Lugar da Junqueira.

Mas nas eminencias de granito, que o dominão, e

que correm de Sul a Norte, existem varias sepulturas cavadas na pedra, achão-se alguns vestigios de edificios, e parte de huma muralha. E a distancia de meia legua ao S. E. se encontrão duas Ermidas, huma de S. João, em fórma circular, e outra maior de N. Senhora do Castello, que he hum Templo antigo, formando hum quadrilongo, com o pavimento arranjado de pequenos seixos, e a porta voltada para o Occidente; está fundado este templo dentro de huma fortaleza; de que ainda existe a muralha, com huma porta de arco, de cantaria, voltada para o Oriente.

Eis-aqui os restos de antiguidade que encontrei, e sobre os quaes me não atrevo a fazer juizo algum, considerando os meus poucos conhecimentos. Resolvi-me porém a descrevellos, abrindo desta sorte largo campo aos instruidos e curiosos, que provavelmente ignorão a existencia destes vestigios, pela razão de não terem sido referidos, segundo penso, por algum Escritor nosso; e que, contando sobre a verdade deste pequeno escrito, mais facilmente poderão fazer suas interessantes observações.

POESIA.

NINGUEM ignora as difficuldades que tem a vencer quem emprehende huma Traducção. Se o Genio da Lingua de que se traduz he semelhante ao Genio da Lingua para que se traduz, ainda as difficuldades são venviveis; porém quando aquelle he differentissimo deste só hum abalizado engenho a pode felizmente concluir. Tal he o triunfo que obteve o Excellentissimo Senhor Conde da Barca, quando nos deo em Portuguez a Ode de Dryden a Santa Cecilia. O espirito do Author alli se vê produzido com a mesma valentia de pensamentos, e belleza de locução . . . mas que posso eu dizer além do que tão judiciosamente expõe na advertencia o benemérito Portuguez, que presenteou a Patria com a impressão desta excellente Poesia! Transcreverei a mesma advertencia para tecer o elogio do Excellentissimo Traductor; e como são raros os Exemplares, estou convencido que faço hum serviço á Literatura Nacional em vulgarizar huma Obra, que tanto a acredita. Com huma livrar-me-hei da taxa de lisonjeiro; com outra do labéo de encarecido.

ODE
DE
DRYDEN
PARA O DIA DE SANTA CECILIA.
Traduzida em Portuguez.

Advertencia.

Mr. d'Alembert diz, que a traducção de hum Author

em prosa he difficilima, mas a de hum Poeta totalmente impraticavel. O voto de Mr. d'Alembert he sem dúvida de hum grande pezo, mas os Alemães, os Inglezes, os Italianos fornecem-nos diversos exemplos para podermos livremente ser de hum differente parecer. Ninguem duvida da difficuldade de taes emprezas; para as vencer he necessario que o Traductor não sómente tenha hum pleno conhecimento das duas linguas; mas se me he licito explicar-me assim, huma amizade íntima com o seu Author, e hum engenho igual ao delle. O certo he que em todas as linguas ha Poesias de hum caracter particular, cuja traducção por extremamente difficil he natural julgar-se impossivel.

Estas observações fazia eu ultimamente em Hamburgo com o meu Amigo o Senhor Antonio de Araujo, e como exemplo daquella extrema difficuldade nos occorreo a Ode de Dryden, composta para o dia de Santa Cecilia, huma das mais bellas producções Lyricas dos séculos modernos. Não he possivel responder melhor á opinião de Mr. d'Alembert do que fez o dito meu Amigo passados dias, apresentando-me a seguinte versão desta admiravel Ode com igual numero de versos, e a mesma disposição das rimas. Da mesma maneira traduzio tres Odes de Gray, que posto que sejão de menor difficuldade tem merecimento mui distincto.

Espero que a Patria me agradecerá o publica-las, não só por assim lhes fazer proprias, mas por fornecer huma nova prova do valor da nossa Lingua. Estes exemplos concorrerão com os que tem dado outros nossos Poetas para alargar entre nós os limites da Poesia Lyrica, e reprimir a nimia propensão nacional para o genero pastoril, e lânguido.

Hamburgo em 30 de Maio de 1799.

ALEXANDER'S FEAST:
OR
THE POWER OF MUSIC.
An Ode in Honour of St. Cecilia's Day

I.

T'WAS at the royal feast, for Persia won
By Philip's warlike son
Alost in awful state
The godlike hero sate
On his imperial throne:
His valiant peers were plac'd around;
Their brows with roses and with myrtles bound.
(So should desert in arms be crown'd:)
The lovely Thais, by his side,
Sate like a blooming Eastern bride
In flower of youth and beauty's pride.
Happy, happy, happy fair!
None but the brave,
None but the brave,
None but the brave deserves the fair.

CHORUS.

Happy, happy, happy pair!
None etc. (1)

(1) O Coro repete, tanto nesta Strophe, como nas seguintes, os versos que se seguem até ao fim da Strophe.

FESTA DE ALEXANDRE:
OU
O PODER DA MUSICA.

Ode de Dryden, composta para o Dia de Santa Cecilia.

I.

ERA a festa Real, que ao bellicoso
Macedonio, da Persia glorioso
Vencedor aclamava:
Excelso o Heróe brilhava
No solio magestoso:
Valentes Pares seus o rodeavão,
Que de rosas, e murta a frente ornavão,
(Como ao valor compete se croavão.)
Thaïs mostrava ao regio lado airosa,
Qual outra Oriental florente Esposa
Juventude, e beldade radiosa.
Feliz, feliz Donzella!
Ninguem senão o Heróe,
Ninguem senão o Heróe,
Ninguem senão o Heróe merece a bella.

CORO.

Feliz, feliz Donzella!
Ninguem etc.

II.

TIMOTHEUS, plac'd on high
Amid the tuneful quire,
With flying fingers touch'd the Lyre:
The trembling notes ascend the sky,
And heavenly joys inspire.
The song began from Jove,
Who left his blissful seats above,
(Such is the power of mighty love.)
A dragon's fiery form bely'd the god:
Sublime on radiant spires he rode,
When he to fair Olympia press'd:
And while he sought her snowy breast:
Then, round her slender waist he curl'd:
And stamp'd an image of himself, a sovereing of the world.
The listening crowd admire the lofty sound,
A present deity, they shout around:
A present deity the vaulted roofs rebound:
With ravish'd ears
The monarch hears,
Assumes the god
Affects to nod,
And seems to shake the spheres.

CHORUS.

With ravish'd ears
The monarch etc.

II.

LA' no alto dos soantes
Coros Timotheo tira
Co' a voadora mão da heroica Lyra
Notas, que ao Ceo se elevão tremulantes,
E doce encanto inspira.
Altísono começa em Jove o canto,
Jove, que deixa o alcáçar sacrosanto,
(Porque a força d'amor obriga a tanto.)
A fórma toma o Deos de Drago ardente,
Sublimado se enrosca reluzente,
A bella Olympia abraça,
E tanto que lhe enlaça
Gentil cintura, e peito, estampa ufano
Retrato seu do mundo soberano.
Da ouvinte chusma o applauso aos ares vôa;
Acclamação ao Deos presente sôa;
Deos presente, no técto ao largo ecôa:
E o grã Monarca attento
Ao sonoroso accento,
Se arroga a Divindade,
Nuta com magestade,
E parece abalar o Firmamento.

CORO.

E o grã Monarca attento
Ao sonoroso etc.

III.

THE praise of Bacchus then, the sweet musician sung;
Of Bacchus ever fair and ever y oung:
The jolly god in triumph comes;
Sound the trumpets; beat the drums;
Flush'd with a purple grace
He shews his honest face:
Now give the hautboys breath; he comes, he comes.
Bacchus, ever fair and young,
Drinking joys did first ordain;
Bacchus' blessings are a treasure,
Drinking is the soldier's pleasure:
Rich the treasure,
Sweet the pleasure,
Sweet is pleasure after pain.

CHORUS.

Bacchus' blessings are a treasure
Drinking etc.

III.

A Baco louva o Musico famoso,
A Baco juvenil, sempre formoso:
Vem triunfante o Deos; vivas rebôão;
Rúfão tambores já, trombetas sôão;
Já se avista o jocundo
Semblante rubicundo:
Chegá, chega, os clarins já o apregôão.
Foi Baco juvenil, sempre formoso,
Quem prazeres nos deo ebrifestantes:
Valem de Baco os dons mais que divícias;
Soldado o beber faz as delícias:
Gratas divícias
Doces dilícias,
Depois d'áspera lida mais prestantes.

Coro

Valem de Baco os dons mais que divícias;
Do Soldado etc.

Continuar-se-ha.

ANECDOTAS.

Voltando hum Fidalgo de viajar pelos Reinos estrangeiros, achando-se huma vez no Paço disse: = Que de todos os Soberanos da Europa o que estava peior alojado, era ElRei de Portugal; porque o Rei de Napoles tinha hum Palacio de mármore de huma legua de extenção, incluidos os jardins, bosques, cavalharices, etc.; o de França huma Casa de Campo tão magnífica e vasta, que disputavão entre si a riqueza, com a commodidade a qual dellas pertencia a victoria, etc. = Chegando isto aos ouvidos do Senhor Rei D. João IV., em cujo reinado isto aconteceo, a primeira vez que o vio em Palacio lhe disse: = Quem tem melhor, e mais amplo Palacio, o Soberano que habita em hum edificio de pedra com huma legua de extenção, como esses Reis de que fallas; ou o que tem o seu domicilio nos corações dos habitantes de hum Reino, como os Reis de Portugal? = O Fidalgo prostrou-se-lhe aos pés, e pedio perdão da sua indiscrição.

Hum vaidoso, em huma sociedade fallando de si, não cessava de elogiar a boa educação que tivera. Hum dos circumstantes, que o conhecia de pequeno, quando a Mãi fôra Galinheira, lhe disse: = Tem razão o Senhor Fulano de gabar a boa creação que teve, e de nos quebrar a cabeça com a sua creação; porque teve galinhas de casta de huma grandeza de pasmar: porém deo-lhes a gosma, e morrerão todas; e isto fez com que sua Mãi largasse o tráfego. Agora consta-me que voltou á curiosidade, e que tem huma creação, que he a inveja de todos. = O vaidoso confundido emudeceo, e retirou-se.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1817.
Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,
OU
MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XXI.

MEMORIA

Sobre os meios de favorecer a Industria Nacional, seguindo o exemplo da Rainha da Grã-Bretanha, e dos Deputados da Cidade de Berlin.

EXEMPLO.

Documento authêntico assignado pelos Deputados da Cidade de Berlin contra o uso das Manufacturas Estrangeiras.

„ Nós os Deputados da Cidade de Berlin, por este certificâmos e declarâmos, — que depois de huma madura reflexão, solemnemente nos obrigâmos, quanto em nossa mão estiver, a fazer com que as classes pobres dos nos-

sos Concidadãos fabricantes e lavradores, sejão auxiliadas o melhor que for possivel, e fiquem livres de huma total indigencia, a que por falta de trabalho estão necessariamente expostas. O auxilio dado pelas instituições de Caridade quasi sempre não preenche os fins a que se destina; e até tem huma perniciosa influencia na moral pública, porque anima a occiosidade. Este objecto promove-se com outra apparencia de proveito quando os trabalhadores tem em que se occupar. Nós, por conseguinte, mutuamente nos obrigâmos, cada hum segundo as suas posses, a providenciar que nem nossas pessoas nem as dos nossos dependentes, conhecidos, e amigos, tornem de hoje em diante a fazer uso de manufacturas estrangeiras, ou seja para vestidos, ou móveis de casa; e assim comprem todos estes artigos de Fábricas Nacionaes.

,, Como estamos persuadidos que só por meio desta resolução podêmos promover a felicidade dos nossos Concidadãos, o que, attendendo á nossa politica situação, he hum dos nossos primeiros deveres; e como, além disto, esta medida deve ter huma mui feliz influencia em a nossa indústria interna; tomámos a resolução de authenticar este documento com as nossas respectivas assignaturas, firmemente convencidos de que o nosso exemplo ha de ter imitadores, particularmente entre os nossos Concidadãos. Feito em Berlin aos 27 de Dezembro de 1816. — Seguem-se as assignaturas. ,, (*Copiado do Investigador Portuguez em Inglaterra do mez de Abril de* 1817.)

GRA-BRETANHA. *Londres* 22 *de Abril.*

A Gazeta de Londres de Sabbado annuncia que a Rainha dará Quinta feira assemblêa no Palacio de S. Jaime. *Intima-se a todas as pessoas que alli se apresentarem que em seus vestidos e adornos não levem senão fazendas das*

Fábricas Inglezas. (Copiado do N.° 107 da Gazeta de Lisboa de 7 de Maio de 1817.)

O expediente que tomárão os Deputados da Cidade de Berlin, e o exemplo que dá a Rainha da Grã-Bretanha, são dois factos que honrão muito a Sabedoria, e o Patriotismo de tão illustres Protectores da Industria Nacional. Ninguem ignora o prejuizo que causa a falta de industria a hum paiz, que recebe do estrangeiro artigos da primeira necessidade sem permutalos com outros artigos. Mais lucra huma Nação com a carestia dos géneros manufacturados no Paiz, do que com a barateza dos géneros de manufactura estrangeira, quando estes se pagão a dinheiro. O trabalho pessoal ainda que custe caro dá maior circulação ao ouro, e este fica no Reino. Hum cruzado novo dado a hum operario não sahindo do Paiz, combina-se em cada instante de infinitos modos com vantagem do Estado, e daquelle mesmo que o paga; e hum tostão dado a hum artifice estrangeiro causa huma perda real, e effectiva, porque toda a combinação vantajosa da moeda se acaba no momento em que sahe do Estado: porém o desperdicio do dinheiro ainda he hum menor mal do que o de deixar sem trabalho immensos braços, que não tendo occupação, ou cahem na miseria, ou se entregão aos crimes.

Actualmente que se empenha o Patriotismo das Nações Estrangeiras, como vemos por estes, e outros exemplos, em admittir só o luxo nacional a fim de empregar os fabricantes, e lavradores para que por falta de trabalho não caião em languidez, ou penuria, de que procedem a mendicidade, e os crimes, deixarão os Portuguezes de dar hum testemunho de igual virtude! Os Portuguezes que sempre tem sido os primeiros, ou dos primeiros em tudo o que diz respeito ao serviço do seu Monarca, e bem da sua Patria, deixarão agora de verificar huma acção de tan-

ta honra para si, e de tanta utilidade para a Nação em geral!

Quanto seria proveitoso se huma vez se desterrasse o luxo estrangeiro! Quantos Varões modêlos de Sabedoria, e Patriotismo não se vem succumbidos ao império da palavra = *Moda!* = Que bem alcançarião para si, e para os seus Concidadãos se hum dia esmagassem huma sanguexuga, que diariamente lhe chupa o sangue, e que na continuação dos annos, quando não os exhaura de forças, os debilita! Porém a *Moda*, o adorno do bello sexo, o explendor das Sociedades, a demonstração da oppulencia, o testemunho do bom gosto, ha de ser banida! E os vossos Irmãos, os vossos Patricios, os vossos Amigos, Conhecidos, e Dependentes hão de morrer de fome!!! Prezai os nossos artefactos, e vereis até onde chega a perfeição das nossas obras. Quem diria que os Artifices Portuguezes erão capazes de fazer tão magníficas, e acabadas Obras, como a Baixella de prata, offerecida pelos Excellentissimos Senhores Governadores do Reino, por Ordem de S. Magestade, ao Lord Duque da Victoria; e a Espada de oiro, Placar, e Presilha de brilhantes, offerecidas pela Officialidade do Exército Portuguez a S. Excellencia o Senhor Marechal General Marquez de Campo Maior! Desenvolva-se a protecção, e apparecerão os Génios.

Debalde se emprégão as saudaveis Providencias de S. Magestade Fidelissima, a cooperação do Governo deste Reino, e o auxilio dos Tribunaes, para animar a industria, e promover o bem das Artes, e Officios Fabrís, se huma tendencia irresistivel arrastra hum grande número de individuos a querer, e a julgar sómente bom o que he estrangeiro. Aonde se fazem melhores chapéos de pêllo de castor, e de coelho que em Lisboa? Deixão por ventura de vir de Inglaterra, e de comprálos os Portuguezes?

Aonde se lapidão mais perfeitamente as pedras de côr, onde ha melhores Canteiros, Calafates, etc.? Pois a perfeição a que chegárão estes, podem chegar os outros Officios se os animar a protecção, e o interesse. Auxiliai a Industria Nacional, ó Varões prudentes, ó homens opulentos, seguindo o exemplo dos illustres Deputados da Cidade de Berlin, promettendo que nem vossas pessoas, nem as dos vossos Dependentes, Conhecidos, e Amigos tornem a fazer uso das manufacturas estrangeiras: auxiliai a Industria Nacional, ó Matronas beneméritas da Patria, seguindo o exemplo da Rainha da Grã-Bretanha, não consentindo que em vossos Bailes e Assembléas se apresentem pessoas com vestidos e adornos, que não sejão de fazendas das Fábricas Portuguezas, e vereis como rivalisâmos com as Nações mais industriosas da Europa, assim como rivalisâmos com as mais guerreiras, e briosas.

Os Soberanos Estrangeiros não dão mais protecção ás Artes, e Officios do que S. Magestade ElRei Nosso Senhor: recordemo-nos do Aviso de 6 de Setembro de 1802, em que fez reviver a prohibição das manufacturas, e móveis estrangeiros, de que faz menção o Cap.° 7.° da Lei e Pramatica de 24 de Maio de 1749: recordemo-nos dos Avisos passados pelo Excellentissimo Senhor Secretario do Governo João Antonio Salter de Mendonça em 15 de Outubro de 1814 dirigidos ás Alfândegas do Reino, e ás Super-Intendencias dos Contrabandos, e Reaes Descaminhos, a requerimento dos Juizes do Officio de Carpinteiro de Móveis, (1) para não se dar despacho, e serem apprehendi-

---

(1) Por occasião deste Régio Aviso em demonstração de reconhecimento pelo beneficio conferido ao sobredito Officio mandou hum dos Juizes fazer hum desenho com a seguinte allegoria. Duas Figuras representando a Prudencia, e a Justiça, Virtudes caracteristicas dos Excellentissimos Se-

dos os móveis vindos de França, etc.: recordemo-nos da Resolução da Consulta, que a requerimento dos Juizes do Officio de Çapateiro subio pelo Excellentissimo Senado da Câmara á Real Presença na Côrte do Rio de Janeiro, decidida em 5 de Julho de 1816, que determina se apprehenda toda a obra que se achasse para negocio, respectiva ao dito Officio, manufacturada fóra do Reino, prohibindo a venda della, exceptuando da prohibição sómente as vendas das manufacturas, de que falla o Tratado, sendo praticadas pelos vassallos da Grã-Bretanha. S. Mages-

---

nhores Governadores deste Reino, se dão as mãos para contribuirem a immortalizar o Governo de S. Magestade, cuja solidêz se representa no pedestal sobre o qual assenta o Busto do mesmo Augusto Senhor. Na sua saudosa ausencia o Astro brilhante das suas Régias Instrucções, cuja mente he sempre benévola, symbolisado na Estrella radiosa eminente á sua Régia Cabeça, desprende hum raio de luz, que dando no espelho ustório da Prudencia vem reflectir na Figura da Marcenaria, que recebe o Aviso de 15 de Outubro de 1814, que prohibe a entrada nestes Reinos dos Móveis de França, e outros, o qual lhe he trazido pelo Mensageiro dos Deoses. O Ganço, symbolo da Gratidão, junto da Figura da Marcenaria representa o grato reconhecimento da Corporação da Marcenaria para com o seu Monarca, e seus Excellentissimos Delegados. As Artes, figuradas na Deosa Minerva sua Protectora, e que S. Magestade tanto promove, o corôa A Fama vôa a espalhar pelo Mundo o brado deste rasgo de Beneficencia. A Felicidade Pública exulta pela parte que toma no augmento e protecção das Artes e Officios; e a fiel observancia com que o Excellentissimo Senado da Câmara de Lisboa faz conservar as Prerogativas de cada Corporação representada na Figura da Fidelidade, com o Escudo das Armas deste Tribunal, parece estar indicando prometter a observancia da Graça que S. Magestade conferíra a esta Corporação.

Este desenho esteve a ponto de se gravar; mas intrigas, que se movêrão, desgostárão de modo tal o seu Author, que desistio da empreza, e o conserva só como hum monumento dos seus bons desejos.

tade quer que todas as classes dos seus fiéis vassallos sejão felizes ; o que falta para que completamente o sejão, he a cooperação dos seus mesmos vassallos, e esta não está muito distante. Hum dia ainda virá em que se envergonhe hum Portuguez de dizer = *Isto não he Portuguez.* = Assim se fizerão grandes os que nada, ou pouco erão, quando nós atroávamos de nossas acções e triunfos o mundo inteiro ; e assim nos tornaremos maiores ainda do que elles se fizermos iguaes esforços para animar as Artes, aos que fizemos para despertar o valor.

IV.

SOOTH'D with the sound, the king grew vain;
Fought all his battles o'er again;
And thrice he routed all his foes; and thrice he slew the slain.
The master saw the madness rise;
His glowing cheeks, his ardent eyes;
And while he heaven and earth defy'd,
Chang'd his hand, and check'd his pride.
He chose a mournful Muse
Soft pity to infuse:
He sung Darius great and good,
By too severe a fate,
Fallen, fallen, fallen, fallen,
Fallen from his high estate,
And weltring in his blood;
Deserted, at his utmost need,
By those his former bounty fed:
On the bare earth expos'd he lies,
With not a friend to close his eyes.
With down-cast looks the joyless victor sate
Revolving in his alter'd soul
The various turns of chance below;
And, now and then, a sigh he stole;
And tears began to flow.

CHORUS.

Revolving in his alter'd soul
The various etc.

POESIA.

Continuação do Artigo Poesia inserto no Num. XX., a pag. 312.

IV.

O Rei desvanecido se arrebata,
As batalhas recorda, e desbarata
O imigo, e vezes tres ao morto mata.
Mas vendo o Mestre o frenei tumente,
Das faces o fulgor, e a vista ardente,
Que feroz contra a terra, e Ceo se anima,
Muda de tom, que a audacia lhe reprima.
Funérea Musa prova,
Que a compaixão lhe mova:
Canta Dario o grande, o bom, exangue,
Que por tão duro fado
Cahio, cahio, cahio,
Cahio do excelso estado,
E envolto em proprio sangue
Deixado foi, que sem amparo expira,
De quantos seu favor d'antes nutríra;
Exposto o corpo jaz em nua terra,
Nenhum amigo, não, seus olhos cerra.
O Vencedor se inclina triste, e brando,
Mil lembranças, cuidando
Na humana instavel sorte, o perturbárão,
Suspiros exalou de quando em quando,
E as lagrimas brotárão.

Coro.

Mil lembranças, cuidando
Na humana etc.

V.

THE mighty master smil'd, to see
That love was in the next degree:
T'was but a kindred sound to move,
For pity melts the mind to love.
Softly sweet, in Lydian measures,
Soon he sooth'd his soul to pleasures.
War, he sung, is toil and trouble;
Honour but an empty bubble;
Never ending, still beginning,
Fighting still, and still destroying:
If the world be worth thy winning,
Think, o think, it worth enjoying:
Lovely Thais sits beside thee,
Take the good the gods provide thee.
The many rend the skies with loud applause;
So Love was crown'd, but Music won the cause.
The prince, unable to conceal his pain,
Gaz'd on the fair
Who caus'd his care
And sigh'd and look'd, sigh'd and look'd,
Sigh'd and look'd, and sigh'd again:
At length, with love and wine at once oppress'd,
The vanquish'd victor sunk upon her breast.

CHORUS.

The prince, unable to conceal his pain,
Gaz'd etc.

V.

EMTANTO o egrégio tangedor sorria,
Porque a chamma de amor tão perto via;
E só parente son mover falece,
Que a compaixão p'ra amar nos embrandece.
Logo a alma lhe amacîa o doce pletro
Pulsando molemente em Lydio metro.
A guerra he só tribulação, fadiga;
A glória, nome vão, do estrago amiga,
Infinda sempre, e sempre renovada,
Que tanto avança mais quanto arruina.
Vê que se a terra val o ser domada,
Oh! vê que de gosar-se inda he mais digna.
Junto a ti resplandece Taïs bella,
Toma o bem, que te dá propicia estrella.
Ascendem vivas mil, e mil ao Ceo;
Croou-se Amor, a Música venceo;
Que a ternura não mais dissimulando
O Eroe a bella admira,
Que intenso ardor lhe inspira;
Suspira, e olha absorto, olha, e suspira,
E com ancia mais viva suspirando
De Bacco, e Amor emfim cáe opprimido
No amado seio o vencedor vencido.

CORO.

Que a ternura não mais dissimulando
O Eroe etc.

VI.

Now strike the golden lyre again:
A louder yet, and yet a louder strain.
Break his bands of sleep asunder,
And rouse him, like a rattling peal of thunder.
Hark, hark, the horrid sound
Has rais'd up his head:
As awak'd from the dead,
And amaz'd, he stares around.
Revenge, revenge, Timotheus cries,
See the furies arise:
See the snakes that they rear,
How they hiss in their hair,
And the sparkles that flash from their eyes
Behold a ghastly band,
Each a torch in his hand!
Those are Grecian ghosts, that in battle were slain,
And unbury'd remain
Inglorious on the plain:
Give the vengeance due
To the valiant crew,
Behold how they toss their torches on high,
How they point to the Persian abodes,
And glittering temples of their hostile gods.
The princes applaud, with a furious joy;
And the king seiz'd a flambeau with zeal to destroy;
Thais led the way,
To light him to his prey,
And, like another Helen, fir'd another Troy.

CHORUS.

And the king seiz'd a flambeau with zeal to destroy;
Thais etc.

VI.

Mas de novo a doirada Lira fere:
Alto ton, e mais alto, e mais desfere.
Rompe o lethargo a vibração, que estala,
E qual trovão ruidoso ao Rei abala;
Que bem como da morte
Ressurge arrebatado
Ao son horrendo, e fórte,
E em roda olha assombrado.
Vingança vezes tres Timótheo clama;
Vê do Averno sahir as furias, brama,
Que assânhão as girantes
Serpentes sibilantes,
E dos olhos dardêjão rubra chamma!
Olha esquálido bando
As tedas agitando!
Sombras dos Gregos são que batalhárão,
E insepultos ficárão
No chão, que ensanguentárão.
Deves vingança honrosa
A' turma bellicosa.
Vê como as tochas álção de indignadas;
Como móstrão as Pérsicas moradas,
E os inimigos Templos refulgentes.
Dos Pares sôão júbilos furentes;
Hum facho empunha o Rei, o estrago emprende;
Taïs aírosa o guia,
Adiante lhe alumia
Qual outra Helena, que outra Troya accende.

Coro.

Hum facho empunha o Rei, o estrago emprende;
Taïs etc.

VII.

THUS, long ago,
Ere heaving bellows learn'd to blow,
Wile organs yet were mute;
Timotheus, to his breathing flute,
And sounding lyre,
Could swell the soul to rage, or kindle foft desire.
At last divine Cecilia came,
Inventress of the vocal frame;
The sweet enthusiast, from her sacred store,
Enlarg'd the former narrow bounds, (1)
And added lenght to solemn sounds,
With nature's mother-wit, and arts unknown before.
Let old Timotheus yield the prize,
Or both divide the crown;
He rais'd a mortal to the skies;
She drew an angel down.

GRAND CHORUS.

At last, divine Cecilia came,
Inventress etc.

---

(1) Os ultimos versos desta strophe contêm defeitos taes que se poderia cuidar não haverem sahido da concepção sublime, que produzio esta Ode. Johson, Crítico minucioso, e ás vezes mais que severo, presentio alguns destes defeitos, ainda que não dá a verdadeira razão delles; outros lhe escapárão, como a redundancia, que se acha nos dois seguintes versos, tanto mais indesculpavel, que hum delles he meramente impletivo:

Enlarg'd the former narrow bounds,
And added length to solemn sounds.

Daqui verá o Leitor, porque a traducção desta strophe não he tão escrupulosamente fiel, como a das precedentes.

VII.

ASSIM Timotheo antes,
Que nos orgãos os folles palpitantes
Soubessem derramar grata harmonia,
Co' a respirante flauta difundia,
E co' a sonora lira
Brandos desejos n'alma, ou chammas d'ira.
Emfim Cecilia Santa se apresenta,
Que o grã regulador vocal inventa,
E sublime voando a mente pura
Nos thesouros celestes se arrebata,
Do canto sacro os términos dilata
Com arte, que aprendeo d'alma natura.
Ceda o antigo Cantor, que se imagina
Hum mortal collocar no ethéreo assento,
Quando Cecilia solta a voz divina
Hum Anjo a ouvi-la vem do Firmamento.

GRANDE CORO.

Emfim Cecilia Santa se apresenta
Que etc.

ANECDOTAS.

Hum fallador impertinente queixava-se de ter todos os dentes aballados : hum judicioso lhe disse : = Como não se hão de alluir os lemes de huma porta, se continuamente estão aos encontrões a ella ! =

Fazendo huma deligencia dois Guardas da Policia, a hum homem que entrava na escada apontárão-lhe as pistolas, e lhe perguntárão para onde hia. Este sem temor do perigo lhes disse mui socegado : = Se V. M.ces desfechão vou para o outro mundo, e senão desfechão vou para minha casa, que he no segundo andar. =

Hum homem mal casado vestia sempre de preto : perguntando-lhe hum amigo a razão, respondeo : = He porque não quero, quando me morra a mulher, que pensem que tive sentimento. =

LISBOA : NA IMPRESSÃO REGIA. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XXII.

DESCRIPÇÃO

Do Presente Militar que a S. Excellencia o Senhor Marechal General Marquez de Campo Maior offereceo o Exército Portuguez.

DESEJOSO o Exército Portuguez de mostrar ao seu Commandante em Chefe o Excellentissimo Senhor Marechal General Marquez de Campo Maior os justos sentimentos de gratidão, de que se acha possuido, pelos relevantes Serviços feitos á Portugal, e ao mesmo Exército, pelo incansavel zello com que o organizou e disciplinou, e pela prodigiosa celeridade com que o havia posto a par dos mais aguerridos Exércitos da Europa, fazendo mesmo o nobre sacrificio do seu próprio sangue para sustentar n'huma das mais espinhosas circumstancias a justa reputação que havia

merecido em todas as acções antecedentes, deliberou por unânime consenso offertar a S. Excellencia hum Presente Militar, para por este modo dispertar assim na lembrança de S. Excellencia, como na da Europa toda, que o Exército Portuguez não sabe ser menos pontual no desempenho das Sagradas Obrigações de hum devido reconhecimento, do que o foi constantemente em todas as mais acções que interessavão particularmente a sua própria Glória.

Decidio-se que este Presente Militar constasse de hum Placar de Grão Cruz da Ordem da Torre e Espada, e huma Presilha do hombro para a fita de Grão Cruz, tudo de brilhantes, e huma Espada curva com guarnições e bainha de oiro; e para a direcção desta obra se formou huma Junta de Generaes, e Officiaes do Exército Portuguez, dos quaes o primeiro era o Excellentissimo Senhor Marquez Monteiro Mór.

Esta Junta no dia 8 de Agosto de 1815 em huma mensagem dirigida a S. Excellencia patenteou os sentimentos de gratidão de que estava possuida toda a Officialidade do Exército, solicitando se dignasse acceitar o referido presente; a que S. Excellencia respondeo na data de 9 agradecendo em geral á dita Officialidade do Exército, e em particular á Junta a offerta que lhe fazião, certificando-lhes entre as honrosas e lisongeiras expressões, com que se explicava, não precisar de semelhante cousa para conservar na sua lembrança o alto conceito, em que tem o honrado comportamento do Exército; e que acceitava com gosto e ufania hum signal tão decisivo da boa opinião e estima que fazião da sua Pessoa.

Então foi encarregado da invenção, desenho, e direcção destas peças Domingos Antonio de Sequeira, Primeiro Pintor da Côrte, e Câmara de S. Magestade, que as fez executar por Artifices Portuguezes; cujas peças se concluírão, e fôrão entregues proximamente a S. Excellencia

pela dita Junta, que recebeo do mesmo Excellentissimo Senhor o mais affavel acolhimento.

O bello gosto, a correcção do desenho, a delicadeza, e perfeição da obra, igualmente resplandece em cada huma das tres differentes peças; porém como a espada offerecia espaço maior, e mais propriedade para poder ser historiada, o insigne Director mui judiciosamente escolheo esta peça para nella memorar não só as principaes Acções em que S. Excellencia se achára, como tambem para a ennobrecer de allegorias em honra do Heróe a quem era dedicada. Sem receio de poder ser taxado de excessivo, ou lisongeiro, atrevo-me a dizer, que esta espada he hum Poema perfeito, e que ninguem até hoje em hum campo tão limitado abrangeo tantos, tão vastos, e singulares objectos em huma obra deste género. A sua descripção dará alguma, ainda que imperfeita, idéa da singularidade da Obra.

O punho desta espada he formado de huma união de corôas de louro, que finalizão em huma cabeça de Aguia, a qual se acha coroada de huma corôa de brilhantes, cuja pedra principal tem sete quilates de pezo. Do bico da Aguia sahe huma corôa de louro, e nesta se enlaça outra, proseguindo até ao número de doze, em allusão ás doze principaes acções, em que se tem achado S. Excellencia, e que vão memoradas na bainha: estas doze corôas fórmão o guardamão da espada.

Nas orelhas da espada se acha em relevo de hum e outro lado a Figura da Fama, embocando duas trombetas com esta inscripção:

Além da voz da Fama.

A bainha pela parte de fóra junto do bocal apresenta o busto de S. Excellencia coroado de loiro pelas duas

figuras allusivas do Valor, e da Victoria: no pedestal do busto se lê o seguinte:

O Valor e a Victoria o laureárão.

E no reverso estes dois versos:

Valor, Victoria, e Fama transcendentes
Volvem aureo futgor, e fulminante.

O espaço da bainha entre este baixo relevo, e a ponteira he devidido em doze baixos relevos, separados huns dos outros por corôas de loiro, e carvalho póstas obliquamente; e o espaço triangular que fica entre o acima descripto baixo relevo e a primeira corôa he occupado por huma figura de Marte com o escudo das Armas Portuguezas, e huma espada na mão em acção de accommetter, tendo a seus pés varios iustrumentos marciaes. No reverso está escrita esta palavra:

Triunfos.

O primeiro baixo relevo entre as duas primeiras corôas de louro e carvalho representa a Batalha do Bussaco, com esta inscripção no reverso: *Batalha do Bussaco.*

O segundo o *Combate da Barroza*, com esta legenda no reverso, assim como todos os mais que se seguem.

O terceiro a *Batalha de Albuera.* Neste baixo relevo vê-se S. Excellencia montado a cavallo tomando pelos cabellos o Lanceiro Polaco, que o Valoroso General naquella Batalha com seu próprio braço aterrou.

O quarto representa a *Tomada de Cidade de Rodrigo.*

O quinto a *Tomada de Badojoz.*

O sexto a *Batalha de Salamanca.*

O sétimo a *Batalha de Victoria.*

O oitavo a *Tomada de S. Sebastião.*

O nono a *Passagem de Nivelle.*

O décimo os *Combates de Nive.*

O undécimo a *Batalha de Ortéz.*

O duodécimo a *Entrada em Bordeaux.*

Na ponteira de hum e outro lado se vê hum Drago segurando nas garras huma corôa de louro com o timbre das Armas de S. Excellencia. Todas estas peças são de ouro, e se sepárão, e unem por meio de parafuzos; e as pertencentes á bainha se môntão sobre huma bainha de prata inteiriça.

A folha he de fino aço, forjada no Arsenal Real do Exército, e enriquecida com varios lavores e arabescos, no centro dos quaes em hum listão azulado se lê em letras de ouro embutidas no mesmo aço, de hum lado o seguinte letreiro:

Beresford do valor a insignia empunhe.

Do outro:

Heróe votado á Glória Lusitana.

O Boldrié he de marroquim escarlate todo bordado de ouro fino de folhagens de carvalho e louro. As peças do Boldrié são igualmente de ouro; e hum rico Fiador guarnece o punho desta Espada. Todas as guarnições da Espada, Bainha, e Boldrié pezão 12 marcos e 7 outavas.

O Placar, e a Presilha de brilhantes tem por caixa hum Cofre de prata com o pezo de 18 marcos e 7 outavas, de exquisito gosto, e delicado lavor, enriquecido com peças de relevo, tendo no centro da tampa as Armas do Excellentissimo Senhor Marechal General.

Duas caixas de magno com guarnições, fechaduras, escudetes, e azas de prata, com excellente polimento, encerrão o Cofre do Placar e Presilha, e a Espada.

O Placar, e a Presilha de hombro de brilhantes pela primeira vez apparecêrão em público collocadas no vestido de S. Excellencia no Dia da Acclamação de S. Magestade a 6 de Abril, e a Espada no Dia do Seu Augusto Anniversario a 13 de Maio na occasião da grande Parada.

MERITO.

TODAS as vezes que os Guerreiros Portuguezes se recordão de hum Martim Moniz, de hum Nuno Gonçalves de Faria, de hum Martim de Freitas, de hum D. Nuno Alvares Pereira, e outros muitos Portuguezes illustres em feitos d'armas, e patriotismo, o seu coração se enche de prazer, e sentem animar-se de hum igual valor, e patriotismo:

Quando os Navegantes Portuguezes seguindo a esteira dos grandes Navegadores, e Descubridores do Berço e Leito do Dia, veem as Terras que o Grande Vasco da Gama soube dar a Portugal, o desgostoso Magalhães soube descubrir á Hespanha, e Pedro Alvares Cabral aditou ao antigo Mundo, apodera-se delles o denodo, e a intrepidèz, e esquecidos das passadas, já não lembradas fadigas, estão promptos a engolfarem-se em novos, e desconhecidos mares:

Se aos Jurisconsultos Portuguezes occorrem os serviços incomparaveis de hum João das Regras, ou João Pinto Ribeiro, columnas fortissimas da Independencia da Monarquia nas duas terriveis crises da exaltação ao Throno dos Senhores Reis D. João I., e D. João IV.; ou dos grandes Estaços, Resendes, Barbosas, Teives, e outros, que novo ânimo recóbrão para supportarem sua penosa tarefa, e servirem como aquelles illustres Varões a sua Pátria:

Quando os Artistas Portuguezes se lembrão dos immortaes Poetas Camões, Quebedos, Castros, e mil outros; dos optimos Pintores Vascos, Dias, Vieiras, etc.;

dos insignes Arquitectos João de Castilho, Negreiros, etc.; dos famosos Esculptores Manoel Pereira, e Castro; dos excellentes Fundidores o Engenhoso, e Bartholomeu da Costa, que novos estímulos os disperta a fim de alcançarem igual talento, com o qual dando fama ao seu nome tambem glorifiquem Portugal:

De igual modo se transportárão de prazer, e se arrebatárão as almas dos que ouvírão João Domingos Bomtempo executando no seu Forte Piano as suas portentosas Composições, e se enchêrão de honroso orgulho, e bem sentida vaidade de verem hum seu Nacional tocar a meta da perfeição, e por esta merecer o crédito de hum dos primeiros Tocadores da Europa nas mesmas Côrtes de França, e Inglaterra. A quantos não despertou o desejo de se distinguirem, e se acreditarem nas suas Artes! Assim como hum crime arrasta outro crime, e huma virtude disperta outra virtude; assim hum Génio cria outro Génio. Nunca hum século produzio Homens insignes em virtudes, que a par destes não creasse quem os memorasse, e os transmittisse á Posteridade. A acção mais heroica que vírão as idades, he a que praticou S. Magestade Fidelissima pelo seu Povo, e a deste mesmo Povo por S. Magestade Fidelissima. Hum Rei para salvar os seus Vassallos arrosta a braveza dos mares, o perigo, e a morte; hum Povo longe dos olhos do seu Rei arrosta o furor dos combates, o perigo, e a morte para lhe restaurar o Reino. Santos e Silva celebrou na Poesia a Acção do Augusto Soberano; o Senhor Bomtempo celebrou na Música a Acção do Soberano, e do seu fiel Povo. A *Paz da Europa*, para que tanto contribuio o Monarca, e o Povo Portuguez, foi digno objecto em que empregou os seus talentos; e o *Hymno Lusitano* he outro testemunho da sua dedicação á Patria. Nestas, assim como em todas as outras composições, transluz o grande gosto da sua Música,

e a grande difficuldade da sua execução. Só quem o ouve, e vê executar as suas Peças póde formar idéa do seu raro talento, e pasmosa agilidade. Todo o elogio he deminuto ao seu merecimento. Esta he a voz da verdade sôlta dos labios dos ingénuos Professores da mesma Arte. Possa o Amor que tributa á Patria, e a Amizade cordial que soube grangear de Pessoas distinctas, e de merecimento, fixar nesta Capital a morada deste insigne Artista como todos os Amantes do bom, e do que he Portuguez o desejão. Tal he o tributo que julgo dever consagrar ao Mérito.

Cathalogo das Composições do Senhor Bomtempo.

Hymno Lusitano com Coros, e acompanhamento de huma Orquesta completa. — 4$800 réis.

A mesma música do Hymno Lusítano arranjada para Piano forte, com palavras italianas adaptadas. — 1$600 réis.

Marcha de Lord Wellington, tirada do Hymno Lusitano, e arranjada em dueto, para Piano forte. — 480 réis.

A Paz da Europa, Cantata a quatro vozes, com Coros, e acompanhamentos de Piano forte obrigado. — 3$200 réis.

Variações do Minuete afandangado para Piano forte. — Preço 480 réis.

2.° Grande Concerto para Piano forte. — 1$280 réis.

Fantazia do Motivo de Paissello = Nel cor piu non mi sento = para Piano forte. — 800 réis.

3.° Grande Concerto para Piano forte, com acompanhamento para huma Orquesta completa. — 1$680 réis.

Caprixo, e God save the King, com variações. — 800 réis.

Tres grandes Sonatas para Piano forte; a terceira com acompanhamento de Violino obrigado. — 1$920 réis.

Acompanhamentos para huma Orquesta completa da mesma música. — 1$600 réis.

1.ª Grande Symphonia para huma Orquesta completa. — 1$280 réis.

A mesma arranjada em Dueto para Piano forte. — 960 réis.

4.° Grande Concerto para Piano forte, com acompanhamento para huma Orquesta completa. — 1$680 réis.

Huma Sonata para Piano forte, com acompanhamento (ad libitum) para Violino. — 640 réis.

Grande Fantasia para Piano forte, composta de huma Introducção, Cantabile Agitato; Motivo com variações, Fugato, Gracioso, Allegro brilhante, e Final. — 800 réis.

Duas Sonatas para Piano forte, com acompanhamento de Violino. — 1$200 réis.

Grande Quinteto para Piano forte, dois Violinos, Alto, e Violoncello. — Preço 1$280 réis.

Walts para Piano forte. — 160 réis.

Marcha Portugueza para Piano forte. — 240 réis.

Tres Sonatas para Piano forte, com acompanhamento (ad libitum) para Violino. — 1$200 réis.

Elementos de Música, e Méthodo de tocar Piano forte, com Exercicios em todos os Generos; seis Lições progressivas, trinta Preludios em todos os tons, e doze Estudos. Obra offerecida á Nação Portugueza. — 1$920 réis.

N. B. Todas estas Obras se achão em Lisboa na Rua Larga de S. Roque, N.° 55.

POESIA.

(Artigo communicado.)

ODE

A' FELIZ ACCLAMAÇÃO

DO

NOSSO MONARCHA

D. JOÃO VI.

Vis consili expers mole ruit sua:
Vim temperatam Di quoque provehunt
In maius; . . . .
Horat. Lib. 3. Od. 4.

TEM DEOS os corações dos Reis na dextra;
DEOS lh'os alenta, com Divino sôpro:
Dos olhos dá luzeiros,
Que em boas leis resplendem.

Se de fortes Leões vem Leões fortes;
De altivas Aguias vem Aguias altivas,
D'um Manoel que virá?
Virá de João Segundo?

Hum novo João, transumpto generoso,
Pio, como os Avós, como elles Justo,
Quo de aditar vassallos
Dê molde ao novo Mundo.

Lá nos Elysios, onde Cabral pouza
(Hardido Nauta !) em parabens se entranha;
Que o chão visto ha, primeiro,
Onde cingiste a Crôa.

C'os Souzas, (*) c'os Vieiras, Bobadelas
Discerne teus talentos e virtudes:
Quão ditosos se obtêrão (1)
De viver sob teu Sceptro!

Vem romper nos Brazís novas Castalias
De jorro perennal, onde éstro bebão
Novos Camões, que cantem
Teu Mérito, e teu Nome.

Francisco Manoel.

(*) D. Thomé de Souza.
(1) No Investigador N.° LXXI. de Maio de 1817, em lugar deste se lê o seguinte verso:

Por ditosos se derão

NA FELIZ ACCLAMAÇÃO

DO SENHOR

D. JOÃO VI.

REI DE PORTUGAL, BRAZIL, E ALGARVES,

CELEBRADA EM 6 DE MAIO DE 1817,

NA CIDADE DE LISBOA.

SONETO.

Por dois Monarchas do Teu Nome Augusto
Liberta Lysia foi do cativeiro:
Outro o Africano Cabo derradeiro
Fez vêr aos Nautas, desprezando o susto.

Tributo impondo aos Reis de clima adusto,
As leis outro dictou n'Asia, o primeiro:
De grandes Reis modelo verdadeiro
Foi outro Pai da Patria, Sabio, e Justo.

Regendo Tu, Senhor, as Lusas Gentes,
Do ímpio Corso com fatal desdoiro
Quebrão do ferreo jugo as vís correntes.

O Nome he de João ditoso agoiro!
Reinando o Sexto em Lysia hoje, contentes
Veremos renascer a Idade do oiro.

M. T. D. D. M.

ANECDOTAS.

Horacio tinha huma fistula lagrimal, e Virgilio era asthmatico, o que deo motivo a Augusto, que os fez assentar aos lados, de dizer, que elle era digno de compaixão, pois que estava entre suspiros, e lagrimas: *sedeo inter suspiria et lacrymas.*

Hum Paizano tinha huma filha mui disforme e doente, e tendo perdido a esperança de achar quem se quizesse encarregar della vivia descontente; quando apparecendo na Villa hum Pelotiqueiro dos que costumão andar pelas feiras, este lha veio pedir em casamento. O Pai, homem franco, admirou-se de hum tal peditorio, e lhe perguntou se tinha visto a sua filha, aquella com quem pertendia casar; ao que lhe respondeo o Pelotiqueiro: = Ha pouco que a vi na Praça da Villa, onde estava fazendo as minhas peloticas, e mostrando as cousas raras, que trago. = Não lhe visteis huma corcova nas costas, outra no peito? = Vi: e he huma das cousas que muito me agrada. = Que he tão baixa, e acaturrada que apenas tem quatro palmos e meio de altura? = Isso mesmo me convêm. = Que tem hum rosto amacacado, os braços tortos, as pernas caimbas, e a cabeça com tortulhos? = He justamente como eu a procurava. = E tão doente do peito,

que quando respira, parece ouvir-se o sussurro de hum folle de ferreiro? = Optimamente: he talhada para fazer a minha felicidade. = Como he possivel que taes disformidades vos agradem! Explicai-vos? = He porque (lhe disse ultimamente o Pelotiqueiro) como eu vivo de mostrar pelo mundo, além das minhas habilidades, e ligeirezas de mãos, bixos raros e exquisitos, animaes disformes, e féras domesticadas, casando com vossa filha, e mostrando-a ao público dentro de huma gaiola, concorrerá tanta gente a vêla, que espero por este meio ganhar muito dinheiro, e fazer em pouco tempo a minha felicidade. =

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES, OU MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XXIII.

MACA'O.

Documentos relativos a esta Colonia Portugueza na China.

ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR. — Por principios politicos, que na Monção exporei a V. Excellencia com individuação, e porque julguei muito necessario ao Serviço de S. A. R., encarreguei em Abril ao Desembargador Miguel de Arriaga Brum da Silveira o cuidado de procurar immediatamente perante o Suntó em Hiansang o complemento do Capitulo 6.° da Convenção deste Governo com o Governo Sinico, para aproveitar-me assim de momentos, e circumstancias favoraveis ao bem do serviço. Ainda que esta materia he privativa do Senado, eu estava certo do seu consentimento; porque o mesmo Se-

nado para tudo, que era de sua repartição a bem desta expedição se tinha entregue a mim, e ao mesmo Desembargador, então Ouvidor.

Este Ministro me deo depois parte do bom resultado deste expediente, e por tudo isto achei de necessidade antecipar esta parte a V. Excellencia para estar prevenidamente certo dos justos motivos porque obrei; porque eu o que tenho em vista he sempre, e sómente o bem do serviço de S. A. R.; e conheço que o que se perde ás vezes em hum momento, não se póde recuperar em longos annos. Deos Guarde a V. Ex.ª Macáo 7 de Junho de 1810. — Ill.mo e Ex.mo Senhor Conde de Sarzedas.

Lucas José d'Alvarenga.

P. S. Consta-me que se pertende huma Chapa: custa-me a crêr, que se prefira o bem particular ao bem público: não posso segurar por ora: o resultado será a melhor próva.

Lucas José d'Alvarenga.

Recebi os Officios do Antecessor de V. M.ce comprehensivos desde o N.° 1.° até 22 inclusivè, relativos a diversos objectos, sendo aquelles, a que se me offerece responder os que dizem respeito á extincção dos Piratas. Pelos Officios N.° 1.° e 22, e dos Documentos, que legalizão estes, e outros dos Officios accusados, fico na intelligencia, que o Ex-Governador, Lucas José d'Alvarenga, deixou no tempo do seu Governo concluida a total extincção dos Piratas com desempenho, e glória do serviço de S. A. R., e da Nação, e interesse dessa Cidade, seus máres adjacentes, commercio, e mesmo do de todo o Império. Apróvo a prudencia referida no Officio 3.°; e pelo que pertence aos Officios N.° 6.° e 7.° apróvo a nomea-

ção feita na pessoa do Desembargador Miguel d'Arriaga Brum da Silveira, sendo muito digno de se louvar ao dito Ex-Governador o ter lembrado ao Senado dessa Cidade por sua Carta de 19 de Junho de 1810 o seu principal dever, que será sem dúvida obter dos Chinas a conclusão do interessante Artigo 6.° do Tractado de 23 de Novembro de 1809 (1).

---

(1) Este Tractado, de que faz menção este Officio, he o mesmo de que fallei no N.° VII. deste Jornal, paginas 98, que então não produzi, porque as estipulações, e prometimentos dos Chinas não se tendo realizado, e o Governo de Macáo em vez de limitar-se a hum cruzeiro, determinou extinguir com as suas unicas, e próprias forças, e sem o auxilio dos Chinas os Piratas, por isso o omitti: porém agora que este Officio accusa o interessante Artigo 6.°, como mui util o seu cumprimento para a Cidade de Macáo, e honra dos Portuguezes, o transcrevo.

CONVENÇÃO.

Sua Excellencia o Vice-Rei das duas Provincias de Quang-tong e Quang-si, e o Governo da Cidade de Macáo, igualmente convencidos da necessidade de pôrem fim ás invasões dos Piratas da China, os quaes sem temor infestão os máres que confinão com as duas Cidades de Cantão e Macáo, e de restituirem a pública tranquilidade, e as muito necessarias relações commerciaes; tem resolvido concluir entre si huma Convenção para formarem huma Guarda-Costa, ou Esquadra de Cruzeiro, combinando as Forças dos dois Governos: E para esse fim tem nomeado seus Plenipotenciarios, S. Excellencia o Vice-Rei de Cantão, hum Mandarim Emissario, o Magistrado de Namhay, Districto em Quang-tong, por nome *Shon-key-chi*; o Mandarim da Casa-branca, por nome *Chu*; o Mandarim de Hiang-san, por nome *Pom*; e o Governo de Macáo a *Miguel de Arriaga Brum da Silveira*, Desembargador Ouvidor, ou Principal Juiz de Macáo, Cavalleiro de Christo; e a *José Joaquim de Barros*, Capitão Mór do Campo, Cavalleiro de Christo, e actual Procurador do Senado; os quaes depois de haverem respectivamente com-

Em quanto ao Officio N.° 8.° já expedi Ordens ao Senado dessa Cidade para proceder á inauguração de hum monumento, que eternize o glorioso facto da extincção dos Piratas, tudo na conformidade da proposta referida no mesmo Senado em 17 de Julho do anno passado, e approvada por unânime deliberação.

---

municado os seus plenos-poderes, e discutido a materia com madureza, concluírão e ajustárão os seguintes artigos:

Art. I. Haverá huma Guarda-Costa consistindo de seis Navios, e combinada com huma Esquadra Imperial, a qual cruzará por espaço de seis mezes desde o Bog (Boca do Tigre) até esta Cidade, e desta Cidade até Hiang-san, pelo golfo, em ordem a prevenir que os Barcos não entrem nos canaes que até agora tem infestado, e que não commettão horriveis devastações nas Villas e Cidades da margem do mar.

II. O Governo Chinez se obriga a pagar a quantia de oitenta mil taés para as necessarias despezas: esta somma será dada aos pagamentos no caso de se não poder pagar toda de huma vez, com a condição de que, logo que o armamento estiver principiado se não poderá retractar esta Convenção, ainda que a Expedição por qualquer motivo fique sem effeito.

III. O Governo de Macáo fará immediatamente cruzar os dois Navios que estão armados, e apromptará os quatro restantes, e os fornecerá com as necessarias munições por todo o tempo.

IV. Ambos os Governos devem reciprocamente ajudar-se em tudo o que fôr a bem do Corso, o qual se não estenderá além dos limites determinados, antes que as proprias Embarcações estejão preparadas para atacar os Piratas nas Bahias, e surgidouros onde se costumão retirar.

V. Todas as prêzas feitas aos Piratas serão repartidas igualmente entre os Navios, e a Esquadra Imperial, segundo a ordem das mesmas prêzas.

VI. Quando a Expedição estiver finalizada se dará particular attenção ao estado de Macáo, de fórma que fique restituida aos seus antigos Privilegios.

VII. Os Governos contractantes se obrigão a cumprir tudo o que contêm a presente Convenção, não permittindo que cousa alguma se altere, debaixo de qualquer pre-

O objecto expendido no Officio N.° 2.° he muito honroso para aquelle Ex-Governador, tendo elle sabido obter pela sua dexteridade da parte do Governo Sínico as obsequiosas expressões, comprimentos, e presentes, que se mencionão no dito Officio, sendo tanto mais para se estimarem estas civilidades da parte dos Mandarins, ou de seu Governo por não ter havido exemplo dellas, como he patente a toda essa Colonia, tendo ao mesmo tempo conservado a dignidade dessa Cidade, e a conservação dos seus interesses, como consta da resposta, que se deo pelo Senado ao Mandarim de Hiansang, e se me participa no Officio N.° 11.°, sendo sem dúvida muito conveniente ao bem do Real Servlço, e dessa Colonia, que se continue de maneira análoga a perpetuar aquelles comprimentos de recíproca civilidade e boa harmonia, sem que por outro lado huma cobarde, e céga obediencia ás Chapas dos Mandarins sirva de menos-cabo á Dignidade de S. A. R., e

---

texto que seja, e de considerarem a mesma como ratificada em virtude dos nossos plenos-poderes. Em fé do que temos assignado a presente Convenção, e sellada com o sello das nossas Armas. Feita em Macáo aos 23 de Novembro de 1809.

Miguel de Arriaga Brum da Silveira.

José Joaquim de Barros.

Assignada e sellada pelos Mandarins { Shon-kei-chi. Chu. Pom.

(Vertida fielmente da Parte Official que a Companhia Ingleza estabelecida em Macáo dirigio ao Lord do Almirantado, com o titulo : Extinction of the Chinese Pirates. Nota do Redactor deste Jornal.*)*

ao bem dessa Cidade. Deos Guarde a V. M.ce Goa 9 de Maio de 1811.

Conde de Sarzedas.

Senhor Capitão de Mar e Guerra, Bernardo Aleixo de Lemos e Faria — Governador e Capitão Geral da Cidade do Nome de Deos de Macáo.

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor. Os antigos Portuguezes, que occupárão esta Colonia, esquecêrão-se de deixar á Posteridade hum monumento authêntico do titulo, e modo, porque se fizerão Senhores desta Ilha; e se o deixárão, foi de huma maneira tal, que seria de pouca duração. He certo, que entre os papeis mais antigos do Cartorio do Senado desta Cidade não existem vestigios de hum objecto, que he de tanta importancia.

Os Escriptores estrangeiros ainda nos dão alguma idéa desta gloriosa occupação como sabe V. Excellencia; mas os factos, que se encôntrão nos antigos livros do tal Cartorio, nos mostrão evidentemente a necessidade de mendigar idéas neste assumpto. Tendo pois succedido felizmente em dias do meu Governo dar-se principio, e fim a huma expedição de importancia semelhante á dos primeiros Portuguezes (a qual exponho a V. Excellencia em Officio competente); julguei do meu dever dar o passo, que dei para perpetuar hum facto digno de huma nobre emulação. Queira V. Excellencia vêr do documento junto a minha Proposta em Senado, na qual, depois dos muitos louvores, que me dérão os Vogaes pela lembrança, unanimente se accordou. Como porém as etiquetas, e emulações fazem, que em vingança ás vezes a hum homem, perca o público, perdendo tambem o Serviço de S. A. R.; ro-

go a V. Excellencia que quando esta minha lembrança, já accordada com tanto louvor em Senado, seja tambem do agrado de V. Excellencia, queira V. Excellencia manda-la pôr em prática quanto antes; porque sendo da Real Vontade (como se vê expresso no Aviso de 3 de Março de 1807) dar-se aos Chinas huma idéa do nosso poder, e valor, quanto menos tardar esta execução, com muito maior gosto virão os mesmos Chinas (que ainda tem recente o beneficio) concorrer commulativamente comnosco para hum tal Padrão, que perpetua a effectiva Protecção dos Portuguezes ao Grande Império da China, e de que resulta a maior satisfação, e glória a S. A. R., e aos seus fiéis vassallos. Deos Guarde a V. Excellencia

Ill.mo e Ex.mo Senhor Conde de Sarzedas.

Lucas José d'Alvarenga.

Macáo 19 de Julho de 1810.

Documento junto ao Officio.

Vereação de 17 de Julho de 1810.

Disse o Illustrissimo Senhor Governador e Capitão Geral, Lucas José d'Alvarenga, que tendo este Senado obtido hum exito tão feliz (que até parece milagroso) na Expedição dos seis Navios Armados contra os Piratas Chinas, que soberbos e vaidosos com as suas grandes forças, victoriosas por vezes das Esquadras Mandarinas, assolavão as cóstas, e povoações próximas a ellas, a ponto de ameaçar já a Capital de Cantão (como já se acha referido muitas

vezes em diversas sessões deste Senado) e da mesma fórma a esta Cidade: e sendo tambem certo por algumas memórias de differentes Escriptores Estrangeiros o meio glorioso, porque os primeiros Portuguezes obtiverão a occupação desta Ilha á força das suas armas, expellindo della os sequazes do Chefe dos Piratas Chamguesiláu, que nella se matou depois de perseguido pelos mesmos Portuguezes, entre os quaes apenas ha tradicção; e não se podendo desculpar da omissão que tiverão em deixar para os seus vindouros hum monumento authêntico da sua glória, e dos serviços feitos ao Império da China, em consequencia dos quaes se outorgárão a esta Cidade grandes privilegios, dos quaes muitos não se sabe porque fado se tem perdido: Por isso, e para que não succeda que os nossos vindouros nos recriminem daquelle culpavel descuido e fatal omissão dos primeiros: tendo existido agora hum facto análogo áquelle primeiro da occupação ou posse deste canto do mundo pelos ditos primeiros Portuguezes, salvando este Senado só com as forças desta Cidade ao Governo Sinico, totalmente ameaçado á face das Nações Estrangeiras, que vem commerciar áquelle Porto de Cantão, algumas das quaes (lhe consta) conduzião já soccorro depois de concluida á muito tempo a dita expedição em honra das Armas Portuguezas, e glória desta Nação, e vantagens do Principe Regente Nosso Senhor pelo resultado da mesma Expedição quasi toda em favor do Império da China; lhe parecia por tudo isto justo, e até necessario que para memória, e monumento deste facto se gravassem duas lâminas de pedra com inscripções taes que mostrassem em summa o facto, o Governador que existia, o Ministro, o Senado, e o dia, mez, e anno, em que principiou a dita Expedição, e o dia, mez, e anno, em que se concluio, com a necessaria declaração de quem nunca deixou de continuar nellas. Accordou-se, que se fizessem os ditos Pa-

drões em duas lâminas de pedra, que fôssem imbutidas de hum, e outro lado da porta deste Senado nos lugares da parede proximos a ella, contendo ambas o mesmo; porém huma em lingua, ou com caracteres Portuguezes, e outra com caracteres Sinicos, para desta fórma ficarem livres daquella omissão, que justamente se arguia nos antigos. — Rubrica do Senhor Governador e Capitão Geral, Lucas José d'Alvarenga. — D'Essa. — Marques. — Espada. — Rosa. — Barros. — Eu Carlos José Pereira, Alferes Môr, e Escrivão da Câmara e Fazenda, que a fiz escrever e sobescrevi — Carlos José Pereira.

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor. Com o Officio de V. Excellencia datado de 3 de Maio do anno passado, debaixo do N.° 29, fôrão presentes a S. A. R. o Principe Regente Nosso Senhor todas as noções que V. Excellencia transmittio á sua Real Presença sobre os successos de Macáo, relativamente á Expedição contra os Piratas; e posto que pela correspondencia directa daquella Cidade tivesse já S. A. R. recebido as convenientes participações de tão glorioso successo, não deixou o mesmo Senhor de vêr com satisfação as informações (1), que a V. Excellencia deo o Ex-Governador Lucas José d'Alvarenga, a fim de que existissem aqui documentos com que se comparasse a verdade dos factos, e suas particulares circumstancias. Deos Guarde a V. Excellencia. — Palacio do Rio de Janeiro em 7 de Junho de 1812. — Conde de Aguiar. — Senhor Conde de Sarzedas.

---

(1) Estas Informações são huma parte mui circumstanciada, que em data do 1.° de Maio de 1811 deo o Ex-Governador ao Vice-Rei. O Senhor Lucas José d'Alvarenga prometteo enviar-nos ainda este Documento importante, que publicaremos assim que o recebermos. — *Nota dos Redactores do Investigador Portuguez, Num. LXXI., de Maio de 1817, donde se extrahio este Artigo.*

ARTES, E OFFICIOS.

ESCULPTURA.

Méthodo para dar aos bustos, e ás estátuas de gêsso a apparencia de mármore, por Mr. Penware, de Londres.

ESTE processo consiste em saturar o gêsso com o sulfato d'alumen (pedra hume). A dissolução se opéra da maneira seguinte:

Dissolve-se em tres litres (1) d'agua seis hectogrammos (2) de pedra hume, e se aquenta tudo até que a pedra hume fique dissolvida. O busto, ou o objecto de gêsso deve estar bem sêco, e neste estado se mergulhe no líquido, onde se deixará estar quinze a trinta minutos; depois suspenda-se por cima do líquido para o deixar escorrer. Quando esteja frio deite-se por cima huma parte da solução, applique-se por meio de huma esponja, ou de hum panno, e se continue esta operação até que a pedra hume tenha formado huma côdea cristalisada por toda a superficie. Ponha-se depois a secar, e quando esti-

(1) Litre, nova medida de capacidade na França; 50 pollegadas quadradas.

(2) Hectogrammo, cem grammos, 3 onças, 2 oitavas, e 12 grãos.

ver perfeitamente sêco, pula-se com papel areado, e acabe-se o polimento com hum panno levemente molhado em agua pura.

Para esta operação he preferivel huma cuva de madeira, aquecida pelo vapor de hum caldeirão; porque a maior parte dos metaes são sujeitos a collorar a solução. Este rebôco dá mais solidez á materia, e possue a brancura, e a transparencia do melhor mármore branco; zomba dos ataques da humidade em qualquer quarto que esteja; he menos sujeito a sujar-se, e tão facil a limpar-se, que o mármore.

Por meio desta invenção póde-se possuir excellentes cópias das estátuas antigas, e modernas por hum preço pouco mais do custo das de gêsso. *(Archives des Découvertes et des Inventions nouvelles cinquieme volume.)*

Altura das montanhas do Thibet (1).

O Coronel Crawford medio várias montanhas do Thibet, e achou que o cume da mais alta excede os Andes, pois que se eleva a 25$000 pés (inglezes), acima do nivel do mar. Quasi 5$000 pés de mais que o Chimboraço, que tem passado até hoje pela montanha mais alta do globo. *(Mémoire sur l'origine et les progrès des découvertes faites en Asie, par J. Pinkerton, traduit de l'anglois par Mr. Dupuy.)*

---

(1) O Thibet fórma parte do Tangut, Reino d'Asia, na Tartária Chineza.

POESIA.

Aos Annos de Marilia.

LYRA.

Ainda longe assomava
A luz, que abrilhanta o mundo,
E já no tartáreo fundo
Se ouvia Pluto raivar.

Em montão as Furias todas
Querem transpôr a barreira,
Mas no meio da carreira
O Trifauce as faz parar.

Que novo clarão he este
Que nos Ceos, na terra brilha,
Que inaudita maravilha
Virá o mundo assombrar.

Os ventos, que sobre as grimpas
Formavão atrozes lutas,
Jazem nas Eolias grutas,
E mal se escutão soprar.

Brando Zéfiro fagueiro
Mimosos lyrios menêa,
E sobre os ares semêa
O aroma que foi roubar.

Que novo clarão he este, etc.

Eis que Phebo rasga o manto,
Resplandece a Natureza,
E a sua morta belleza
Começa a ressuscitar.

Novo esmalte a terra cobre,
Verdêjão troncos annosos,
E nos prados pantanosos
Vê-se a planta rebentar.

Que novo clarão he este, etc.

Mas eis divinal figura
Entre huma nuvem doirada
Assoma n'azul estrada,
E assim começa a fallar:

,, Mortaes surgi do lethargo
,, Que a estupidêz vos envia,
,, Os prodigios deste Dia
,, Venho affavel decifrar.

,, He Marilia a maravilha
,, Que o mundo vem assombrar.

,, Hoje seu Natal se canta,
,, E para que o mundo o louve
,, Por minha voz manda Jove
,, Seus arcanos declarar.

,, Marilia o melhor dos mimos,
,, Que Jove guarda em seu cofre,
,, Sobre o mundo a vê, e o soffre
,, Por ter no mundo que amar.

,, He Marilia a maravilha
,, Que o mundo vem assombrar.

Sumio-se a visão celeste,
Retumbão hymnos, clamores,
E as Graças colhendo flôres
Marilia vão adornar.

A Natureza surrio-se,
E a dura, lívida inveja
Por mais que luta, e forceja
Não póde o fel vomitar.

Quanto pódes, ó Marilia,
Teu Natal deo glória ao mundo,
E até de Pluto iracundo
Fizeste os filhos calar.

De Antonio Xavier Ferreira de Azevedo.

ANECDOTAS.

Recolheo-se para dentro do Hospital hum Doido, trazendo vestida sobre a camisa huma sobre-casaca, e perguntado porque vinha alli recolher-se, respondeo: = Venho para aqui porque todos lá fóra estão doidos. Trago isto vestido sobre a camisa, e todos teimão que se chama *sobre-casaca*. Ora se eu não trago casaca por baixo, como se póde chamar a isto *sobre-casaca?* Não he mais proprio chamar-lhe *sobre-camisa?* =

Hum Curioso propôz-se a fazer huma Collecção de Palavras compostas. Andando vasculhando quantos Cartapacios havia, deparou em hum delles com esta oração: *O odio he paixão perniciosa.* Suspendeo-se, e depois de madura reflexão, e combinação exclamou: = O Author não soube a genuina significação desta palavra. *Perniciosa* não póde deixar de ser palavra componente de huma proposição latina: e pela mesma razão de que *armi-gero* he o que traz armas; *carni-voro* o que devora carne; assim *perni-cioso* deve entender-se o cioso das pernas. = E correo a escrever esta palavra, com o significado que lhe deo, na collecção que fazia.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,

OU

MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XXIV.

Falla de Sua Santidade Pio VII. em Consistorio Privado, no dia 14 de Abril de 1817, ácerca da Morte de Sua Magestade Fidelissima a Senhora D. Maria I.

VENERAVEIS IRMÃOS: He escusado dizer-vos, Veneraveis Irmãos, quam muito nos afligio a triste noticia da morte da nossa mui Cara Filha, Maria Francisca, Rainha Fidelissima de Portugal, e dos Algarves. Nenhum de vós ignora, que desde a sua mocidade manifestou a excellente Rainha, que perdemos, todas as boas sementes das Virtudes Christãs, que, desenvolvidas depois produzírão os

mais bellos fructos. Assim que subio ao Throno destinguio-se logo pelo zelo da honra e propagação da Religião Cathólica, mostrou hum incomparavel amor para com o seu povo, e para dizer tudo de huma vez, dedicou-se toda ao bem espiritual e temporal de seus vassallos. E foi em razão disto que o nosso bom predecessor Pio VI. confidamente declarou — *que ella seria em todas as idades futuras o exemplo das verdadeiras virtudes.* — Que o sapientissimo Pontifice não se enganára, bem o mostra os magníficos templos que erigio, e liberal e régiamente dotou; mostrão-no os Collegios das Religiosas *Salesias*, instituidos para nelles se educarem as meninas na piedade Christã, e em todas as prendas civís, e domésticas; e em fim o mostrão os Magistrados e as Leis em beneficio dos miseraveis destinados ao castigo das prisões, e outras muitas cousas semelhantes, que omittimos, mas que tem sido e ainda continuão a ser universalmente elogiadas. Não podemos, comtudo, deixar em silencio o constante cuidado que esta Rainha, mui devota da Sé Apostólica, sempre teve em que se não quebrantassem, nem menos offendessem alguns dos Artigos da *Convenção* que havia feito com o nosso Predecessor Pio VI. Seus desejos só erão que a Sé Apostólica, e o Reino Lusitano vivessem unidos em perpétuo vínculo de caridade, e amizade. Tamanhas e tão illustres acções desta piedosa Rainha a favor da Igreja Christã não só nos fazem crêr que sua memória será perpetuamente abençoada, mas até nos confirmão na persuasão de que suas virtudes já estão coroadas no Ceo com os prémios que merecem.

Bem que os nossos Predecessores só costumassem celebrar a memória dos Imperadores e Reis, e nunca a das Imperatrizes e Rainhas, ainda que (o que raras vezes succede) tivessem com effeito reinado: Nós todavia, para consolarmos na sua íntima, e penetrante mágoa ao nosso mui

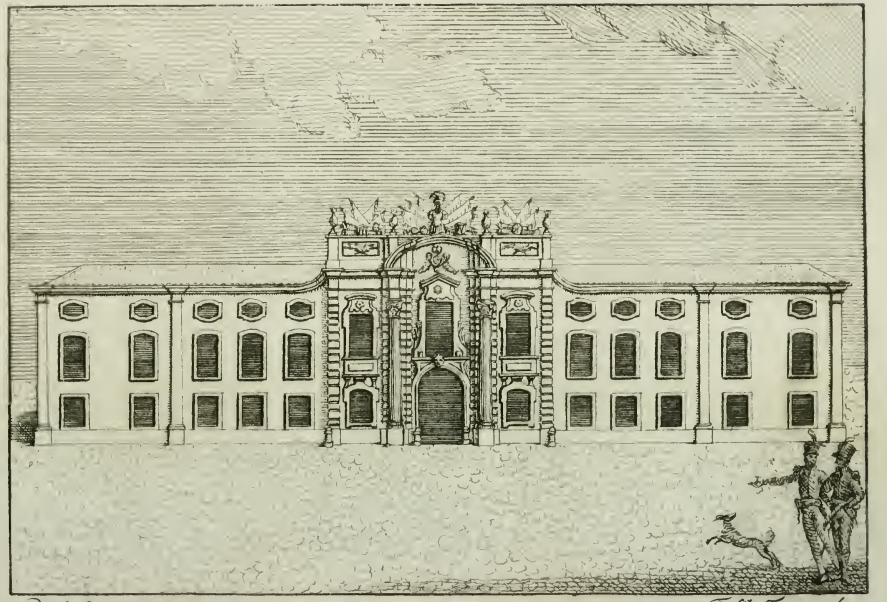
Caro Filho em Jesus Christo João, Rei Fidelissimo de Portugal, Brazil, e Algarves, determinámos desviar-nos do antigo costume; e resolvemos celebrar as solemnes exequias de sua querida Mãi em a nossa Capella Pontificia. E como a celebração destas honras funebres he sempre dedicada á dignidade, e caracter Imperial ou Real, por *huma nova Lei* ordenâmos, que d'hoje em diante as mesmas honras sempre se fação a todas as mulheres que tiverem sido Soberanas.

No dia de amanhã (15 de Abril de 1817) celebraremos pois em a nossa Capella Pontificia as exequias em memória da Immortal Maria Francisca, Rainha Fidelissima de Portugal, e dos Algarves. . . . . .

(Copiado do *Investigador Portuguez* de Junho de 1817, pag. 226.)

Nada podia manifestar mais a Grandeza das Virtudes da Senhora D. Maria I., que o alto apreço, e honrosa commemoração que dellas fez S. Santidade Pio VII. em Consistorio Privado, na Falla acima transcripta. Não ser costume celebrar-se, na Capella Pontificia, exéquias por Imperatriz ou Rainha que tivesse reinado, e ser pela Senhora D. Maria I., que se altera este costume, e se ordena que dalli em diante se fação as mesmas honras ás mulheres que tiverem sido Soberanas, he tão grande preheminencia, que não póde deixar de ser considerada por todo o Mundo Christão como a mais decidida próva dos merecimentos desta Augusta Soberana, por ser o Chefe da Igreja, o Successor de S. Pedro, quem as elogia, e commemora.

Quando nas futuras idades se celebrarem solemnes exéquias por igual motivo na Capella Pontificia, quem tolherá que diga hum Portuguez: *Huma Rainha nossa foi a primeira por quem se celebrárão estas exéquias, e que deo motivo a continuarem-se; e esta Rainha foi a Augustissima Senhora D. Maria I. A sua perda ainda nos faria derramar lagrimas, se em Seu Dilecto Filho não nos deixasse hum fiel Traslado do Seu Benéfico Coração.*



P. A. Lavini dip.

Ton.o F.i esc.p

ARSENAL REAL DO EXERCITO.

HUM dos edificios mais notaveis de Lisboa he o Arsenal Real do Exercito. A sua situação he a mais conveniente possivel para hum Estabelecimento deste genero. A sua proximidade do Rio Téjo, sobre o qual tem hum bello Cáes, e a distancia em que fica do barulho, e bulicio da população da Cidade, por se achar afastada dos bairros mais frequentados della, tornão mui judiciosa a escolha da sua localidade. Hum bello frontispicio decorado por duas columnas da Ordem Corinthia, e varios troféos, e emblemas militares, como se vê da estampa em frente, mostrão, não só a magnificencia deste edificio, como tambem o seu ministerio. Pelo Alvará de 24 de Março de 1764 ficou sendo este Régio Arsenal o Armazem Geral dos Fardamentos do Exercito, e pelo de 12 de Janeiro de 1802 foi creada a Junta da sua Real Fazenda.

Nas Officinas deste Regio Estabelecimento tem havido, e ha ainda hoje insignes Artifices, que nada tem a invejar aos mais abalizados dos Reinos Estrangeiros.

PLANO,

OU

DESCRIPÇÃO

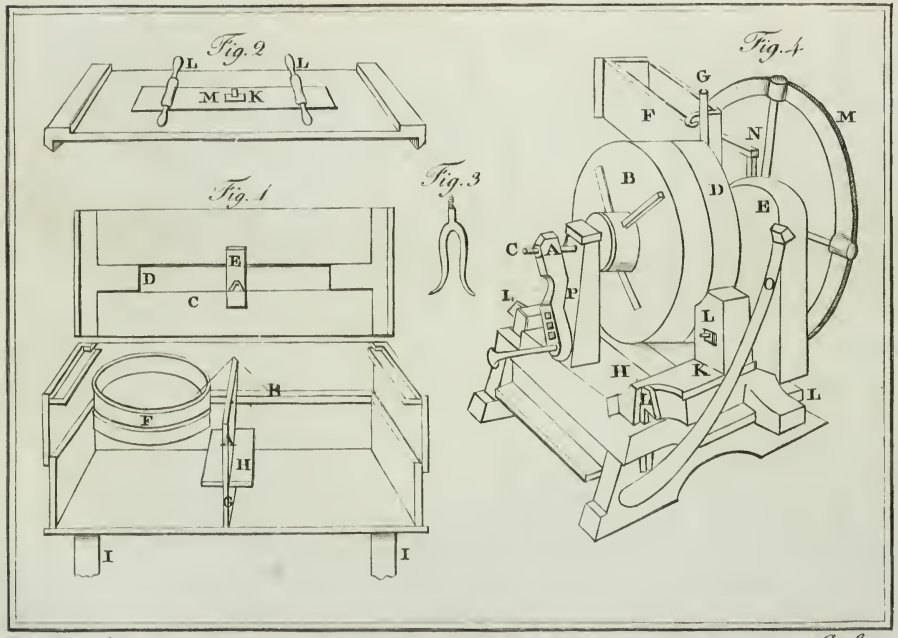
De duas ma'quinas muito uteis:

I. Para moer farinha em casas particulares.
II. Para peneirar.

Descripção de hum Moinho, e de huma Peneira para o uso de Familias, de Mr. T. Rustall de Purbrockheath, perto de Portsmouth, o qual pela sua invenção recebeo da Sociedade das Artes o prémio de 40 guinés.

Fig. 4.ª

Letra — A — he o cabo do Moinho; — B — he huma das pedras do Moinho, a qual anda por 30 pollegadas em diametro, e 5 pollegadas em grossura, e he movida pelo eixo — C —; — D — he a outra pedra, que quando se trabalha com ella he firme; porém póde-se pôr ao pé, ou em distancia da pedra movediça — B — por meio de tres parafusos, que passão por entre o madeiro — E —, que sustem huma das extremidades do eixo — C — depois deste ter sido posto em a pedra firme — D — por meio de hum buraco. O grão igualmente passa por meio deste buraco desde a Tremonha ao Moinho. — F — representa a Tremonha a qual he agitada por dois prégos do



P.A. Cavroé

Carré Esc.

eixo — C — , que alternadamente levanta o Vaso , que contém o grão, o qual outra vez se abaixa pelo seu próprio pezo. Em consequencia deste movimento o trigo he conduzido por meio de huma bica ; que passa da Tremonha ao centro do Moinho por de trás, e por meio da pedra — D —. — G — he huma pá, que regula a quantidade de trigo para ser lançado no Moinho; e ao levantar, e abaixar da mesma póde ser provido por huma maior, ou menor porção de grão : — H — he o receptáculo para a farinha, que das mós lhe cahe dentro, quando está moida : — I — representa hum dos Cariatides de madeira, sobre o qual descança a pedra — D —. Estes estão apertados com parafusos ao madeiro — E —, e são igualmente encaixados na base do Moinho — K —, á qual está unida por meio de Cavilhas ou Cunhas — LLL — que fazem que todo o Moinho seja facilmente desmanchado: — M — he huma roda, que anda com velocidade, a qual está plantada na mais remota extremidade do eixo — C —, e sobre a mesma se lhe póde casualmente fixar outro cabo; — N — he huma pequena travessa que serve para conservar a Tremonha no seu lugar ; e a parte mais alta da dita Tremonha descança sobre huma pequena cavilha, que para este Vaso dá o movimento sufficiente para lançar o trigo para diante : — O — he huma travessa por fórma de esporão para fortalecer a base do Moinho ; — P — he huma fachada levantada para cima, a qual está encaixada dentro da mesma base, e serve, como de encosto para o eixo de ferro — C — que está próximo ao cabo. Em cada extremidade do dito eixo ha huma espalda, que o conserva firme no seu lugar. Por fim de tudo ha huma coifa de pano preza a huma larga sortilha de madeira, a qual está situada sobre as pedras, em quanto estas trabalhão, para prevenir que se não perca a mais pequena partícula de farinha.

Descripção da Peneira.

Fig. 1.ª

Representa a Peneira com a frente fóra em ordem a mostrar a sua structura interior; esta Máquina tem 3 pés, e 10 pollegadas de comprimento, 18 pollegadas de largura, e 18 de profundidade. — A — he huma repartição movediça, que escorrega cousa de quatro polegadas para trás, ou para diante do centro da caixa, sobre duas traves de madeira, as quaes estão fixas nas costas, e na frente da caixa, e huma das ditas está traçada na Letra — B —; — C — he a tampa da Peneira representada como aberta; — D — he hum escorregador, o qual se póde mover em huma cova feita na tampa por meio de dois cabos, nas costas da dita tampa; — E — he hum ferro feito á maneira de forcado, que está fixo no escorregador — D —, o qual, quando a tampa está fechada, pega com a borda da Peneira — F —, e a move para diante, e para trás sobre as traves de madeira — B — segundo a agitação do escorregador; — G — representa huma firme repartição na parte inferior do centro da caixa, que a divide em duas partes em ordem a separar a farinha fina da grossa; o escorregador — A — desta repartição move-se para cada lado cousa de quatro pollegadas, e assim dá lugar para trabalhar a Peneira: — H — he huma taboa, que está parallela ao fundo da Peneira, e fórma parte do escorregador — A —; esta taboa serve para evitar, que alguma da materia peneirada caia dentro da outra repartição: — I — representa dois dos pés de trás, que sustem a Peneira.

Fig. 2.ª

He a vista do topo, ou da parte superior da tampa

da Peneira ; — K — he o escorregador, que se move ao comprido da Peneira ; — LL — são dois cabos por onde o escorregador he movido ; — M — he huma tarraxa ou parafuso, que serve para suster o forcado, que communica o movimento á Peneira.

Fig. 3.ª

Representa o forcado de ferro — E — separado da tampa.

Tanto o Moinho, como a Peneira podem ser construidos com huma pequena despeza, e sómente occupão hum pequeno espaço de terreno. Com a peneira se póde manobrar em qualquer Cozinha, ou em hum quarto de alguma Casa de campo, sem causar grande embaraço.

A excellencia particular deste Moinho, consiste em que pela posição vertical das suas pedras póde ser posto em acção, sem a intervenção dos dentes de huma roda, ou das mesmas rodas. Póde tambem ser empregado em moer cevada, em abolar avêa para os cavallos, ou só para fazer farinha, e em facilitar a moer qualquer dos ditos géneros em o gráo de maior, ou menor finura.

Ha outra vantagem particular na invenção de Mr. Rustall, qual he, que hum homem he bastante para mover a sobredita Máquina, inda que, se duas pessoas, isto he, hum homem e hum rapaz forem empregados, serão capazes de fazerem produzir no espaço de duas horas huma sufficiente quantidade de farinha para servir huma Semana inteira a huma Familia de seis ou oito pessoas. Repetidas, e satisfatorias experiencias tem provado, que este Moinho móe perfeitamente o trigo, e a razão de dois alqueires e meio por hora. Além disto o industrioso Lavrador ha de desta maneira ficar habilitado para fazer experiencias com-

parativas sobre a qualidade do seu grão, e tambem se póde provêr de farinha do seu próprio trigo com pequena despeza, e sem temer alguma falsificação, ou sem se expôr ás imposições, ou caprixos dos Moleiros fraudulentos, e avarentos.

Finalmente ainda que a Peneira de Mr. Rustall seja em particular mais própria para peneirar farinha, póde tambem ser applicada a outros diversos e uteis intentos, e especialmente para o fim de evitar as inconveniencias que necessariamente ha na levigação e moedura das substancias nocivas, e para evitar o estrago das suas mais pequenas partículas. (Gregory, Theat. of Mechan.)

Mr. Rustall obriga-se a compôr todo o apparato da sobredita Máquina, e a entrega-la em Londres, livre de carreto pelo módico preço de vinte Guinés, que em dinheiro Portuguez faz pouco mais ou menos 72$000 réis.

POESIA.

A Joaquim Miguel Lopes Lavre.

SONETO.

HERÓE preclaro, illustre descendente
De Heróes illustres, Ramo portentoso,
Que os Troncos excedendo em generoso
Assombras toda a terra, e toda a gente:

Quem chega ás tuas portas dependente
Muda nellas o aspecto lastimoso;
Não és mais liberal, nem mais piedoso,
Porque Deos mais afflictos não consente:

Sempre aprasivel, sempre satisfeito;
Pois quanto vai do Impyreo ao mar profundo
He para a fama tua campo estreito:

Heróe tão grandioso, sem segundo,
Que cabe todo o Mundo no teu peito,
Melhor do que o teu peito em todo o Mundo.

SONETO.

Em o Templo d'Amor entrei hum dia
Onde vírão meus olhos desgraçados
Nas brilhantes paredes pendurados
Instrumentos da sua tirannia:

Entrei a discorrer qual mataria
Com golpes mais cruéis, mais apressados
Vi Zelos, Inconstancias, Desagrados,
E tudo quanto horrores me infundia:

Olhei para a tribuna magestosa,
Que tinha por docel as Falsidades,
E não me pareceo mais horrorosa:

Duvidei se terião igualdades,
E esteve a minha mente duvidosa,
Até que vi no tecto as Saudades.

Dedicando hum Genethliaco em quatro Linguas.

SONETO.

PRINCIPE augusto, esclarecido Infante
Ao teu Real, Illustre Nascimento
Consagro humilde o numeroso accento,
Que me inspirou Thalia modulante:

Qui tuus Plectro Genitor sonante,
Blanda componens metra turbulento
Træna dat vates numerosa vento,
Pulset errores calamo adjuvante:

Doppo questo, la mia humile Camena
Al suo natali chiaro consecrata,
Potrá splendere con piu nobil fiama:

Y el grato obsequio de mi inculta Avena,
Por quanto cinè la espumosa plata,
Será pluma en las alas de tu Fama.

Do Doutor José de Mattos da Rocha.

MOTE.

Saudades te persigão,
Mal de amores te maltrate,
Máo fogo de amor te queime,
Mal de ciumes te mate.

GLOSA.

DEOS permitta se fiares
Se te faça estopa o linho,
Nem te saia hum pintainho
De quantos ovos deitares:
Das plantas; que semeares,
Só te nasção, as que espigão;
Máos visinhos te maldigão,
E más pedradas te acertem,
Dôres de calos te apertem,
Saudades te persigão.

Nada te fique no buxo,
Tudo contes a quem vires,
E quantas questões ouvires
Sejão de Tolo machuxo:
O sangue te chupe hum Bruxo,
Mintas mais que hum Alfaiate,
Toda a vaza se te impate,
O cuco em Maio te agoire,
Fome canina te estoire,
Mal de amores te maltrate.

Cada dia d'hum çapato
Se te despregue hum tacão,
Na Meza te mije o cão,
Na cama te çuje o gato:
No fim de qualquer contracto
Sempre digas = Enganei-me = ,
Só falles com quem ateime,
Só ateimes com quem jure,
Má lingua de ti murmure,
Má fogo d'amor te queime.

No refêgo do mantéo
Se te criem persevejos,
E aquelle a quem déres bejos
Te cheire a José Bordéo (1):
Oh nunca permitta o Ceo,
Que próves bom chocolate;
Dormindo se te desate
A sangria, a fonte, a chaga,
Emfim por ultima praga
Mal de ciumes te mate.

(1) Figura asquerosa, e de insupportavel cheiro.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,
OU
MNEMÓSINE LUSITANA.

REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XXV.

DEOS PROTEGE PORTUGAL.

TODO o que se entregar á leitura da Historia Portugueza, e meditar nas perigosas lides a que se arrojárão os Portuguezes, nas portentosas acções que fizerão, e nas terriveis crises de que souberão triunfar, não póde deixar de exclamar: *Briosa Nação! Eu nada leio na Historia das outras que possa ser comparado com os teus esclarecidos Heróes! Salve ó Patria do Valor, e do Heroismo! O Ceo te seja propicio até á consumação dos séculos!* Porém aquelle que reconhecer os auxilios do Ceo, que a cada passo se manifestão na mesma Historia Portugueza, e os prodigios que Deos obrou a favor desta feliz Nação, ora permittindo que o Nome Portuguez fosse levado ao nascimento e occaso do Sol primeiro que alli se ouvisse o de nenhuma outra Nação, e que alli fôssem respeitadas suas Leis, te-

midas suas Armas, e venerados seus Soberanos; ora livrando-a de soffrer huma absoluta anniquilação, mandando ou a peste ao exército inimigo para o constranger a erguer o campo, ou mandando, ou suspendendo a furia das tempestades para que se salve o Soberano, e não seja prêzada perfidia, e rancor de hum malvado; quem meditar, torno a dizer, nestes auxilios não póde deixar de bradar cheio de admiração, e espanto: *Ditosa Nação! Eu não encontro na Historia das outras que possa ser comparado com a continuada série dos beneficios que tens recebido do teu Deos! Salve ó terreno, ó Povo favorecido do Eterno! O Senhor te continue a favorecer, e amparar-te até á consumação dos séculos!*

Quem senão a protecção de Deos podia livrar o Senhor D. Affonso Henriques e o seu pequeno exército que ficasse destruido pelo número infinito de Mouros que alastravão as Campinas de Ourique! Para que fôsse mais conhecido o prodigio até (he da Historia) chegárão os Portuguezes a vacilar e a temer. Não foi a estação rigorosa, o gêlo, e as privações que derrotárão os cinco Reis Mouros, e os seus numerosos exércitos; foi o ferro Portuguez brandido pelos braços daquelles, em cujo coração habita a fé de que só do auxilio de Deos podia provir o vencimento da multidão infinita dos contrários. Quantas centenas de milhar de golpes forão obrigados a dar os Portuguezes para anniquilar tamanho poder! A razão era de 13 a 400: em que Chrónica se aponta hunia igual maravilha?

Quem se não a protecção de Deos podia sustentar Portugal nas tres desgraçadas épocas das terriveis invasões estrangeiras! He fallecido o Senhor Rei D. Fernando: D. João I. de Castella pertende fazer valer o direito da herança que lhe provinha de sua mulher, filha de D. Leonor, e do Rei defunto: penetra pelo Reino de Por-

tugal, e chega a sitiar Lisboa. Auxiliado pela Rainha Viuva, e pelos Senhores do seu partido, tinha quasi conquistado o Reino: oppóe-se-lhe o Senhor D. João, Mestre de Aviz, que não teve por si no principio da lide mais do que a espada de D. Nuno Alvares Pereira, e a eloquencia de João das Regras, porém Deos tinha destinado que o Mestre de Aviz imperasse, e que levasse o conhecimento do seu Santo Nome a Berberia, e Portugal triunfa da primeira Invasão. — He fallecido o Senhor Cardeal Rei: Filippe o Prudente faz valer o direito da herança, e o das armas: Portugal esmorecido, e atenuado pelas perdas em Africa recebe o jugo. Tres reinados extorquem quanto tem a Nação; esta exaurida de dinheiro, armas, e munições, nada póde emprehender contra hum Monarca tão poderoso qual Filippe IV.: porém quarenta Pessoas executão a mais arriscada de todas as emprezas; collocão no Throno o Legitimo Herdeiro; Portugal exausto de tudo combate dezoito annos, vence quasi sempre, e obriga o inimigo a reconhecer verdadeiro, e legitimo Rei aquelle mesmo a quem desejava tirar o Reino, e Portugal triunfa depois de sessenta annos de sujeição do segundo Invasor. — O árbitro do Continente enfurece-se contra o pequeno Reino de Portugal por este se atrever a negar o que os maiores Potentados da Europa tinhão executado submissos: une-se a S. Magestade o Senhor D. Carlos IV. a quem constrange a esquecer-se de que he Pai e Avô. Os exércitos das duas Nações penetrão por tres pontos, e ao mesmo tempo: contárão que o Paiz invadido nunca lhe sahiria das garras; decorrem nove mezes, e Deos que vê desguarnecer as suas aras das alfaias do culto para servirem de recompensa á perfidia, e á maldade, inflama o coração de dois illustres Varões ao Norte, e ao Sul do Reino; e sem plano, ou combinação ulterior rebenta a explosão, e com espanto da Europa inteira triunfa Portugal da terceira invasão.

Muitos outros exemplos apontára em que transluz entre os meios naturaes a Protecção de Deos a favor de Portugal; porém chama-me a attenção os que a Historia relata dos sobre-naturaes.

He regra geral que toda a Nação se avantaja a outra Nação na proporção da sua população e luzes. Nenhum Estrangeiro confessa que Portugal no estabelecimento da sua Monarquia, nos descubrimentos, e conquistas que fizerão em Africa, Azia, e America, fosse mais illustrado do que os outros Estados da Europa; e todos sabem o quanto a sua população era diminuta comparativamente á dos outros Estados: logo ou hão de confessar que os Portuguezes tinhão mais intrepidez e valor, ou que Deos os auxiliou para emprehenderem, e concluirem as gloriosas acções que executárão. Se negarem esta para concederem a primeira, direi: Logo que no mesmo gráo de latitude, debaixo de hum clima idéntico não se encontra hum Povo que tivesse igual valor, segue-se que este valor he ou sobre-natural, ou privativo á Nação Portugueza, e n'hum ou outro caso só de Deos provêm, e isto que he se não confessar que Deos protege Portugal?

Occorre outro argumento em prova do mesmo: Se tudo quanto se projecta a favor se realiza, e quanto se combina contra se transtorna, segue-se que huma força superior assim o permitte, e esta provêm do auxilio de Deos. Attendâmos aos seguintes exemplos. — Sitiava em 1384 o exército de D. João I. de Castella a Cidade de Lisboa. D. Pedro de Castro tinha convencionado com o inimigo o entregar-lhe na noite de 15 de Agosto o Bairro, e a Porta de Santo André, de cuja defeza estava encarregado. D. Lourenço da Cunha, que entrava na Conjuração, cahe repentinamente doente; descobre ao seu Confessor a trama, e pede-lhe que o communique ao Senhor D. João I., então Mestre de Aviz; e com a prizão de D. Pedro, e dos ou-

tros cumplices he salva a Cidade. — No anno seguinte no Castello de Gaia em frente da Cidade do Porto, onde se achava o mesmo Principe, trama-se contra a sua preciosa vida: o Conde Gomes Gonçalves, e Ayres Gonçalves de Figueiredo entravão na conspiração; porém arrependem-se, e vão delatar-se, e a necessaria vida do sustentáculo da Monarquia he salva. — A 5 de Agosto de 1641 devia rebentar a rebellião formada pelo Duque de Caminha, Conde de Armamar, e outros, contra o Senhor Rei D. João IV. Hum masso de papeis com o sello das Armas da Inquisição, que levava o Correio para entregar ao Conde Duque de Olivares, excita a desconfiança do Marques de Ayamonte, em cujas mãos cahio: o cauteloso Marquez abre o masso, e he descuberta a rebellião: prendem-se os Réos no mesmo dia em que devia verificar-se, soffrem o castigo do seu execrando attentado, e S. Magestade, e o Reino com elle, he salva. — O malvado Domingos Leite atreve-se contra a Sagrada Pessoa do mesmo Soberano, e no acto mais solemne, em que a Igreja manda se leve em triunfo, e processionalmente o Sacrosanto Penhor do seu Amor para com os homens, que o devoto Rei acompanhava: no primeiro anno perturba-se, e não se anima a desfechar o tiro; no segundo he descuberto o traidor, e punido, e outra vez são salvos os dias deste excellente Monarca.

Tantas conspirações contra Portugal, e seus Soberanos não vingarem, e vingar felizmente a de 1.° de Dezembro de 1640! Seria mais bem concebida esta? Não certamente. Então porque se realizou huma, e não as outras? ? ? Porque nesta era o objecto o Bem da Patria, e por isso Deos permittio que esta se ultimasse; e as outras se se verificassem farião a desgraça de Portugal, e por esta razão Deos não consentio que se concluissem: logo Deos protege Portugal!

No mesmo assédio de 1384 de que acima trato, che-

gou a tão grande apuro a Cidade de Lisboa por carência de víveres, e aperto dos sitiadores, que perdendo os habitantes toda a esperança dos recursos humanos, só confiavão no auxilio do Ceo. O Ceo não illudio a esperança deste fiel Povo. Estava a ponto de succumbir Lisboa; eis que rapidamente começa a grassar, e se augmenta huma enfermidade pelo exército inimigo, sem que esta se communicasse aos nossos que estavão quasi em contacto com elle. A mortandade he horrivel, e a epidemia constrange os Castelhanos a erguerem o campo, antes que fiquem todos sepultados junto aos muros desta Cidade.

Intenta o Senhor D. Sebastião passar a Africa: esta empreza he reconhecida por temerária, e arriscada; porém o Rei Moço despréza os conselhos da prudencia, e os dictames da razão. Deos vê que o Mancebo Rei vai perder-se, e para que reconheça a sua desapprovação a patentêa por extraordinarios avisos. O Téjo sahe do seu leito, e arroja-se bramindo, e furioso sobre a terra; o vento desenfreado arranca ao primeiro repellão antigas e corpulentas árvores, e derruba altos corichêos, e elevadas torres; a mesma peste assolla Portugal; que mais caracteristicos signaes podia dar da sua desapprovação! Que mais claras, e convincentes próvas de que Deos vigia sobre o bem, e a conservação deste Reino!

Mas para que tenho recorrido a exemplos de tempos remotos, quando nos nossos dias, e aos nossos olhos manifestou Deos a protecção que confere a Portugal. Debaixo das apparencias de amizade marchou o exército Francez em 1807 confiado que com a rapidêz da marcha surprenderia o Soberano, principal objecto das vistas ambiciosas do Invasor. O Ceo para que os fugitivos Povos passassem áquem do Zezere, e além do Téjo, lhes mandou serenos dias; porém apenas o inimigo se aproxima, abrindo as nuvens, e soltando os ventos, tão horrivel tempestade se arma, que

engrossando os rios, quando chega a avançada inimiga ja não póde atravessar o Téjo, que poucas horas antes tinha sido vadeavel, nem transpôr o Zezere sem os trabalhos, e demoras que traz comsigo a construcção de huma ponte. Esta suspensão do exército dá meios, e tempo para ser menos confusa e descómmoda a partida do Soberano, e Real Familia: porém se continuasse o tempo desabrido e tempestuoso como sahir a Barra! Deos provê a tudo. Amanhece hum dia claro, sopra o vento favoravelmente, sahe a esquadra que leva o Objecto do nosso amor e respeito; engolfa-se no vasto Occeano; e já não tendo que temer pelos seus preciosos Dias, toldão-se novamente os ares, rasgão-se outra vez as pezadas nuvens, a tempestade em terra cresce, e o Téjo irado e espantoso atira com as suas ondas até onde não ha lembrança que houvessem chegado. Que maior testemunho de que Deos protege Portugal, e o seu Augusto Imperante!

Quem se não a Protecção de Deos fez que fosse descuberta a Conspiração, com que hum bando de insensatos facciosos, e freneticos malvados procurárão fazer a desgraça daquelle paiz que os vio nascer, que os alimenta, e os protege! Quem se não Deos, a quem esses scelerados offendem, podia manifestar, ou tocar o coração de alguem para que manifestasse, o que no antro da iniquidade, no silencio da noite, no sigilo do juramento se havia tramado! Louca cegueira! e atrevêrão-se a julgar que estava extincta na massa da Nação o amor ao Soberano, a dedicação á Patria, e a veneração ao Sábio Governo que nos rege! Incomparavel demencia! e persuadírão-se que quantos convocárão de tal modo havião degenerado do honrado caracter, que distingue a Nação Portugueza, a ponto de contarem que nenhum mais se lembraria de que era Portuguez! Sim malvados Conspiradores, esses mesmos que allistasteis não entrarião nesse número se antes não os hou-

vesseis disposto pela devacidão dos costumes que favoreceis, pela persuasão fraternal com que os inflamais, pelo juramento horroroso com que os prendeis, e pela escandecencia das idéas liberaes com que os imbuiz nas furnas tenebrosas de huma sociedade anti-religiosa, anti-politica, e anti-social. Só em huma associação que admitte todos os Cultos, todos as Nações, todos os Governos; que se nega á luz do dia; que muda de local ao menor conhecimento da Policia; que aconselha e promove o suicidio quando com a morte se póde tolher a publicidade; se podia gerar tão execrando delicto. Porém que valem as trévas contra o Centro da luz; que podem os preversos contra a Summa Bondade! Deos prometteo pôr os olhos da Sua Misericordia Divina neste Reino, e na Pessoa, e Descendencia do Senhor D. Affonso Henriques estabelecer o seu Imperio. O Senhor D. João VI. he o legitimo Descendente deste ditoso Monarca: este he o Reino em que prometteo pôr os olhos, e a Promessa Sagrada cumprio-se, cumpre-se, e cumprir-se-ha até á consumação dos séculos.

Que testemunhos mais reaes para nos convencermos de que Deos protege visivelmente o Reino de Portugal, a Augusta Casa Reinante, e o Governo dos Excellentissimos Senhores Governadores do Reino!

O que blasona de desabusado, e o não he, mas sim he incrédulo, zombará deste artigo; porém os que ouvírão a Exortação do Sacro Collegio Patriarcal que no dia 13 de Junho se lêo em todas as Igrejas do Patriarcado, e se prostrárão ante o Throno do Deos Vivo no dia 15 seguinte, e entoárão o Hymno *Te Deum laudamus* em acção de Graças de haver sido descuberta esta horrivel Conjuração, o applaudírão, supplicando ao mesmo Senhor Deos, que nos continue a sua Santa Protecção para que não possamos nunca soffrer os terriveis effeitos da anarquia, nem experimentar os males que pezárão por 25 annos sobre a desolada França.

PUBLICAÇÃO

Da Flora Portugueza do Conde de Hoffmansegg.

NINGUEM duvida que hum Escriptor, quando publica alguma Obra em abono do seu Paiz, faz hum serviço á sua Nação, e Patria; pois deste serviço se segue o augmento de crédito do Paiz, e Nação entre os próprios, e os estranhos a quem chegar o conhecimento da Obra.

Porém muito maior augmento de crédito, e muito maior honra recebe huma Nação, ou Paiz, quando hum Estrangeiro, profundo na matéria que trata, depois de hum assíduo e penoso trabalho, publica na mais nítida edicção, isto he, em bello typo, óptimo papel, e excellentes estampas, huma Obra gloriosa áquelle Paiz, mencionando as suas excellencias, e na lingua mais genérica, para que o conhecimento das mesmas excellencias se propague por todos os Estados cultos do Universo.

Esta satisfação, esta honra acaba de receber o Reino de Portugal, e por conseguinte os seus habitantes, na inimitavel Obra, que vem de publicar o Excellentissimo Conde de Hoffmansegg associado a Mr. Link Professor de Botânica, e Química na Universidade de Rostock. Fallo da Flora do fertil, e ameno Reino de Portugal na lingua Franceza, cujo titulo he o seguinte:

FLORE PORTUGAISE,

OU

Description de toutes les Plantes, qui croissent naturellement en Portugal, avec Figures coloriés, cinq Planches de Therminologie et une Carte.

PAR

L. C. COMTE DE HOFFMANSEGG

Aucien Officier aux Gardes du Corps de Sa Majesté le Roi de Saxe.

ET

H. F. LINK.

Professeur de Botanique et de Chimie à l'Université de Rostock.

A' BERLIN.

De l'Imprimerie de Charles Fréderic Amelang.

1809.

Esta Obra, da qual já se achão em Lisboa varias Entregas (Livraisons), e para a qual se subscreve na Loja de Mr. Borel Mercador de Livros na Rua das Portas de Santa Catharina, he a mais bella, e magnífica de todas quantas se tem publicado neste género: tanto mereceo a estes Sábios a Flora Portugueza! Não me impelle a lisonja a usar desta linguagem, não encareço a riqueza do solo por exagerar o merecimento da minha Patria, oução-se os próprios Authores na sua Prefação, que por Estrangeiros não se considerarão suspeitos, e ver-se-ha se a sua confissão não confirma, quanto pela riquissima edição da Obra se manifesta.

Depois de relatar que vindo a Portugal em 1795 o Excellentissimo Conde de Hoffmansegg, e achando dever empregar-se na publicação de huma Flora deste Paiz, já anteriormente mui desejada pelo próprio Linneo, que, re-

conhecendo quanto era rico, e abundante no Reino Vegetal, não duvidou denomina-lo = *quæ India Europæ dicenda, et felicissima terra* = veltou á sua Patria, donde associando-se com Mr. Link partio de novo para este Reino, onde chegou em 1798, empregando-se até ao anno de 1801, em contínuas viagens a todas as Provincias, em indagações assiduas da Flora particular de cada huma dellas, finalmente entregando-se a quanto julgou necessario para que sahisse a obra mais perfeita e completa que se podesse imaginar; eis como se expressa na Prefação.

,, Os floridos sitios circumvisinhos de Lisboa fôrão os ,, primeiros que attrahírão a nossa contemplação. Nós acha- ,, mos com espanto ora collinas alcatifadas de huma bri- ,, lhante verdura, abundante em vegetaes da maior belle- ,, za e raridade, ora campinas arenosas, a perder de vis- ,, ta cobertas de hum bosque de differentes arbustos, varia- ,, do ao mesmo tempo por muitas especies de Sargaços ,, (cistes). Apenas podiamos crêr nossos olhos, quando vi- ,, mos tantas plantas desconhecidas, e que cercadas de ve- ,, getaes mouriscos, nos parecia vêr a Flora da Barbaria ,, emigrada na Europa. ,,

Este elogio me faz lembrar o que este mesmo Escriptor diz na Viagem de Portugal. ,, Na collina d'Alcanta- ,, ra achámos quinze especies de trevo commum do pra- ,, do, e sete especies do *medicago*, assim como hum gran- ,, de número de plantas raras, e magníficas. Esta colli- ,, na, cujo giro se póde fazer em poucos minutos, de- ,, ver-se-hia denominar o Jardim de Deos (Hortus Dei), ,, como costumão chamar a hum sitio próximo a Montpel- ,, lier, conhecido, ha mais de duzentos annos, de todos ,, os Botânicos. ,,

Em outro lugar diz o seguinte: ,, Em hum pequeno ,, oïteiro por detrás da Fábrica da Pólvora perto de Alcân- ,, tara Mr. Link encontrou até quinze especies de trevo

,, commum do prado. He alli que cresce o magnífico *scilla hyacinthoides*, do qual até então não se conhecia a patria, o *Ornithogalum arabicum*, o *Allium speciosum*, e o *Iris juncea*. O Botânico *L'Ecluse*, que herborisou nestes sitios, ha mais de dois séculos, já exaltava a riqueza das plantas destas collinas. ,,

Passando depois a descrever as jornadas que fizera ás Provincias, continúa a Prefação dizendo: ,, Foi na Cidade de Coimbra que tivemos a felicidade de conhecer o célebre Professor de Botânica o Senhor Felix Avellar Brotero, e em pouco tempo huma estreita amizade nos ligou a este amavel Sábio. Elle começou a ser o companheiro dos nossos trabalhos; porque foi elle quem guiou as nossas pesquizas, até nos recantos mais occultos do delicioso valle, que banha o Mondego, muitas vezes celebrado dos Poetas, e verdadeiramente digno dos elogios que elles lhe prodigalizão. ,,

Fallando da Provincia d'Entre Douro e Minho: ,, A Europa meridional possue apenas hum segundo sitio que possa ser comparado a esta encantadora Provincia. ,,

Sendo obrigado a mencionar o acolhimento que encontrára nos sitios remotos a que as suas indagações o chamavão, explica-se da seguinte maneira: ,, Quanto a nós parece-nos a Nação Portugueza tão polida, tão hospitaleira como nenhuma de todas as outras entre as quaes temos vivido. Não esqueceremos jámais os Palacios dos Grandes, onde recebidos com complacencia, passámos dias cheios de alegria. Não perderemos igualmente a lembrança das modestas cabanas, onde cercados de ajuntamentos affaveis e alegres, nós encontrámos lavradores, e pastores, mas em nenhuma parte paisanos. ,,

E tratando na Viagem de Portugal do número das plantas, que achára, diz: ,, Achámos em Portugal 1532 especies de plantas ordinarias, e 572 especies de plantas

„ *cryptogâmicas*. Esta grande multidão de plantas recolhi-
„ das em tres annos próva a riqueza do Paiz. „

Tantos louvores, proferidos por hum orgão do qual não póde haver suspeita que fosse movido pela lisonja, ou dependencia, e confirmados pelo convencimento de que o merecimento da Flora Portugueza se considera superior ao custo da edição, (sem este convencimento quem se animará a emprehender huma Obra, da qual cada exemplar custa 500$000 réis,) que indicão, senão que a Flora, o Paiz, e a Nação a quem ella pertence, são dignos delles?

Mil agradecimentos sejão dados a quem tanto nos honra; e em compensação mostremos-lhe, apressando-nos a assignar para tão excellente Obra, que soubemos apreciala, e não menos seus Sábios e distinctos Authores.

ANECDOTAS.

O homem que se molda a qualquer partido, só porque delle espera proveito, he hum individuo perigoso. Os Francezes, a Nação mais voluvel que se conhece, são os mesmos que censurão aquelles seus Patricios, que mais célebres se fizerão por suas escandalosas metamorphoses. Nem podia deixar de ser apontado o que, por assim lhe convir, seguio, e elogiou ao desgraçado Luiz XVI., á sanguinária Républica, ao turbulento Consulado, ao tyrânnico Império, ao desejado Reinado de S. Magestade Luiz XVIII., outra vez ao tyrânnico Império, e outra vez ao restabelecido e tranquillo Reinado da mesma S. Magestade Luiz XVIII. A taes individuos chamão os mesmos Francezes, judiciosamente, e com graça, *grimpas* (*girouettes*): e dos seus nomes, vezes que mudárão, etc. formárão hum Cathálogo, a que denominárão = *Dictionnaire des Girouettes, où nos contemporains peints d'après eux mêmes.* = Deste Diccionário copiarei algumas anecdotas divertidas, muito uteis pelo conhecimento que ellas dão da infamia de hum semelhante caracter. Com taes individuos não póde contar a Patria, nem a boa Causa; porque a Patria ou boa Causa para elles he aquella que lhe offerece vantagens.

A pag. 344 lê-se o seguinte:

„ Menjaud (Alexandre) Pintor, rua J.J. Rousseau. „ S. Magestade o Imperador representado no mo-

mento do seu almoço, tendo em seus braços S. Magestade o Rei de Roma. S. Magestade a Imperatriz olha com satisfação para esta interessante scena. (Quadro exposto no *Museo Napoleão*, no 1.° de Novembro de 1812, debaixo do N.° 638 da Noticia.) ,,

,, S. Magestade Luiz XVIII. ordena a continuação dos trabalhos da Real Igreja de S. Deníz. Suas Altezas Reaes o Senhor Conde de Artois, e Madama a Duqueza de Angouleme, acompanhão S. Magestade. (Quadro exposto no Museo Real das Artes, no 1.° de Novembro de 1814, debaixo do N.° 696 da Noticia.) ,,

,, Sabemos a respeito deste ultimo quadro huma anecdota que caracteriza este nosso irmão. Em vez de a contarmos contentamo-nos sómente de fazermos huma comparação. Por exemplo, diremos que as *substituições* feitas nas figuras do seu quadro se executárão desta maneira: Mr. Menjaud teria posto no lugar de N....., Luiz XVIII.; em lugar do Principe E.... B....., teria collocado Monsieur; teria substituido a C....., Madama; e em lugar de hum séquito próprio do reinado de N....., teria copiado, para fazer sombra ao quadro, o de pessoas da Casa Real de S. Magestade Luiz XVIII.

A pag. 277 lê-se o seguinte:

Lavallée, nomeado por *Luiz o Martir*, Consul de França na Barbaria; nomeado por *Napoleão o Grande*, Secretario geral da Prefeitura de Jemmapes; nomeado por *Luiz o Desejado* nas mesmas funcções da Prefeitura do Norte; nomeado por *Napoleão o Reintegrado* nas mesmas funcções da Prefeitura do Creuse; e nomeado pelo mesmo *Luiz o Desejado* nas mesmas funcções da sobredita Prefeitura do Creuse.

A pag. 299:

Lhermite, Barão do Império, Vice-Almirante na Marinha republico-império-régio-imperial. Prefeito marítimo

em Toulon, no tempo do Imperador e do Rei; Official da Legião de Honra nomeado pelo primeiro, e Commandante da mesma Legião nomeado pelo segundo (25 de Julho de 1814.)

No Número seguinte se continuará a traducção de alguns artigos mais deste Diccionário.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.

ANNO 1817.

JORNAL DE BELLAS ARTES,
OU
MNEMÓSINE LUSITANA.
REDACÇÃO PATRIOTICA.

NUM. XXVI.

DESCRIPÇÃO

Do Collegio Real dos Nobres.

CONSIDERANDO o Senhor Rei D. José, de Gloriosa Memória, que da boa, e regular instrucção da Mocidade he sempre dependente o bem espiritual, e a felicidade temporal dos Estados, serviço do Soberano, e utilidade pública dos Póvos, como testeficárão os gloriosos e fecundos progressos, com que por effeito dos Estudos, que o memoravel Infante o Senhor D. Henrique estabeleceo na Villa de Sagres, e na Cidade de Lagos, se formárão muitos Sábios, e famosos Varões, que depois de haverem dilatado com os seus illustres Feitos os Dominios da Coròa de Portugal, os achou o Senhor Rei D. Manoel tão graduados, e experimentados, que em poucos annos por mares

até então desconhecidos descubrírão, e conquistárão duas tão grandes porções da Azia, e da America: Considerando tambem que o estabelecimento dos Collegios são mui uteis, porque a virtuosa emulação dos Estudantes concorre para se adiantarem nas suas profissões, como havião sido os Collegios de S. Miguel, e de Todos os Santos, que em 1547 se fundárão em Coimbra para Fidalgos, e Nobres, e o outro das Escollas menores das Linguas, e das Artes, de que fôrão Professores André de Gouvea, os dois irmãos Marçal e Antonio de Sousa, Antonio Cayado, Pedro Margalho, Ayres Barbosa, André de Resende, Pedro Nunes, Diogo de Teive, e outros, que com a instrucção da Mocidade Portugueza derão tão grande crédito á Nação, e hum tão grande lustre á Nobreza como foi manifesto pelas heroicas acções, e polidos escritos, que naquelle século derão á luz do mundo tantos Capitães, e Escriptores das Familias mais nobres, e mais recommendaveis; para tão gloriosos, e uteis fins se Dignou o mesmo Augusto Monarca crear, e dar Estatutos por Carta de Lei de 7 de Março de 1761 ao Collegio Real dos Nobres da Côrte e Cidade de Lisboa, que dotou com rendas, tiradas das que se havião confiscado aos extinctos Jesuitas.

He destinado para nelle se educarem 100 Porcionistas; e para a sua admissão requer-se que tenhão o Foro de Moço Fidalgo, ou dahi para cima; que não tenhão menos de sete annos, nem mais de treze; e que saibão lêr.

O Reitor deste Real Collegio he sempre Pessoa de Letras, e Virtudes, e reside no mesmo Collegio: e desde a sua creação até hoje se contão cinco Reitores: José do Quental Lobo, Caetano Pecci, José Isidoro Olivieri, José Dias Pereira, e Sua Excellencia o Senhor Governador do Reino, Ricardo Raymundo Nogueira.

Tem hum Vice-Reitor, hum Perfeito dos Estudos, dois Vice-Perfeitos, etc., os quaes fórmão a Junta da

Administração das Rendas, e da Economia do Collegio, presidida pelo Reitor. Tem Professores das Linguas Latina, Grega, Franceza, Italiana, e Ingleza; Rhetórica, Poetica, Lógica, História, Mathemática, Arquitectura Militar, Civil, e Desenho; Fisica, Artes de Cavallaria, Esgrima, e Dança. Os Professores, Collegiaes, Familiares, etc., gozão dos mesmos Privilegios, e Indultos, de que gozão os Lentes, e Estudantes da Universidade de Coimbra. Os Estudos abrem-se no primeiro dia de Outubro.

Este Real Collegio abrio-se em 19 de Março de 1766, debaixo da sujeição do Director Geral dos Estudos, e depois foi sujeito á Meza Censoria, á Meza da Commissão Geral para o Exame e Censura dos Livros, e por extincção deste Tribunal á Secretaria de Estado dos Negocios do Reino; de cuja repartição sahio por algum tempo, por haver S. Magestade nomeado o Excellentissimo Marquez de Bellas seu Inspector e Director Geral; mas pelo fallecimento deste Fidalgo ficou outra vez sujeito á dita Secretaria.

Sua Magestade e seus Augustos Predecessores tem empregado muitos dos Alumnos do Collegio nos Lugares mais distinctos da Monarquia: os Excellentissimos Senhores Marquez de Aguiar, Conde de Linhares, Conde de Anadia, D. Miguel Pereira Forjaz, D. Alexandre de Sousa Holstein, Principal Sousa, Principal Freire, etc., etc. fôrão todos educados nesta Real Casa, e ahi fizerão seus primeiros estudos.

Compõe-se este edificio de todas as accommodações, e officinas próprias de hum estabelecimento destinado para nelle se educarem os Filhos dos Fidalgos da primeira jerarquia; e por isso em todas as suas partes respira grandeza. A sua arquitectura he regular, e elegante: a Capella muito decente, e enriquecida de excellentes Pinturas. A collocação do pórtico da Capella no centro do fron-

tispicio, e os da entrada do Quarto do Excellentissimo Reitor, e do Collegio, na frente dos quaes duas columnas da Ordem Jónica sustentão o alpendre, que de hum lado e outro cóbre cada huma destas entradas, concorre para tornar a sua frontaria mais bella e magestosa. A estampa em frente apresenta este bello frontispicio.

Pela Carta de Lei da sua creação deve pagar cada Collegial cento e vinte mil réis de pensão annual; não podendo usar no Collegio senão de vestido tallar; e sómente quando sahe fóra lhe he permittido usar de casaca, trazendo pendente a medalha, que tem de hum lado a Imagem de Nossa Senhora da Conceição, e do outro a Inscripção do Collegio.

P. J. Carré cop.

Fon.ta T.o exculp.

DIGRESSÃO (1) SOBRE AS MA'QUINAS DE VAPOR.

(Artigo communicado.)

Primeiras descobertas.

HA poucos objectos, em que a audacia, e a sagacidade do espirito humano se tenhão manifestado de hum modo tão maravilhoso, e com tanta vantagem para as artes, como o projecto ousado de subordinar o fogo ás leis da Mecanica, para fazer delle hum dos mais poderosos agentes fysicos, que a natureza tem pôsto á desposição do homem. Os antigos nos ensinárão a pronunciar com respeito os nomes de Archimedes, e de Apollonio, que em tempos mais remotos empregárão os seus talentos na construcção de máquinas; e porque não consagraremos algumas páginas aos Archimedes, e Apollonios modernos, que inventárão as máquinas de vapôr, e as tem levado á perfeição em que hoje as vemos?

Devem-se os primeiros ensaios aos Marquez de Worcester. E porque alguns duvidão levar tão longe a origem da applicação do vapôr aquoso ás máquinas, copiarei a exposição, que este homem célebre nos deixou da sua des-

(1) Este opúsculo he destinado pelo seu A. a fazer parte de outro no Tomo II. das suas *Variedades sobre objectos relativos ás Artes, Commercio, e Manufacturas, etc.*

coberta, e experiencia na Obra, que tem por titulo, *A Century of inventions*, impressa no anno de 1663. ,, Hum ,, modo admiravel, e o mais próprio para elevar a agua ,, por meio do fogo, não consiste em tiralla, ou fazella ,, evaporar por cima, porque como diz o Filosopho, isto ,, não póde ser se não *intra sphæram activitatis*, isto he, ,, dentro de huma distancia fysica. O que eu proponho não ,, tem limites, se os vasos forem assás fortes; porque eu ,, tomei huma peça de artilheria inteira, de que a ponta ,, tinha estalado, e a enchi de agua trez quartos, fechan- ,, do a parafuzo a ponta quebrada. Tendo feito debaixo ,, desta peça hum fogo constante por espaço de vinte e qua- ,, tro horas, ella arrebentou com grande estrondo. Depois ,, disto tendo achado meio de construir vasos fortificados in- ,, teriormente de hum modo próprio, e enchellos hum de- ,, pois do outro, vi saltar delles a agua, como huma fon- ,, te perenne, a quarenta pés de altura: hum vaso de agua ,, rarefeita pelo fogo tirou quarenta de agua fria. Hum ho- ,, mem, que queira tirar partido desta operação, não tem se ,, não mover dois registros, paraque em se consummindo ,, a agua de hum dos vasos o outro começe a forçar, e a ,, encher-se de agua fria, e assim successivamente; sendo ,, sempre continuado, e entretido constantemente o fogo. ,, A mesma pessoa póde muito facilmente entreter o fogo ,, no espaço de tempo, em que não he occupado em mo- ,, ver os registros. ,,

Esta descripção he na verdade muito curta, e pouco clara, para nos dar a conhecer por miudo a máquina, e o méthodo do Marquez de Worcester; porém deixa sem dúvida, que elle inventou hum apparelho, que fazia subir a agua por meio do fogo, e que o seu principio de acção consistia na força expansiva do vapôr. Hoje que o espirito público se tem voltado tão decidamente para as máquinas, de que as nações industriosas recolhem copiosos fructos, e

que as sciencias fysicas tem derramado tantas luzes, hum tal projecto, apenas conhecido, offereceria logo ampla materia ás meditações dos sábios, e talentos dos artistas: naquelle tempo ficou escondido entre muitos outros do mesmo author, inexequiveis pela maior parte.

Foi pelos ultimos annos do Século XVII.° que elle começou a ser hum objecto de serias especulações, e he nesta época que devemos fixar o seu uso. Tres homens de distincto merecimento trabalhárão simultaneamente para lhe acharem uteis aplicações: O Capitão Savery em Inglaterra, o Doutor Papin na Alemanha, e Amontons em França. Todos publicárão pela imprensa as suas experiencias, e combinações: Savery na sua Obra *The Miner's Friend*, e em outro pequeno Tractado, que contém a discripção de huma das suas máquinas, impresso em 1699; Papin em huma obra sobre hum novo méthodo de elevar a agua por meio do fogo, impresso em Cassel no anno de 1707; Amontons em huma Memoria da Academia Real das Sciencias de París do anno de 1699. Prony, referindo-se á História da Academia para o anno de 1705, se lembra tambem de Dalesme, que propôz empregar o vapôr aquoso, como motor próprio para se applicar a huma máquina, que fazia saltar a agua a huma grande altura.

Savery, sem fazer menção das precedentes descobertas do Marquez Worcester, da como suas as idéas, attribuindo a hum feliz acaso os conhecimentos que adquirira sobre a força do vapôr. Papin tambem se arroga a originalidade, sem com tudo negar a Savery, e aos Inglezes a glória da invenção, tendo-lhe podido vir ao pensamento a mesma idéa, assim como a outros, sem lhe ser communicada por pessoa alguma, e apoia-se na authoridade do Landgrave Carlos de Hesse Cassel, por cuja ordem fizera hum grande número de experiencias, que communicára a muitas pessoas, e entre outras a Leibnitz, que lhe respondêra ter tido o

mèsmo pensamento. Desaguilliers decide-se a favor de Papin, deprimindo assás a glória de Savery; mas esta lhe foi restituida por Prony, que tractou a materìa com mão de mestre, e em parte o tinha já sido por Belidor, e outros que o seguírão, e dão huma notoria preferencia á máquina do Capitão Inglez sobre a do Doutor Alemão, cujas experiencias sobre o vapôr devem mais a sua celebridade ao uso que dellas fez, para dissolver os ossos por meio do seu *digestor*. He porém necessario reflectir que Belidor confunde a máquina de Savery com a de Newcomen, de que em hum momento vou occupar-me. (1)

Savery deo hum grande passo, empregando a condensação do vapôr por meio de applicações frias para produzir hum vácuo, que substituisse a potencia que seria necessario applicar ao embolo de huma bomba ordinaria: segundo este principio arranjou a sua máquina, que destinou para o interessante uso de esgotar a agua nas minas de carvão. Papin trabalhou sobre o mesmo principio, mas por meios inteiramente diversos, e mais complicados, como se póde vêr nas discripções destas máquinas por Belidor, (2) e Prony. (3) Os projectos de Amontons, e Dalesme não forão seguidos.

Máquina de Newcomen.

Mas ainda que se dê preferencia á máquina de Savery comparada com a de Papin, he visivel a sua grande imperfeição comparada com as descobertas posteriores. Por

---

(1) A este respeito diz Prony, referindo-se a Switzer, que Savery estando mais perto da Corte se aproveitou das descobertas de Newcomen e Cawley, e obteve primeiro o privilegio; e que Newcomen homem simples e modesto, se contentou com ser o seu associado.

(2) *Architect. Hydraul. Liv. IV. Chapit. III.*

(3) *Nouvelle Architect. Hydraul. art.* 1331, *e seguintes.*

qualquer dos dous meios, e mecanismos, de que usava descriptos por Prony, e antes deste por Brad Ley (1) e Switzer (2) era-lhe necessario produzir, e condensar alternativamente o vapor em hum vaso composto. Huma caldeira de agua fervendo lhe communicava o vapor; fechado depois o registro de communicação com a caldeira, fazia-se o vácuo por meio da condensação, e abria-se outro registro, que communicava ao reservatorio que se queira esgotar, cuja agua subindo immediatamente pela pressão da atmosfera hia occupar o vácuo: tornava então a fechar-se a communicação com o reservatorio, para que a agua não podesse outra vez descer para elle, e abrir-se com a caldeira, e hum vapor summamente abundante fazia saltar a agua por hum tubo superior, de que tambem se abria o competente registro. Esgotado assim o vaso, fechava-se o registro do tubo superior, e começava-se de novo. Estas differentes operações erão muito complicadas, e dispendiosas, sendo necessario estar continuamente abrindo e fechando os differentes registros, e empregar grande quantidade de combustivel, para produzir hum vapor summamente elastico, e por isso mesmo muito perigoso.

Newcomen reparou em parte estes inconvenientes na sua nova máquina, separando as partes do aparelho, em que o vapôr excitava a sua acção, daquellas em que devia elevar-se a agua, e imaginando novos mecanismos, por meio dos quaes reduzia até certo ponto huma condensação, que se fazia em pura perda, e obrava effeitos iguaes com muito menos quantidade de vapor, e consequentemente com muito menor despendio em combustivel. O cylindro, e a

---

(1) *New Improvements of Planting and Gardening.*
(2) *An Introduct. to a Gener. Syst. of Hydrosaticks and Hydraul.*

balança, ou grande alavanca, introduzidas por Newcomen erão as peças principaes, e farei por explicar em poucas palavras, como exercitavão as suas funções.

O cylindro assentava sobre a caldeira, com a qual se communicava por meio de huma valvula na parte inferior: pela parte superior era aberto, e trabalhava dentro delle hum embolo como o das bombas ordinarias, que prendia por huma cadêa á extremidade de hum dos braços da balança, que póde chamar-se o braço da potencia. A balança tinha no meio o seu centro do movimento de rotação, e na extremidade do outro braço, que se póde chamar da resistencia, pendia tambem por huma cadêa outro embolo de huma bomba aspirante applicada ao reservatorio de agua que se perteudia despejar, ou áquelle uso, a que se destinava o serviço da máquina. Da parte da resistencia havia hum contrapeso, que conservava inclinada para alli a balança, quando a máquina não trabalhava, e por consequencia levantado o outro braço, e o embolo respectivo no alto do cylindro. Quando se queria começar o trabalho, abria-se a valvula da communicação entre a caldeira e o cylindro, e este se enchia de vapor em hum instante, tornava a fechar-se a valvula para interromper a corrente do vapor, abria-se hum registro por onde se introduzia no cylindro agua fria, e o vapor se condensava, formando o vácuo; e a accão da atmosfera comprimindo o embolo pela parte superior, o fazia descer no cylindro, trazendo com sigo a extremidade do braço da potencia, e fazendo levantar a do braço da resistencia. Restabelecida de novo a corrente do vapor da caldeira, tornava a sobir o embolo do cylindro, e a desder o da bomba, e continuando da mesma fórma a operação, conservava-se o movimento vertical alternativo dos embolos, ou a aplicação do motor á resistencia.

Continuar-se-ha.

POESIA.

(Artigo communicado.)

A MARILIA.

EPISTOLA.

Por occasião de vêr excellentes versos seus.

QUANDO deslizas da mimosa Lyra
Os sons divinos, quando em doce verso
Cantas de Amor as perigosas lidas,
Os ventos se suspendem, tudo cála,
Abrandão-se os rochedos, os frondosos
Castanheiros se curvão, pára a fonte,
Os verde-negros cedros se debrução,
E lá nos montes E'cho solitaria
Encantada repete quanto escuta,
E manda ás longes grutas que o redobrem.
Eu vi, eu vi, Marilia, em suas margens,
Engolfado n'um extase suave,
O Tavora parar, vi-lhe na face
O pranto reluzir, o doce pranto
Em signal do tumulto que no peito

De teu verso a ternura lhe excitava,
Quando ensinavas aos espessos bosques,
A's fragas alterosas desses ermos
De teus amores a tocante história;
Quando ensinavas como a Sorte dura
Te definhava c'um maligno sopro
No tenro coração, puro, innocente
De teu primeiro amor as lindas flôres,
As flôres, que aureos fructos promettião!
,, Cresci, (dizias tu), cresceo comigo
,, Suave inclinação, encanto d'alma!
,, No verdor de meus annos, quando apenas
,, Começava a sentir minha existencia,
,, Hum fogo abrazador calou nas veias,
,, Hum fogo abrazador fez que eu soltasse
,, Mil ais saudosos, mil queixumes brandos.
,, Adorei hum mortal . . . amei hum monstro!!
,, Foi-me infiel, trahio seus juramentos,
,, Roubou-me o coração, e a paz, e a vida;
,, Roubou-me o coração, e . . . assassinou-me!
,, Sereis vós, ó rochedos escabrosos
,, Da medonha extenção destas montanhas
,, As mudas testemunhas de meu pranto;
,, De contínuo ouvireis meus ais magoados,
,, E se he possivel encontrar allivio,
,, Se he possivel fartar minha tristeza,
,, Meu lenitivo, minhas esperanças
,, Sereis vós, ó rochedos escabrosos. ,,

Nisto assomava o pranto nos teus olhos,
Que ainda aparecião mais brilhantes,
Que podião fazer do mundo a dita,
Que additar-se a si mesmos não podêrão!

Oh Marilia gentil, mulher Deidade,
A quem não farão dó tuas desgraças! . . .
Quem ha de ferro, quem de rijo bronze
A quem teus ais o coração não cortem!
Se o pranto he refrigerio aos desgraçados,
Se folgas vêr chorar como tu choras,
Desprende os sons da Lyra, e desprender-se
Verás meu pranto, e os sons da minha Lyra.
Hei-de ensinar o nome de Marilia
A's Bellas, que de Amor os ferros beijão;
Ouvindo-o tremerão as inconstantes,
E n'alma dos ingratos (ai! são muitos!)
Súbito assomará mordaz remorso.

Elmano Colimbriense.

O ROUBO DA EUROPA POR JUPITER.

Traducção de hum fragmento por Mr. Roucher, Extrahido das Notas ao Canto II. do seu Poema dos Mezes.

POR M. F. DE SEABRA.

O TOURO entanto nos aereos plainos
Em carro mais ardente o Sol transporta.
Como out'ora a través dos crespos mares
O' Cadmo! tua irmã roubou ás Sócias.

Reinava então Abril: das flôres novas
N'um valle Europa matizava as cores.
Lá Touros vinte, de soberbas pontas,
Huns c'os outros marravão, combatião:
Tingia o rubro sangue as verdes ervas.
Quieto hum só, de prata remendado,
Manso e manso da bella se aproxima;
Ella foge; mas vendo-o tão affavel,
Em breve torna, amima-o, de verdura
A cabeça lhe assombra alabastrina
Para a terra inclinada. Pára, ó Ninfa!
Nestas feições hum Deos he disfarçado.
Porém Europa mais risonha ainda
Sobre o mentido Nume se arremeça,
Que em silencio se aparta, ás ondas chega,
Entra, e nadando, a arrebatada Amante
Para as praias d'além vai conduzindo.
A Créta se dirige, e em pranto os olhos;

,, Numes, Europa exclama! testemunhas
,, De minhas afliçóes, Numes, ai triste!
,, Que hei-de fazer em praias ignoradas. ,,

Entanto o Filho da formoza Venus,
Doce consôlo de huma Ninfa em pranto,
Aparece, e adejando sobre as vagas:
,, Socega, Europa; hum Nume hoje pertende
,, Em laços d'Hymineo comtigo unir-se.
,, As feições desse Touro a vista encobrem
,, Do Arbitro do Mundo a magestade
,, Céde a Jove; teu nome d'hora em diante
,, De lustro em lustro vivirá na terra. ,,
Recebe-os Créta, Jove se descobre,
Enche seus votos; e entre-aberto o Olympo
Do trovão pela vóz o Touro ostenta
Na abobeda dos ares triumfante.

Celebrai seu triumfo, ó Camponezes.
Elle remóça o thymo nas montanhas,
O tenro arbusto nos vergeis branqueia,
Espéssa a relva, que os regatos borda,
Perfuma os dons, que nos prodiga Flora.

LISTA DAS PESSOAS,

Que se dignárão honrar com seus Nomes esta Subscripção:

O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Principal D. José Antonio de Menezes e Sousa.

O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Ricardo Raymundo Nogueira.

O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor D. Miguel Pereira Forjaz.

O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor João Antonio Salter de Mendonça.

O Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Arcebispo de Adrianopoli.

O Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde de Palmella.

Os Ill.mos Snr.es Desembargador João de Mattos de Vasconcellos Barbosa de Magalhães.
Conselheiro Antonio José Guião.
Desembargador José Vicente Caldeira do Casal Ribeiro.
Desembargador Faustino José Lopes.
Desembargador José Acursio das Neves.
Desembargador José Pedro Fialho de Mendonça.
Anonymo.
Doutor Antonio de Almeida.
Fr. Antonio de Castro.
Antonio José Maria de Brito.

Os Ill.mos Snr.es Abbade Antonio José Netto.
A. J. P. da Silva.
Antonio Maria Monteiro.
Antonio de Sá.
Fr. Antonio das Sete Dôres Cunha.
. . . . Almeida.
Administrador . . . .
Padre Bento . . . .
Mr. Bertrand.
Mr. Borel e Companhia.
Biblioteca do Convento de Jesus.
Caetano José do Nascimento.
Caetano de Mello.
Carlos Kauffman.
Constantino José Gomes.
. . . . Cruz.
Custodio Manoel de Almeida.
Domingos Antonio de Sequeira.
Daniel Cordeiro de Araujo Feio.
Domingos Chiappory.
Domingos José Teixeira Lima.
Domingos da Silva Moreira.
Eugenio Francisco Lartigue.
Doutor Feliciano da Costa Gonçalves.
Francisco Antonio.
Francisco Antonio Lodi.
D. Francisco Augusto Cesar de Menezes Cabral Freire d'Andrade Brito e Alarcam.
Francisco José de Carvalho.
Francisco José da Costa.
Francisco José da Rocha.
Francisco José de Serpa.
Francisco José Urbano.

Os Ill.mos Snr.es Francisco Mendo Trigoso.
Fr. Francisco da Motta.
Francisco de Paula de Brito.
Francisco de Paula Ferreira da Costa.
Francisco de Paula Portella S. Romão.
Francisco Soares de Araujo.
Francisco Xavier.
Francisco Xavier de Carvalho por 4 Assignaturas.
Henrique José.
João Alves Marques.
João Antonio Murta.
João Antonio Vianna.
João Antonio Valente de Moraes.
João Augusto da Cunha Almeida Mattos Mexia Feio.
João Baptista Canal Murta.
João Christovão Sagerman.
João Guilherme Camerino.
João Ferreira de Moura.
João Ignacio Maia.
Conego João Joaquim de Andrade.
Fr. João de Jesus Maria.
João José Jaques.
João José Pereira.
João Lipper.
João Pedro de Carvalho.
Padre José Agostinho de Macedo.
José Antonio de Albuquerque.
José Antonio Branco.
José Baptista Dias.
José da Cruz e Silva.
José Francisco Sardinha.
José Gregorio de Souza.

Os Ill.mos Snr.es José Ignacio de Andrade.
José Joaquim Dias.
José Joaquim Paes de Sande e Castro.
José Lino.
José Lourenço Peres.
Doutor José Manoel Pinheiro de Castro.
José Maria da Costa.
José Maria Gomes.
José Maria Lopes de Faria.
José Maria Trener.
José Maria de Abreu.
José Pedro Soares.
José da Silva Azevedo.
José do Valle Souza e Menezes.
Joaquim José Pedro Lopes.
O Beneficiado Isidoro José da Veiga.
Juiz de Fóra da Chamusca.
Ladisláo Manoel do Nascimento.
Capitão Tenente, Lazaro José Lobo.
Lourenço Antonio de Araujo.
Doutor Lourenço Luiz de Souza da Silveira.
Luiz Barbora.
Luiz Bernardo Pinto de Mendonça.
Capitão Madeira.
Irmãos Martin.
Manoel Alves de Mello.
Fr. Manoel do Amor Divino.
Manoel Antonio de Carvalho.
Manoel Francisco da Costa.
Manoel Joaquim Cordeiro, Quartanario da Sé d'Elvas.
Manoel José Borges Pinto da Fonceca.
Manoel Rodrigues d'Abreu.

Os Ill.mos Snr.es Manoel Tavares.
Miguel José Rodrigues.
Pedro José da Silva Leitão.
Fr. Pedro dos Martires.
Pillaer.
Ribeiro e Silva.
Sebastião da Cunha de Azeredo Coutinho de Souza, Mestre Escola da Sé d'Elvas.
Silvestre Alexandre Leite Palhares.
. . . . Silva.
Doutor . . . Vidal.
. . . . Villa Franca.
Urbano José dos Santos.

LISBOA: NA IMPRESSÃO REGIA. 1817.
Com licença da Meza do Desembargo do Paço.